HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO IV. PARTE I.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1815.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

HISTORIA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA
PARA O ANNO DE 1814.

Discurso recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1814

PELO VICE-SECRETARIO

SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

SENHORES. Tendo concorrido algumas vezes neste mesmo lugar, em tempos de amargura, em que nos era preciso hum esforço extraordinario para attender a outros objectos, que não fossem a salvação da Patria, e da independencia Nacional; quão grande não deve ser o nosso contentamen-

 to

to por nos acharmos hoje outra vez reunidos, quando a nossa honra brilha livre de toda a mancha, quando estão cumpridos os nossos votos mais ardentes, e quando a Paz precursora de todas as prosperidades vem affugentar as nossas penas, e debuxar a expressão da alegria sobre todos os semblantes? Os males fysicos e moraes, que até agóra nos opprimião, estão desvanecidos, ou vão a desvanecer-se dentro de pouco tempo; e os nossos esforços acabão de ser coroados com a mais ditosa recompensa: mas elles forão extraordinarios em todo o sentido durante aquella época; era necessario segurar ao mesmo tempo a gloria das armas, e a das lettras: ¿ e que constancia podia ser bastante para estas se não deixarem ao desamparo, quando os horrores da guerra devastavão o nosso Paiz, quando viamos correr perto das proprias habitações o sangue dos nossos concidadãos?

Eu não pretendo trazer-vos á memoria o calamitoso periodo, em que curvados debaixo de hum dominio usurpador, vacillavamos ainda na incerteza do nosso ultimo destino; nem tão pouco aquelle, em que arrojando com hum nobre enthusiasmo os grilhões, que parecião de novo ameaçar-nos, perseguiamos o inimigo além das nossas Fronteiras; basta-me só lembrar-vos, que durante estes mesmos periodos, não desamparou esta Academia o posto, que lhe havia sido confiado, e que não só não ficárão estacionarios, mas ainda fizerão alguns progressos os seus estudos scientificos e litterarios. Ella tinha mostrado a energia, que a animava no meio dos perigos e das calamidades; e devia igualmente dar-vos, dentro de pouco tempo, outro exemplo proprio a fazella credora dos vossos applausos.

O Deos dos Exercitos abençoou as nossas armas: huma victoria seguia-se a outra victoria, hum triunfo a outro triunfo; o regato que no principio corria pobre e vagaroso, engrossou, rompeo os diques, e desbaratou quantos

tos

tos obstaculos se lhe oppunhão; nada resiste ao valor Portuguez, e he elle o primeiro que faz arvorar a Bandeira branca aos nossos oppressores, envergonhados da sua propria escravidão. A força sustentada pelo despotismo ficou aniquilada; ¿e que espirito poderia, no meio de tanta gloria, conservar bastante sangue frio para se dedicar exclusivamente ás meditações scientificas, e deixar de seguir, ao menos com o pensamento, as ditosas fadigas, e immortaes trofeos dos nossos compatriotas?

Tal era sem dúvida a situação do Reino inteiro, e principalmente a desta Academia, desde a ultima vez que aqui concorrestes: toda a sua attenção parecia reunir-se em o objecto mais digno de ser contemplado, em a successão de scenas as mais brilhantes, que huma imaginação exaltada podia apenas conceber em os seus prestigios; mas quem se não deixou abater pelo terror, e pela desgraça, tambem se não devia deslumbrar com o resplandecente clarão da nossa gloria. Os deveres contrahidos por este Corpo continuavão a ser os mesmos, e era justo que o ardor a desempenhallos continuasse tambem com igual actividade.

Mas ¿será por ventura isto bastante para apparecermos hoje em público de maneira que fique satisfeita a vossa expectação? Algumas circunstancias particulares podem fazello recear; a dispersão de muitos dos nossos Socios, empregados em objectos de interesse mais immediato e urgente, he huma dellas; a prolongada ausencia e grave molestia do nosso Secretario o *Sr. José Bonifacio de Andrada* he a outra, pois não só o impedio de assistir a quasi todas as nossas conferencias, que tanto animava, mas até de occupar agora hum lugar, em que tanto se distinguia. Obrigada a Academia, por este extraordinario motivo, a confiar de mim a historia das suas transacções e estudos deste anno, eu temo justamente que elles pareção diminutos e mesquinhos, em razão da grosseira penna, que vo-los vai tra-

çar. O parallelo do que hides ouvir, com os Discursos que tendes ouvido em outros semelhantes dias, seria sufficiente para me desanimar de todo: lisonjeio-me porém que não criminareis a Academia pelas faltas, que conhecerdes no seu Orador; e que attendereis principalmente á relação dos seus trabalhos, desculpando o estilo e linguagem, com que vos vão ser annunciados.

A Enumeração dos accontecimentos, mencionados nos nossos Fastos, involve desta vez successos calamitosos, cuja recordação excita ainda a nossa sensibilidade. He a parte mais difficil e penosa da minha tarefa, e eu me apresso a cumprilla com o mesmo sentimento de amargura, com que o viajante atravessa as pavorosas solidões, e horriveis precipicios dos Alpes, impaciente de estender a vista sobre as ferteis campinas da Italia, e sobre o pomposo espectaculo do Adriatico.

Roubou-nos a Morte no decurso deste anno dois Socios Honorarios, que reuníão em si as qualidades proprias para o desempenho daquelle lugar; o amor ás Lettras, e o exercicio dos empregos mais eminentes. Taes forão o Arcebispo d' Evora, o *Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas*; e o Patriarcha Eleito de Lisboa e hum dos Governadores do Reino, o *Sr. D. Antonio de S. José de Castro.* O primeiro tendo enchido huma longa carreira, repartida entre o estudo, e as obrigações do seu Ministerio, fez-se mais do que ninguem acredor do premio, com que esta Academia costuma recompensar, principalmente aquelles dos seus Socios, cujo nome deve passar á Posteridade na frente dos seus escritos: assim vós ouvireis o seu Elogio no fim desta Sessão. O segundo, consumindo grande parte da

sua

sua vida em a austeridade de hum Instituto, que separa os seus membros da communicação dos outros homens, soube tirar partido disto mesmo para profundar os estudos da sua profissão, e applicar as horas que lhe restavão ao conhecimento da nossa Litteratura. Existe huma prova desta verdade na reimpressão dos opusculos do nosso celebre João de Barros, cuja raridade era tal, que se tinhão feito quasi desconhecidos; e he igualmente certo, que elle projectava ainda novos trabalhos desta natureza, quando as suas reconhecidas virtudes o fizerão subir á Cadeira Episcopal do Porto.

Empregado então unicamente em apascentar a sua Diocese, e instruir o Clero, para o qual edificava hum Seminario amplamente dotado; mal presumia elle que huma repentina serie de successos inesperados, e incalculaveis o viria pôr á testa do Governo Civil, Economico, e Militar daquella Cidade, que durante hum curto periodo se póde dizer que foi tambem o principal do Reino. Não he da nossa competencia referir os acontecimentos desta época, tão fatal, quão gloriosa da nossa Restauração; outra melhor penna se empregará sem dúvida em os transmittir aos vindouros; e esta Academia occupada exclusivamente em objectos scientificos, inhibio-se a si mesmo tudo o que diz respeito aos politicos. Não posso porém passar em silencio, que os seus serviços forão julgados de tão relevante natureza, que o conduzírão a ser hum dos Governadores do Reino, e Patriarcha Eleito de Lisboa.

Foi então que esta Academia o nomeou seu Socio honorario; não era a adulação quem dirigia hum semelhante passo, era a experiencia comprovada pela Historia Litteraria de todas as Nações, de quanto o amparo e protecção das grandes Personagens he proveitosa ao adiantamento das Sciencias; ellas são semelhantes á Videira, que com o apoio de alguma arvore cresce, enrama, e dá fructos copiosos; quando isolada, recompensa apenas mesquinhamente as despezas do Agricultor.

Não

Não ficou por esta vez enganada a nossa expectação. Assiduo áquellas das Sessões Academicas para que era convocado, vós concorrestes aqui com elle, ainda quando huma grave ophtalmia lhe fazia penosa qualquer claridade. Zeloso pelo adiantamento da Litteratura Nacional, elle achou nos manuscritos da Livraria da Cartuxa d' Evora o Livro chamado *Da Virtuosa Bemfeitoria* escrito pelo Senhor Infante D. Pedro nos principios do Seculo XV., e por conseguinte hum dos antigos monumentos da linguagem Portugueza: a pezar de estar escrito em huma lettra muito apagada, e quasi inintelligivel, elle estudou e descobrio a sua chave, fez trasladallo na sua presença, não confiou de ninguem mais a sua revisão, e presenteou por fim a Academia com huma nitidissima copia, que ella conserva cuidadosamente no seu Cartorio.

Se hum dos nossos Socios não vos devesse dar conta dos progressos da Instituição Vaccinica, eu vos faria ver quanto este projecto de Beneficencia lhe era devedor, e quanto as suas exhortações Pastoraes fizerão propagar nas duas Dioceses que administrava, este incomparavel preservativo. Far-vos-hia igualmente conhecer outros factos, que provão com toda a verdade o interesse que elle tomava por esta Corporação, mas a escacez do tempo deve desculpar o meu silencio; ella me obriga, ainda que involuntariamente, a contentar-me com as poucas linhas, que deixo consagradas á sua memoria.

¡Quanto não estimaria parar aqui com a narração afflictiva das nossas perdas! mas hum dos Socios effectivos da Classe das Sciencias Mathematicas, e que consagrou grande parte da sua vida á utilidade do Estado, merece sem dúvida que se lhe não roube hum lugar, que os seus trabalhos tão dignamente lhe grangeárão. A elles he que se deve a medição dos grandes Triangulos para a Carta Geografica de Portugal, e o adiantamento em que ella se achava quando a dureza dos tempos fez suspender aquellas opera-

ra-

ções; a elles se deve huma serie de Observações Astronomicas, que a Academia fez imprimir nas suas Actas; a elle finalmente se deve o simples, e bem combinado systema de Telegrafos, de que se faz uso com tanta ventagem no nosso Reino. O *Sr. Francisco Antonio Ciera* merecia sem dúvida, que nos demorassemos mais a seu respeito; mas a continuação e publicação daquelles trabalhos, que forão por ordem superior remettidos ao Archivo Militar, formará o Elogio mais agradavel á sua memoria, e o mais proporcionado ao seu merecimento.

O ultimo, que em ordem de tempo tem tambem hum direito incontrastavel á nossa recordação, he o *Sr. João Manoel de Abreu*, Socio livre desta Academia. Ainda moço elle se applicou ao estudo das Mathematicas, ao principio com seu Mestre e amigo José Anastasio da Cunha, e depois em a Universidade de Coimbra. Alguns infortunios e desgostos offuscárão esta época da sua carreira; porém a sua alma não succumbio a elles, e os seus reconhecidos talentos o fizerão nomear Lente da Academia Real da Marinha, e da Cadeira de Historia em o Real Collegio de Nobres. Eu tive a fortuna de ouvir as suas prelecções neste ultimo Estabelecimento; e posso segurar, que jámais conheci pessoa dotada em gráo mais eminente das qualidades necessarias para o Magisterio, que mais fizesse amar o estudo aos seus Discipulos, e melhor obtivesse o seu affecto. Acerrimo propugnador, e defensor dos Principios Mathematicos do seu primeiro Mestre, e desejoso de divulgallos aos Estrangeiros, achando-se em París, elle emprehendeo a sua traducção: as importunações dos seus amigos, e a contemplação dos incommodos que o ameaçavão, nada foi bastante a desviallo deste intento. Em fim, entre afflicções e pezares, de que esteve a ponto de ser victima, he que elle acabou de imprimir aquella obra, de que tanto lustre resulta á Nação Portugueza; depois do que, teve ainda a doce consolação de vir açabar os seus dias no seio da sua Patria.

Taes

Taes forão aquelles de cujas luzes, e patrocinio nos vimos privados no decurso de hum anno; em qualquer outra occasião seria a sua falta por extremo sensivel, porém na presente ella se podia olhar como huma calamidade, pelas poucas acquisições que a Academia estava em circunstancias de fazer para a reparar; com tudo ella elegeo o *Sr. Justiniano de Mello Franco* seu Correspondente e collaborador da Instituição Vaccinica: nomeou tambem Correspondente o *Sr. Joaquim Machado de Castro*, e Socio Estrangeiro a *Mr. Haüy*; querendo assim dar no primeiro huma prova de gratidão, devida a hum dos melhores Artistas deste Seculo, e que emprega os seus momentos de descanço em o commercio das Musas; e ao segundo hum sinal do apreço, que a Academia e a Europa inteira faz dos seus importantissimos descobrimentos mineralogicos e cristalographicos, e das suas virtudes sociaes.

Passando já a fazer a rezenha dos trabalhos litterarios, e privativos dos Membros da Academia; eu chamarei primeiro a vossa attenção para as Sciencias Fysicas, que fazem a principal base dos seus estudos. A Medicina, a Chimica, a Historia Natural, a Fysica, e a Economia, são os differentes troncos, em que ellas se ramificão, e que eu tratarei promiscuamente.

O *Sr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira* lêo huma Memoria sobre a *Digitalis purpurea*, Planta da classe das *Mascarinas*, bastante trivial entre nós principalmente nas Provincias do Norte, e de que não ha ainda muitos annos que a Medicina tem sabido tirar hum vantajoso e energico remedio para a cura de muitas enfermidades.

O *Sr. Francisco de Mello Franco* offereceo hum Tratado completo de Hygiene, o qual merecendo muito a approvação da Academia, foi logo mandado imprimir em hum volume separado; não só por não poder fazer parte das Collec-

lecções Academicas, pela sua extensão, mas porque a materia he de huma utilidade tão geral, e está tratada com tanta clareza e exactidão, e até com hum estilo tão elegante, que não se devem poupar meios alguns para vulgarizar este precioso trabalho, cuja impressão já chega ao meio.

Se porém o methodo de prevenir as molestias em geral fórma huma parte tão importante da Medicina, ¿ quanto o não deve ser aquella que trata de minorar ou impedir o contagio das que já huma vez se declarárão? A Peste, e a Febre amarella, nomes que repetidos bastão para fazer sentir huma especie de horror, são as que se propagão mais facilmente, quasi por todas as maneiras imaginaveis, e cujo foco póde permanecer largos tempos, até talvez dentro de huma carta. Por esta razão julgava-se, ainda ha pouco, necessario abrir todos os papeis, que vinhão de terras infectadas ou suspeitas, com o fim de os passar pelo vinagre. Esta medida, que por huma parte podia parecer perigosa e impolitica, era por outra a unica que dictava o bem da saude pública, Lei suprema de todos os Estados. As bellas experiencias de Mr. de Morveau sobre a propriedade desinfectante dos Acidos, principalmente do muriatico oxygenado, derão logo esperanças, que elles fossem hum defensivo contra a propagação da Peste; e algumas experiencias directas, accompanhadas de todos os argumentos que pode sugerir a analogia, assim o demonstrárão convincentemente. Mas ¿ he o gaz muriatico susceptivel de atravessar os poros do papel, e destruir o *fomes* pestilencial, que se occulta dentro de huma carta, sem que seja necessario primeiro abrilla? He o que provão as curiosas experiencias do *Sr. Bernardino Antonio Gomes*, o qual não satisfeito ainda com a efficacia deste agente, nem com a do gaz acetoso, que igualmente empregou, descobrio em o vapor do Acido sulfurico, outro que elle reputa mais proprio para permear a materia do papel, e desinfectar economica, e quasi instantaneamente as cartas, e os corpos susceptiveis, que dentro dellas estiverem fechados.

O *Sr. Justiniano de Mello Franco* lêo huma Memoria intitulada *Tabellas comparativas do estado da Puberdade, Fecundidade, Gestação, Grandeza individual, e termo da vida dos Animaes mammiferos*; e igualmente a *Descripção das ventagens de huma nova Cadeira obstetricia*, inventada primeiro pelo Dr. Stein, reformada e emendada pelo Professor Osiander, e aperfeiçoada ultimamente segundo as suas proprias observações: era esta Descripção accompanhada de hum modello em pequeno; e a Academia olhando este objecto como muito digno da sua attenção (por dizer respeito á época mais essencial da existencia humana, em que a reproducção da nossa especie reclama todos os desvelos para ajudar a grande obra da Natureza) mandou construir hum modello em grande da dita maquina, o qual não foi possivel acabar a tempo de se expor aos vossos olhos.

A Analyse das Agoas mineraes he outro objecto de tão grande utilidade na praxe clinica, que todos os trabalhos tendentes a augmentar estes conhecimentos no nosso Paiz, devem ser recebidos com todo o appreço. Assim succedeo a huma Memoria que entregou o Ill.mo e Ex.mo *Sr. Visconde de Balsemão* sobre os Banhos dos Cucos junto á Villa de Torres Vedras, que ha poucos annos se tem feito célebres por algumas curas prodigiosas.

Estas agoas são quentes; mas a sua temperatura varía á proporção da estação, e da quantidade da chuva, ainda que nem sempre por hum modo uniforme: o estado da atmosfera, limpa ou nublada, influe nellas mui sensivelmente: estas alterações, que muitas vezes se observão no mesmo dia em huma mesma nascente, fazem a sua analyse mais difficultosa; a agoa de que se trata nesta Memoria foi tirada do Banho vulgarmente chamado da Bomba; ella dá pela evaporação alguns productos gazosos, como o Gaz acido carbonico, e huma pequena porção de Hydrogenio sulfurado; e contém Saes formados pelo dito Acido carbonico, e pelo sulfurico, e muriatico, com a cal, ferro, ma-

gne-

gnesia, e soda. Estas observações são tanto mais estimaveis, que ellas comprovão os resultados que tinha indicado o nosso Socio o *Sr. Francisco Tavares*, que alem disso observou nas mesmas agoas huma grande porção de Nafta: eu mesmo a tenho visto muitas vezes formando huma especie de teagem sobre a superficie dos Banhos.

O mesmo *Sr. Visconde* lêo huma *Descripção do Destrito da Marinha grande*, nas visinhanças de Leiria, que comprehende a noticia dos seus Estabelecimentos. Não ha talvez, em toda a extensão do Reino, hum pequeno recinto, onde o Observador tenha tanto a contemplar, quer o olhe pelo lado da Agricultura, quer pelo das manufactúras: huma parte da Memoria cujo extracto se vai ler nesta Sessão, provará o que acabo de dizer.

A *Descripção Fysica e Economica da Villa da Ericeira* ainda he obra da mesma penna, e igualmente o he outra *Dissertação sobre a Agricultura da Provincia do Minho, e em particular no que toca ao ramo florestal.*

Entre as Sciencias Economicas não ha nenhuma, que deva fixar agora tanto a attenção dos Portuguezes, como a Agricultura; conforme o seu estado ella será para nós huma fonte inexhaurivel de riqueza e prosperidade, ou de abatimento e de miseria. Esta asserção tem ainda de vir a ser demonstrada pela experiencia; e em quanto o não he; todos os escritos, que tratão deste assumpto, são recebidos avidamente. Parece, a darmos credito a alguns, que temos chegado neste ponto a hum grande grão de perfeição, em quanto outros nos fazem sepultados na maior barbaridade. Longe de nós o falso patriotismo de apresentar a nossa Nação como grande agricultora, seria attentar do modo possivel contra a felicidade pública: temos o mais bello clima, susceptivel das producções mais variadas, o cultivo de algumas dellas chega a ser perfeitamente conhecido, a nossa posição geografica he summamente vantajosa, os nossos operarios não cedem a nenhuns da Europa; em fim tratou-nos a Natureza como a seus filhos mimosos: são estes os bens

com que podemos contar, e realmente não são poucos; mas ainda resta muito para fazer, e huma das cousas mais urgentes he dar aos nossos Agricultores huma sufficiente instrucção dos conhecimentos praticos da sua arte.

Convencido desta necessidade, offereci á Academia hum *Projecto de Escolas ruraes praticas*, que me parecêrão capazes de melhorar muito o nosso systema agrario: foi este projecto remettido ao *Sr. Felix Avellar Brotero* para o examinar, e dêo assim occasião a elle escrever as suas *Reflexões sobre a Agricultura de Portugal, sobre o seu antigo e presente estado, e se por meio de Escolas ruraes praticas ou por outros ella póde melhorar, e tornar-se florescente?* Esta Obra augmentou consideravelmente o pequeno merecimento do meu Opusculo, pois he provavel que sem elle nos não fos-fossem conhecidos os principios daquelle sabio Professor, que está muito acima dos meus elogios.

Outro Lente da Universidade de Coimbra tambem Socio da Academia, o *Sr. Constantino Botelho de Lacerda* lhe mandou huma *Memoria sobre a cohesão artificial das madeiras*; elle fez huma quantidade de experiencias sobre differentes páos principalmente do nosso Paiz, unidos com grude, e ao mesmo tempo que reconhecia que a adhesão do grude era mais forte, que a das fibras lenhosas, determinava a força que era necessario empregar para estas se romperem.

Porei o ultimo remate ao que tenho para dizer sobre as Sciencias Naturaes com huma noticia Botanica communicada pelo *Sr. Anastasio Joaquim Rodrigues*: descobrio elle nas ruinas do Castello de Almourol, hum tronco de *Cactus*, da especie chamada vulgarmente *Figueira da India*, de huma altura prodigiosa: todos conhecem aquelle arbusto bastante trivial entre nós; mas nem todos sabem, que na sua velhice elle tem por base hum tronco pardo, lenhoso, e que não costuma ser muito alto: o comprimento total do de

Al-

Almourol he-nos desconhecido, mas hum toro cortado delle, e que veio para a Academia, tem cento e cincoenta pollegadas d'altura, e perto de vinte de diametro na sua maior grossura. ¡Qual não deve ter sido a duração daquella Arvore, que provavelmente he coeva ás primeiras ruinas deste monumento dos Templarios!

As Sciencias Mathematicas continuárão tambem a fazer alguns progressos, quer em os seus principios, quer em algumas das suas applicações. O *Sr. Francisco Simões Margiochi* em os seus *Fundamentos da Algorithmia*, deduzio de algumas Proposições elementares da Algebra, por hum modo simples e elegante, formulas Logarithmicas proprias para demonstrar as propriedades destes numeros.

O *Sr. Mattheus Valente do Couto* em huma Memoria intitulada *Breve Ensaio sobre a deducção Filosofica das operações Algebricas* comprehende huma theoria luminosa das operações e sinaes Algebricos, deduzida com muita clareza da operação primitiva da addição.

Este mesmo Socio offereceo tambem hum breve *Tratado da theorica da construcção naval*, para della se derivarem as regras praticas relativas á construcção, carregação, e manobra dos Navios. Este escrito era destinado a formar a primeira parte de hum Compendio para a Aula de Construcção naval, e por differentes motivos não chegou a concluir-se; mas ainda mesmo olhado sobre si, e como hum Exame das Forças, a que fica sugeito hum Navio, logo que se acha fluctuando, elle não diminue o nome, que o Author tem ganhado com as suas outras publicações.

O *Sr. Francisco de Paula Travassos* apresentou huma *Taboa Cosmografica dos Portos, Ilhas, e Lugares das Costas Maritimas*, a qual he tirada das Ephemerides de Coimbra, mas com as latitudes e longitudes de Lisboa; trabalho enfadonho e muito inferior ás suas forças, mas de que havia si-

sido incumbido, para se ajuntar ás *Taboadas perpetuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza*, que estão debaixo do Prelo.

Finalmente o *Sr. Paulo José Maria Ciera* entregou as suas *Observações Astronomicas*, feitas no Observatorio da Marinha em o anno de 1807, e nos que se seguírão até 1812. Semelhantes Observações, que a Academia se tem feito hum dever de publicar logo que lhe são entregues, principiárão em 1778, e tem depois sido continuadas, e interrompidas por diversas vezes: agora porém que se determinou para ellas hum estabelecimento permanente, he de esperar que o zelo daquelle Socio nos habilite a divulgallas de huma maneira mais regular.

Depois das Sciencias Fysicas e Mathematicas segue-se a Litteratura, terceira ramificação dos Estudos Academicos. Nesta parte fizemos este anno huma acquisição importante em alguns manuscritos do *Sr. Joaquim de Foyos*. São tres Traducções do Grego, a primeira da *Cyropedia de Xenofonte*, a segunda da *Expedição do mesmo Cyro á Asia alta*, e a terceira da *Oração de Lycurgo contra Leocrates*. Estas Obras postas em Linguagem, e com as annotações de hum dos nossos melhores Hellenistas, são muito merecedoras de ver a luz pública, e sem dúvida conseguiráõ este beneficio, logo que as circunstancias permittão prover-se a nossa Typografia dos caracteres necessarios.

Não sómente se fez conhecida esta parte da Historia antiga, fizerão-se tambem esforços para romper as trévas que o tempo, e a falta de noticias espalhárão sobre alguns pontos da moderna: por isso o *Sr. João Pedro Ribeiro*, continuando nas suas indagações diplomaticas, apresentou tres Dissertações huma sobre o uso do Papel sellado no nosso Reino, outra sobre os Documentos divididos pelas letras do Alfabeto, e a terceira sobre os sinaes publicos, rubricas, e assignaturas empregadas nos nossos Diplomas. Estas Memo-

morias accompanhadas de sessenta e quatro Documentos, até agora ineditos, correm já impressas, e formão a segunda parte do 3.º volume das suas *Dissertações Chronologicas e Criticas*.

Este estudo das nossas antiguidades tão util, e indispensavel, he ao mesmo tempo arido e escabroso; e o *Sr. Alexandre Antonio das Neves* veio a proposito tornar mais amenas algumas das nossas Conferencias, com a leitura da sua *Traducção de Esther*, producção inimitavel do immortal Racine. Esta Tragedia, que respira os mais nobres sentimentos de Religião e de Piedade, e cujos Coros sobre tudo tem hum estilo simples e terno, que vai direito ao coração, devia ha mais tempo ter passado para a nossa linguagem, se mil difficuldades não fizessem desanimar o commum dos Traductores. Não he por certo pequena gloria tellas sabido vencer, e passar para o Portuguez no mesmo numero de versos as bellezas do Original.

Eu tive tambem a honra de ler o *Elogio Historico do Sr. Fr. João de Sousa*, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, Professor Regio de Lingua Arabica, e Socio desta Academia, fallecido em o anno de 1812; e li igualmente huma extensa *Memoria a respeito do nosso celebre Mathematico Martim de Bohemia*, sabio muito conhecido e nomeado entre os Estrangeiros, e do qual entre nós se conservavão escassas, e pouco exactas noticias.

Além dos trabalhos individuaes, que até agora tenho numerado, conta a Academia outros, feitos em commum pelas suas Commissões, de que igualmente vos devo dar noticia. A Instituição Vaccinica continúa com o mesmo zelo e actividade, com que se tem distinguido desde o seu principio: a ella se deve ter-se vaccinado neste anno huma grande quantidade de Individuos, entre os quaes 8527 tiverão Vaccina verdadeira, fóra outros muitos que igual-

men-

mente a terião, mas que não se apresentárão a tempo de isto se verificar. ¡ Que de victimas pois não se subtrahírão a huma morte antecipada! ¡ que de Cidadãos conservados ao Estado! ¡ e que satisfação não devem experimentar aquelles que concorrêrão para huma tão nobre empreza, que se tem estendido a todas as Provincias! Mas eu conheço que estou usurpando hum direito, que hoje me não pertence, e o *Sr. Francisco Èlias Rodrigues da Silveira* deve logo annunciar-vos os louvaveis esforços da Instituição, e dos seus benemeritos Correspondentes.

A Commissão de Historia traz entre mãos duas obras importantes, que os Eruditos desejão ha muito tempo: he a primeira a publicação das antigas *Chronicas do Sr. Rei D. Pedro I., e D. Fernando*; escritas ao que parece originariamente por Fernão Lopes, e retocadas depois pelo outro Chronista Ruy de Pina. He certo, que José Pereira Bayão tinha já impresso a Chronica do Sr. D. Pedro, mas com huma frase tão adulterada, que ella se podia ainda reputar como inedita; pelo contrario a Chronica do Sr. D. Fernando faltava totalmente á nossa Litteratura. Estas edições, que já entrárão no Prelo, são feitas escrupulosamente sobre os manuscritos da Torre do Tombo, cotejados com os da Bibliotheca Pública, e com os que o Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Marquez de Tancos teve a bondade de confiar da Academia, que gostosa se aproveita desta occasião, para lhe dar huma prova authentica do seu reconhecimento.

O segundo trabalho em que se emprega a Commissão he colligir chronologicamente os principaes, e mais importantes Documentos da Historia de Portugal, debaixo de qualquer aspecto que seja considerada. Este projecto concebido ha bastantes annos por hum dos nossos Socios mais distinctos, e que mais se disvelava pelo adiantamento das Sciencias, e da Litteratura nacional, o *Sr. José Correa da Serra*, foi approvado pela Academia, que logo mandou alguns dos seus Membros a examinar a maior parte dos Carto-

torios do Reino; mas suspendeo-se depois por algum tempo, em consequencia de circunstancias calamitosas, que não deixavão nem os meios, nem o socego de espirito necessarios para huma empreza tão prolixa. Como porem entre tanto aquella primeira idéa estava apenas adormecida, despertou novamente, mal começárão a ouvir-se as vozes, que auguravão o nosso descanço e felicidade. A Commissão creada ha pouco mais de hum anno, principiou por examinar a grande collecção destes Diplomas, que com tanto trabalho tinha sido feita, e remettida para o nosso Cartorio; e não contente ainda com isto, faz novas indagações em o Real Archivo, e em o do Mosteiro de S. Vicente de fóra; ambos minas riquissimas destas preciosidades, mas onde he necessaria toda a pericia da parte do Operario, para não confundir o diamante com o cristal rocha, e para o lapidar de modo, que brilhe em toda a perfeição.

O primeiro destes dois trabalhos, isto he, a impressão das Chronicas, está já principiada, e continuará sem interrupção; o segundo caminha com hum passo mais vagaroso, e mediará ainda bastante tempo, antes que acabe de aprontar-se o primeiro volume, que deve conter os Monumentos anteriores á Monarchia, e até ao fim do Seculo XII.

Resta ainda fallar da Commissão de Lingua, estabelecida ao mesmo tempo que a de Historia; e sinto ter a annunciar-vos, que os seus trabalhos estão em parte suspendidos interinamente. Era ella incumbida com particularidade da continuação do Diccionario da Lingua Portugueza; e como esta he huma das obras de maior interesse para a Litteratura Nacional, parece que não será fóra de proposito dar huma ligeira idéa dos motivos, que obstárão ao seu adiantamento.

O Vocabulario de huma lingua morta, póde ser composto debaixo de hum de tres planos; ou contendo só as palavras e frases dos tempos, em que ella se escrevia com pureza; ou escolhendo tão sómente os vocabulos e expres-

sões barbaras que se introduzírão na sua decadencia; ou ajuntando promiscuamente no mesmo corpo humas e outras, com a indicação das authoridades que as abonão. Em qualquer lingua que não está em uso, o trabalho do Diccionarista he regulado por huma destas tres normas. Elle póde escolher a seu arbitrio, certo de que a revolução dos Seculos nunca hade augmentar, nem diminuir o merecimento intrinseco e absoluto da sua Obra.

Pelo contrario as Linguas Vivas marchando em hum sentido differente, se, por hum lado perdem, pelo outro accrescentão todos os dias os seus cabedaes; o que hoje he neologia, passa brevemente a ser usado; e o que ha pouco era puro e corrente, vem a olhar-se como expressão antiquada. Hum Diccionario em huma lingua destas, nunca póde ser perfeito, senão respectivamente ao tempo em que se escreveo.

Mas para se adquirir esta mesma perfeição relativa, ¿ qual he o methodo que deve buscar huma Sociedade de Litteratos incumbidos de tal empreza? Dois são os caminhos que até agora se tem trilhado: ou esta Sociedade se compõe de homens de reconhecido merecimento, e emprehende este projecto no Seculo aureo da Litteratura nacional, e neste caso ella se erige em Legisladora, e determina decididamente o uso e regras da linguagem: ou o Vocabulario he composto em tempos de decadencia, em que o idioma está contaminado com dicções e neoterismos estrangeiros, e então tem os Diccionaristas (que não se devem considerar livres do mesmo mal) de se regular pelo que se acha escrito em tempos mais felices, em que elle florecia com mais elegancia, pureza, e magestade.

Os Socios da Academia Franceza, que escrevião no Seculo das luzes, e das Bellas Letras, no Reinado de Luiz XIV. seguírão com razão o primeiro destes systemas: os Socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que publicárão as primicias do seu trabalho em o anno de 1793, seguírão, e tambem com razão, o segundo.

To-

Tomando pois sómente por guia a authoridade alheia, lêrão a maior parte dos Authores do Seculo chamado de quinhentos, e escolhêrão os que o juizo geral dos homens doutos tinha já antecipadamente recomendado do Seculo seguinte, em que a linguagem principiava a marchar para a sua ruina com passos agigantados; e parando assim em o principio do Seculo passado, prescindírão de quanto se tinha escrito depois, e até aos nossos dias. Não porque não reconhecessem nesta época bastantes Escritores puros, elegantes, e por isso dignos de toda a estimação; mas porque pensárão que elles não devião ser julgados (com huma especie de monoscabo dos outros a quem se preferião) senão por hum tribunal competente, isto he, pelo juizo publico, que he quem confirma pelo andar do tempo as decisões em materias de gosto, que de outra maneira podem ser precipitadas ou influidas.

Tal foi o plano do primeiro volume do Diccionario, tal foi tambem o que a Commissão quiz adoptar para o segundo; com tudo era ella a primeira a reflectir, que a Obra podia ser olhada como defeituosa e imperfeita; por isso que de alguma sorte suppunha a lingua estacionaria durante o ultimo Seculo: visto porém, que fiel aos seus principios, não podia fazer uso do seu juizo particular em a escolha destes Authores modernos, determinou seguir a mesma vareda, que já tinha principiado a trilhar a outra Commissão que a precedêra.

Era porém necessario obter o voto da Academia, a quem se dirigião todos aquelles trabalhos; e esta, ouvindo por escrito, e de viva voz a sua Classe de Litteratura, não approvou aquella restricção; pelo contrario tendo em vista a maior perfeição da Obra, e o desar com que podia apparecer aos olhos de alguns Criticos, e mostrando sobre tudo huma confiança illimitada nas forças e luzes da Commissão, determinou que esta se fizesse cargo dos principaes Escritores do Seculo passado, e até aos nossos dias; ficando

do a seu arbitrio determinar o seu merecimento, e pôr de parte os que não fossem da sua approvação.

Esta decisão era summamente honrosa; mas os dois novos trabalhos que accrescião á prolixa e fastidiosissima tarefa, que já se havia encetado, fez desanimar os Membros da Commissão, que não se considerárão aptos para contrahir hum tão grande empenho. Era necessario ler attentamente perto de mil volumes, extractar as suas frases e termos, ou para melhor dizer copiallos mais de huma vez; era necessario alfabetar esta collecção immensa, para depois escolher e joeirar, segundo regras fixas e anteriormente estabelecidas, o que fosse mais digno de se aproveitar; era necessario buscar Ethimologias, Definições, em fim tudo o que constitue os materiaes da grande compilação do Thesouro da Lingua Portugueza; e era sobre tudo necessario, antes de qualquer destes trabalhos, formar hum juizo critico dos Escritores modernos; materia difficil de sua natureza, ainda mesmo que se olhe despida de algumas circunstancias, que a tornão melindrosa e cheia de espinhos. Eu tinha a honra de ser hum dos cinco Membros da Commissão, quando se deliberou sobre este objecto; e posso segurar-vos que só depois do mais maduro exame, e de conhecer que os seus hombros erão summamente fracos para supportar hum tão grande peso, he que ella se resolveo, ainda que com custo e pezarosa, a suspender nesta parte o seu trabalho, reservado talvez para tempos mais felices, em que maior concurso de Socios, e de meios segure o cabal desempenho dos votos e importantes projectos da Academia, e da sua Classe de Litteratura.

Taes forão os estudos desta Sociedade durante o ultimo anno, ella desejava poder dar-vos conta de outros, que tinha promovido fóra deste recinto, pelo concurso aos Premios do seu Programma; mas esta mesma esperança era limitada, por conhecer que no meio da Guerra poucas pessoas se poderião dedicar a trabalhos aturados: conhece ainda

da

da agora que as Sciencias se hão de sentir talvez por longo tempo do estado de oppressão, por que passárão; semelhantes aos pendulos, que depois de ter cessado a força, que lhes dêo o primeiro impulso, continuão a fazer oscillações progressivamente menores, até virem a ficar em quietação. Com effeito não appareceo senão huma Memoria, a qual não póde ser coroada. He hum esboço do estado da Agricultura da Comarca de Castello-branco, onde ha factos interessantes, e bastantes idéas que se podem aproveitar: como porém tudo o que alli se diz relativo a alguns dos Programmas propostos, he antes indicado doque tractado, não poude a Academia conferir nenhuma das Medalhas destinadas áquelles assumptos; sem embargo do que, desejando dar ao Author huma prova do quanto apprecia os seus conhecimentos, mandou-lhe passar a Carta de Correspondente, e tendo-se para isso aberto o bilhete que continha o seu nome, achou-se ser o *Sr. João de Macêdo Pereira da Guerra Forjaz.*

Os outros Premios de Agricultura, que o zelo e beneficencia do Governo destes Reinos a tinha habilitado para offerecer aos Lavradores, que mais se distinguissem no cultivo das batatas, ficárão igualmente por distribuir, á excepção de dois; hum dos quaes foi adjudicado ao *Sr. Francisco Joaquim Carvalhosa*, assistente no Lugar do Arneiro, Comarca de Alemquer, e o outro ao *Sr. Francisco Luiz Ferreira Tavares*, do Lugar da Palhaça, Comarca de Aveiro, os quaes ambos, cada hum no seu destricto, tiverão huma ampla colheita daquellas raizes. A Academia, conferindo estes Premios, não póde deixar de lamentar amargamente as desastrosas calamidades, que entorpecêrão os Povos de algumas das nossas terras invadidas, e que a embaração de distribuir o deposito que se lhe confiou, para animar aquelle precioso ramo de Industria Nacional.

A Bibliotheca, e Medalheiro Academico tambem se locupletou neste mesmo periodo com os dons de algumas pes-

pessoas que se interessão pela nossa prosperidade. O *Sr. João Pedro Ferreira Cangalhas* offereceo hum exemplar das suas *Taboas de Unidades de peso e medida de Lisboa e Londres.* O *Sr. Fr. Diogo de Mello e Menezes*, Professor Regio nesta Corte, mandou hum exemplar da sua *Arte Grammatico-Filosofica* para aprender a lingua Latina. Os Redactores do *Jornal de Coimbra* entregárão varios Numeros do seu Periodico. Os nossos Socios os *Snr.ˢ Francisco de Borja Garção Stockler*, e *José Maria Dantas* remettêrão da Corte do Rio de Janeiro, o primeiro hum exemplar das suas *Cartas ao Author da Historia da invasão dos Francezes em Portugal*; e o segundo o seu *Elogio Historico do Sr. Infante D. Pedro Carlos.* O benemerito Director da Classe de Sciencias exactas, o *Sr. José Monteiro da Rocha* prezenteou a Academia com as suas *Taboas Astronomicas*, o *Sr. Francisco Manoel Trigozo* com a continuação das *Obras de Antonio Diniz da Cruz*, que formão o quarto volume das suas Poesias, e o *Sr. Antonio de Araujo Travassos* com hum Folheto em que responde a algumas objecções, que se havião feito aos seus descobrimentos sobre a destillação e outros assumptos. Finalmente o *Sr. Joaquim Machado de Castro* enriqueceo-nos com algumas obras Estrangeiras, e com huma collecção das suas que tem publicado até ao presente.

Foi esta remessa acompanhada de algumas Medalhas modernas, e o *Sr. Francisco Xavier de Almeida Pimenta*, Correspondente da Instituição Vaccinica, augmentou tambem hum semelhante donativo, que havia feito no anno passado; mas o maior mimo desta natureza foi feito pelo *Sr. Fr. Bento de Santa Gertrudes Magna*, Cartorario da Congregação Benedictina, o qual offereceo huma quantidade de Medalhas Romanas do Baixo Imperio, achadas todas na Freguezia de Marecos, junto á Cidade de Penafiel.

Tenho-vos, Senhores, dado conta do que succedeo mais notavel em o ultimo anno da nossa carreira Litteraria: todos trabalhárão, a pezar das difficuldades que ponderei no principio deste Discurso, para não desmentir da no-

nobre confiança, que a Nação parece ter posto nesta Academia. As Obras que hoje mesmo se publicão mostrarão até que ponto ella he merecida. Mas ou se repute grande ou diminuta a extensão destes trabalhos, ¿ que immensa carreira nos não resta para caminhar? Esta mesma Paz que veio felicitar-nos, e abrir a communicação com o resto da Europa, de que tantos annos haviamos sido privados, ¿ em que atrazamento nos vai achar a respeito dos seus novos descobrimentos e escritos nas Sciencias, nas Artes, e na Litteratura? ¿ Que reunião de meios, e de esforços não será necessario empregar para hombrearmos com as outras Nações cultas em os seus novos conhecimentos? Os thesouros que ellas tem amontoado ha mais de doze annos, são-nos quasi desconhecidos; e a nossa situação he de alguma sorte semelhante á daquelle que depois de huma longa peregrinação, fosse obrigado a estudar de novo as ruas, e praças da Cidade em que foi criado, pelas grandes alterações e melhoramentos feitos durante a sua ausencia.

Esta consideração ainda que penosa, deverá incitar-nos a redobrar de zelo, e actividade em a nossa empreza. Nós pomos huma confiança illimitada no patrocinio do Governo, que ainda nos não faltou, e nas luzes dos Sabios espalhados pelo corpo da Nação, que se dignarão de auxiliar-nos: munidos com estes soccorros tudo nos será facil; sem elles tudo difficultoso. Huma nobre emulação tem até agora prevallecido sobre o egoismo apathico, e feito reviver no momento do perigo todas as virtudes sociaes, patrioticas, e militares; ¿ e porque não continuará ainda esta emulação a estimular-nos para o amor das Sciencias e da Litteratura como nos felices Reinados do Sr. D. João II., e D. Manoel? Quando a Nação Portugueza em esta brilhante época, impellida pelos mesmos sentimentos que agora, desbaratava os seus inimigos na Europa; extendia o seu Commercio na Africa, alcançava o respeito de toda a Asia, e fundava novas Colonias na America, então mesmo ella produzia os Barros, os Rezendes, os Camões, os Pedros

Nu-

Nunes, e tantos outros Escritores estimados entre os mesmos Estrangeiros: a nossa gloria militar não he agora por certo menor do que o foi naquelle tempo; ¿porque razão pois o não ha de igualmente ser a litteraria? ¿Porque razão o Paiz que converteo dentro de cinco annos as suas novas levas em soldados experimentados e valentes, não dará aos Estudos aquelle impulso proprio para lhe fazer reassumir o brilhante nome, com que já foi conhecido na Europa? Basta sómente querello, e o progresso dos conhecimentos humanos chegará facilmente áquelle grão de perfectibilidade, a que a Nação Portugueza em todos os tempos tem mostrado que he capaz de aspirar.

PROGRAMMA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,

ANNUNCIADO NA SESSÃO PUBLICA DE 24 DE JUNHO DE 1814.

Para o anno de 1816.

NAS SCIENCIAS NATURAES.

EM *FYSICA. A Analyse Chymica das Agoas dos Chafarizes de Lisboa, que provêm das,* Agoas Livres.

EM ECONOMIA RURAL. Que diversidade ha de Lans em Portugal? Em que differem as nossas das melhores de Hespanha? De que provêm aquellas differenças? Quaes os meios de melhorar as nossas Lans?

EM MEDICINA. Quaes são os signaes caracteristicos, que distinguem as diversas affecções de Gota anomala das outras enfermidades, com as quaes se parecem, e muitas vezes se confundem; e qual o methodo em geral mais proprio de tratar cada huma daquellas anomalias gotosas?

Assumptos fixos para todos os annos.

I. *A Descripção Fysica de alguma Comarca ou Territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos, que comprehenda a Historia da Natureza do Paiz descripto.*

II. *A Descripção Economica de alguma Comarca ou Terri-*

torio consideravel do Reino, feita conforme o Plano adoptado pela Academia para a visita da Comarca de Setubal; e que se publicou no Tom. III. das suas Memorias Economicas.

III. *A Topografia Medica de huma grande Povoação (Cidade ou Villa notavel) de Portugal: segundo o Plano indicado na* Histoire et Mémoires de la Societé Royale de Médicine, Prefac. *p. XIV. Tom. I.*

Para o anno de 1816.

NAS SCIENCIAS EXACTAS.

EM ANALYSE. * *Exposição da idea que deve formar-se das quantidades negativas.*

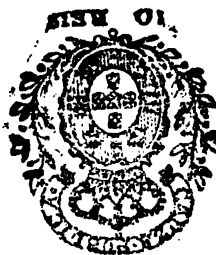
EM ASTRONOMIA. Dar hum Criterio *dos Calculos de Longitude feitos a bordo.*

EM LITTERATURA PORTUGUEZA.

EM LINGOA PORTUGUEZA. ***Avaliar com exactidão os fundamentos, por que alguns dos nossos Escritores tem reputado a Lingoa Portugueza derivada da Latina, e outros da dos Povos do Norte.***

Huma Chrestomathia dos mais acreditados Auctores Portuguezes, ou Collecção dos passos mais elegantes, e proprios para servirem de modelos de Estilo: arranjados sobre o Plano da Obra de Heineccio **De stylo cultiori**, ***e contendo os que servem de exemplo do melhor Estilo Epistolar, Dialogistico, Historico, &c. Tudo accommodado á instrucção da Mocidade, que do estudo da Grammatica passe ao de Rhetorica.***

EM HISTORIA PORTUGUEZA. A Historia das Confirmações

* *Ao Programma de Analyse proposto em o anno passado, para o anno de 1815, se deve accrescentar o seguinte: « Dando porém huma explicação diversa da que vem na Introducção á Philosophia das Mathematicas » de Mr. Hoené Wronski, em que entra a distincção de Zero absoluto, e « de Zero relativo. »*

ções geraes determinadas por algum dos nossos Soberanos; com huma noção historica das Confirmações chamadas por Successão, *e* de Rei a Rei.

A Historia das enfermidades pestilenciaes, que tem havido em Portugal: indicando-se da fórma possivel as causas de suas origens, e progressos; e os meios que se empregárão para obstar á propagação dellas, e para as debellar.

Para o anno de 1817.

Huma Historia dos Monumentos sepulchraes de Lisboa, isto he, huma Collecção de quantos se achão nesta Capital: com a exposição dos factos, de que podem servir de prova, ou de illustração.

Assumptos fixos para todos os annos.

EM POESIA, E THEATRO NACIONAL. Huma Tragedia Portugueza.

Huma Comedia de Caracter em verso, ou em prosa.

Assumpto de Premio dobrado, sem limitação de tempo.

Huma Grammatica Filosofica da Lingoa Portugueza.

Os Premios ordinarios consistem em huma medalha de ouro do peso de 50$000 réis, ou este valor: e todas as Pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos Socios Honorarios, e Effectivos da Academia.

As condições geraes para todos os Assumptos propostos são: Que as Memorias, que vierem a concurso, sejão escritas em Portuguez, sendo os seus Auctores naturaes destes Reinos; e em Latim, ou em qualquer das Linguas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo os Auctores

Estrangeiros: Que sejão entregues na Secretaria da Academia por todo o mez de Maio do anno, em que houverem de ser julgadas: Que os nomes dos Auctores venhão em carta fechada, a qual traga a mesma divisa que a Memoria, para se abrir sómente no caso em que a Memoria seja premiada: E finalmente que as Memorias premiadas não possão ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da Academia; condição que igualmente se extende a todas as Memorias, que não obtendo Premio, merecerem com tudo a honra do *Accessit.* Porém nem esta distincção, nem mesmo a publicação determinada, ou permittida pela Academia deverá jámais reputar-se como argumento decisivo, de que esta Sociedade approva absolutamente tudo, quanto se contiver nas Memorias, a que conceder qualquer destes signaes de approvação; porém sómente como huma prova, de que no seu conceito desempenhárão, senão inteiramente, ao menos em relação ao estado presente das circunstancias da Nação, a parte mais importante dos Assumptos propostos.

TEndo-se distribuido alguns dos Premios, que para este anno se tinhão offerecido aos Lavradores, que em alguns Districtos tivessem maior producção de Batatas; restão ainda os seguintes, que a Academia ha de conferir, logo que se apresentem os Concorrentes.

Territorio além do Lima	- - - - - - - Premios	2
Comarca de Bragança	- - - - - - - - - - - - -	2
Miranda	- - - - - - - - - - - - -	2
Moncorvo	- - - - - - - - - - - - -	2
Castello branco	- - - - - - - - - - -	3
Portalegre	- - - - - - - - - - - -	2
Elvas	- - - - - - - - - - - - - -	2

Co-

	Premios
Comarca de Viseu	1
Linhares	1
Lamego	1
Mira	1
Coimbra	1
Arganil	1
Leiria, e Alcobaça	3
Thomar, e Ourem	3
Chão do Couce	1
Santarem	2
Ribatéjo	1
Torres Vedras	1
Villa da Chamusca	1
Territorio além do Guadiana	2
Comarca de Lagos	1
Faro	1
Tavira	1

Lisboa na Secretaria da Academia Real das Sciencias aos 24 de Junho de 1814.

CON-

CONTA

DOS TRABALHOS VACCINICOS:

Lida na Sessão Pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 24 de Junho de 1814.

POR FRANCISCO ELIAS RODRIGUES DA SILVEIRA.

I.

HE esta a vez segunda, que a Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias tem de apresentar-vos em Pública Sessão o resultado das suas philanthropicas tarefas; e fazer-vos conhecer, quanto os seus desejos tem sido em grande parte preenchidos a beneficio da Humanidade: e tendo sido eleito para ser hoje o seu orgão, he de meu dever expor-vos fielmente; de que maneira tem sido propagada a Vaccina por todo o Reino; quaes sejão as Observações dos Correspondentes e a sua utilidade; e os differentes torpêços, que tem havido, para que a Vaccinação não tenha caminhado de hum modo mais vantajoso a todos os respeitos. Este objecto he tanto mais interessante e digno da vossa attenção, quanto o seu fim he libertar a Humanidade de hum mal, que tem causado a destruição de milhares de individuos da nossa especie, arrancando a vida a muitos, que deverião ser algum dia membros do grande corpo social.

Desde que pela primeira vez appareceo á face do Globo o terrivel flagello das Bexigas, e que de dia em dia os seus estragos erão marcados com a deformidade e morte

te de muitas pessoas, que soffrião o seu contagio; então todos á porfia pertendião achar o meio de extinguir tão terrivel mal, não menos exterminador que a Peste: porém não foi preciso muito tempo, para que conhecessem que os seus maiores esforços erão inuteis, e que os pretendidos preservativos não servião mais do que de illudir a imaginação de huns, e a credulidade de outros, visto ser sempre incerta a sorte daquelles que se vião delle atacados. Foi então que depois de inuteis fadigas, conhecendo-se a impossibilidade de extirpar pela raiz similhante mal, o julgárão como congenito á nossa especie; e, contentes por tanto com o fazerem só mais benigno, inventárão a Inoculação das Bexigas.

Esta medida assás engenhosa vogou por muito tempo, e seus Proselytos todo-cheios de orgulho, e até maravilhados da sua descuberta, julgárão ter com ella feito o abrigo da especie humana: porém desgraçadamente bem depressa foi conhecido que, longe de afugentar-se huma tão terrivel enfermidade, a fazião apparecer mais prematura; originando-se talvez daqui damnos, que aliàs ter-se-hião evitado.

Foi no meio de tão desastrosos successos que o immortal *Jenner* appareceo, e com elle o precioso preservativo, que ha tanto tempo e com tanta ancia se procurava. Huma tão importante descuberta não podia deixar de fixar a attenção de todos os Medicos Inglezes; e logo os trabalhos de muitos com os de *Woodville*, Medico do Hospital de Bexigas e Casa de Inoculação de Londres, e os de *Pearson*, o primeiro que fundou hum Estabelecimento sustentado e dirigido por Subscriptores, fizerão a par dos de *Jenner* marcar com evidencia a marcha da Vaccina no homem, determinando os pontos essenciaes para a sua utilidade.

Por toda a França, Dinamarca, Alemanha, Russia, e mes-

mesmo a Turquia foi levado tão saudavel beneficio; e vio-se muitas vezes empregar-se a voz da Religião, para obrigar os povos a participarem de tão soberano bem: e tanto se estendeo a Vaccina, que por quasi toda a superficie do Globo se levou aos seus habitantes o preservativo de hum mal, a que elles não podião escapar, e de que muitos delzes tinhão sido desgraçadas victimas. Formão-se então Estabelecimentos philanthropicos erigidos com a protecção dos Governos, apparecem Leis sabias, premios multiplicados aos mais trabalhadores, e em fim resultados felizes são o fructo de tão soberana descuberta: de sorte que em 1800 o Almirantado Inglez fez vaccinar quasi todos os filhos dos marinheiros, e os proprios marinheiros; e foi então mesmo que se vaccinárão Regimentos inteiros; e deste modo se via grandemente diminuir o numero dos Detractores de similhante invento, sendo vencidos pela força do poder, da razão, e da experiencia.

Hum tal acontecimento não podia deixar de ser tambem conhecido em Portugal, quando os escritos dos Vaccinadores particulares, e de Sociedades inteiras procuravão com o maior esmêro fazer chegar ao conhecimento de todo o Povo civilizado tão preciosa descuberta. Era então que vogava o partido da Inoculação, o qual, apezar da valentia dos seus abonadores, começava já a vacillar; por quanto apparecião factos, que elles de balde procuravão esconder, e que longe de demonstrar a utilidade de huma tal prática, só erão capazes de desacreditalla. Com tudo elle era ainda grande, e por isso as primeiras Vaccinações feitas em Portugal soffrêrão grandes obstaculos, a ponto de se perder quasi toda a esperança de propagar-se tão saudavel beneficio; até que, pelo andar dos tempos, por esforços repetidos, e persuasões continuadas de muitos Medicos sensatos, e mais que tudo pela perda de individuos que, a todo o momento, erão sacrificados á morte, olhou-se com attenção para o que até alli se tinha rejeitado com tanto afer-
ro.

ro. Porém tudo então apresentava ainda huma fórma irregular e vacillante; porque lhe faltava hum Estabelecimento seguro, de que dimanasse como de hum manancial perenne e sem interrupção tão soberano preservativo, e que com hum caracter todo verdadeiro infundisse a maior confiança a quem o procurasse.

II.

Foi então que do seio da Academia se organizou com alguns dos seus Membros a Instituição Vaccinica; fazendo-se para esta hum Regulamento proprio, e fundado sobre bases, cuja estabilidade promettesse, que a Vaccinação caminhasse uniformemente com a extensão e maior aproveitamento possivel, de sorte que fosse decoroso á Nação, e ao Corpo a que pertencia.

Mas hum tal Estabelecimento seria pouco duravel e fructifero, se a protecção do nosso vigilante e sabio Governo não o amparasse com a sua approvação, expedindo Ordens positivas a todos os Ministros territoriaes, e Insinuações aos Senhores Bispos, para que houvessem de persuadir aos Povos, que a Vaccina era hum bem, que elles devião anciosamente abraçar, a fim de se livrarem do funesto effeito das Bexigas. Foi então que a voz do Governo, ouvida por todo o Reino, fez com que Magistrados zelosos pelo Bem Público, e benemeritos Vaccinadores, tomando a seu cargo destruir toda a preoccupação contra a Vaccina, despertárão a indolencia e tibieza, começando a ver-se de dia em dia crescer o numero dos vaccinados: de sorte que tenho hoje a maior satisfação de annunciar-vos que tiverão este anno Vaccina legitima 8.527 Individuos; além de outros muitos de que não ha relação, ou porque sendo vaccinados não voltárão para se tomar delles assento, ou porque se vaccinárão fóra do alcance dos Correspondentes Vaccinadores e da Instituição, sendo huma das

razões, para o poder asseverar, o prodigioso numero de *laminas* com materia vaccinica, que tem sido pedidas e enviadas da Instituição para pessoas particulares, e até para as Ilhas e Brazil: não numerando as *crustas*; pois que estas tambem costumão desenvolver a Vaccina legitima, reunindo de mais a propriedade de conservar-se por mais tempo inalteravel, e ser mais segura a sua conducção.

Este trabalho todo philanthropico foi executado pela Instituição e seus Correspondentes: e para tecer o mais decidido elogio da sua actividade, e espirito de beneficencia pública, devo annunciar-vos, que chega hoje a 100 o numero dos Vaccinadores por todo o Reino.

Mas suas fadigas não tem sido limitadas unicamente a vaccinar, elles tem feito mais; observações sagazes, reflexões mui sensatas, hypotheses bem combinadas, escritos em fim habilmente delineados são remettidos á Instituição; mostrando em tudo quanto he vivo o seu desejo de trabalhar pelo interesse da Humanidade. He por este motivo que cumpre lembrar os que com mais particularidade se tem distinguido, sendo aliàs isto huma mui pequena paga do reconhecimento público.

Entre estes apparece o Snr. *José Francisco de Carvalho*, Medico em Lagos, cujas judiciosas Contas tem merecido a approvação, para serem inseridas entre os Opusculos da Instituição, como tambem a 1.ª e 2.ª parte da sua Memoria, onde apparecem observações, que até aqui só erão conhecidas pelo testemunho dos Estrangeiros: tendo sido por tão particulares serviços nomeado este anno Correspondente da Academia, e premiado o anno passado com huma Medalha honorifica.

Merece igual consideração o Snr. *Antonio d'Almeida*, Medico em Penafiel, cuja intelligencia e exactidão na corres-

respondencia nos tem penhorado, accrescendo a isto ainda maiores serviços; porque não contente de beneficiar por si só o Público, tem associado para este tão importante objecto varios Cirurgiões de diversos Lugares, conservando com elles huma estreita e util relação: entre os quaes lembra com particularidade o Cirurgião de Paço de Sousa o Sñr. *José Antonio Moreira*, e os Sñrs. *José Antonio Coelho*, e *Antonio Rodrigues*. He com effeito o maior elogio, que posso exprimir deste digno Professor, dizer que n' hum Mappa nominal appresentado á Instituição chega a perto de 1200. o numero das pessoas, que por seu zelo forão vaccinadas este anno; de maneira que hoje na Cidade de Penafiel os que não tiverem soffrido o contagio das Bexigas naturaes, existiráõ vaccinados. Tanto se deve á philanthropia deste digno homem! Huma das Medalhas honorificas lhe foi gostosamente conferida.

O Sñr. *José dos Santos Dias*, Medico em Montalegre, observador muito exacto e circumspecto, refere algumas observações, que além de mostrarem com toda a evidencia a virtude antivariolosa da Vaccina, provão poder ella desenvolver-se maravilhosamente, sem que por isso obste o excesso de humidade e frio; como aconteceo a muitas pessoas mendigas, e guardadores de gado, estando expostos a copiosas chuvas, e ao frio d' huma athmosfera de 5 gráos á baixo de Zero. Esta observação he toda a favor da preferencia da Vaccina á Inoculação das Bexigas: e pela maneira por que todos os seus trabalhos forão feitos, mereceo este digno compatriota ser premiado este anno.

He digno da maior contemplação pública o Sñr. *José Fradesso Bello*, Cirurgião mór em Elvas, que sendo o anno passado premiado com huma Medalha, o foi novamente neste, pelo muito que zelosa e assiduamente tem trabalhado na propagação da Vaccina, não deixando até ao presente de remetter mensalmente as suas Contas; e pelo

numero consideravel de vaccinados que ellas apresentão, bem depressa será alli desconhecido o terrivel flagello da Humanidade. Este serviço o fará sempre lembrado pelos amadores do bem público, prestando os devidos tributos ás suas virtudes sociaes.

O Sñr. *José Luiz da Cunha*, Cirurgião em Vianna do Minho, cujos conhecimentos o fazem credor de grande apreço, tem nas suas Contas apresentado judiciosas reflexões, quando pertende demonstrar a razão, por que a Vaccina local se torna constitucional, e deixa algumas vezes de pegar a materia; o que tem fixado fortemente as vistas da Instituição: por quanto as suas idéas são tanto mais ajustadas, quanto as deriva da natureza do *virus vaccinico*, e sensibilidade do orgão cutaneo; sendo, por seus distinctos merecimentos, premiado este anno.

O Sñr. *Valentim Sedano Bento de Mello*, Medico das Caldas da Rainha, ao mesmo tempo que nos seus trabalhos mostra muito interesse e discernimento, tem procurado, quanto he possivel, a cooperação de outras pessoas para o progresso da Vaccina; fazendo expressa menção do Reverendo Parocho de N. Senhora dos Anjos do lugar do Cotto o Sñr. *Manoel dos Reis*, e do Cirurgião do Lugar de Carvalho Bem-feito.

O Sñr. *Manoel José Mourão*, Medico da Mealhada, já bem conhecido na Instituição pelo seu discernimento e actividade, não tem sido menos assiduo; e n' huma Conta bem delineada, que apresentou, apparece o seu genio observador, e hum arreigado desejo de propagar a Vaccina: devendo-se ao seu zelo o contar-se hoje entre os Correspondentes o Sñr. *João da Costa Baptista*, Cirurgião do mesmo Lugar.

He não menos trabalhador e exacto o Sñr. *José Antonio Barbosa da Silva*, Cirurgião de S. Thyrso, que animado

do sempre pelo interesse da Vaccinação, tem posto a salvo de serem atacadas pelas Bexigas muitas pessoas do seu districto.

Não posso deixar de mencionar o Snr. *Sebastião Arcanjo Paes*, Medico em Alemquer, que não só tem appresentado hum bem circumstanciado e exacto Mappa de vaccinados; mas tambem dignas observações, para mostrar que a dissolução da materia secca vaccinica feita com a saliva deve ser preferida á praticada com a agua: verificando com isto o que diz *Brera*, e *Chiaranti*.

Seria notado de omisso, se, além destes, não nomeasse o Snr. *Francisco Xavier d'Almeida Pimenta*, Medico do Sardoal, tanto zeloso pelo bem público, como intelligente na sua Profissão; o qual em huma Carta que escreve no 1.º de Outubro de 1813, diz assim: «No Sardoal não apparecem Bexigas naturaes ha treze annos, á excepção dos individuos que com ellas tem vindo contagiados fóra da Villa». Este grande serviço he unicamente devido ao seu zelo em propagar a Vaccina, quando ella era ainda pouco conhecida no nosso Paiz.

O mesmo tem acontecido no Cartaxo, pelo muito que o Snr. *João Gervasio de Carvalho*, Medico dessa Villa, tem trabalhado na Vaccinação, indo até grandes distancias, não contente só com vaccinar em sua casa a todas as pessoas que por este fim o procuravão: e o seu nome será sempre lembrado com estimação pública, por taes serviços.

Merece não menos mencionar-se o que tem feito o Snr. *Antonio José d'Almeida*, Medico da Ericeira, que, á força dos seus disvellos e persuasões, tem conseguido estabelecer ahi a Vaccinação; de maneira que vai sendo mui crescido o numero dos que diariamente concorrem a procurar o soberano preservativo das Bexigas: sendo para sentir que elle

ha

ha mais tempo, por motivos poderosos, não tivesse podido livrar tantos individuos sacrificados á morte por hum mal tão pestilente.

O mesmo tem praticado o Sñr. *Luiz Cypriano Coelho de Magalhães*, Medico em Aveiro; queixando-se sempre da tibieza e indifferença, com que aquelles Povos procurão a Vaccinação: de sorte que cada individuo vaccinado poder-se-ha julgar como hum triunfo da sua philanthropia.

Deve ser particularmente lembrado o Sñr. *Guilherme Newton*, Medico em Pereira, bem conhecido pelas suas luzes, o qual apresentou huma Conta de 446 vaccinados com Vaccina legitima, bem que principiando antes de ser installada a Instituição; sendo necessario interromper por algum tempo os seus trabalhos vaccinicos, por não haver já alli quem se vaccinasse.

Sejão igualmente sabidos os nomes dos Sñrs. *Joaquim Alves d'Araujo*, Medico de Alter do Chão; do Sñr. *Manoel Nunes Furtado*, Cirurgião em Bragança, e do Sñr. *Antonio Manoel Pedreira de Brito*, Cirurgião em Valença do Minho: que rivalizando na gloria de promover a causa da Humanidade, não tem poupado esforços nem precauções para conseguir o progresso da Vaccina.

Em fim, Senhores, seria não acabar nunca, se intentasse especificar os nomes de cada hum dos Vaccinadores das Provincias, os seus trabalhos vaccinicos, as suas observações parciaes: que referindo-se a diversos respeitos mostrão o infatigavel zelo, com que elles tem feito propagar pelos Povos a materia antivariolosa; e sobre tudo os differentes meios, de que elles se tem servido para vencer a ignorancia de huns, e os prejuizos de muitos.

Porém eu faltaria a huma grande parte do meu dever, se

se deixasse de referir com particularidade os trabalhos da incomparavel Sñ.ra *Dona Maria Isabel Wanzeller*, residente na Cidade do Porto, a qual tem sempre remettido á Instituição, desde o seu principio, Mappas mensaes dos seus vaccinados em muito crescido numero; pois que excedem a alguns milhares as pessoas, a quem ella tem feito participar do beneficio antivarioloso. Este tão grande, e interessante serviço, praticado por huma Senhora, que não se tem esquecido de meio algum para o fazer abraçar, faz na verdade o seu maior elogio, tornando-a sempre merecedora da maior contemplação pública.

Não he menos apreciavel que em S. Vicente de Penso, districto de Braga, o Sñr. *Manoel José Malheiro da Costa e Lima*, homem dotado de virtudes sociaes, e que em outras occasiões já se tinha feito conhecido em rasgos de beneficencia e patriotismo, fizesse em 26 de Agosto de 1813 hum Estabelecimento de Vaccinação, convocando para cooperadores de tão digna empreza aos Cirurgiões os Sñrs. *Bento José Gomes*, *Agostinho Rodrigues*, *Custodio José Gomes da Costa*, e *Manoel Joaquim Rodrigues*; avisando ao Público que alli se vaccinava gratuitamente duas vezes cada semana: para onde tem concorrido muitas pessoas a aproveitarem-se do bem, que lhes offerecia hum tão digno Patriota. A Instituição recebeo com a maior satisfação a noticia deste importante serviço; e para mostrar o muito que apreciava a quem o fez, votou unanimemente, que se lhe dessem os maiores agradecimentos, conferindo-se-lhe hum dos Premios deste anno.

Muitos respeitaveis Bispos, benemeritos Parochos, e Ecclesiasticos, e zelosos Ministros territoriaes tem feito á porfia propagar a Vaccina, fazendo assim serviços verdadeiramente grandes á causa do Estado e da Humanidade: e só para fazer menção d' alguns, cumpre lembrar os dos Senhores *Bispos do Algarve*, e *da Guarda*; não devendo occultar, que

que estes virtuosos Prelados tem feito os maiores esforços para livrar os seus Diocesanos do terrivel flagello das Bexigas, pedindo por varias vezes materia vaccinica á Instituição:

Da mesma sorte o Senhor *Bispo de Pinhel*, querendo dar ás suas Ovelhas a melhor prova dos seus sentimentos a respeito da Vaccina, em huma Pastoral publicada aos 16 de Janeiro de 1814, depois de ter fallado da sua virtude e efficacia antivariolosa, com aquella valentia e pureza de expressões que o caracterizão, manda aos RR. Parochos debaixo de obediencia em negocio grave, e de responsabilidade, hajão de a ler sempre na Missa Conventual; e que procurem além disto todos os meios de persuasão, para que os seus Freguezes se convenção da necessidade de similhante objecto, e da obrigação contrahida para com Deos e a Sociedade de assim o praticarem. Esta medida verdadeiramente heroica, com que procedeo tão digno Prelado, produzio o melhor effeito; concorrendo efficazmente para o seu desempenho o zello e actividade do Snr. *Antonio Julio de Frias Pimentel*, como Corregedor da Comarca, e a intelligencia e prontificação do Snr. *Francisco Manoel d'Albuquerque*, 1.° Medico do Partido da Camera; de sorte que até o dia 27 de Maio tinhão sido vaccinadas muitas pessoas de ambos os sexos e differentes idades, das quaes tiverão Vaccina regular e legitima 846.

O Senhor *Patriarca Eleito* fez igualmente insinuar os seus sentimentos em huma Pastoral dirigida aos Reverendos Parochos do Patriarcado, para que empregassem todo o zelo e voz da Religião, a fim de persuadir aos seus Freguezes, que devião abraçar a Vaccina como hum bem, que lhes convinha.

O mesmo foi praticado pelo Senhor *Bispo de Elvas*, que conhecendo de quanta utilidade era a Vaccina para as pessoas,

soas, que não tinhão ainda soffrido o terrivel mal das Bexigas, mandou que nas Igrejas fosse declarada esta verdade com aquelle fervor que pedia tal objecto; e em huma sua Pastoral mostra, quanto era o seu interesse em promover tão grande beneficio.

Não me he possivel deixar de particularizar o Sñr. *José Bernardo Henriques de Faria*, Corregedor da Feira, o Sñr. *Antonio Feliciano d'Albuquerque Betencourt*, Corregedor de Bragança, o Sñr. *João Pedro Affonso Videira*, Corregedor do Crato, e o Sñr. *Antonio Cesario de Sousa da Guerra Quaresma*, Corregedor de Leiria; em razão dos uteis e continuados esforços, que a par dos seus desejos tem produzido a maior vantajem na Vaccinação: não esquecendo o digno *Abbade de S. Marinha de Fornos*, e o respeitavel *Parocho da Freguezia de Paço de Sousa*, de quem faz tambem particular menção o Sñr. *Antonio d' Almeida*; e o benemerito *Abbade de Santa Cruz do Douro*, de quem o Sñr. *Antonio Xavier da Silva* faz a mais viva recommendação; e o bom e zeloso *Cura de Gouvea*, e o Reverendo Prior de Mafra o Sñr. *Manoel Duarte*, tão recommendavel pelo seu caracter e distincta probidade, que por ella tem os seus Freguezes ahi abraçado sem repugnancia o bem que se lhes offerece; coadjuvado pelo Capitão-Mór da mesma Villa o Sñr. *Maximo Estevão de Carvalho*: praticando não menos serviços outros de diversos Lugares, que associados a Pessoas distinctas tem mostrado hum constante empenho em promover a causa do bem público.

III.

Tal he, Senhóres, o agradavel quadro, ainda que em esboço, que vos apresento da Vaccinação nas Provincias; e senão receasse cansar demasiado a vossa attenção, eu o faria mais extenso e circunstanciado. Resta-me comtudo referir ainda, quanto se tem praticado na Instituição no decurso de todo este anno.

Os Directores de cada hum dos mezes tem com zelo e assiduidade assistido á prática da Vaccinação: a quem os vaccinados são apresentados, para julgar-se bem convenientemente do seu estado, desenvolvimento dos butões, caracter das vesiculas, e de todas as demais circunstancias que devem acompanhar a formação de hum juizo exacto; a fim de se poder assegurar ao vaccinado que está livre de soffrer o contagio varioloso: indo ás vezes ás suas proprias casas, quando são avisados de algum incidente, que aos conhecedores do objecto he sempre mui facil de remediar, procedendo pela maior parte de causas muito alheas á natureza essencial da Vaccina.

Os Membros da Instituição tem prestado a mais exacta observancia do seu Regulamento, fazendo sempre as suas Sessões nos dias determinados, dando as suas Contas competentemente; ao mesmo tempo que a Correspondencia das Provincias dirigida pelos respectivos Secretarios tem caminhado com a melhor ordem e expedição possivel: de sorte que he á diligencia e regularidade deste serviço que se deve, este anno, a acquisição de 59 Correspondentes, os quaes voluntariamente se offerecêrão para o desempenho de tão heroica empreza, e a que alguns mui dignamente tem satisfeito.

São bem recommendaveis o zelo e actividade que o Sñr. *Justiniano de Mello Franco* tem manifestado todas as vezes que os seus serviços são necessarios: merecendo igual contemplação o Sñr. *José Maria Soares*, que, depois de ter prestado muito á Instituição, achando-se em Mafra por motivo de seu Emprego, e não podendo ser tranquillo expectador dos progressos das Bexigas, fez com que ahi se estabelecesse a Vaccinação; mostrando ainda mesmo de longe qual era o espirito de todo o Corpo, de que elle era Membro.

Pou-

Poucas são as Observações tanto das Provincias como da Instituição, que devão notar-se com especial menção; pois que tudo está observado e conhecido por aquelles que tem procurado saber, quanto se tem escrito sobre este interessante Objecto: no entretanto notemos que as erupções cutaneas parece não serem sempre obstaculo á Vaccinação, observando judiciosamente a similhante respeito o Sñr. *José Feliciano de Castilho*, que em algumas crianças que ou padecião a Crusta de leite, ou a Psoriasis contrahida pela mammação ou por contagio, a Vaccina caminhou regularmente nos seus periodos, e foi legitima. O mesmo he particularizado pelos experimentos do Sñr. *Bernardino Antonio Gomes*: sendo taes Observações identicas com as que fiz nos mezes em que servi de Director, e com as dos Correspondentes das Provincias, como são além das d' outros as dos Sñrs. *Sebastião Arcanjo Paes*, *Pedro Antonio Teixeira*, *Antonio José d'Almeida*, e *José dos Santos Dias*, podendo-se por ellas mesmas até assegurar o haver-se conseguido o melhoramento de algumas erupções cutaneas rebeldes, e o curativo de outras: a cujo respeito o Sñr. *José Pinheiro de Freitas Soares* fallando de hum vaccinado com erupção papulosa, que atacava os braços, pernas, e parte do tronco, assevera ter melhorado esta enfermidade depois da Vaccinação.

E não he só esta huma das mui grandes utilidades da Vaccina: outra produz ás pessoas vaccinadas, que sendo atacadas de Sarampo, ordinariamente elle he benigno; para cuja prova, sem referir mais observações que attestem esta verdade, são bem notaveis e do maior interesse as dos Correspondentes da Ericeira e da Villa d'Ovar, onde o Sarampo foi mortifero para os que não tinhão sido vaccinados.

Mas não obstante quanto fica referido, he geralmente adoptado que a Operação vaccinica só deverá effeituar-se em pessoas sadias, cujo orgão cutaneo não esteja affectado de molestia alguma; porque além d' algum incidente, que,

em razão do seu estado morboso, possa sobrevir e transtornar a marcha regular, póde ser tambem huma das causas da sua fallencia, por isso que as molestias de pelle costumão diminuir a susceptibilidade do orgão cutaneo: porque até ao presente ainda não temos signaes sufficientes, que demonstrem, fóra de toda a duvida, quando existe a sua insusceptibilidade ou pouca predisposição para contrahir molestias contagiosas; não estando ainda bem verificado quanto a este respeito diz Mr. Bryce.

Tem sido quasi geralmente praticado pelos Vaccinadores das Provincias e da Instituição o methodo da perforação ou *punctura* com preferencia ao da *incisão*: bem que algumas observações pareção demonstar ter melhor pegado a Vaccina por este; trazendo por similhante motivo o Sñr. *Bernardino Antonio Gomes* algumas em seu abono. Com tudo eu me persuado não ser util a *incisão* em pessoas de hum temperamento sensitivo-irritativo, principalmente favorecendo a estação a diathese estenica. Ainda que bem póde asseverar-se, que todos os inconvenientes são quasi sempre acautelados, se o Operador tem hum perfeito conhecimento do que faz, e de quando se deve excluir a operação: o que maravilhosamente he exposto pelo Sñr. *Wenceslão Anselmo Soares* em huma Memoria que apresentou á Instituição, onde são bem marcados os casos, em que deve praticar-se a Vaccinação a salvo de todo o risco; o que observado, será sempre regular e benigno o seu andamento, como lhe he natural: do que ha mais que sobejas provas nas Relações de todos os Correspondentes; e tanta he a sua benignidade, que nota o Sñr. *Francisco de Mello Franco*, que em todo o Trimestre em que servio de Secretario, nada appareceo de extraordinario, que por tal houvesse de extrahir-se das Contas que lhe forão remettidas.

Na verdade, Senhores, posso assegurar-vos com bem multiplicadas observações feitas não só pelos Estrangeiros,

mas

mas até pelos nossos Vaccinadores, que a Vaccina he tão benigna pela sua natureza, como util em seu resultado. Hum só caso não poderei apresentar-vos, em que a Vaccina fosse a origem da morte de algum vaccinado; e muito embora os seus Detractores pertendão denegrilla com fantasticos exemplos, exagerados pela malevolencia, ou suggeridos pela ignorancia; que alguns delles são os proprios que fazem o seu maior elogio, quando chegão a attribuir á Vaccina molestias proprias da constituição, ou de contagio; como as Febres esporadicas, as Tosses convulsivas, os effeitos da dentição, a Sarna, e até o Sarampo; por não saberem determinar a natureza de taes enfermidades, e muito menos a ordem da sua filiação. Suas asserções devem ser despresadas, como destituidas de fundamento; pois que se a Vaccina, além de ter a virtude antivariolosa, devesse ter a de preservar a constituição de todo outro mal, queria-se que hum vaccinado viesse a ser ente immortal.

Alguns casos tem sido apresentados á Instituição, em que os vaccinados forão atacados de Bexigas; porém ¿quaes são estes? Forão de pessoas, cujos enxertos se desenvolvêrão, sem que fossem observados na sua marcha para se decidir da sua natureza; ou que elles mesmos se julgárão livres de Bexigas, só porque se lhes fez a operação; ou que já estavão contagiados no tempo da Vaccinação: porém hum só não tem apparecido, sendo a Vaccina legitima e constitucional, e enxertada a materia antes da affecção variolosa. Além de que muitas vezes se tem tomado por Bexigas naturaes a *Varicella*; servindo isto para illudir a credulidade dos Povos, em que existe ainda o receio de a abraçar. Deixem-se pois de huma vez falsas idéas dimanadas da preoccupação ou reprehensivel egoismo, pois que todas ellas estão cabalmente destruidas por homens imparciaes, e que só aspirão ao verdadeiro interesse, o bem da Humanidade.

Tom. I Tal

Tal he em conclusão, Senhores, o precioso resultado de todos os Trabalhos Vaccinicos deste anno; elle he tanto mais util, quanto nos assegura a vida de milhares de Individuos, que outra ora serião victimas da morte, pois que he geralmente estabelecido « Que a duodecima parte da raça humana he levada ao tumulo pelo mal das Bexigas. » Esta idéa toda assustadora e terrivel deverá despertar os Chefes de familia e de Corporações, para vaccinar todas as pessoas que estiverem a seu cargo, e que não tenhão ainda soffrido as Bexigas naturaes: pois que aliàs tornão-se responsaveis a Deos e á Sociedade dos males, que possão resultar da sua criminosa omissão e indifferença; e tanto mais quando o nosso Governo, que tem procurado aos demais respeitos o bem e a felicidade da Nação a que preside, fez saber do modo o mais positivo, quaes erão os sentimentos que o animavão sobre este objecto, e qual o interesse que se seguia aos que ouvissem a sua voz.

ELO-

ELOGIOS
HISTORICOS.

ELOGIO HISTORICO
DE
FR. JOÃO DE SOUSA
POR
SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

FR. João de Sousa, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, Interprete de S. Magestade Fidelissima para a Lingoa Arabiga, Professor Regio da mesma Lingoa, Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Socio desta Academia; nasceo na Cidade de Damasco, pouco mais ou menos pelos annos de 1730.

Esta Capital da Syria he huma das terras mais populosas e ricas do Oriente; a fertilidade do seu terreno, a suavidade da sua atmosfera, e a grande quantidade de manufacturas alli estabelecidas, attrahem a ella hum grande concurso de Estrangeiros, que a pesar de estarem sugeitos a hum dominio Turco, não sentem tanto o seu despotismo alli, como nas outras partes, em que elle parece destinado sómente a embrutecer, e até anniquilar a Especie humana. Esta tolerancia abrange ainda a Religião; e os Judeos, os Gregos, e mesmo os Catholicos Romanos são livres de a exercer a seu arbitrio.

Os Pais do Sr. Fr. João de Sousa erão deste ultimo Culto: ignoramos qual fosse a sua occupação e cabedaes, assim como tambem quasi tudo o que diz respeito aos primeiros annos de seu Filho; sómente nos consta que passou huma parte delles com os Barbadinhos Francezes, que tinhão em Damasco hum daquelles Estabelecimentos, instituidos pelo zelo de algumas Corporações Religiosas com o no-

nome de *Missões*. Instruido talvez alli nas primeiras letras Europeas, aprendeo tambem as lingoas Franceza, Italiana, e Hespanhola, e isto com tanta facilidade, e dando mostras de hum engenho tão penetrante, que os seus Mestres o reputárão proprio para brilhar em outro maior theatro, e deliberárão, com o seu consentimento e o de seu Pai, fazello viajar, e estabelecer na Europa.

Contava o nosso Indiano perto de dezanove annos, quando esta resolução se pôz por obra; em semelhante idade tudo parece não só possivel, porém facil de conseguir; he então que a nossa imaginação tem chegado ao maior auge de força, e quando nos faz ver todos os objectos pela face mais favoravel; ¡ que satisfação pois para hum Mancebo, que poucos passos teria dado longe da sua habitação, e do Hospicio dos Barbadinhos, ver-se senhor do seu alvedrio, transportado a hum dos Paizes mais deliciosos da Europa, e com esperanças de augmentar nelle os seus conhecimentos, e a sua fortuna! Cheio d'estes projectos lisongeiros, e que lhe parecião infaliveis, munido de cartas de recomendação para algumas Casas de Commercio Francezas, disse adeos ás margens do Basaldi, e ás frescas sombras do Libano, e embarcou no Mediterraneo em hum Navio mercante, que seguia o rumo da Europa.

Desgraçadamente durou pouco esta brilhante perspectiva, e a sua viagem foi bastante desastrosa, como não he raro succeder naquelle Archipelago. As tempestades, e os ventos contrarios o lançárão de porto em porto, e o tiverão muitas vezes quasi soçobrado; até que em fim tendo vencido hum sem numero de perigos, veio arribar a Lisboa; onde sahio em terra, sem nenhum destino, mas bem persuadido a não tornar por então a affrontar de novo o tumultuoso Imperio de Neptuno.

Sem amigos, sem conhecimentos, e sem cabedaes; totalmente estrangeiro não só a Lisboa, mas mesmo á Europa, e aos seus usos, era bem de recear que elle acabasse, como tantos outros, victima da miseria, ou (o que seria ain-

ainda peor) da corrupção. Isto teria provavelmente acontecido, se a candura do seu genio, e a singularidade do seu estado, por hum feliz acaso lhe não abrissem as portas de huma Casa illustre, que o acolheo. A Providencia, se nos he licito exprimir assim, tinha combatido as suas primeiras resoluções, até ao ponto de o fazer abrir mão dellas, e de o lançar no abysmo da indigencia; e esta mesma Providencia lhe abre agora novos caminhos, e lhe dá Pais, Familia, e Amigos em o Palacio dos Saldanhas.

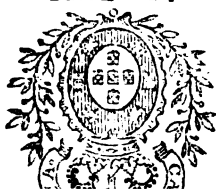
Com effeito aqui achou o Sr. Fr. João de Sousa tanto, e ainda mais do que havia deixado na sua Patria, e provavelmente do que acharia em outros paizes, se cumprisse a sua primeira resolução. Dentro de bem poucos dias elle se vio contemplado, não como hum hospede, mas como hum filho, a quem se não deixava faltar cousa alguma, que podesse fazer-lhe esquecer os passados trabalhos, e tornar-lhe aprazivel a sua actual existencia. Os seus Pais por adopção até quizerão que usasse de hum dos seus appellidos, e trabalhavão desveladamente em lhe advinhar os seus desejos; em fim tanto se entranhou esta amizade, que posto que magoados da resolução que ao depois tomou de largar aquella habitação pela do Claustro, sempre a sua porta lhe ficou aberta com igual carinho; extorquindo-lhe a promessa de vir assistir com elles ao menos quando padecesse alguma enfermidade: mas não antecipemos ainda estes acontecimentos.

Chegou a Lisboa o Sr. Fr. João de Sousa em o anno de 1750, e a seis de Janeiro de 1758 foi nomeado Reitor da Universidade hum dos seus amigos e protectores, Gaspar de Saldanha, que succedeo neste emprego a seu Irmão D. Francisco da Annunciação, Conego Regrante de Santo Agostinho. O amor que aquelle Prelado tinha consagrado ao seu Pupilo, e as preciosas qualidades que de dia em dia descobria nelle, o persuadírão a não o tirar do lado, durante a sua residencia em Coimbra, aonde previa ser-lhe necessario: e a experiencia mostrou ao depois quão acertada tinha sido esta resolução.

Para isto se conhecer melhor, deve advertir-se, que já em os ultimos annos do Reinado do Sr. D. João V. tinha este Monarca trabalhado com disvelo na restauração das Letras em Portugal, que por hum extraordinario concurso de circumstancias, estavão quasi em total decadencia. A sua prolongada molestia, e a morte que se lhe seguio, suspendêrão por algum tempo este grande projecto, cujo complemento estava reservado a seu Augusto Filho o Sr. D. José de gloriosa Memoria. Ora a educação scientifica da mocidade devia necessariamente servir de base ao novo Edificio que se pertendia erguer, e por isso a reforma dos abusos da Universidade de Coimbra, onde ella se instrue e habilita para todos os empregos, mereceo a attenção deste grande Rei, pouco depois da sua subida ao Throno: era porém necessario conhecer estes abusos para os combater e dissipar, era preciso esquadrinhar as suas origens para os cortar pela raiz, e descobrir as occultas tramas de Pessoas talvez empenhadas em os perpetuar: em fim era indispensavel ter hum pleno conhecimento de causa para poder completar a grande reforma que de antemão se tinha projectado. Para manejar esta melindrosa commissão, he que foi escolhido Gaspar de Saldanha, e para confidente e Secretario de tão importantes segredos, he que este levou comsigo o Sr. Fr. João de Sousa.

Affastar-nos-hiamos muito do nosso assumpto se entrassemos na enumeração individual dos assignalados serviços, que elle fez por esta occasião; baste-nos sómente saber, que elles forão não só merecedores da approvação do seu illustre Protector, mas tambem (o que he mais) do conceito e contemplação do Conde de Oeiras, depois Marquez de Pombal, que nunca se desmentio destes sentimentos em todo o decurso da sua carreira Politica.

Debaixo destes auspicios podia o Sr. Fr. João de Sousa aspirar a hum estado mais brilhante, porém o tempo dos prestigios tinha já passado, e as reflexões de hum Homem de quarenta annos, que tem conhecido o Mundo, são por

via

via de regra marcadas com o cunho da madureza e da razão; além disso se as vozes do Christianismo, que as mais das vezes soão ainda pouco nas primeiras idades, adquirem maior força á proporção dos annos ¿ com que violencia não arrastarião ellas o espirito de hum homem costumado a dar-lhe ouvidos desde a sua meninice? Entrando pois em si mesmo, elle se achou como attrahido por hum impulso irresistivel a acabar os seus dias na austeridade de hum Claustro, mas para isto tinha que lutar com a unica prizão, que o retinha no Mundo, o amor e obrigações devidas a seus Protectores, a quem era extremamente penosa esta separação: em fim á força de súpplicas derão estes o seu consentimento, e immediatamente apoz elle, seguio-se vestir o habito da Ordem Terceira da Penitencia.

Havia com tudo hum obstaculo, que poderia servir a qualquer outro de grande estorvo. Tendo o Sr. Fr. João de Sousa passado na Asia os primeiros vinte annos da sua idade, e destinando-se então á vida mercantil, procurou, como era natural, instruir-se nos conhecimentos proprios para hum semelhante emprego, e por isso não se tinha lembrado de que a lingoa Latina lhe viesse a ser necessaria; os outros vinte annos que se seguírão a estes, incerto ainda do seu ulterior destino; absorvido ao principio em o exame de hum Mundo novo em que devia viver, e depois nas repetidas commissões de que era incumbido; tinha-lhe só restado o tempo bastante para se applicar ao estudo da lingoa da sua nova Patria, e dos seus bons Authores, e ao da Historia Nacional e Estrangeira: isto posto, quando se deliberou a entrar na vida Monastica, achava-se ainda sem hum dos requisitos indispensaveis para alli figurar dignamente; porém a resolução estava tomada, e por maneira que não podia differir-se por mais tempo. Em fim lançou mão do unico partido que lhe restava, e vestio o habito de Irmão Converso; talvez mesmo que assim continuasse, se os seus companheiros, que forão logo igualmente os seus amigos, e souberão apreciar os seus talentos, o não tivessem re-

resolvido a tomar outro parecer. Foi então quando tirou algumas horas vagas do resto do anno do Noviciado, e as applicou ao estudo da lingoa Latina, para a qual lhe bastárão poucos mezes; ficando no fim deste tempo habilitado para professar, e os seus Superiores admirados da sua comprehensão e comportamento.

¿E quem erão estes Superiores? Eu fallarei sómente em hum delles nosso dignissimo Collega, então Provincial da Ordem Terceira, e que hoje occupa tão dignamente a Cadeira Archiepiscopal de Evora. O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo (já amigo do Sr. Fr. João de Sousa antes de entrar para aquella Religião, e que muito concorrêra para a preferencia que lhe tinha dado) trabalhava por este tempo em resuscitar os Estudos amortecidos da sua Provincia, e o conhecimento das Antiguidades e das lingoas Orientaes, em que he tão eminente. Falto de subsidios, de homens capazes para instruir os seus Subditos, e até dos livros absolutamente indispensaveis para esta empreza; he bem curioso ler em as suas *Disposições Provinciaes* os meios, de que se servio para introduzir estes conhecimentos de todo adormecidos em Portugal, e o feliz concurso de circunstancias, devidas todas ao seu zelo infatigavel, que lhe deparou homens capazes de preencherem tão louvaveis fins; fazendo apparecer como por encanto o Grego, o Arabigo, e o Hebraico mais conhecidos, e divulgados, do que o não tinhão sido ainda nos Seculos mais florescentes da Monarchia.

¿Quanto não seria bem recebido o novo candidato em esta respeitavel Corporação de Sabios? Elle achou alli já estabelecida huma Cadeira de Arabe, regida pelo Padre Fr. João Baptista Abrantes, o qual se tinha consideravelmente avantajado naquelle Estudo aos seus outros companheiros; mas a verdadeira Sciencia não he presumida, e o antigo Professor cedia facilmente a palma ao novo Mestre, que tinha aquella lingoa por materna: quando o Sr. Rei D. José determinou mandar huma Embaixada a Marrocos em o anno de

de 1773 a fim de ajustar a Paz com aquelle Imperador, e nomeou para Secretario e Interprete della ao Sr. Fr. João de Sousa; o qual devia, no caso de se concluirem os Tratados, ficar em terra por algum tempo, para tomar conhecimento da Politica daquella Corte, dos usos dos Nacionaes, e para se aperfeiçoar na lingoagem do Paiz, que he hum Dialecto bastante differente do que usão os Arabes Asiaticos.

Não nos he possivel patentear os eminentes serviços, que elle fez nesta occasião, nem tão pouco as notas e observações interessantes que na sua volta entregou ao Ministerio: sómente nos será licito dizer, que a aptidão que mostrou neste emprego, e o conhecimento que em poucos mezes alcançou do caracter e intenções daquelle Soberano d'Africa, e dos Povos em geral, fez com que em todo o resto da sua vida os Ministros de Estado o considerassem como hum Homem indispensavel em semelhantes Negociações.

Apenas descançado o Sr. Fr. João de Sousa da sua viagem, apresentou-se-lhe huma occasião de mostrar publicamente não só os seus conhecimentos da lingoa Arabiga, mas ainda a sua gratidão ao Monarca, e á nova Patria que o tinha adoptado. Inaugurava-se a Estatua Equestre do grande José I., e as almas dos Portuguezes electrizadas á vista desta nova maravilha da Arte, que lhes trazia á memoria, e servia de perpetuar nas gerações futuras a imagem daquelle a quem a Nação devia tantos beneficios, mostravão em altas vozes o seu contentamento, e o transmittião tambem á posteridade já em Prosa, já em todas as qualidades de Poesia, em o nosso Romance, e em grande parte das lingoas do Globo, tanto mortas como vivas. A Congregação da Ordem Terceira foi huma das que mais se distinguio neste concurso, e entre os Escritos que ella estampou, se póde facilmente conhecer o trabalho deste seu tão distincto alumno.

Pouco sobreviveo o Soberano a esta prova do amor

dos

dos seus Vassallos ¿e que motivos não terião elles para se mostrarem inconsolaveis por semelhante perda, se a não suavisasse verem que subiá ao Throno S. M. F. a Rainha D. Maria I. N. S.? Herdeira das virtudes de seu Pai, tudo lhe augurava huma inalteravel serie de prosperidades; pois se no antecedente Reinado tinha algumas vezes sido necessario mostrar o rigor das Leis para reprimir abusos inveterados, neste não havia senão graças a conceder, e ellas se tornavão ainda mais estimaveis pela amabilidade da Soberana que as destribuia. Portugal ha de lembrar-se eternamente desta Epoca ditosa, e a Academia Real das Sciencias nunca poderá repetir sem veneração e ternura o augusto Nome da sua primeira Protectora.

Esta Sociedade fundada em o anno de 1779 buscou immediatamente chamar para o seu gremio todos os Sabios Nacionaes que estavão em circunstancias de lhe poder consagrar os seus estudos, e entre elles não podia esquecer o Sr. Fr. João de Sousa. As vistas que a Academia tinha, nomeando-o seu Correspondente, erão vastas e interessantes, exigião hum trabalho assiduo, e quasi impossivel de se levar ao fim por hum só homem; mas assim mesmo veremos como grande parte dellas ficárão preenchidas.

A Litteratura Arabiga foi sempre em Portugal huma das menos cultivadas, e comtudo muitos motivos havia para se lhe dever dar alguma estimação. Além do grande numero de Authores que escrevêrão nesta lingoa, dignos de serem consultados pelos Estudiosos, todos sabem que os Mahometanos de Africa forão os que succedêrão aos Godos, senhoreando-se das Hespanhas em o Seculo VIII. O primitivo idioma da Peninsula, adulterado já com muitos vocabulos dos primeiros conquistadores, adoptou ainda talvez hum maior numero destes ultimos, os quaes se ficárão conservando até os nossos dias. Os Filologos Portuguezes, e entre elles Duarte Nunes de Leão, conhecêrão isto mesmo, e derão a lista de algumas destas palavras, e das suas ethymologias; mas taes catalogos erão diminutos, e a Acade-

demia que desejava tratar este objecto em toda a sua extensão, o incumbio ao seu novo Correspondente. Pôz elle as mãos á obra, e levando-a ao fim com a maior assiduidade, estava já para a imprimir em 1786, quando obrigações superiores o fizerão largar os seus estudos e o seu retiro, e embarcar para Argel em circunstancias summamente criticas, visto grassar então alli huma furiosa peste.

Não tinha porém sido sómente esta a sua occupação no espaço de dez annos que presistíra em Lisboa: ao mesmo tempo que trabalhava em as ethymologias Arabigas, compunha huma Numismalogia ou breve recopilação de algumas Medalhas de prata dos Califas de Africa, e dos Reis Arabes de Hespanha, achadas em diversas épocas em Portugal, e de outras da mesma qualidade, que se descobrírão no Termo da Villa de Lagos no Reino do Algarve em dezanove de Fevereiro de 1781. A cada huma destas Medalhas ajuntava huma breve noticia do tempo e governo dos Reis, e Califas a que pertencia, formando huma historia, cuja publicação póde ser muito interessante, ainda mesmo que o manuscrito se não ache completo, huma vez que se lhe ajuntem os desenhos daquellas Medalhas, que pertencião em grande parte ao Museu do Ill.mo e Ex.mo Marquez de Angeja.

Todos estes trabalhos ficárão interrompidos, ainda que por pouco tempo, com a sua jornada a Africa: tornando depois ao Reino, dêo o ultimo polimento, e estampou em 1789 o seu Lexicon Ethymologico; e levou ao fim a copia e traducção dos Monumentos Arabes existentes no Real Archivo da Torre do Tombo em que já antecedentemente trabalhara, tambem por ordem da Academia, para o que se tinha impetrado e facilmente obtido a licença de S. Magestade. Estes Documentos fizerão-se públicos em 1790, e para isto se escolhêrão, entre muitos que se achavão interpretados, aquelles que tinhão huma relação mais immediata com a Historia de Portugal.

Não paravão ainda aqui os designios desta Sociedade,
 nem

nem o zelo do Sr. Fr. João de Sousa: já elle tinha nesse tempo entregado nesta Secretaria a copia de quatro Inscripções Arabigas descobertas em o nosso Reino; huma das quaes era a da celebre colubrina achada em Diu, tropheo illustre dos nossos maiores, e cuja conservação nestes ultimos tempos se deve a hum mero acaso, e aos seus conhecimentos e patriotismo.

Estas Inscripções forão impressas em o 5.° volume das Memorias de Litteratura; porém tanto ellas como algumas outras, que ainda se conservão manuscritas, dão muito pouca luz para o conhecimento da nossa Historia. Os Arabes, extremamente religiosos, contentão-se as mais das vezes de escrever huma sentença, hum passo do Alcorão em os seus Monumentos, que por isso quasi nunca deixão perceber o seu objecto, nem a época em que forão feitos: fica este cuidado a cargo dos seus Chronistas; e a Livraria do Escurial contém hum riquissimo thesouro destes Escritores Arabes. Desejava pois a Academia possuir, e presentear o Público com o que alli se acha de mais proprio para illustrar a Historia Portugueza, e deo esta commissão á mesma pessoa que tão bem tinha desempenhado todas as outras. A nossa Augusta Soberana protegia este trabalho, que mereceo tambem a plena approvação de S. Magestade Catholica, e nada parecia faltar para se pôr por obra; quando circunstancias imperiosas o fizerão de novo largar o caminho de Madrid pelo de Marrocos, e impedírão, talvez por largos annos, a execução de hum projecto tão necessario para acclarar as trévas dos seculos anteriores á fundação da nossa Monarchia.

Esta ultima expedição do Sr. Fr. João de Sousa á Costa de Africa foi em tempos bem desastrosos para aquelle Paiz. Pela morte do Imperador Sidi Mahomet Ismael ficárão quatorze filhos, grande numero dos quaes disputárão o Imperio entre si, fazendo sentir áquelles Povos os horrores de huma guerra civil, que a Corte de Hespanha achava interesse em fomentar. Alguns destes Principes morrêrão no cam-

campo de batalha, outros andárão foragidos de terra em terra, e hum finalmente foi obrigado a embarcar a sua familia para buscar amparo em huma Corte Estrangeira.

Já o Sr. Fr. João de Sousa estava de volta da sua commissão, quando Lisboa teve o nunca visto espectaculo da arribada destas Princezas Africanas, e do resto da Familia de Mulei Abdessalão, que se compunha ao todo de duzentas e vinte e huma pessoas. Não podemos agora referir nenhum dos particulares desta extraordinaria visita, durante a qual elle não cessou hum momento de estar occupado como Interprete da nossa Corte; mas será facil aos curiosos ler estas circunstancias na exacta relação, que elle publicou deste acontecimento; na qual reconhece agradecido a grande benevolencia que mereceo a S. A. R., e á Real Familia Portugueza, durante todo este tempo, isto he, em o Verão de 1793.

Logo em o anno seguinte de 1794 foi o Sr. Fr João de Sousa nomeado para reger a Cadeira de Lingua Arabiga em lugar do P. Fr. Antonio Baptista Abrantes, que tinha sido eleito Confessor da Princeza N. S., e que com tanto applauso tinha dado lições desta lingoa aos Religiosos do Convento de Jesus; e pouco tempo depois, querendo S. A. R. o Principe Regente N. Sr. tirar todo o partido possivel das luzes e conhecimentos do novo Mestre, mandou pelo seu Decreto de 12 de Abril de 1795 que a dita Cadeira fosse pública, assignando-lhe hum ordenado, e hum Substituto para a reger nos impedimentos do Proprietario.

Este Decreto dá bem a conhecer o interesse do nosso Soberano pelo progresso das Letras e estudos de seus Vassallos: persuadido de quão necessario era o conhecimento da lingoa Arabiga, e querendo confiar este cuidado da Ordem Terceira de S. Francisco, que tão louvavelmente o hia desempenhando, mandou que houvesse sempre na Cidade de Marrocos hum Padre, escolhido entre aquelles que tivessem mostrado maior aptidão, o qual seria destinado e vir depois reger a sobredita Cadeira. Já o Sr. Fr. José da

Santo Antonio Moura (nosso digno Collega, a quem devemos parte destas noticias, e que succedeo em todos os empregos ao Sr. Fr. João de Sousa) havia seguido este caminho, e persistido quatro annos na Costa d'Africa, quando foi chamado por esta occasião para primeiro Substituto.

Além destas providencias, incumbia-se tambem ao novo Professor a redacção de huma Grammatica daquelle idioma: he certo que pela falta total que no nosso Paiz havia de semelhantes Livros, já o P. Fr. Antonio Baptista havia dado á luz em 1772 huma, tirada pela maior parte da de Erpenio, mas ainda que forcejasse pela resumir, era assim mesmo bastante volumosa, e estava quasi extincta toda a edição. Para satisfazer ao preceito, e obviar esta difficuldade, principiou a sua o Sr. Fr. João de Sousa; e tanta pressa se dêo por acaballa, que conseguio publicar em 1795 hum elegante e methodico resumo dos seus principaes preceitos.

Em poucas cousas se dá mais a conhecer a sciencia de qualquer Escritor, do que na redacção de hum bom compendio, ainda que á primeira vista pareça este objecto de pouco momento. Não basta mesmo a sciencia para o desempenhar cabalmente, he necessaria huma certa Filosofia e penetração, que faça apresentar cada huma das materias pelo lado mais perceptivel, e ao mesmo tempo por aquelle em que offerecem a melhor e mais simples ligação. Aos intelligentes pertence julgar, se os Elementos de que tratamos são trabalhados debaixo deste Plano, e se o seu Author merece ou não os louvores, que universalmente lhe tributão.

Mas poderá talvez haver alguem a quem pareção de pouco momento os trabalhos, que até aqui temos enumerado; por isso mesmo que sendo a lingoa Arabiga o idioma natural do Sr. Fr. João de Sousa, não era muito que elle o soubesse em perfeição, com todos os seus preceitos, e idiotismos. He porém obvio que são mui poucos os Nacionaes de hum Paiz que fallão, e escrevem correctamente a sua lin-

lingoagem, e que ainda menor numero sabe a fundo as regras da sua Grammatica, e as differentes anomalias da dicção, ainda quando esta não tem a variedade de dialectos do Arabigo. Alem de que, he necessario hum estudo assiduo, huma sciencia, e penetração particular para a leitura dos caracteres Cuficos, em que ainda existem tantos Monumentos dentro mesmo de Portugal: para se conhecer esta difficuldade basta advertir-se, que estes caracteres, os primeiros de que usárão os Arabes, são actualmente muito pouco conhecidos na Europa, e ainda menos entre os Povos descendentes dos seus primitivos authores. Encontrão-se nelles muito maiores difficuldades do que nas nossas antigas Escrituras do principio da Monarchia; porque como as letras deste alfabeto são algumas dellas muito parecidas entre si, e só se distinguem pelos chamados pontos diacriticos; quando estes faltão (o que succede commummente) deixão na ignorancia do verdadeiro sentido da palavra; daqui vem que cada vocabulo, cada oração he huma especie de enigma para decifrar: e por isso tendo o douto Nieburg ajuntado, e interpretado huma quantidade destas Inscripções, muitas dellas obtiverão melhor sentido, segundo a lição do Sr. Fr. João de Sousa; que tambem decifrou algumas, que ainda erão de todo desconhecidas. Oxalá que a Academia se ache hum dia em circunstancias de fazer estas publicações, de que resultaria gloria ao Author, e á Litteratura Nacional.

Tantos e tão assignalados serviços merecião por fim huma recompensa; por isso esta Sociedade desde o anno de 1792 o contou em o numero dos seus Socios livres; e quasi pelo mesmo tempo o nomeou a Rainha N. S. Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha.

Estes empregos, que lhe davão novas honras, parecião tambem impor-lhe novas obrigações, mas a sua idade já avançada, e o seu corpo debilitado, difficilmente lhe permittião cumprillas. As differentes viagens que tinha feito a Africa, a vida applicada e sedentaria dos seus ultimos annos,

nos, a sua transplantação (deixem-me assim dizer) para a Europa, onde se não tinha perfeitamente climatizado, tudo concorria a extenuar-lhe as forças antes de tempo por hum modo muito sensivel, e poucos dias bastárão para huma affecção catharrosa o levar da vida presente aos 29 de Janeiro de 1812, em o mesmo Convento de Nossa Senhora de Jesus, onde havia professado...

Temos feito hum ligeiro esboço dos serviços Academicos e Politicos do Sr. Fr. João de Sousa; seria porém necessario outra melhor pena para traçar as qualidades do seu coração, e as suas virtudes sociaes e Christans. Amigo verdadeiro, com huma notavel simplicidade de costumes, e hum genio sempre affavel, elle tinha penhorado a affeição de todos os que o conhecião: Religioso observante de hum Instituto eminentemente pobre; elle repartia a totalidade das sommas que lhe provinhão dos seus empregos, já com o seu Convento, já com os necessitados, a quem a sua ardente caridade nunca deixou de soccorrer: a menor porção subtrahida a estes dois fins lhe parecia hum crime, de que mesmo depois de morto elle pedio perdão aos Religiosos em hum papel que se achou com a sua assignatura. Prendas tão estimaveis fizerão universalmente sentida a sua falta, e merecêrão-lhe ser ainda hoje chorado por aquella Communidade, onde com todo o applauso exerceo os empregos de Mestre de Noviços, e Definidor, e onde faleceo com as honras de Ex-Geral effectivo. ¡ Quanto não devia ser feliz e tranquilla esta morte, tendo-lhe precedido huma vida tão Christã e ajustada!

ELO-

ELOGIO HISTORICO

DO

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO

D. Fr. MANOEL DO CENACULO,

ARCEBISPO D'EVORA,

POR

FRANCISCO MANOEL TRIGOZO D' ARAGÃO MORATO,

Vice-Secretario da Academia R. das Sciencias;

E por elle recitado na Assembléa Publica da mesma Academia, de 24 de Junho de 1814.

D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas, do Conselho de S. A. Real, Arcebispo Metropolitano d'Evora, e Socio Honorario desta Academia, nasceo em Lisboa no 1.° de Março de 1724, de José Martins e de Antonia Maria.

A sua genealogia não fará parte do seu Elogio: filho de Pais honestos, e que grangeavão o sustento com hum trabalho rude e mecanico, mas assás illustre por seus avoengos (*a*), e mais illustre ainda pelas virtudes de que a Natureza o dotára, elle adquirio para si huma verdadeira nobreza pelos eminentes cargos que exercitou; e a pezar de seu estado e humilde Instituto, a benignidade do Soberano o

(*a*) Segundo a Noticia e Arvore Genealogica, que conservão os Parentes do Sr. Arcebispo, era elle descendente d' huma familia illustre de Tras-os-Montes; e seus setimos avós Fernando Loureiro de Figueiredo, e Mecia Martins, forão tronco commum de outras tres familias muito distinctas pelos appellidos de Figueiredos, Sousas, Barros e Farias.

o fez considerar como tronco de muitas familias illustres, que delle só derivão a representação politica de que gozão.

Imperiosamente arrebatado pelo amor das Lettras, á proporção que a sua razão se começava a desenvolver, o estudo foi o unico passatempo da sua mocidade; e aos quinze annos de idade, depois de ter frequentado hum curso de Filosofia na Congregação do Oratorio (*a*), havia já recebido o habito da Ordem Terceira da Penitencia no Convento de Jesus de Lisboa, onde professou no anno seguinte (*b*).

Foi Coimbra o novo assento em que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo continuou as suas applicações litterarias, seguindo o curso completo dos Estudos da sua Religião, e ao mesmo tempo o curso publico da Faculdade Theologica d' aquella Universidade (*c*); e forão tão rapidos os seus progressos, que apenas contava vinte e dous annos, quando o nomeárão Lente d'Artes no Collegio de Coimbra (*d*); recebendo tres annos depois com grandes gabos o gráo de Doutor na Universidade (*e*), e repetindo segundo curso de Artes no sobredito Collegio (*f*).

Mas

(*a*) O Assento de Matricula no primeiro anno do Curso Theologico da Universidade declara, que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo ajuntára Certidão de ter frequentado tres annos de Filosofia na Congregação: o Abbade de Sever acrecenta que fora seu Mestre o P. João Baptista; o qual, como todos sabem, e nota o mesmo Barbosa em outro lugar, *alcançou a gloria singular de ser o primeiro que nesta Corte dictasse a Filosofia moderna, que totalmente se ignorava em Portugal*; e isto parece ter sido presagio do muito que o seu discipulo havia de promover a plantação dos bons estudos.

(*b*) O Abbade Barbosa parece ter tomado a época da entrada pela da profissão: o Sr. Arcebispo recebeo o habito de Terceiro em 19 de Março de 1739, e professou a 25 de Março de 1740.

(*c*) Em Outubro de 1740 foi mandado para o Collegio de Coimbra estudar hum novo curso de Filosofia, e outro de Theologia, sendo seu Mestre o Dr. Fr. Joaquim de S. José; e fez a sua primeira Matricula na Universidade no 1.º de Outubro de 1741.

(*d*) No Capitulo Provincial, celebrado em Lisboa no mez d' Outubro de 1746.

(*e*) Recebeo o gráo de Licenciado a 19 de Maio de 1749, e o de Doutor a 26 do mesmo mez.

(*f*) Por disposição do Capitulo Provincial, celebrado em Santarem no mez de Agosto de 1749.

Mas por grande que fosse o louvor, que alcançou pelos seus progressos na carreira publica das Lettras, não era menor o que lhe devia resultar por suas meditações e trabalhos particulares; pois que era a sua alma mui levantada e conhecedora da propria dignidade, para se sujeitar servilmente ao pequeno circulo dos conhecimentos que então se adquirião nas Aulas; e se a obrigação de professar publicamente a Filosofia Aristotelica e huma Theologia puramente Escotistica, andava a par da falta, que muito lastimava, de quasi todos os meios de dar huma boa direcção aos seus Estudos (*a*), o seu espirito ao menos sahio são e salvo dos intrincados laberintos, onde os outros commummente ficavão enredados, e com forças bastantes para tentar por si o novo caminho que o havia de conduzir á verdadeira sabedoria. He assim que « quando os Estudos geraes tem » degeneração, ou se reduzem á influencia do mero costu- » me, fica reservada aos particulares a excepção que lhes » faz gloria, pelas suas tentativas e exemplos em adiantar » o partido das Sciencias ». A modestia do nosso Socio não lhe permittio applicar a si mesmo esta sentença, que deixou escrita nas suas Obras (*b*).

A viagem a Roma, que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo, então Secretario da Provincia Terceira, commetteo no principio do anno de 1750, para assistir ao Capitulo Geral da Religião Franciscana, fez por confissão delle mesmo huma época muito principal na sua vida litteraria (*c*). Mui-

(*a*) Dos estudos então seguidos na Ordem Terceira trata largamente o Sr. Arcebispo nas *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. *Apenas se conservou* (escrevia elle) *o estudo das especulações Theologicas e Filosoficas; e se houve doutos que no seu particular quizerão sahir a maior distancia, faltou-lhes união de outros sujeitos do mesmo entender, e o concurso de superiores e de livros: suspeitava-se das Lettras amenas vagamente, e sem tolerancia; e reputavão-se não só inuteis, mas perniciosas aos Estudos Theologicos: finalmente as controversias litterarias sobre varios pontos da doutrina da Escola excitárão fermentações, que algumas vezes degenerárão em tempestade* &c. Veja-se todo o cap. 4.

(*b*) *Memor. Histor.* acima cit. pag. 22.

(*c*) Sobre esta viagem, e sua influencia nos progressos litterarios do

tas cousas fazião illustre esta Assembléa: compunha-se de homens de muitas Nações e Provincias, notaveis huns pelo seu saber, outros tambem por sua Religião e virtudes; celebrava-se em Roma, Cidade então famosa até pela cultura dos bons estudos, tanto de Humanidades como de Sciencias, cuja recente reforma se devia ao grande genio de Benedicto XIV.; era presidida por este Pontifice, hum dos maiores Lettrados do seu tempo, e singular honrador dos Sabios, e das Lettras; finalmente concorria n'aquelle anno o Jubileu universal, que a Cabeça do mundo Christão celebrava com o maior applauso, o que atrahia a Roma hum grande numero d' Estrangeiros distinctos de todas as classes e condições.

Transportado da sua Patria para tão differente theatro, não foi o esplendor do novo espectaculo capaz de deslumbrar seu espirito: acostumado sem interrupção a huma vida de meditação e de estudo, e unindo ao ardor de saber novas cousas a facilidade de as comprehender, conseguio receber as mais expressivas demonstrações de benevolencia de eminentes personagens da Curia, e do mesmo Pontifice; communicar muitos sabios com aproveitamento e reciproco interesse; especular consideradamente as insignes Universidades, e Bibliothecas, que encontrou na sua passagem por Italia, França e Hespanha (*a*); e adquirir huma gran-

Sr. Arcebispo, veja-se o que este diz na *Dissertação sobre a Diffinibilidade do Mysterio da Conceição*, pag. 214; na Dedicatoria das *Conclusões Liturgicas*, dirigida a Benedicto XIV.; nas *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento das Lettras*, pag. 200 e seguintes; nos *Cuidados Litterarios*, pag. 79. Veja-se tambem Fr. Vicente Salgado na *Origem e progresso das Linguas Orientaes* &c. pag. 42 e seguintes.

(*a*) Entrou em Hespanha por Badajoz, e vio algumas Cidades notaveis da Estremadura, Castella nova, Aragão, e Catalunha; passou depois a França, e viajou pelas Provincias do Roussillon, Languedoc, e Delphinado, até penetrar a Saboia: dahi passou os Alpes em Monte Cenis, e vio as principaes Cidades do Piemonte, do Milanez, do Ducado de Parma, do Modenez, e dos Estados da Igreja, até chegar a Roma. Na volta esteve em Genova; e entrando em França pela Provença, penetrou outra vez o Languedoc, e desandou até Lisboa o mesmo caminho que havia andado.

grande porção de livros, ou muito raros, ou de todo desconhecidos entre nós, cujo conhecimento e lição podia accelerar a felicissima restauração dos Estudos Portuguezes.

Não chegou ao fim do anno a sua ausencia da Patria, e já no de 1751 o admirava a Universidade de Coimbra ostentando publicamente á Cadeira d'Escoto; porém deixou esta jornada gravadas no seu espirito impressões bem profundas, e huma saudosa lembrança, a que correspondeo em toda a sua vida com animo agradecido.

Restituido então ao Collegio de Coimbra, para concluir o Magisterio de Filosofia, e ensinar successivamente hum novo curso de Theologia (*a*), os Estudos fizerão a sua primeira occupação, e as suas unicas delicias; assim parecia que queria vencer em breve carreira o longo estadio d'aquellas Sciencias; e que não contente de copiar em si os altos exemplos de sabedoria, que observára na sua peregrinação, pertendia nada menos que reproduzir os bellos dias da florente reputação das Lettras na sua Familia, e se tanto podesse, na sua Nação (*b*).

Sem duvida podia então julgar-se maravilhoso hum semelhante projecto: não porque fosse muito difficil conhecer os vicios do complicado systema dos nossos Estudos, e o verdadeiro methodo por que estes se devião dirigir; outros homens dotados de bom senso conhecião igualmente que as Sciencias da razão e da fé não podião prosperar, em quanto fossem desconhecidos os seus necessarios subsidios, e em quanto o espirito humano gemesse debaixo do jugo da escravidão litteraria.

Mas ¿de que servia este conhecimento? em huns não produzia mais do que hum triste desalento; em outros atiça-

 va

(*a*) Lêo Theologia no anno de 1753, e nos dous seguintes; no ultimo dos quaes era Lente de Prima no Collegio de Coimbra.

(*b*) Sobre os variados Estudos, á que então se applicava, e sobre a natural influencia que devião ter para a reforma das Lettras na Congregação Terceira, veja-se o que elle mesmo escreve nas *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. pag. 197 e seg.

va sim a paixão do estudo, mas de hum estudo medroso e assustado; não poucos preferião á verdadeira honra, que dá a sabedoria, as honras e contemplações externas dependentes do vicioso systema litterario, que gozava exclusivamente do favor publico; a maior parte não estimava o que não sabia, e o que não queria aprender; e se algum tinha a constancia de affrontar descobertamente os antigos prejuizos, ficava exposto ao escarneo dos que presumião de sabios, e era desamoravelmente atacado no seu saber, na sua moral, e até na sua crença (*a*).

Diverso systema, e por certo mais seguro, inda que de mais vagaroso effeito, foi o que seguio o Mestre Cenaculo. Muito prudente para combater de viva força as opiniões publicamente autorizadas, não pertendia tornar aborrecida na pessoa do sabio desabrido a sabedoria que queria fazer amavel; ao contrario inculcava hum grande respeito aos outros Mestres com quem vivia; louvava o que havia de bom nos estudos do tempo; interessava até a Escolastica sobria e sincera para combater huma Escolastica servil e palavrosa: mas ao mesmo tempo indicava com a mansidão e candura que fazião o seu caracter, o differente caminho que com mais certeza conduzia ao conhecimento da verdade; e sobre tudo mostrava com o seu exemplo, que não ha difficuldades que o espirito humano não deva vencer pela natural fermosura da sabedoria (*b*). Deste modo cada dia alcançava a boa causa hum novo triunfo, e os animos se hião dispondo insensivelmente para a restauração dos bons Estudos.

Forão o primeiro effeito publico d'aquelle moderado systema os dous Certames Litterarios a que presidio, nos quaes ousou expor a Historia da Filosofia, então despreza-

da

(*a*) Todos sabem quantas tempestades se excitárão entre nós por occasião do *Verdadeiro Methodo de estudar* do sabio Verney, e das primeiras Obras que publicou o Sr. Antonio Pereira de Figueiredo.

(*b*) Vejão-se as *Memorias Historicas* acima citadas, de pag. 197 por diante.

da nas nossas Aulas, e tratar com liberdade e em linguagem intelligivel algumas partes da Metafysica.

Forão outro effeito as Conclusões de Liturgia, defendidas em Lisboa e dedicadas a Benedicto XIV. no tempo em que era quasi desconhecido em Portugal este ramo da Theologia; e então mesmo quando huma Congregação poderosa lutava com penosas difficuldades, que retardárão não menos que onze annos a organização da Academia Liturgica, instituida por aquelle Pontifice no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (*a*).

A Dissertação sobre a diffinibilidade do Mysterio da Conceição deo hum exemplo tão illustre como raro da moderação com que se devem tratar as controversias Theologicas, e do bom uso d'aquelles argumentos que só as podem decidir. Assim com hum pequeno Escrito, louvavel até pela brevidade e boa digestão de materias, recreárão-se os espiritos cançados dos clamores que de longo tempo se havião excitado, e da leitura de enfadonhos volumes que sobre este assumpto saírão dos nossos prélos (*b*). Ninguem mais

(*a*) A nossa Academia Liturgica Pontificia foi fundada por Benedicto XIV. no Real Mosteiro de Santa Cruz no anno de 1747; porém diversos incidentes obstárão a, que se pozessem em exercicio as duas Cadeiras de Historia Ecclesiastica, e dos Sagrados Ritos, que sómente se abrírão no de 1756; formando-se ainda dous annos depois, isto he, no de 1758 a mesma Academia, a que forão aggregados muitos e habeis Socios. (Veja-se o Tom. I. da Collecção da Academia Liturgica.) Se no Catalogo daquelles não apparece o nome do Sr. Arcebispo d'Evora, he certo que nenhum dos outros tinha para isso direito mais bem fundado; pois que não só fora elle o primeiro que professára publicamente os Estudos Liturgicos, mas a sua Obra contém hum Compendio muito bem feito do que a Escritura, a Tradição e as antigas Liturgias nos ensinão ácerca do que pertence ao essencial do Sacrificio da Missa, e aos seus ritos e ceremonias accidentaes.

(*b*) Poucos annos antes, isto he, no de 1759, havia publicado Dionysio Bernardes de Moraes hum espesso livro de 1140 paginas de folha, com o titulo *Animadversiones Criticas Dogmaticas* &c. no qual se esforçou a defender a tradição e voto da Conceição contra os ataques de Muratori: mas não se achando talvez hum leitor dotado da constancia necessaria para levar ao fim tão cançada lição, foi novamente agitada esta questão com grande calor; o que deo occasião a que o Sr. Arcebispo compozesse esta sua Obra.

mais entre nós impugnou ou defendeo em Escritos Polemicos aquella Tradição.

No entretanto renascia com hum novo lustre o estudo das linguas Grega e Hebraica pelos seus honrosos esforços: a falta de mestres, e de bons livros, e de sabios versados nestas erudições, ou que ao menos as estimassem, era suprida por hum trabalho duro, e huma constancia á qual nada fazia esmorecer (*a*). Foi então que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo emprendeo a versão completa da Vulgata Latina, illustrada e comparada com os antigos Originaes (*b*): e se depois lhe faltou o ocio necessario para concluir tão grande obra, teve ao menos a gloria de ser o primeiro que a commettesse (*c*); deixando em seus escritos, para os que qui-

---

(*a*) Posto que o estudo destas linguas tivesse florecido entre nós nos seculos passados, e que na Universidade de Coimbra ainda por este tempo se conservassem Aulas, onde as ditas linguas se podessem aprender; comtudo segundo o dito do judicioso Verney (*Verdadeiro Methodo de Estudar*, Carta 4. pag. 113.) apenas havia quem tivesse mais noticia do Grego que das palavras *Kyrie eleison*; e do Hebraico, que dest'outras *Alleluia*, e *Amen*. Nem esta expressão se póde julgar exagerada; pois quando o Sr. Arcebispo começou a restaurar este estudo, apontavão-se com o dedo as pessoas que entendião o Grego; e posto que residisse em Coimbra, não teve quem o dirigisse para entrar no conhecimento desta lingua, mais que huma Arte alli impressa em 1608, e *hum apenas entendido* Scapula; nem para entrar no da lingua Hebraica, mais que a Arte do P. Quadros, mandada vir de Salamanca, e o Lexicon pequeno de Buxtorfio. Ainda mais: quando elle quiz fazer novamente uso para as ultimas Conclusões de Filosofia dos poucos e máos caracteres Gregos, que ainda restavão de tempos antigos na Typografia da Universidade, e dos quaes se havia servido hum anno antes em outras Conclusões, tinhão estes subitamente desapparecido. Vejão-se as *Memor. Historic. dos progressos e restabeletimento* &c. pag. 202.

(*b*) Deste projecto, em que elle tinha por companheiros outros dous Doutores da Universidade, e Eremitas de Santo Agostinho, dá noticia Salgado na *Origem e progresso* &c. pag. 47, 48.

(*c*) Quando o Sr. Arcebispo projectou o trabalho da versão da Biblia; não só faltava entre nós huma semelhante obra feita por Autor Orthodoxo, mas estavão ainda em vigor as antigas Leis que prohibião as versões vulgares da Escritura; de sorte que no anno de 1756, isto he, hum anno antes que se publicasse o Decreto da Congregação do Indice, o qual sabiamente mitigou as mesmas Leis, ainda o Concelho Geral do Santo Officio no seu Edital de 8 de Outubro entre outras cousas que

quizessem de novo intentalla, não só estimulos, mas documentos, e exemplos (*a*).

Nem erão os Estudos severos os que fazião a sua unica occupação; o das Humanidades e da Historia divertia suavemente o seu espirito, e lhe dava novo alento na carreira das Sciencias. Deste estudo forão fruto varios Opusculos escritos neste periodo, e entre elles a elegante Oração Latina em louvor do Eminentissimo Cardeal Manoel, por occasião da sua exaltação ao Trono Patriarchal, recitada na Igreja de Jesus, sendo presente aquelle Prelado, e com assistencia e universal applauso de toda a Corte, e de hum luzido e sabio Auditorio.

Dem-me hum homem que franqueando a si mesmo a vereda da Sabedoria, caminhe sempre por ella com passos firmes, sem pagar o necessario tributo á illusão ou ao erro. Mas embora o grande engenho de Raimundo Lullo, seu decidido empenho em procurar a conversão dos Arabes, e em vulgarizar o estudo das Linguas Orientaes, fascinassem os olhos d' hum sabio já acostumado á luz de melhores doutrinas, e o arrastassem a escrever com demasiado calor a apologia d' hum systema extravagante de filosofar (*a*); he certo

censurava n' huma Obra do Cavalheiro Oliveira, era impugnar elle a prohibição da Biblia na lingua vulgar.

Mas se aquelle Sabio merecegrande louvor por intentar hum trabalho que então se reputava em si mesmo odioso, não merece menos por se atrever a desprezar o juizo de muitos homens, os quaes, como elle depois escreveo, *se assustavão só de ouvir fallar nos Estudos Hebraicos, como que estes deixassem a Tradição no esquecimento.* Pelo contrario continuou sempre a dar tanta importancia ao estudo das linguas originaes para huma versão perfeita da Biblia, que só por isso obstou muitos annos depois á publicação do Testamento Novo traduzido pelo Sr. Antonio Pereira, o qual era destituido d'aquella erudição; de maneira que não se começou a imprimir a sua Obra, senão no anno de 1778, quando já aquelle Prelado não era Presidente da Mesa Censoria; e a isto allude o Traductor na Dedicatoria ao Cardeal da Cunha.

(*a*) Vej. a *Patente sobre o verdadeiro systema de Theologia, que se deve seguir na Provincia da Ordem Terceira*; e os *Cuidados Litterarios*, onde principalmente se achão espalhados muitos exemplos d' huma boa e fiel versão.

(*a*) Entre as Obras que sahírão contra o *Verdadeiro Methodo de estu-*

to que foi a sorte de Lullo ter grandes homens de diversos paizes e seculos por defensores, e por adversarios; e que estava reservado ao nosso Consocio reduzir muitos annos depois ao seu justo valor o systema Lullano (*a*).

DEsde que o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo concluindo em 1755 o Magisterio de Theologia no Collegio de Coimbra, veio fixar a sua residencia em Lisboa, a fama de seus talentos e virtudes, que muito antes o havia precedido, lhe abrio novos caminhos para empregar aquelles dotes em publica utilidade. Assim foi successivamente nomeado Cronista da sua Provincia (*b*), Lente Jubilado, Examinador das Igrejas e Beneficios das Ordens Militares (*c*), e Synodal do Patriarchado (*d*); Ministro Consultor da Santa

---

dar, foi huma o *Retrato de Morte-cor*, que se attribue ao Jesuita Joaquim Rebello: ahi a pag. 35. defende-se brevemente Raimundo Lullo da nota de *louco*, com que o tratára o Barbadinho na Carta 8. pag. 286. Ao *Retrato de Morte-cor* respondeo Verney no *Parecer do Doutor Apolonio Philomuso Lisbonense, dirigido a hum grande Prelado do Reino de Portugal*, onde a pag. 46. trata de Lullo, resumindo o mesmo que sobre elle escrevêra Natal Alexandre. Por occasião desta ultima Obra, e contra ella, he que o Sr. Arcebispo publicou as suas *Advertencias Criticas e Apologeticas*.

Quasi pelo mesmo tempo escrevia o Sr. Antonio Pereira a sua apologia dos Equivocos, que se achavão desatendidos em muitos lugares das Cartas de Verney. Mas se estes dous sabios não defendêrão a melhor causa nestas suas Obras, pode-se crer que em muitas cousas levárão a palma ao seu adversario; e que este não teria excitado as suas invectivas, se se contentasse com impugnar o uso dos equivocos em Obras de eloquencia, sem affirmar que esse uso fòra desconhecido de toda a antiguidade; e com criticar o systema Filosofico de Lullo, sem amontoar as calumnias com que Natal Alexandre denegrira a reputação deste celebre Escritor. Mas nas disputas litterarias, como em todas as outras; he mui difficil não discrepar do unico ponto da questão, e talvez da verdade.

(*a*) Veja-se o que posteriormente escreveo a respeito deste systema nas *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 78, e nos *Cuidados Litterarios*, pag. 23, e 303.

(*b*) Por Patente do Geral Molina em data de 6 de Maio de 1757.

(*c*) Por Provisão da Mesa da Conciencia de 25 de Janeiro de 1758, e por outra do mesmo teor de 8 de Outubro de 1768.

(*d*) Por Aviso do Cardeal-Patriarcha de 22 de Abril de 1768.

ta Cruzada (*a*), Qualificador do Santo Officio (*b*); e ultimamente Capellão Mór das Armadas (*c*), emprego que lhe conferio a benignidade do Soberano, e no qual fez assinalados serviços e de muito decóro á sua Congregação (*d*).

Mas nem a multiplicidade destes cargos, nem o desempenho de outras ainda mais importantes obrigações (*e*), o podião retrahir ou das applicações litterarias a que d'antes exclusivamente se dedicára, ou do projecto que havia concebido de accelerar a reforma das Lettras Portuguezas; o tempo que reputava perdido para o estudo, compensava-o com as horas roubadas a huma innocente distracção, e ao descanço corporal; e os seus amigos attestão, que o encontravão repetidas vezes já alto dia, rodeado de livros, ou entregue á meditação, sem que a noite tivesse interrompido por algum tempo o seu trabalho (*f*).

Então se aperfeiçoava no conhecimento da lingua Grega (*g*), e aprendia os primeiros elementos do Arabigo e Syriaco (*b*): então com o estabelecimento d'huma Sociedade Litteraria no Convento de Jesus (*i*), e mais que tudo com a

(*a*) Por Provisão do Commissario Geral da Bulla, de 16 de Setembro de 1761.

(*b*) Por Provisão do Concelho Geral do Santo Officio, de 20 de Setembro de 1765.

(*c*) Por Patente assinada por S. Magestade em 20 de Dezembro de 1764.

(*d*) Vej. o *Commentario VI. sobre a Capellania Mór*, no fim das *Memorias Histor. dos progressos e restabelecimento* &c. pag. 317, e 318.

(*e*) Já neste tempo, isto he, pelos annos de 1765, e 1766, era chamado o Sr. Arcebispo por ordem d'ElRei, para assistir a differentes Juntas extraordinarias, onde como elle mesmo escrevia, *se tratavão negocios de gravissima entidade.*

(*f*) Fr. Vicente Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 49.

(*g*) Foi seu Mestre desta lingua em Lisboa o Abbade Durand. Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 49.

(*b*) Joaquim Sader, natural de Alepo, que appareceo em Lisboa no anno de 1763, foi quem o dirigio neste estudo, segundo escreve o mesmo Salgado na Obra citada, pag. 51; o qual accrecenta, que conservava em seu poder algumas folhas que o Sr. Arcebispo então escrevêra, e que erão os primeiros ensaios que fizera no mesmo estudo.

(*i*) Desta Sociedade dá noticia Salgado não só na *Origem e progresso*

a composição das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, conseguia (para me servir de suas mesmas palavras) „ introduzir em parte, e em parte fomentar as applicações „ e estudos uteis do Claustro, a fim de que a mocidade „ Religiosa tirasse luzes e estimulos para ser erudita, e „ passar alem do systema Escolastico exclusivo „.

Comtudo novo campo se offereceo ao Sr. Fr. Manoel do Cenaculo de mostrar-se prestadío á sua Religião e á Patria, quando em Março de 1768 se publicou no Convento de Jesus, com Beneplacito Regio, a sua nomeação para Provincial da Ordem Terceira de Portugal (*a*), e quando poucos dias depois foi provido por Sua Magestade em hum lugar de Deputado Ordinario da Real Mesa Censoria, logo na sua creação (*b*).

Não pertendo attribuir a hum homem só toda a gloria que compete ao mesmo tempo a muitos; sómente direi, que se a qualidade dos negocios que nesta Mesa se tratárão (que sem duvida forão os mais arduos e ponderosos d'aquelle Reinado (*c*)) acredita os individuos que forão chamados para a formarem; não parecerá exageração dizer, que entre tantos varões egregios ninguem desempenhou melhor a expectação do Soberano, do que aquelle que dous annos depois foi escolhido para Presidente do mesmo Tribunal de que era membro.

Poucos dias, mas esses da maior gloria para este Sabio, e credito para a Patria de que era filho, o demorárão fóra de Portugal, quando pelo novo emprego de Provincial da Ordem Terceira, foi chamado ao Capitulo Geral de Valença. Chegava apenas a esta Cidade o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo, sem aguardar o risco que a sua reputação litteraria hia correr, e o triunfo que havia de conseguir,

&c. pag. 50; mas nos *Elogios Historicos dos Arcebispos e Bispos*, *professos na Ordem Terceira*.

(*a*) Salgado *Compend. Histor. da Congreg. da Terceira Ordem*, pag. 211.

(*b*) Passou-se-lhe Carta de Deputado em 21 de Abril de 1768.

(*c*) Basta consultar para exemplo a *Collecção de Leis e Sentenças sobre o Scisma do Sigillismo*. Impr. em Lisboa em 1769.

guir, quando pelo repentino impedimento do Orador, a quem estava incumbido o Sermão da abertura do Capitulo, foi elle escolhido para satisfazer hum tal encargo, por muitos outros regeitado. O espaço de onze horas, que só retardava o principio da solemnidade, e esse mesmo roubado ao descanço necessario depois de huma longa jornada, foi-lhe tempo bastante para meditar e escrever huma eloquente Oração Latina, accommodada ao Evangelho do dia, a qual attrahio de modo singular os animos d' hum Auditorio entendido, e tantas vezes emulo das nossas glorias (*a*). As honras publicas e extraordinarias, o applauso geral e muitas vezes repetido (*b*), finalmente a publicação do Discur-

(*a*) O Sr. Arcebispo contava muitas vezes a afflicção em que se tinha visto, quando começou o seu trabalho: pois que se tratava da honra e decoro da Religião Franciscana, da reputação da Provincia Terceira de Portugal, e do credito da Litteratura Patria, e do Soberano, que acabava de apreçar e remunerar os talentos do Orador. Alem disto ninguem conhecia melhor a difficuldade da empresa, por quanto (como elle escrevia nas *Memor. Histor. do Minister. do Pulpito*, pag. 228.) *dizer extemporaneamente ao ponto com regularidade Oratoria e animada, he de rarissimos sujeitos; dizer de repente com persuasão e bom estilo, ainda que falte em alguns periodos a harmonia Rhetorica, he de pessoas muito versadas, e muito possuidas da verdade da materia, e de Oradores natos: maior he o numero daquelles, que se acaso não proferem despropositos, o que he difficultoso prevenir na Oração repentina, comtudo levão o discurso substancialmente dirigido, ainda que ora frouxo, ora vehemente na dicção.*

(*b*) O Franciscano Fr. João Baptista Servera dá o seguinte testemunho desta Oração, o qual se imprimio juntamente com ella: *Vehementer stupui, eo quod orator noster in tali temporis angustia, ut nec rem concipere valeret, talem tamque augustam, præclaram, omnibusque numeris absolutam Orationem confecerit, et prodierit. Hora etenim noctis circiter undecima, monitus fuit Reverendissimus noster Generalis Præsul de impedito in itinere Religioso illo viro, ad munus hoc die sequenti inter Missarum solemnia exequendum destinato. Nox vero illa fuisset, et nostratibus, et maxime Generali nostro Præsuli, non tam tenebris oppressa, quam anxietatibus refecta, (cum perdifficile videretur, ut in gravissimo illo, et si tot doctissimorum hominum consessu, quispiam inveniretur, qui brevissimo spatio coram amplissimo formidandoque eorum conspectu dicere auderet) nisi inter tot tantosque viros adesset R. admodum P. Emmanuel á Cœnaculo Lusitanus. Siquidem hac sua Oratione, undecim horarum spatio confecta, veluti repentino lumine nobis orto, á caligine communis anxietatis et mœstitiæ nos lætanter eripuit, et omnibus clarissimis sapientissimisque audientibus viris, qui de hoc testimonium perhibent, diem lætissimum dedit.*

so quasi como fôra por elle escrito, ao menos sem algum retoque ou emenda (*a*), davão ao Orador Portuguez huma recompensa, de que a sua modestia se fatigava; e lhe fazião conhecer, que nada seria negado ás suas rogativas. Hum só premio ousou elle a pertender, que era a permissão para reformar os Estudos da sua Provincia Portugueza; e o Capitulo fazendo o devido apreço de tão zelosa supplica, não só lhe concedeo a licença pedida, mas fez-lhe a honra que elle não sollicitava, de o eleger com uniformidade de votos em Definidor Geral de toda a Familia Franciscana.

A reforma dos Estudos da Ordem Terceira forão os primeiros cuidados do Sr. Fr. Manoel do Cenaculo, logo que se recolheo á Patria (*b*): elle a meditou e executou com huma sabedoria superior a todo o elogio; sendo o primeiro que em nossos dias estabeleceo em Portugal hum systema arrazoado de ensino, ou se attenda ao encadeamento dos Estudos e á constituição particular delles, ou á cultura das Humanidades como subsidiarias das Sciencias maiores, ou á prudente economia das Aulas, e do estudo (*c*):

O

(*a*) O Autor escreve no *Diario* desta jornada: *Eu lhe acrecentei no Exordio hum comprimento ao Reino de Valença, que ampliasse o que tinha recitado; e acrecentei duas hypotyposis: o mais he como o fiz em a noite que mo encomendárão. Roguei por ultimo ao Padre Molina, que semelhantes Orações não são para imprimir, pois não são perfeitas; nem se deve variar, porque seria faltar á ingenuidade.*

(*b*) Vej. as *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento* &c. pag. 208. O Sr. Arcebispo estava persuadido ha muito tempo, que a economia dos Religiosos apenas póde subsistir com dignidade sem estudos, e que a ruina dos Regulares entre outras causas nasce da falta de amor á solida Litteratura. *Não pertendo* (escreve elle) *com as minhas expressões contrariar o merecimento dos Institutos, em que se abstrahe de applicações litterarias: mas que qualidades, e que exercicios se requerem nos membros de semelhantes Institutos? Memor. Histor. do Ministerio do Pulpito*, pag. 80. E em outro lugar: *As bellas lettras dão calor, adoção o estilo, e consomem não sei que rustico ar; que costumão ter animos onde ellas não entrão. Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento* &c. pag. 100.

(*c*) Os estudos estabelecidos pelo Sr. Arcebispo na Ordem Terceira, forão os das Linguas Franceza, Ingleza, Italiana, Grega, Hebraica, Arabiga, e Syriaca; os da Rhetorica, e da Mathematica; e os da Filosofia, Moral, Theologia, e Direito Canonico.

o qual systema adquirio tal reputação, que depois o vimos substancialmente seguido no plano da reforma da Universidade, assim como he de esperar que ainda o vejamos segui-

Com a Rhetorica unia-se o estudo secundario da Geografia, da Critica, da Filologia, e da Historia universal; e estavão regulados os exercicios praticos, proprios do objecto principal da Cadeira.

O curso de Filosofia constava de tres annos: no primeiro explicava-se a Historia Filosofica, a Logica, e a Geometria; no segundo a Metafysica, e a Fysica; no terceiro a Ethica, e o Direito Natural.

O curso de Canones dividia-se tambem em tres annos: no primeiro explicava-se a Historia, e as Instituições do Direito Canonico; no segundo o Codigo antigo dos Canones da Igreja Universal; no terceiro as Decretaes.

A Historia Ecclesiastica, commum aos Canonistas e Theologos, dividia-se sabiamente em tres annos, em cada hum dos quaes se explicavão seis seculos da Igreja.

O curso de Moral durava tres annos: o ultimo era destinado para exercicios praticos, e para os Estudantes frequentarem a Aula de Filosofia Moral.

Finalmente o curso de Theologia, dividido tambem em tres annos, compunha-se das Cadeiras de Historia Ecclesiastica, Religião Revelada, Theologia Dogmatica, e Escritura.

As antigas denominações de Lentes de Primá, Terça, Noa, e Vesperas, forão abolidas. Prohibio-se todo o uso de escrever nas Aulas, substituindo-se ás antigas Postillas os Compendios classicos approvados para esse effeito.

Todas as semanas se devia ler por espaço de duas horas por algum livro magistral da materia que andasse entre mãos, para os Estudantes conhecerem os Autores que podião consultar em tempo opportuno. Para este fim devião tambem os Mestres levar os seus discipulos á Livraria nos dias feriados, para lhes mostrarem os livros das suas Faculdades, e ler-lhes alguns lugares da Historia Litteraria respectiva.

Havia hum Concelho, ao qual pertencia regular, consultar, e promover quanto respeitava ao estado litterario da Provincia.

Os exercicios praticos das Aulas erão muito recommendados: *pois o methodo de formar os homens em doutrina, consiste na certeza dos bons principios, applicados methodicamente, e por muito exercicio á diversidade de materias, que se estudarem.* A estes Exercicios acrecião as Sabatinas, as Conferencias, e os Exames geraes.

As Opposições ás Cadeiras constavão de tres diversos exercicios: 1.° de fazer o Oppositor extractos de passos d'alguns livros escolhidos: 2.° de repetir huma lição de ponto tirado por sorte: 3.° de escrever huma Dissertação sobre assumpto grave e vasto.

Depois de nove annos de Leitura, de publicar duas Dissertações, e de presidir a duas Conclusões publicas, podia obter qualquer Mestre a sua Jubilação.

Eis-aqui o espirito em que he feito o primeiro Plano de Estudos.

guido n'outras providencias que a experiencia de todos os dias mostra necessarias para a perfeita constituição dos nossos Estudos publicos.

Mas ¿ que difficuldades não venceo o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo para levar ávante a reforma que havia intentado? Era preciso combater o falso zelo daquelles, que educados com os antigos prejuizos, reputavão as modernas doutrinas, e methodos, e livros, ou inuteis, ou perigosos; e o estudo simultaneo de tantas disciplinas superior ás capacidades e applicações ordinarias: e elle combateo ora com exhortações paternaes, ora com illustrações sabias, ora com decidida severidade tão injustas calumnias (*a*).

Erão precisos Livros proporcionados a tão variadas applicações, e Mestres que ensinassem linguas, ou desconhecidas entre nós, ou pouco estudadas; e elle lança os fundamentos á grande sala da Livraria do Convento de Jesus, e adquire a melhor parte da preciosa collecção de Livros, de que hoje se vê ornada. Alem disto, á fama do Portuguez Cenaculo concorrem de Paizes Estrangeiros ao seu Convento de Lisboa Sabios versados nas Linguas Orientaes, ou que as havião bebido com o leite; os quaes presos do gasalhado e affabilidade d'aquelle Prelado, deixão de todo estabelecido este ensino, e radicado o uso das Assembléas Litterarias, nas quaes muito achárão que aprender do seu benigno hospede (*b*).

Era

(*a*) Vej. principalmente a Patente de 14 de Janeiro, e a de 10 de Setembro de 1770, sobre a execução do Plano de Estudos. Tambem aqui tem lugar fazer menção da Patente de 11 de Outubro de 1769, *sobre as virtudes que se devem praticar no Claustro, para se conservar a paz e observancia Religiosa*; e da outra de 2 de Junho de 1770, em que se propoz hum novo Regulamento para o Noviciado: pois com estas disposições se acalmárão as agitações funestas da Provincia, e se acostumou a mocidade desde o seu tirocinio Religioso a huma vida litteraria.

(*b*) Entre os Estrangeiros que por este tempo estiverão no Convento de Jesus, conta Fr. Vicente Salgado o Marroquino Abrahão Bem Isai, Judeo d'aquelle Imperio; D. José Maron, Vigario Geral de Antiochia; o Maronita D. Paulo Hodar; Fr. Rafael Rodrigues Mohedano, Autor da Historia Litteraria de Hespanha. Vej. *Origem e progresso* &c. pag. 65, e seg.

Era em fim preciso que o publico mostrasse interesse pelos novos Estudos, e que estes não ficassem encerrados no breve recinto da Provincia, que lhes havia dado o berço: e a este respeito ¡ quão bem pago foi o seu zelo! Mandavão-se vir de Londres a instancias suas os typos dos caracteres Orientaes, para uso da Typografia Regia, e servião logo para a impressão das Instituições da Grammatica Hebraica, e Arabiga, que sahião do Claustro de Jesus (*a*); achavão-se as Aulas deste Convento cheias de Estudantes seculares, que a ellas hião receber educação e doutrina (*b*); alli mandavão estudar seus alumnos quasi todas as Congregações Regulares de Portugal, e ainda a Provincia Terceira de Andaluzia (*c*); e deposto todo o espirito de emulação, ou fazião seu o Plano d'Estudos alli seguido, e o adoptavão para as suas Escolas (*d*); ou confessavão publicamente o seu agradecimento ao sabio Cenaculo, e chamavão seus Mestres aos Mestres Terceiros (*e*).

Os mesmos Principes (*f*), os maiores Senhores do Estado, os Sabios Nacionaes e Estrangeiros concorrião ao Convento de Jesus, para admirar os rapidos progressos que fazião os Estudos, principalmente o das Linguas; pois que no curto espaço de cinco annos se celebrárão Actos publicos de Linguas Orientaes (*g*), e Academias Litterarias, que at-

---

(*a*) Salgado, *Origem e progresso*, pag. 76, 82.

(*b*) Salgado, na mesma Obra, pag. 64, 85; e no *Compendio Historico*, pag. 216.

(*c*) Salgado, na *Origem e progresso* &c. pag. 78, e seg.

(*d*) As duas Provincias Franciscanas de Portugal e dos Algarves fizerão seu o Plano de Estudos da Congregação Terceira, e o publicárão novamente para uso das suas Aulas; a segunda em 1769, e a primeira em 1776.

(*e*) Vejão-se os Planos citados das Provincias de Portugal e dos Algarves, na Prefação; o *Regulamento das Escolas do Collegio d'Alcobaça*, impresso em 1776, a pag. 26; e os *Estatutos Litterarios dos Religiosos Carmelitas calçados*, impressos no mesmo anno, a pag. 62.

(*f*) Indo o Serenissimo Sr. D. José, Principe da Beira, ao Convento de Jesus no verão de 1770, já alguns Religiosos lhe fizerão suas fallas nas Linguas Orientaes. Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 70.

(*g*) O Acto publico das Instituições Grammaticaes das Linguas Orien-

attestarão á posteridade a pericia com que aquelles Religiosos escrevião em tantos idiomas peregrinos (*a*).

Assim nenhuma Escola tinha adquirido entre nós tamanha celebridade! Ao espirito que a animava deve a Congregação Terceira as mercês que tem recebido da grandeza dos nossos Soberanos (*b*): della sahírão então sujeitos benemeritos, que depois forão utilmente empregados, já como Enviados ás Cortes Barbarescas, já nos lugares Civís e Ecclesiasticos de maior graduação, ainda mesmo n'aquelles em que quasi exclusivamente se requerem os Estudos Mathematicos (*c*).

Lastimava-se ainda nos seus ultimos Escritos este Prelado (*d*), de que seus trabalhos em promover a reforma das Lettras, e em particular o estudo das Linguas, tivessem padecido interrupções desagradaveis. Tal he a vicissitude das cousas humanas, que ora se levantão do abatimento em que jazem, ora se precipitão nelle da maior altura a que se elevárão! Comtudo creou aquella reforma hum lume bem vivo, que se não he em algum tempo alimentado pelo commum dos homens, fica religiosamente conservado por hum numero limitado de sabios, que de novo o podem diffundir em futuros socegados dias. Então na escolha dos arbitrios, que possão fazer prosperar os Estudos, se conhecerá a preferencia d'aquelles que este Sabio poz em pratica; e

o

taes foi celebrado no anno de 1773, com assistencia de dous Ministros de Estado, e de muitos Senhores e Litteratos da Corte. Vej. Salgado, na Obra cit. pag. 82, 83.

(*a*) Veja-se a *Academia celebrada pelos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco, do Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa, no dia da solemne Inauguração da Estatua Equestre d'ElRei D. José primeiro, N. Senhor*. Lisboa na Officina R. 1775. fol.

(*b*) O Sr. Rei D. José doou á Congregação Terceira em 1776, o Collegio onde estava a antiga Universidade de Evora: e S. Magestade que Deos guarde, fez permanente no Convento de Jesus o ensino da Lingua Arabiga, pelo Seu providente Decreto de 12 de Abril de 1795.

(*c*) O Sr. Fr. João de Sousa foi mandado varias vezes a Marrocos e a Argel, ou como Interprete, ou como Enviado; Fr. Alexandre de Gouvea foi Bispo de Pekim; Fr. Marcellino José da Silva, de Macao; Fr. Caetano Brandão, do Pará, e depois Arcebispo de Braga: não fallando nos empregos que tiverão os Mestres Estrella, Maine, e Abrantes.

(*d*) *Cuidados Litterarios*, pag. 535.

o seu espirito imprimido nas Obras que publicou, será hum grande incitamento para se conseguir aquella prosperidade.

Fallo das Obras, que primeiro mostrárão aos Portuguezes novos horizontes, onde elles então não tinhão penetrado; das que lhes excitárão a lembrança de seus fermosos e tristonhos dias em todo o genero de Sciencias e Litteratura; das que os estimulárão para adquirirem o bom gosto de saber, e lhes ensinárão a honrar o merecimento em qualquer seculo e paiz que se achasse (a): fallo especialmente d'aquella parte das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, onde se trata da origem e progressos da nossa Litteratura; do *Appendix sobre a reforma das Sciencias e das Artes na Europa*; e das *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras na Ordem Terceira*; das quaes Obras todas se póde tirar o fundamento de huma excellente Historia Litteraria Européa, a qual respectivamente ao nosso paiz, se deveria então reputar a primeira, e pela extensão e variedade das materias ainda hoje a unica (b).

¿QUe homem mais digno poderia escolher o illustrado espirito do Sr. Rei D. José, para presidir á educação de seu

(a) *Os erros* (escrevia o Sr. Arcebispo) *são de todos os tempos: a diversidade consiste em fazerem ou os erros, ou o bom gosto, a totalidade, ou a excepção, e formar-se delles o caracter dos seculos.* Memor. Histor. do Minist. do Pulpito, pag. 294. E em outro lugar: *Esta combinação dos dous estados, isto he, da situação, que precedeo á reforma das Lettras, e do que esta produzio, dá muito a conhecer as ventagens dos ultimos seculos. Mas eu devo prevenir o leitor por tres considerações: primeira, que a comparação seja instituida com a idade media: segunda, que não sejão reputados destituidos de todo o merecimento os seculos, em que esse merecimento era suffocado pela barbaridade: terceira, que nem desta barbaridade, nem de outros defeitos carecem os mesmos dias illustrados.* Appendix sobre a reforma das Lettras &c. pag. 52.

(b) Diz-se *o fundamento de huma Historia*, e não *huma Historia*; pois que o objecto destas Obras era, como escrevia o seu Autor, *excitar os animos para a sincera cultura das Lettras, e para serem professadas com methodo; apontando para aquelle fim as causas, e os effeitos dignos da imitação, ou da censura.* Alem disto ellas forão escritas aos pedaços, *aproveitando* o mesmo Autor *as opportunidades, que a Providencia lhe offerecia, para unir as especies alcançadas em differentes tempos, e ainda quando as Erudições Escolasticas exclusivas servião de unico assumpto dos Estudos.*

Augusto Neto, e para dirigir ao mesmo tempo a sua consciencia e os seus estudos (*a*)? Tão sabio e politico como Bossuet, tão modesto e virtuoso como Fenelon, teve ainda o Sr. Fr. Manoel do Cenaculo a gloria de viver junto de hum Principe, que não só em candideza d'alma, e sua vasta comprehensão, mas no amor forte e constante que consagrava a seu Mestre, se aventajava grandemente aos antigos Principes da França. Os elementos da Geometria, a Historia Patria, e a Universal forão o primeiro objecto de suas lições: mas a sciencia propria de hum Principe, e o conhecimento pratico das virtudes que deve ter aquelle, a quem ha de ser incumbido o governo dos Povos, erão todo o fundamento da instrucção sublime que do extremoso Mestre recebia seu Real Discipulo; cujo feliz adiantamento o fez tão querido dos Portuguezes, e faz hoje mesmo tão saudosa a sua memoria. O que sem duvida me será permittido dizer livremente n'hum dia dedicado a solemnizar o Nome do nosso Soberano e Protector; pois que Suas Regias Virtudes, que tão amado o fazem de Seus Vassallos, igualmente tiverão consistencia e augmento n'aquella excellente Escola; e pois que Elle mesmo com huma virtuosa emulação, que tão bem assenta n'hum Principe perfeito, não duvidava dar publicamente o titulo de Seu Mestre ao Mestre de Seu Augusto Irmão.

Pouco tempo antes de ser incumbido o Sr. Fr. Manoel do

(*a*) A nomeação do Sr. Arcebispo para Confessor do Principe parece ter sido feita em 8 de Dezembro de 1768; mas em 16 de Março do anno seguinte he que foi datado o Decreto, que lhe assina por este cargo o ordenado de 260$000 rs. no rendimento da Casa de Bragança. A nomeação de Mestre foi feita posteriormente pelo Aviso do teor seguinte: *Ex.mo e R.mo Sr. Sua Magestade tendo consideração ás lettras e merecimentos de V. Ex.a e pela confiança que faz da sua Pessoa, Houve por bem nomeallo Mestre do Principe Nosso Senhor, para V. Ex.a exercitar com o de Confessor o sobredito importante cargo: e pela Secretaria d'Estado se expedirá a V. Ex.a o Alvará dos emolumentos pertencentes ao mesmo cargo. Deos guarde a V. Ex.a Paço 9 de Abril de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo.* — Por Alvará de 10 do mesmo mez lhe forão assinados 400$000 rs. de ordenado, na Folha dos Ordenados dos Ministros e Officiaes do Concelho da Fazenda.

do Cenaculo da educação do Principe, havia sido eleito Bispo da nova Diecese de Beja (*a*); mas nem os prestigios da Corte, nem o esplendor da dignidade Episcopal erão capazes de afrouxarem o ardor, com que elle promovia a verdadeira felicidade da sua Provincia Religiosa: por isso ainda depois de demittir, poucos dias antes da sua Consagração, os lugares de Definidor Geral, e Ministro Provincial (*b*), ficou conservando durante a sua residencia na Corte, a direcção privativa dos Estudos, e a natural influencia no governo d'huma Congregação, que lhe continuou a dever toda a sua prosperidade (*c*). Foi no momento em que depunha a Prefectura Religiosa, que elle escrevia as sabias exhortações pastoraes, fundadas na Encyclica que o Papa Clemente XIV. havia dirigido aos Bispos da Igreja Catholica, por motivo da sua exaltação ao Pontificado.

Ainda outros empregos sobre o Sr. Bispo de Beja accumulados, fazião ver a superioridade dos seus talentos, e o summo grão de confiança que delle fazia o Soberano. Assim o Sr. Rei D. José lhe conferio a mercê do titulo

(*a*) O Aviso da nomeação he concebido nestes termos: *Sua Magestade tendo consideração ás virtudes, lettras, e mais recommendaveis qualidades, que concorrem na Pessoa de V. P. R.^ma Houve por bem nomeallo Bispo da nova Diecese de Beja, desmembrada do extenso Arcebispado de Evora, por louvavel e exemplar instancia e cessão do Ex.^mo e R.^mo Arcebispo da dita Santa Igreja Metropolitana. O que participo a V. P. R.^ma para que possa mandar tratar das suas habilitações, e expedição de sua Bulla Confirmatoria. E por esta Secretaria de Estado tem o dito Senhor feito expedir a Carta Regia de Apresentação na forma costumada. Deos guarde a V. P. R.^ma Paço a 5 de Março de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. Fr. Manoel do Cenaculo. —*

(*b*) O Sr. Bispo de Beja foi sagrado na Real Capella da Ajuda, na presença da Familia Real, a 28 de Outubro de 1770, pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha Saldanha, sendo consagrantes o Arcebispo de Lacedemonia, e o Bispo de Macáo. Pouco antes, isto he, a 14 do mesmo mez, havia elle presidido no Convento de Jesus ao Capitulo intermedio, no qual seu irmão o Mestre Fr. Antonio Martins da Soledade, foi eleito Definidor Geral, e Vigario Provincial, por hum Rescripto do Papa Clemente XIV. e Patente do Commissario Geral Fr. Antonio Abian. Vej. Salgado *Compendio Historico* &c. pag. 215.

(*c*) Vej. Salgado na mesma Obra, pag. 215, e 216.

do Seu Conselho (*a*), e o nomeou Presidente da Real Mesa Censoria (*b*). Este importante cargo que as Leis (*c*) mandavão dar a hum varão dos mais sabios e autorizados deste Reino, cheio de prudencia e de zelo do augmento da Religião e do Estado, parecia recair de justiça na pessoa deste Prelado: mas aquelle grande Rei, que tão delicadamente sabia unir o premio do merecimento e a honra da sua particular estimação, quiz que Seu Augusto Neto o Serenissimo Principe da Beira entregasse a Seu Mestre com Suas Mãos, e no Seu proprio Gabinete, o honroso titulo da nomeação (*d*).

Neste tempo erigia o incançavel espirito do Monarcha a Junta de Providencia Litteraria, da qual nomeava primeiro Conselheiro o Sr. Bispo de Beja. Foi aos trabalhos desta Junta que se deveo o *Compendio Historico do estado da Universidade de Coimbra*, e o corpo dos *Estatutos* da mesma Universidade, que depois da Confirmação Regia, ficou sendo a Lei publica para o estudo das Sciencias maiores (*e*).

He

(*a*) Passou-se-lhe Carta em 27 de Abril de 1770.

(*b*) O Aviso da nomeação he do teor seguinte: — *Ex.mo e R.mo Sr. ElRei Nosso Senhor tendo consideração ás lettras, merecimentos, e mais circunstancias louvaveis, que concorrem na Pessoa de V. Ex.a e á satisfação que tem do exemplar zelo e bem entendida applicação, com que V. Ex.a se empregou até agora em serviço de Deos e de Sua Magestade, nos lugares de que o encarregou: Houve por bem nomear a V. Ex.a Presidente da Real Mesa Censoria; cujo lugar tem vagado pela resignação que o Ex.mo e R.mo Arcebispo Regedor fez nas Reaes Mãos do mesmo Senhor, desde que foi nomeado Inquisidor Geral. Com o dito cargo terá V. Ex.a voto decisivo nos casos em que elle costuma ter lugar: servindo o mesmo importante cargo por espaço de tres annos. E por esta Secretaria d'Estado se expedirão a V. Ex.a os despachos necessarios. Deos guarde a V. Ex.a Paço a 16 de Março de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. Bispo Eleito de Beja.* — Passou-se-lhe Carta em 17 do mesmo mez.

(*c*) A Lei da creação da Mesa, de 5 de Abril de 1768; e o Alvará de Regimento, de 18 de Maio do mesmo anno.

(*d*) Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 69.

(*e*) A Junta de Providencia Litteraria foi creada por Carta de 23 de Dezembro de 1770, debaixo da inspecção do Cardeal da Cunha, e do Marquez de Pombal. Esta Junta fez subir á Real Presença o *Compendio Historico*, em Consulta de 28 de Agosto de 1771; e Sua Magestade em Resolução de 2 de Setembro, approvando e louvando muito o seu traba-

He preciso confessar, que não teve aquelle Sabio parte immediata na compilação desta vasta legislação; nem o seu distincto merecimento necessita d' huma gloria estranha, que elle mesmo modestamente recusava, e que assás illustrou a outros sabios Portuguezes (*a*): mas com razão pareceo necessario, que interviesse o voto e o conselho d' hum varão tão zeloso do progresso das Lettras, para a plantação d' huma reforma, a qual foi o maior triunfo, que as Sciencias alcançárão n'aquelle gloriosissimo Reinado.

Comtudo outra provincia não menos importante, qual era a inspecção dos Estudos preparatorios, estava reservada aos primeiros cuidados do Sr. Bispo de Beja: pois que pouco tempo depois da sua nomeação para Presidente da Real Mesa Censoria, foi commettida a este Tribunal a direcção das Escolas menores, e a do Real Collegio de Nobres (*b*); e creada a Junta do Subsidio Litterario, de que elle mesmo foi feito Presidente (*c*).

¡ Felicissimos dias vio então correr Portugal no mais florente estado da sua Litteratura, e taes como nunca os vira no illustre seculo decimo sexto! Foi pelos cuidados do Sr. Bispo de Beja que se estabeleceo em todo o Reino e Dominios hum grandissimo numero de Cadeiras e Escolas Publicas (*d*); que de novo se creárão as de Filosofia Racional e Moral (*e*), e a primeira Aula de Paleografia que houve

---

lho, mandou subir as Minutas dos Estatutos, que forão roborados por Carta de 28 de Agosto de 1772.

(*a*) Nos *Cuidados Litterarios*, pag. 33. faz menção o Sr. Bispo de Beja das *civilidades que o prendem ao illustre e sabio Autor d'aquella acabada obra*; expressão pela qual sem duvida quiz designar o Sr. João Pereira Ramos, que juntamente com seu irmão (o Ex.mo Sr. Bispo Conde, Reformador Reitor da Universidade) compilou o *Compendio Historico*, e os *Estatutos*; menos a parte destes que pertence ás Sciencias Naturaes e Exactas, a qual he obra do Sr. José Monteiro da Rocha.

(*b*) Pelo Alvará de 4 de Junho de 1771.

(*c*) Pela Carta de Lei, e Alvará de 10 de Novembro de 1772.

(*d*) Novecentas e vinte e cinco Cadeiras e Escolas forão estabelecidas neste Reino e seus Dominios pela Lei de 6 de Novembro de 1772, e Alvará de 11 de Novembro de 1773.

(*e*) Lei de 6 de Novembro de 1772. §. 4.

ve em Lisboa (*a*). Então estavão as classes cheias de Estudantes, que se applicavão ás Lettras com nobre ardor, pois só na Capital passavão de duzentos os Discipulos de Grego (*b*): e o corpo dos Professores animado pelo favor Real, apparecia ornamentado d'aquella vasta erudição e deocrosa gravidade, que tornão tão dignas da consideração publica as pessoas a quem he confiada a educação da mocidade.

Em quanto a mim, huma das melhores cousas que fez o Sr. Bispo de Beja a favor dos Estudos, a qual poucos terão devidamente apreçado, porque a não tem conhecido, foi a composição d' humas Instrucções para todas as Aulas menores, as quaes regulavão as materias que se devião explicar, a ordem e graduação do ensino, e a economia das differentes Classes: mas este trabalho, a que talvez ainda faltasse a ultima mão, apenas se pòde concluir no principio do anno de 1777., e por isso não chegou a obter a approvação do Soberano, nem vio ainda a luz publica (*c*).

Eu

(*a*) O Sr. Bispo de Beja havia promovido desde o anno de 1769 o estudo da Diplomatica, mandando no *Plano dos Estudos* pag. 20, que se applicassem alguns Religiosos a ler e transcrever os Codices antigos, a fim de fazerem por elles o progresso necessario para a Historia. No anno de 1773 fez reimprimir em Lisboa na Officina Regia o *Methodo Diplomatico*, que forma a part. 8.ª do *Novo Tratado de Diplomatica*. Finalmente em Resolução de Consulta da Real Mesa Censoria de 24 de Julho de 1775, se estabeleceo huma Cadeira com o titulo de *Ortografia Diplomatica*, e ordenado de 400$000 rs. a qual teve exercicio no Real Archivo, até que falleceo o seu primeiro Professor, o Padre José Pereira da Silva. Comtudo ainda depois deste tempo, e quando se escrevião as *Instrucções para as Aulas*, de que adiante se falla, considerava-se fixa e permanente aquella Cadeira.

(*b*) Consta da minuta d' huma Consulta, que a Mesa Censoria fez subir á Real Presença em 23 de Julho de 1772, sobre a impressão do Diccionario de Lingua Grega, composto por meu Mestre o Sr. Custodio José de Oliveira: a qual minuta se acha entre os Apontamentos manuscritos do Deputado Fr. Francisco Xavier de Santa Anna, que existem na Livraria do Convento de Xabregas.

(*c*) Forão lidas estas Instrucções pelo Sr. Bispo de Beja na Conferencia de 13 de Janeiro de 1777, e lançadas no Livro das Conferencias da Mesa Censoria. Posteriormente reconheceo-se a necessidade absoluta

Eu não espero ser taxado por attribuir áquelle Prelado a principal parte nos trabalhos da Mesa Censoria a favor dos Estudos; pois era tanta a influencia legal que tinha o seu parecer nas determinações da Mesa, que não se podia sentenciar cousa alguma a final, huma vez que estivesse ausente o seu Presidente; e que quando este acompanhava a Corte nas jornadas de Salvaterra, fazia Sessões extraordinarias do Tribunal, com os Deputados, que alli se achavão, independentemente das Sessões ordinarias, que continuavão a fazer-se em Lisboa (a). Distincção pessoal, de que ha de custar a achar exemplos.

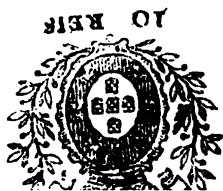
Mas esta e outras muitas distincções (que não pertendo accumular com importunação) nem serião tão frequentes, nem tão variadas, se não assentassem sobre hum merecimento muito eminente. Foi assim que, tratando-se no anno de 1774 da Inscripção, que devia gravar-se na base da Estatua Equestre, levantada pela Cidade de Lisboa ao seu inclito Monarcha; e encarregando-se separadamente esta obra a tres Filologos bem acreditados, se preferio e adoptou entre os outros o projecto do Sr. Bispo de Beja: escolha que elle podia reputar tanto mais lisongeira, por ter concorrido a este trabalho com o Sr. Antonio Pereira, e com o sabio Professor Olivieri.

¿ Que mais faltava á gloria do sabio Prelado? Comtudo estava ainda reservado para receber a ultima prova da constante amizade, que devia ao seu Soberano. Foi já no leito da morte que o Sr. Rei D. José, querendo mostrar que as muitas mercès com que engrandecèra este Vassallo, erão hum effeito da convicção intima de seus merecimentos, e bem provada fidelidade; lhe fez ainda a singular honra de o eleger para tratar o Casamento de seus Augustos Neto,

e

---

d' hum semelhante regulamento, que ainda hoje falta, e que foi incumbido ás diversas Directorias dos Estudos, por Carta de Lei de 21 de Junho de 1787, e Carta Regia de 17 de Dezembro de 1794.

(a) Consta dos Apontamentos citados, do Deputado Fr. Francisco Xavier de Santa Anna.

a Filha; e de o designar no mesmo dia do Recebimento, para Padrinho do Real Noivo na administração do Sacramento da Confirmação.

Não podião ser desconhecidas ou desestimadas pela nova Rainha as altas qualidades deste Prelado: porém depois de acabada com o Casamento do Principe a sua educação, e depois de consolidado o novo estabelecimento da Instrucção Publica, nada havia que podesse demorar na Côrte o Sr. Bispo de Beja, longe do rebanho que muito amava, e cuja felicidade no meio de gravissimos cuidados não tinha cessado de promover (*a*). Assim foi elle mesmo quem pedio licença à Sua Magestade, para se recolher ao seu Bispado; a qual lhe concedeo a Soberana (*b*) com expressões de muito louvor, acrecentando ainda a estas a mercê de lhe conservar em sua vida as honras e emolumentos de Confessor e Mestre do Principe.

SEr-me-hia agora agradavel desenvolver o sabio systema de administração, que o Sr. Bispo de Beja poz em pratica no longo espaço de vinte e cinco annos, em que presencialmente presidio a esta Igreja nascente: mas já que os limites do discurso não consentem huma longa narração desta parte da sua vida publica; apontarei ao menos poucos factos que mostrem o seu zelo no desempenho de mui diver-

(*a*) Pelo Aviso de 3 de Janeiro de 1772, dirigido ao Ouvidor da Comarça de Beja, decidirão-se as duvidas que se havião suscitado sobre os verdadeiros limites do Arcebispado de Evora, e Bispado de Beja. O Aviso e Decreto de 17 do mesmo mez e anno, expedidos em virtude da representação do Sr. Bispo de Beja, resolvêrão as questões sobre pontos de jurisdicção entre os Bispos Diecesanos e as Ordens Militares. Tambem as *Determinações para o Bispado de Beja*, feitas em 9 de Fevereiro de 1777, contém varias disposições ácerca da instrucção dos Ordinandos, e do estabelecimento das Conferencias Ecclesiasticas.

(*b*) Dos Apontamentos já citados consta, que a ultima Conferencia da Mesa Censoria a que presidio o Sr. Bispo de Beja, fora a de 14 de Março de 1777; e que ahi mandára ler o Aviso em que Sua Magestade ordenava, que pela sua ausencia ficasse presidindo o Arcebispo de Lacedemonia. Poucos dias depois sahio de Lisboa; e logo que chegou á Capital da Diecese, fez a sua entrada publica em todo o rigor do Ceremonial dos Bispos, no dia 18 de Maio, que era o de Pentecoste.

versos Officios Pastoraes, e sobre tudo o ardor de promover o adiantamento das Lettras.

A estas dirigio seus primeiros cuidados: ou fosse estabelecendo na Capital, e em todos os Arciprestados da Diecese o uso das Conferencias Ecclesiasticas, introduzidas de longo tempo em outros Bispados Catholicos; ou creando a Academia Ecclesiastica de Beja (*a*), que era huma especie de Synodo permanente, onde se resolvião com commum conselho as propostas remettidas das Parochias, sobre todas as cousas pertencentes aos officios da Religião; ou renovando (para suprimento d'hum Seminario Episcopal) a disciplina dos antigos seculos, segundo a qual as Igrejas erão as Escolas, onde de tenros annos se educava a mocidade destinada ao Estado Ecclesiastico (*b*); ou finalmente instituindo no seu proprio Paço hum Curso de Humanidades e de Theologia, distribuido em sete Cadeiras, ás quaes ajuntava muitas vezes as de Linguas; pagando generosamente humas e outras á custa do rendimento da sua Mitra (*c*).

De todos estes estabelecimentos era a alma o Sr. Bispo de Beja: elle presidia, discorria, e argumentava ou nas Conferencias, ou na Academia; dava frequentes instrucções por escrito aos Instruidores dos Ordinandos, distribuindo gratuitamente livros accommodados para este ensino; subia repetidas vezes á Cadeira de Escritura, para explicar o texto sagrado, e as Linguas que servem de subsidio para a sua intelligencia; finalmente nas Opposições ás Cadeiras fazia

(*a*) Esta Academia abrio-se em 1793, no dia em que se celebrou em Beja o feliz Nascimento da Princeza da Beira. Da primeira Sessão, e da solemnidade com que foi feita, se dá noticia na impressa *Relação da celebridade com que o Bispo de Beja solemnizou o Nascimento da Princeza da Beira* &c. As Actas authenticas desta Academia ainda hoje existem na Livraria da Igreja d'Evora.

(*b*) Vej. a Pastoral de 24 de Agosto de 1779.

(*c*) As Cadeiras estabelecidas em Beja erão as de Lingua Grega, de Rhetorica, de Historia Ecclesiastica, de Theologia Moral, de Dogma, de Escritura Sagrada, e de Cantochão e Rito: a estas acrecião, segundo a occurrencia dos Discipulos e dos Professores, as das Linguas Franceza, Italiana, Hebraica, e Arabiga.

as vezes ora de Presidente, ora de Examinador; e por todos estes modos honrava a profissão dos Mestres, e subministrava hum forte estimulo para o progresso dos Alumnos.

Mas nem era a hum estudo puramente Theologico, e esse dirigido só por summulas superficiaes, que o Sr. Bispo de Beja queria limitado o seu Clero; nem ao contrario pertendia habilitallo para ser Encyclopedico: muito persuadido « da intima connexão que entre si tem as Artes e » Sciencias, cada huma das quaes então se aperfeiçoa, quan- » do todas se cultivão » (*a*); entendia que cada hum devia servir a sua principal profissão, adquirindo ao mesmo tempo noticia de todas as erudições necessarias para o seu ornato: e assim desejava que hum Ecclesiastico, depois de ter profundado afincadamente as Sciencias proprias do seu estado, se mostrasse a todos os respeitos bem aceito e util aos povos, podendo-lhes dar ajuda e conselho nas cousas que o uso da vida lhes faz necessarias, e achando na observação e estudo das maravilhas da Natureza o necessario allivio de applicações cançadas, qual se não acha nas impertinentes distracções de huma vida mundana.

Tal he o assumpto e o espirito da vasta *Instrucção Pastoral ao Clero e Ordinandos d'aquella Diecese*; da outra *Instrucção*, tão elegante como amena, *sobre os Estudos Fysicos do Clero*; e da immortal Obra intitulada *Cuidados Litterarios*, a qual por si só attestará em todo o tempo a sabedoria, e o gosto delicado de seu Autor em todo o genero de estudos (*b*).

Ani-

(*a*) Vej. o *Appendix sobre a reforma das Lettras na Europa*, no princ.

(*b*) Nestas Obras discorre o Sr. Arcebispo com grande acerto e erudição sobre os principios geraes de todas as Artes e Sciencias, sobre a extensão de conhecimentos que dellas deve ter o Ecclesiastico, sobre o methodo porque este deve dirigir os seus estudos, e sobre o espirito de moderação e prudencia com que os deve proseguir. Mas tão grandes documentos, longe de serem privativos do Clero, para o qual seu Autor immediatamente os destinou, são transcendentes a todos os que desejão entrar n' huma vida de estudos, seja qual for o objecto principal das suas applicações. Talvez o Sr. Arcebispo se demorasse demasiadamente no assumpto da Filosofia e Theologia Escolastica; mas se alguns quizerem

Animada com a presença, com a doutrina, e com os exemplos do Sr. Bispo de Beja, a nova Escola Pacense emulou a famosa Escola de Alexandria, que antigamente tanto havião illustrado hum Panteno, hum Clemente, e hum Origenes: nem aquelle Prelado podia negar o publico testemunho de louvor e agradecimento aos seus alumnos, « pois » que sem aspirações a premios e despachos certos, isto he, » nas esterilidades d' huma Igreja nascente, e no encontro » de opiniões sobre a duração da Cadeira Episcopal, elles » por huma lisonja innocente feita ao seu Pastor, pela hon» ra pessoal, e pelo decoro da sabedoria, que por si mes» ma se faz digna de a bem quererem os homens, proce» dêrão sempre com brio e fidelidade no desempenho de » seus officios » (a).

Apenas faltava para a perfeita consistencia da Escola de Beja o que não dependia só dos esforços deste Prelado: mas se elle vio baldadas no seu progresso as diligencias que fizera para a creação d' huma Cathedral, e d'outros estabelecimentos necessarios ao decoro da Religião e perpetuidade dos Estudos (b), teve ao menos a gloria de conce-

---

por isso descobrir nelle hum certo resabio dos Estudos com que fôra creado, devem reflectir que elle julgou *indispensavel nesta crise de tempos alegrar com mansidão rugas já desaprazíveis, e unir ás cousas gastas cousas de bom vigor*; e assim lhe pareceo *necessario dizer das especulações o que ellas merecem, e o que dellas he fastidioso; e congraçar unicamente o util do velho estilo com a magestade e importancia de melhorados estudos neste nosso tempo*. (*Cuidados Litter.* pag. 341.) Em quanto ao estilo destas Obras, não se póde duvidar que muita parte dellas foi escrita com propriedade e eloquencia de pensamentos e expressões, posto que ás vezes a frase seja obscura e embaraçada, e cause cançaço a frequente repetição da mesma doutrina. Os *Cuidados Litterarios* dão mais exemplos desta confusão, e escuridade; mas o Autor logo no principio da Obra prevenio este reparo, e satisfez a elle com huma candideza tal, que merece ser correspondida pela constancia do homem de lettras, que se quizer utilizar do thesouro de sabedoria, que está encerrado neste Escrito. Vej. a pag. 3.

(a) Vej. *Cuidados Litter.* pag. 531.

(b) O Breve da erecção do Bispado de Beja de 10 de Julho de 1770, havia suprimido trinta (aliás vinte e oito) Beneficios nas Collegiadas d'aquella Cidade, desde que vagassem; os quaes com os rendimentos das

ber hum systema perfeito em todas as partes, e de promover quanto em si estava a sua execução.

Hum systema, digo, da instrucção do Clero, que comtudo não era mais do que huma parte do inteiro systema da sua administração Episcopal. Tambem á instrucção dos povos, em tudo que pertencia ao desempenho das obrigações Civís e Religiosas, se estendião os seus cuidados Pastoraes. Para este fim estabelecia na Capital do Bispado Mestras de meninas, que as instruissem nas primeiras Lettras, e nas outras cousas proprias do seu sexo e condição; para isto promovia de hum modo muito efficaz o ensino do Catecismo da Religião, instituindo Catechistas nas Parochias, e dando-lhes amiudadas instrucções, para que este ensino não parando n' huma pura theoria, fosse accompanhado de exhortações e doutrina, que produzissem as noções e a pratica d' huma fé animada. Nenhuma parte do rebanho escapava á sua vigilancia; e os pobres habitantes das agrestes Parochias estabelecidas na longa serra, que divide o Campo d' Ourique do Algarve, darão em todo o tempo hum illustre testemunho da sua caridade e affeição paternal (*a*).

Zelador da observancia d' huma piedade solida e illustra-

duas Comarcas desmembradas d' Evora, erão assinados para dote da Igreja Episcopal, e do Cabido. Para inteira execução deste Breve, veio o Sr. Bispo de Beja á Corte pelos annos de 1789, e 1790, sollicitar a protecção da Soberana a favor da sua recente Igreja: por isso na *Saudação Pastoral* publicada em 1790, escrevia que *a sua amada Igreja sentia seu Pastor ausente, pela necessidade de a estabelecer*: e na outra *Saudação* publicada no fim da Visita geral em o anno de 1788, commentando mui a proposito hum texto de Isaias, dizia que *reservára prudentemente as temporalidades precisas e copiosas para o culto e doutrina, aos Benemeritos da Igreja, e particularmente aos que na voz do Profeta são os que a devem nutrir e sustentar.*

(*a*) Por huma Provisão de 6 de Janeiro de 1779, mandou 1.º escolher das familias pobres d'aquellas Parochias alguns moços, que fossem sustentados e educados na Cidade debaixo da sua inspecção, para que hum dia podessem instruir aquella parte da Diecese: 2.º estabelecer em duas povoações da mesma Serra Professor de Latim, e Mestre de Primeiras Lettras: 3.º instituir huma Capella de Missa quotidiana, applicada pelos agonisantes, os quaes muitas vezes erão destituidos de consolação e assistencia.

trada, humas vezes explicava em seus Escritos o verdadeiro caracter da vida e das virtudes christãs; outras ensinava a descobrir o espirito da Igreja nas ceremonias externas, e nas outras praticas da Religião; outras acautelava os abusos, que a falta de reflexão, e huma piedade mal entendida facilmente propaga, ainda entre pessoas de polida educação; outras finalmente substituia exercicios simplices e discretos á demasiada impertinencia de leituras e orações superficiaes; e com a mesma mão com que escrevia altos documentos de sabedoria, escrevia tambem em estilo chão, e accommodado a todas as capacidades, excellentes devocionarios, e meditações de piedade; e prestava a sua autoridade ao precioso livro intitulado *Horas Christãs para uso da sua Igreja* (a).

Assim o seu zelo era incançavel, e não tinha outros limites que não fossem os do Officio Episcopal, e os das necessidades dos seus subditos. Porém quando occorrião circunstancias extraordinarias de calamidade publica, então era hum bello espectaculo ver o sensivel Pastor unido mais fortemente ao seu Rebanho, e ministrar-lhe consolação e allivio por todos os arbitrios d'huma caridade compadecida, pelas repetidas exhortações de palavra e por escrito, pela mesma magnificencia do culto, e pelo uso não só das Preces publicas da Igreja, mas das que não duvidava introduzir de novo, fundado nos direitos imprescriptiveis do Episcopado.

Não posso eu particularizar tão illustres feitos, de que darão eterno testemunho as sabias Instrucções Pastoraes do Sr. Bispo de Beja; mas nem por isso deixarei de fazer menção de seus cuidados ácerca daquella parte, que podemos chamar a mais intima do Episcopado, qual he a conservação da Fé, e do deposito da Revelação. Pois que quan-

do

(a) *Horas Christãs, que contém todos os exercicios ordinarios, que deve praticar o Christão &c. Impressas por determinação do Ex.*[mo] *e R.*[mo] *Sr. Bispo de Beja, para uso da sua Igreja.* Lisboa na Officina de Simão Thaddeo 1794, de 428 pag.

do os modernos Filosofos, usando dos prestigios d'huma eloquencia enganadora, intentavão abalar os fundamentos da Religião e dos Tronos, e pôr em perpetua inimizade a razão natural com a fé, o que segundo a expressão d'aquelle Prelado, formava a «heresia mais solemne do tempo»; então levantou elle com força a voz no meio da Igreja e da Nação Portugueza; e em seus luminosos Escritos de tal sorte confundio com a legitima Filosofia a falsa Filosofia do seculo, estabelecendo a necessidade e a verdadeira existencia d'huma Religião revelada; que se houvesse florecido nos tempos do Christianismo ainda recente e fervoroso, seria justamente applaudido em Nicéa, e em Epheso, e o seu nome estaria escrito no catalogo dos Padres da Igreja.

NÃo he possivel distinguir na pessoa do Sr. Bispo de Beja o homem publico occupado nos deveres da sua profissão, do homem de letras, applicado no seu gabinete á meditação, e ao estudo: tendo-se dedicado desde a sua mocidade a promover a felicidade publica, á proporção de seus meios e faculdades, e dirigindo a este fim as suas vigilias, nunca perdeo de vista tão importante objecto; e por isso seus trabalhos e applicações particulares vinhão a produzir effeitos publicos e muito sensiveis.

¿Com que outro fim emprendeo elle ajuntar com excessiva despesa a mais ampla e exquisita Livraria, que entre nós nunca ajuntou particular algum? pois que alem de conter mais de cem mil volumes impressos, e manuscritos, continha tambem hum Museu precioso de producções da Natureza e das Artes, e hum Monetario de mais de sete mil medalhas de grande estimação e raridade (a)! Por certo não adquiria tão grandes preciosidades o Sr. Bispo de Beja, para

(a) Este Monetario foi começado a ajuntar ainda no tempo, em que vivia na Religião, segundo consta da copia das medalhas que havia no seu Museu em 1772, trabalhada por Fr. Sebastião Sanches da Provincia de Andaluzia, e Fr. Vicente Salgado da de Portugal; a qual copia se guarda na Livraria do Convento de Jesus. Neste tempo constava o Museu de 403 medalhas, a saber: 23 de ouro, 233 de prata, 47 de metal corinthio, e 100 de cobre.

ra as esconder ao uso da Litteratura com sofreguidão avarenta, ou para nutrir com ellas huma curiosidade estupida; mas para convocar os curiosos a desfrutarem estes thesouros da sabedoria, dos quaes formou muitos e utilissimos depositos; podendo-se dizer com verdade, que em seus dias não se instituio em Portugal Livraria alguma de consideração, em que elle não tivesse huma parte muito principal. Assim a Bibliotheca de Sua Alteza Real (*a*), a da Mesa Censoria (*b*), e a do Convento de Jesus (*c*) devem á efficacia de seu zelo, e á sua liberalidade, ou acrecentamento, ou consistencia: e quando elle recusava modestamente a quantiosa soma que ElRei Catholico lhe offerecia pelas suas Collecções particulares, dotava com a maior generosidade a Real Bibliotheca Publica de Lisboa (*d*), e deixa-va

(*a*) O Sr. Arcebispo foi quem persuadio a seu antigo amigo o Abbade Barbosa, que offerecesse ao Sr. Rei D. José a sua escolhida e rara Livraria, a qual aquelle Soberano graciosamente aceitou, depositando-a no seu Paço, e compensando assim com esta nova aquisição a enorme perda da antiga Bibliotheca Regia, consumida no Terremoto de 1755. Vej. *Memor. Histor. dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. pag. 46.

(*b*) Foi no tempo da Presidencia do Sr. Bispo de Beja, que se cuidou na organização e conservação da numerosa Livraria da Real Mesa Censoria, á qual foi dado Bibliothecario, e Officiaes que cuidassem da sua guarda e limpeza, segundo coesta do Aviso de 13 de Maio de 1775. Ora esta Livraria he que veio depois a formar o primeiro fundo e provimento da Real Bibliotheca publica, por disposição do Alvará da creação de 29 de Fevereiro de 1796.

(*c*) O Sr. Arcebispo não só enriqueceo a preciosa Livraria do Convento de Jesus desta Capital com os Livros, que no seu tempo se havião comprado para o Collegio de Coimbra, e com os que elle mesmo comprára, durando o seu Provincialado, (Vej. *Memor. Histor. dos progr. e restabelecimento das Lettras*, pag 200, e 210.); mas com a doação da Livraria, que tinha de seu uso quando se recolheo ao Bispado de Beja; e com o grandioso presente que depois lhe fez de muitos Livros e Manuscritos raros, entre os quaes entrava hum exemplar da Biblia Moguntina, cousa de grande raridade e estimação. Vej. Salgado nos *Elogios Histor. dos Arcebispos e Bispos, professos na Ordem Terceira.*

(*d*) A Doação feita pelo Sr. Bispo de Beja á Real Bibliotheca Publica em Março de 1797, contem o seguinte:

» Huma quantiosa Collecção de Livros de grande estimação e pre-
» ço, que constão do Catalogo que se fez em dous volumes de folha;
» dos quaes o primeiro contem o catalogo methodico das Obras perten-

va ainda hum grande remanecente, com o qual depois instituia a da Mitra de Beja (*a*), e a publica da Igreja d'Evora (*b*); não fallando nos ricos mimos de Livros e Manuscri-

» centes á Historia, ás Bellas Lettras, e ás Sciencias Naturaes e Filosoficas; o segundo o das Obras relativas ás Sciencias Ecclesiasticas, e á » Polygrafia, ou Erudição universal, e Miscellanea.

» Huma Collecção de Manuscritos pertencentes a cada huma das Artes e Sciencias, que constão do catalogo tambem methodico, que se » fez em hum volume de folha.

» Huma Collecção de Mapas, Plantas, Estampas, e Desenhos, de » que tambem se fez hum catalogo.

» Huma numerosa Collecção Monetaria de mais de tres mil medalhas não duplicadas, de cobre, prata, e ouro, Consulares, Imperiaes, » Arabigas, Portuguezas, e de outras Nações.

He o que consta do Padrão, que se mandou assentar no Livro da Fazenda da R. Bibliotheca; *porque ficasse eterna a lembrança de tão honrado feito, e do grato reconhecimento desta Casa a tamanho beneficio.*

(*a*) Na Provisão de 21 de Setembro de 1811, de que na Nota seguinte se faz menção, diz o Sr. Arcebispo que deixára na sua primeira Diecese de Beja huma Bibliotheca completa, e proporcionada para se cultivarem os Estudos Ecclesiasticos, que deixára fundados. Esta Livraria he avaliada em cerca de nove mil volumes.

(*b*) Esta Bibliotheca foi fundada pelo Sr. Arcebispo no anno de 1805, para uso do seu Clero, e dos povos d'aquella Diecese e Provincia; mas foi no anno de 1811, e por Provisão de 21 de Setembro, que este Prelado fez pura e perpetua doação della á Igreja Metropolitana d'Evora, dando-lhe ao mesmo tempo Estatutos para o seu governo e economia, e applicando para a conservação e adiantamento da mesma Bibliotheca, e para ordenados dos seus Officiaes 300$000 rs. das rendas da Mitra, e 200$ das da Fabrica; para o que obteve Beneplacito Regio, e Approvação Pontificia.

Este donativo, do qual diz o Sr. Arcebispo que *não será excessivo, se o levar acima de trezentos mil cruzados*; e que não he mais do que o remanecente com que se recolheo a Evora, depois de ter enriquecido a R. Bibliotheca Publica, e instituido a de Beja; contem o seguinte:

» Huma Collecção de bons cincoenta mil volumes, entrando em conta livros da primeira raridade, e grande copia de manuscritos singu» lares, e de grande preço; tudo aquisições suas, á excepção de dous » mil tomos que achou no Palacio da sua Metropoli, deixados pelo seu » Antecessor.

» Huma Collecção de muitas pinturas insignes por seus autores, e » desempenho da arte; sendo muitas de grande estimação, por serem » veras effigies de Personagens illustres.

» Huma Collecção de raridades Historicas, naturaes e artificiaes.

» Huma numerosa e rica Collecção de medalhas de todos os metaes, » Romanas, Portuguezas, e de outras Nações: a qual seria mais co-

scritos raros que brindava a muitas pessoas, que com elle tinhão relações de amizade e commercio (*a*).

¿ Com que outro fim trabalhou o Sr. Bispo de Beja por desentranhar da terra hum grande numero de lapidas, cippos, sarcófagos, lanternas sepulcraes, e outros monumentos da antiguidade, entre elles huma elegante estatua de Cybeles, senão para enriquecer em beneficio publico o Museu da sua Igreja, e para illustrar a antiga historia do territorio a que presidia (*b*)? Chegou o sabio Prelado a escrever esta historia, á qual ajuntou os desenhos dos monumentos em que era fundada: e o grande apreço que fazia desta sua Obra, nos deixa bem pesarosos de que a não tivesse publicado, por causa dos tristes acontecimentos, que enchêrão de amargura o restante da sua vida (*c*).

» piosa, se não houvesse sido em grande parte roubada pelo Exercito
» inimigo na invasão d'Evora.

» Hum Cartorio, instituido com dependencia da Bibliotheca, para
» guarda segura dos documentos e memorias pertencentes á Mitra ».

(*a*) Tal foi, por exemplo, o presente que dêo ao Convento de Lisboa dos Religiosos Paulistas, ao dos Missionarios Apostolicos de Brançanes, ao da Serra d'Ossa; e a escolhida Livraria de 500 volumes, que doou em vida á sua familia.

(*b*) Da grande applicação que fazia o Sr. Arcebispo ao estudo das Antiguidades, forão fruto as suas sabias e exquisitas observações e conjecturas sobre a memoravel batalha de Ourique, feitas sobre o proprio lugar, e á vista dos restos das antigas fortificações, que alli se encontrão. Vej. *Cuidados Litterar.* pag. 383, e seg. Assim quando nas occasiões de Visita passava de humas para outras Parochias, procurava elle nutrir o seu amor a este estudo, e conseguia com bastante despesa descobrir muitos monumentos, a que se refere na mesma Obra, e muito principalmente nas Notas á Vida de S. Sisenando. Porém muitas destas antigualhas, e talvez as principaes, forão descobertas (favorecendo-o assim a Providencia) pelo mero acaso n'huma Quinta muito chegada á Cidade de Beja; onde appareceo a Estatua de marmore de Cybeles, e outros monumentos que menciona Fr. Vicente Salgado nas *Memor. Ecclesiasticas do Reino do Algarve*, tom. I. pag. 129. Murphy na sua Obra *Travels in Portugal, through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alemtejo, in the years* 1789, *and* 1790, impressa em Londres em 1795, publicou algumas das antiguidades do Museu de Beja primorosamente estampadas.

(*c*) Já no anno de 1783 se propunha o Sr. Arcebispo *promover, ou póde ser ainda escrever* a Historia das antiguidades da sua Diocese. (Vej.

¿Com que fim cultivava tanto o Sr. Bispo de Beja o estudo das Linguas, e fazia que os seus alumnos o cultivassem, senão para que os estudiosos da sabedoria se podessem communicar com fraternal commercio, e para que não fossem como cegos no meio da grande claridade? E com effeito ninguem que sahisse tão pouco tempo da sua Patria, teve relações litterarias com maior numero de sabios Estrangeiros (*a*), e se poderá jactar de ter adquirido tão grande pericia em Linguas; pois que alem da materna, fallava com elegancia o Latim, o Castelhano, o Italiano, e o Francez; entendia, posto que imperfeitamente, o Inglez, e Alemão; sabia o Grego, o Hebraico, e o Arabigo; não desconhecia nem o Syriaco, nem o Russo (*b*).

Ul-

Instrucção Pastoral ao Clero e Ordinandos, pag. 10.) E com effeito levou avante o seu projecto, pois que assim escrevia n'huma Carta familiar, que tenho á vista, em data de 7 de Dezembro de 1797: *Tenho-me reduzido a antiguidades desta Diecese, do que brevemente darei prova tal qual: a cousa vai longe: lanço raizes: quem vir melhor, corte, apure, enxerte, e ramifique: mas do estado exotico desde os Postdiluvianos vão especies novas, provadas com visualidades innocentes, aqui descobertas, e apuradas, quantum fas est conjectare.* Esta historia contem-se no texto e notas da Obra que compoz com o titulo de *Sisenando Martyr*: mas a despesa necessaria para abrir muitas chapas das estampas que a devião acompanhar, a qual despesa era superior ás faculdades do Sr. Arcebispo; e as perturbações publicas que sobrevierão, quando hum Ministro de Estado se offerecia graciosamente para obter de Sua Alteza Real a impressão da Obra a expensas da Officina Regia, não permittirão que ella visse a luz publica.

(*a*) Das relações litterarias que tinha o Sr. Arcebispo com alguns sabios Estrangeiros, lembra-se elle mesmo na *Saudação Pastoral*, impressa em 1793. pag. 24. nos *Cuidados Litterar.* pag. 21, 79, 217, e 534; e nas Notas á Vida de S. Sisenando: mas alem destes, he ainda muito grande o numero dos Sabios, e habeis Artistas Estrangeiros, que vindo a Portugal, tentavão gostosos a jornada de Beja, para communicarem hum varão de tão vastos conhecimentos; no qual achavão sempre o mais benigno agasalho, e muitas vezes generoso socorro.

(*b*) Não causará isto admiração a quem reflectir, que das suas applicações a mais favorita era o estudo das Linguas: *parou me a alma em Linguas* (escrevia elle n' huma Carta familiar, nos ultimos annos da sua vida); *das mais cousas recordo-me que houve livros dellas.* Assim mesmo houve todo o cuidado em graduar o conhecimento que tinha o Sr. Arcebispo dos differentes idiomas, para que esta noticia não parecesse ou affectada, ou inverosimil.

Ultimamente ¿com que outro fim que não fosse o adiantamento da Agricultura, fonte manancial da publica prosperidade, promoveo o Sr. Bispo de Beja de hum modo o mais efficaz, e quasi prodigioso, a cultura dos muitos terrenos desaproveitados que havia na sua Diecese? Pois que das tabellas que produzio Ferrari (*a*) na interessante Obra manuscrita intitulada *Despertador da Agricultura de Portugal*, consta que até o anno de 1782 rompêrão quatrocentos e outenta e outo individuos differentes terras nas duas Comarcas de Beja e Ourique, exceptuando ainda alguns districtos destas, dos quaes elle não tinha podido recolher noticias exactas: e confessa o mesmo Escritor, que todos estes arroteadores trabalhárão á sua custa, sem isenção de direitos, ou outro favor do Governo, e unicamente animados pelas efficazes exhortações paternaes daquelle Prelado. ¡De tanto são capazes os homens, quando ha hum genio activo e benefico, que os saiba dirigir!

ASsim vivia placidamente o Sr. Bispo de Beja, fazendo a felicidade daquelle Rebanho, bem como este toda a alegria do seu Pastor; quando, correndo já o anno de 1802, Houve Sua Alteza Real por bem nomeallo Arcebispo d' Evora (*b*). Longe de ter ambiciosamente desejado a dignidade

(*a*) Luis Ferrari de Mordão chegou a ser nomeado pelo Sr. Rei D. José, Intendente Geral da Agricultura do Reino; mas não tendo recebido Instrucções, e Regimento proporcionado ao seu emprego, e não encontrando nas Provincias, por onde viajou, hum segundo homem da tempera do Sr. Bispo de Beja, apenas se limitou a escrever aquella Obra, na qual dá huma idéa da agricultura do Reino, e dos diversos melhoramentos que ella póde admittir. O Manuscrito Original ainda hoje existe; e delle me dêo noticia o Sr. José Bonifacio de Andrada.

(*b*) A copia do Aviso he a seguinte: *Ex.*[mo] *e R.*[mo] *Sr. O Principe Regente Nosso Senhor tendo consideração ás virtudes, lettras, e mais partes que concorrem na Pessoa de V. Ex.*[a] *e por confiar que V. Ex.*[a] *continuará a satisfazer plenamente as obrigações Pastoraes, como convem ao serviço de Deos: Houve por bem nomear a V. Ex.*[a] *para Arcebispo da Santa Igreja Metropolitana d' Evora, vaga por fallecimento de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima &c. Palacio de Queluz em 3 de Março de 1802. — Visconde de Balsemão. —*

a que então se via elevado, ou o acrecentamento das riquezas que della lhe resultava, foi com a maior repugnancia, e só por mostrar (como elle mesmo dizia) a sua obediencia, ou antes gratidão ao Soberano, que se resolveo a deixar huma Diecese, que governára por espaço de trinta e dous annos com ternura de Pai, e com a maior aceitação dos Povos.

Posto que a idade avançada do Sr. Arcebispo d'Evora parecesse já pouco propria para tentar novos e extraordinarios trabalhos; e posto que huma certa indifferença, ou antes desamor das Sciencias (o que elle muito lastimava) tivesse então prevalecido no commum dos homens; tinha elle ainda muitas forças fysicas e hum grande vigor de espirito, para poder levar ávante o projecto de fazer reflorecer na sua Metropoli a copia e magestade das erudições, que havião feito tão brilhante nos seculos passados esta antiga Corte dos nossos Principes.

Para isto propoz em duas eruditas Pastoraes documentos e exemplos os mais proprios, para fazer receber de bom grado os delineados Estudos (*a*); estabeleceo huma Cadeira de Eloquencia no seu Paço; edificou junto a este duas salas, onde collocou a Bibliotheca e Museu, de que fez doação á sua Igreja (*b*); e creou para instrucção do Clero Ca-

(*a*) Com effeito a primeira Instrucção Pastoral contém exemplos domesticos de Religião, de Virtude, e de Letras, que em todos os seculos, e quasi desde o começo do Christianismo, tinhão brilhado naquelle territorio: he obra de erudição exquisita, ainda mesmo envolvida como está, nas escuridades de hum estilo embaraçado; *já que occupados e embargosos instantes* (como o Autor ahi confessa) *não permittirão outro melhor*. A segunda Instrucção Pastoral (que já dá por estabelecida a Cadeira de Eloquencia, e proximas a estabelecerem-se as das Linguas sabias, da Historia Ecclesiastica, e da Theologia Biblica, Polemica, e Moral,) versa principalmente sobre a importancia do estudo dos Santos Padres, e methodo por que elle deve ser dirigido.

(*b*) Na Provisão já citada de 21 de Setembro de 1811, applaude-se justamente de ter *conseguido huma Obra, que mereceo os louvores do Principe Regente Meu Senhor, quando lhe concedeo o decoro e honra de visitalla, e de muitos sabios e curiosos Nacionaes e Estrangeiros, que de proposito tem buscado o prazer de vella.*

Cadeiras de Theologia e de Linguas, as quaes devião começar a ter exercicio no anno calamitoso de 1807.

Collocado então nos mais afflictos dias que vio Portugal, no primeiro lugar da Ordem Ecclesiastica da Provincia do Alemtejo, o Sr. Arcebispo d'Evora soube soportar com dignidade o pesado jugo de hum dominio Estrangeiro, suavizando aos Povos com os arbitrios de huma cautelosa prudencia os males que não podia evitar; e não prostituindo nunca nem os seus talentos, nem o seu emprego ao publico indecoroso incenso, que delle imperiosamente exigia hum Chefe venal e insidioso (*a*).

Porém quando rompeo a revolução de Evora (revolução tão grata ao seu amor da Patria, e do Soberano, mas cuja resulta tanto temia a sua sabia providencia (*b*)) não duvidou pôr-se á testa da Junta, que governava em nome do legitimo Principe; acudir generosamente com toda a qualidade de socorros aos que defendião a Cidade; e tomar unicamente a si a sua defensa, quando a vio abandonada por todas as Autoridades Civís e Militares, e absolutamente entregue aos horrores da sua infeliz sorte (*c*).

En-

(*a*) O Sr. Arcebispo *não tinha feito actos alguns positivos a favor dos Francezes, e não tinha publicado Pastoral alguma, ainda que se visse instado, e como obrigado a fazello, pela intimação expressa do chamado Secretario de Estado do Interior, Herman, em Aviso seu em nome do intruso Junot, datado de* 13 *de Maio de* 1808. Memoria manuscrita dos trabalhos que sofreo o Sr. Arcebispo &c.

(*b*) O Sr. Arcebispo não teve a gloria de ser o autor d'aquella revolução: porque quando no dia 13 de Julho recebeo huma carta, escrita de Gerumenha pelo Commandante das Forças Hespanholas Moretti, na qual se propunha á Cidade de Evora huma declaração contra o intruso Governo, convocou todas as Autoridades a huma Junta a que presidio, e ahi dêo hum voto tão simples como energico, que foi por todos approvado; a saber, que *a posição da Cidade e as actuaes circunstancias fazião com que não tivessem liberdade alguma para dar huma decisão.* Comtudo logo que no dia 20 do mez se fez a revolução, tomou nella, como devia, huma parte muito activa, celebrando festa de acção de graças na sua Sé, hospedando o Commandante Hespanhol, e muitos Officiaes e tropa, e tomando com o General da Provincia a Presidencia do Governo. Vej. Mem. cit.

(*c*) Quando no dia 29 de Julho se perdeo a infeliz acção de Evora,

Então vai direito á sua Cathedral, une a si o Clero e o Povo, e do alto do Throno Pontifical manda propôr Capitulação ao Inimigo, com firme resolução de se votar pela salvação da Cidade, se tanto fosse necessario. E com effeito tanto era necessario: pois já a tropa vencedora penetrava o interior do Santuario, espalhando no asilo da paz o terror e a morte; quando o virtuoso Prelado desce do solio, e rompendo por entre as granadas, os tiros, e os ferros dos inimigos, consegue fazer ouvir a sua voz, que supplíca humildemente pela vida do Povo, e aplaca a ferocidade dos barbaros, e faz cessar a carniceria.

Immediatamente corre ao Paço, que acha mettido a saco (*a*), occupado por huma Officialidade descomedida, e á frente desta o General em chefe, que com gesto feroz e ameaçador o declara reo de morte, e decreta o incendio e a inteira destruição da Cidade. Ao ouvir tão cruel sentença, o Sr. Arcebispo sem o mais pequeno sossobro de animo, abaixou a cabeça, como quem offerecia a sua vida em sacrificio; mas pede que esta morte salve o seu rebanho: e o congelado Loison, movendo-se huma vez á compaixão, por achar naquelle Prelado tanta presença de espirito, ou antes tantas virtudes, que no espaço de tres dias continuos, passados no maior risco e consternação, nunca se desmentírão com hum acto de fraqueza, ou desacordo, revoga as or-

---

fugindo toda a tropa em desordem, entrou Moretti no Paço Archiepiscopal, e persuadio ao Sr. Arcebispo que fugisse, e se escondesse; mas este não quiz seguir o segundo conselho que gratuitamente lhe dava aquelle Hespanhol, nem deixar o seu povo em tão consternado trance. Vej. Mem. cit.

(*a*) *A primeira casa em que entrárão saqueando, foi o Palacio Archiepiscopal . . . Não ficou quasi nada da prata, de que o meu Antecessor se tinha provido: fiquei sem Anel Episcopal. Do copioso Monetario que a tanto custo tinha juntado, para deixar juntamente com a grande Livraria que tenho edificado, tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como tambem rasgados os Livros, e feitos em pedaços os Manuscritos; quebrando as mais pequenas e delicadas peças do Museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e ouro: em fim reduzindo tudo a hum estado de fazer lastima, ainda a quem não he curioso.* Mem. cit.

ordens que hião executar-se, e sahe de Evora entregando-lhe o governo da Cidade, e declarando publicamente que em seu obsequio perdoava a morte a todos, e lhes concedia a liberdade (*a*).

Com quanto seja dolorosa esta scena, custa muito passar della para outra muito mais horrivel: e na verdade parece que deveria exceder todo o sofrimento de hum Ancião de oitenta e quatro annos, o mais antigo Bispo da Igreja Portugueza, e aquelle cujas virtudes acabavão de ser assombrosas a seus mesmos Inimigos, ver acommettido o Palacio Arcebispal, e entrado o seu proprio Gabinete, por hum bando de salteadores Hespanhoes, guiados pela ferocidade e pela anarchia; ser por elles roubado, injuriado, e levado preso entre ameaças de morte até á Cidade de Beja, que por tanto tempo fôra o theatro da sua gloria, e que segunda vez era sujeita á sua jurisdicção espiritual (*b*); e depois de estar ignominiosamente exposto n'huma Praça publica á sincera mas esteril compaixão d'aquelle Povo fiel, e á escandalosa irrisão de hum Governo tumultuario, ser levado a hum estreito carcere, e ahi privado de toda a communicação e socorro (*c*).

Mas não consente o amor da Patria que se renovem chagas já cicatrizadas! basta dizer, que no meio de tantos contrastes cada vez era maior o seu espirito; e que se pouco antes havia vencido os Inimigos da Religião e do Estado, e salvado o seu Povo, pela sua humildade e resigna-

ção;

(*a*) O Sr. Arcebispo depois de ter hospedado o General Loison, e quarenta Officiaes no seu Paço, assistindo-lhes com tudo que estava á sua disposição; e depois de ter dado as providencias necessarias para o socego do povo, para o desarmamento do Clero, e para o enterro dos mortos, de que estavão juncadas as ruas; conseguio com tudo isto que o General o tratasse com mais benignidade, até o ponto de o levar á Igreja Cathedral, e de fazer dizer pelo seu Lingua ao grande numero de presos, que alli se achavão, que *em obsequio e respeito ao seu Prelado lhes perdoava a morte, e dava a liberdade*. Mem. cit.

(*b*) Estava então vagante a Sede Episcopal de Beja, e sujeita esta Diecese á jurisdicção do Metropolitano.

(*c*) Vej. Memor. cit.

ção; agora venceo os Inimigos de toda a ordem publica, e salvou-se a si mesmo, pela virtuosa altiveza, com que recusou comprar a vida e liberdade, a troco de huma humiliação que deshonradamente o aviltasse: assim, quando o curso dos acontecimentos o conduzio de novo á sua Metropoli, teve a doce consolação de ser acompanhado na sua passagem por hum honroso sequito, e de ser applaudido e victoriado de todos os seus Diecesanos; entrando são e salvo na sua Igreja, depois de ter sofrido tantos tormentos, e de sahir vencedor em tão asperos combates.

O Augusto Principe estremeceo ao ler a singela relação dos trabalhos do Sr. Arcebispo d' Evora, por este mesmo escrita: e querendo recompensar seus grandes merecimentos, e encher de doçura a sua velhice; fez muitas mercês de muita honra e interesse a seus Sobrinhos, e ás pessoas da sua maior confiança (a): declarando authenticamente (pois estas são as palavras dos Regios Diplomas) «o » grande apreço que fazia dos seus talentos, das suas vir» tudes verdadeiramente Apostolicas, e dos relevantes ser» viços, que fizera á Igreja e ao Estado por mais de ses» senta e quatro annos, nos differentes cargos que occu» pou, e em muitas e particulares incumbencias da maior » importancia e confidencia, que lhe forão confiadas ». ¡ Testemunho illustre de piedade e de justiça, não menos honroso para o Soberano do que para o Vassallo!

Por

(a) Sua Alteza Real, a requerimento do Sr. Arcebispo, houve por bem despachar a seu Sobrinho Manoel José Gregorio de Brito Villas-Boas, com o foro de Fidalgo Cavalleiro da Real Casa, e com a Commenda de S. Martinho do Pindo da Ordem de Christo, em sua vida: e a suas tres Sobrinhas, com semelhantes foros, e com o Habito da Ordem de Christo, para se verificarem nas pessoas, que com ellas houvessem de casar; e além disto com 600$000 rs. annuos a cada huma, pagos aos quarteis pelo Cofre das Commendas vagas, e com sobrevivencia de huma para as outras. Tambem foi Sua Alteza servido, a requerimento do mesmo Prelado, nomear Bispo Titular ao Provisor do seu Arcebispado o Sr. Antonio José de Oliveira; e por effeito da Sua Real Grandeza nomeou Conego da Santa Igreja Patriarchal ao Sr. José Jorge de Gusmão; pessoas muito da confiança do Sr. Arcebispo, ás quaes ambas devo a melhor parte das noticias, de que fiz uso no presente Elogio.

Por este tempo a Academia Real das Sciencias, a qual desde o seu estabelecimento havia contado este Prelado no numero dos seus Correspondentes (a), e que havia recebido bastantes testemunhos do muito interesse que elle tomava pelos seus uteis trabalhos, desejando mostrar o apreço que fazia da eminente sabedoria do Sr. Arcebispo d' Evora, lhe conferio unanimemente o titulo de Socio Honorario (b); escrevendo seu nome entre o de dous Principes Estrangeiros (c), e das Personagens mais conspicuas do Estado.

Assim a gloria deste Prelado tinha chegado ao auge de sua grandeza; mas nos ultimos tres annos de vida começou elle a sentir os incommodos da velhice: então a fraqueza do corpo, a perda da vista, e o sensivel decrescimento das faculdades intellectuaes forão annunciando pouco a pouco o seu fim. A Igreja, a Patria, e as Lettras o perdêrão no infausto dia 26 de Janeiro de 1814, na idade de noventa annos não completos; e sempre abençoarão a sua memoria.

ELle havia bebido nas Divinas Escrituras o verdadeiro espirito das virtudes Christãs, que tanto illustrárão o seu Pontificado; e aquelle estudo pode-se dizer que foi o objecto de todas as suas fadigas litterarias: Collecção exquisita, custosa, e copiosissima de quantas Biblias manuscritas e impressas pôde haver; estudo de Linguas Orientaes, e de antiguidades de toda a especie, tudo era principalmente subordinado áquelle fim. Respeitava e amava tanto este Livro, que nunca deixou de o trazer comsigo, ainda em viagem; nunca o abrio com a cabeça coberta; nunca se deitou, ainda nos incommodos aposentos em que se alojava nas occasiões de Visita, sem que primeiro lesse de joelhos hum Capitulo delle.

(a) Foi nomeado em Assembléa particular de 28 de Junho de 1780.
(b) Na Assembléa de Effectivos de 6 de Junho de 1812.
(c) Pouco antes tinhão sido eleitos Socios Honorarios da Academia Suas Altezas Reaes o Principe de Galles, e o Duque de Sussex.

Dotado em consequencia disto de huma piedade solida, e de hum ardente zelo de vingar a causa da Religião e da Moral contra os ataques dos Heterodoxos, e dos Filosofos, comtudo nem aquella piedade era indiscreta, nem o zelo desabrido: elle possuia a grande arte de conciliar a devoção com o espirito (*a*), e prezava-se de nunca faltar aos officios que devia a Sabios de abundantissima litteratura; onde ella se achasse, e como ella merecesse (*b*).

Sabio Economo das rendas Ecclesiasticas, era parco e humilde no seu trato, e não consentio que a sua familia passasse de huma honesta mediocridade, assinando-lhe apenas os ordenados de que Sua Magestade lhe havia feito mercê, em quanto os não cedeo espontaneamente em beneficio do Estado: mas ao mesmo tempo era apparatoso nas ceremonias exteriores do culto, magnifico no exercicio da hospitalidade, em extremo grado e liberal a seus Diecesanos: e posto que, por effeito de hum raro desinteresse, nunca o rendimento da Igreja de Beja excedesse em seu tempo a somma de vinte e dous mil cruzados, ainda lhe ficava hum grande remanecente, que generosamente despendia para o progresso das Sciencias em utilidade da Patria.

Sensivel o mais que se póde ser á amizade, nunca desemparou os seus amigos na desgraça, nem se esqueceo delles na morte: ás vezes misturava com aquella doce affeição hum não sei que de insolito e de antiquado; como quando conservava com religioso respeito a caveira de seu antigo mestre e particular amigo, o Dr. Fr. Joaquim de S. José, determinando que esta se enterrasse na mesma sepultu-

(*a*) *Sabe-se hoje conciliar a devoção com a civilidade e litteratura, para destruir o motivo com que a piedade tem sido exposta á risada das gentes, que a capitulavão de rustica e de inerte. Na excellente Apologia que o Bispo De Puy fez á virtude, ¡com quanta verdade mostra a possivel alliança entre a devoção, bellas lettras, e mais occupações em que se exercita o espirito do homem!* Appendix sobre a reforma das Lettras, pag. 32.

(*b*) Vej. *Cuidados Litterar.* pag. 252, e 253; e em outro lugar (pag. 522.) *Seria cousa agradavel acariciar sujeitos, que não fugirião de nós vendo que erão buscados de todos os modos possiveis e prudentes, longe de controversias desagradaveis, pelas pessoas capazes destas entrevistas.*

tura com o seu proprio cadaver; e quando sendo visitado em Beja por outro amigo seu, sagrado Bispo para a China, lhe concedeo na sua Sé, e em sua presença, a honra publica do Throno, Sacrificio, e Benção.

Era accessivel a todos; summamente polido e urbano no seu trato; e posto que vivesse muito tempo na Corte dos nossos Principes, valido de dous, e estimado de todos, esteve sempre igualmente longe do orgulho e da baixeza; e merecendo os creditos de hum habil cortezão, não adquirio inimigos, nem emulos.

Finalmente foi singular honrador dos Sabios, e foi elle mesmo hum Sabio de vastissimos conhecimentos, e de reconhecida modestia: nunca prostituio a sua penna á lisonja; e longe de sér Escritor de partido, nunca entrou como Doutor particular em discussão alguma, daquellas em que as circunstancias do tempo o obrigárão a tomar parte, como homem publico. As suas numerosas Obras erão unicamente dirigidas ao fim de auxiliar a reforma dos Estudos Portuguezes, e a conservação e esplendor da Religião de nossos Pais; e o Autor se esquecia quasi sempre da sua propria gloria, ou occultando nellas o seu nome, ou evitando os titulos pomposos com que as poderia fazer recommendar, ou não curando da correcção e elegancia do seu estilo.

Mas se este estilo he muitas vezes obscuro, outras embaraçado com frequentes metaforas e transposições, e talvez cançado pelas repetições da mesma doutrina; perdoe-se este defeito (nem eu chamarei virtude ao que entendo que o não he) a hum Escritor, que distrahido com tantas obrigações Religiosas e Civís, era cada dia obrigado a largar muitas vezes mão do seu trabalho; e que assás compensou alguns passos escabrosos das suas Obras com mil bellezas de pensamentos e de expressão, e com huma certa graça natural, que dá vida á sua doutrina, e grande efficacia ás suas exhortações.

Tal foi a vida e o caracter do Sr. Arcebispo de Evo-

ra: a lettra da sua divisa podia ser a mesma, que a de hum dos nossos bons Principes: *Vontade de bem fazer.* Por isto trabalhou na longa carreira da sua vida; e isto sem duvida conseguio, tanto ou mais do que he dado a hum homem não Principe. Assim mereceo elle sempre a admiração e a estima dos que lhe forão contemporaneos; e assim merece depois da sua morte, com as benções da posteridade, o innocente tributo de reconhecimento, que a Academia lhe paga hoje por minha voz.

CA-

CATALOGO
DAS OBRAS
DO
SENHOR ARCEBISPO DE EVORA.

COmo não foi possivel fazer no corpo do Elogio menção individual de todas as Obras do Sr. Arcebispo, e como muitas dellas ou correm sem o seu nome, ou são hoje extremàmente raras, ou se achão ainda manuscritas; pareceo por tudo isto conveniente ajuntar o seguinte Catàlogo; o qual se não dá por completo.

Rei Speculativo-Scoticæ variæ, et curiosa specimina. fol. M.S.

N. B. Desta Obra faz menção a Bibliotheca Lusitana; mas o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que o seu Autor nunca a acabára.

Conclusiones Philosophicas de utriusque Prœmialibus, Philosophiæ, scilicet in communi, et Logicæ, necnon de Entibus rationis, et Universalibus in communi, ad mentem Scoti, Doctoris Mariani, ac subtilis. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo. Conimbricæ: Ex Typogr. Antonii Simoens Ferreira, Univers. Typogr. Anno Domini 1747. 5 pag.

Conclusiones Logico-Metaphysicas de Antepraedicamentis, et Praedicamentis, juxta Venerabilis, Mariani, subtilisque Doctoris inconcussa dogmata. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Artium Lectore. Conimbricæ: ex Typogr. Antonii Simoens Ferreira, Univers. Typogr. 1748. fol. 5 pag.

Diario da Jornada ao Capitulo Geral de Roma em 1750. Hum vol. M. S. autografo, em 8.º pequeno de 193 pag. não numeradas.

N. B. Começa este Diario em 12 de Fevereiro, dia em que o Mestre Cenaculo sahio de Lisboa, em companhia do seu Mestre o Provincial dos Terceiros; e acaba em 17 de Agosto, dia em que entrárão já de volta em Elvas. Contêm huma breve noticia desta jor-

jornada, com a situação das terras por onde passou, e a distancia de humas a outras; ajuntando a descripção das Cidades mais notaveis, de alguns dos seus edificios, e estabelecimentos, e usos de seus habitantes: encontrão-se tambem escassas noticias litterarias ou politicas. Este Diario foi escrito muito negligentemente quanto ao estilo: além disto, muitas cousas se achão ahi apenas apontadas; outras ao contrario, sendo de pouca monta, são tratadas com demasiada minudencia. Conservão este Livro os parentes do Sr. Arcebispo, e foi-me communicado pelo Sr. José Jorge de Gusmão.

Conclusiones Philosophicas Critico-Rationales de Historia Logicæ, ejus Procemialibus, Ente rationis, et Universalibus in communi, ad mentem V. Scoti, D. Mariani, ac subtilis. Præside D. Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Artium Lectore. Conimbricæ: ex *Typogr. in Regio Artium Collegio Societ. Jesu*, 1751. 7 pag.

Conclusiones Physiologicas juxta Vener. Doct. Marian. et Subt. Doctrinam. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Doct. Theologo Conimbr. et Philosophiæ Professore. Conimbricæ: ex *Typogr. Ant. Simoens Ferreira, Universit. Typogr. An. Domini* 1752. fol.

Conclusiones Theologico-Dogmaticæ de SS. Trinitatis Mysterio, ad mentem Seraphici Doct. S. Bonaventuræ, et Ven. P. Joan. Dunsii Scoti, Doct. Mariani, ac subtilis. Præside Fr. Emmanuele a Cœnaculo, Doct. Theologo Conimbr. et Theologiæ Vesperario Professore. Conimbricæ: ex *Typogr. Ant. Simoens Ferreira, Universit. Typ. An. Domini* 1753. 3 pag.

Advertencias Criticas e Apologeticas sobre o juizo, que nas materias do B. Raymundo Lullo formou o D. Apolonio Philomuso, e communicou ao Publico em a resposta ao Retrato de Morte-cor, que contra o Autor do Verdadeiro Methodo de estudar escreve o Rev. Doutor Alethophilo Candido de Lacerda. Satisfaz-se de passagem aos Autores, em cujo testemunho se fundou o D. Apolonio. Valença: *por Vicente Balle*, 1752. 4.° E *Coimbra*: *por Antonio Simoens*, no mesmo anno, 4.° de 122 pag.

N. B. Da Edição de Valença faz menção a Bibliotheca Lusitana.

Sanctissimo Domino Nostro Benedicto XIV. P. O. M. Exercitationes Liturgicas, in quibus ejusdem B. P. doctrina de Sacrificio Missæ adstruitur, et defenditur. . . D. Fr. Emmanuel a Cœ-

Cœnaculo . . . Quo præside ad disceptandum proponit . . . . in Lisbonen. Conventu Dominæ Nostræ de Jesu . . . Lisbonæ: apud Franciscum Ludovicum Ameno . . . 1753. fol. Em 7 folhas de papel não numeradas. Tem huma Dedicatoria a Benedicto XIV.

Oratio in laudem Eminentissimi D. D. Josephi Cardinalis Emmanuel, ad Lisbonensis Ecclesiæ Patriarchatum evecti, habita Olyssipone in Ecclesia Dominæ Nostræ dos Cardaes, die 26 Augusti, 1754. M. S.

N. B. Desta Obra faz menção a Bibliotheca Lusitana, e a Gazeta de Lisboa de 5 de Setembro do mesmo anno: o Ex.mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que ella ainda hoje existe.

Dissertação Theologica, Historica, Critica sobre a Definibilidade do Mysterio da Conceição Immaculada de Maria Santissima. Lisboa: na Officina de José da Costa Coimbra, 1758. 4.° de 248 pag.

N. B. Esta Obra foi trabalhada no anno de 1754, pois que então se suscitou na Corte a questão, que lhe dêo motivo. (Vej. a Nota a pag. 3 da Prefação); e estava concluida no principio de 1755, pois que de 25 de Março deste anno he datada a Dedicatoria ao Geral Fr. Pedro João de Molina. Neste mesmo anno era o Autor Lente de Prima de Theologia no Collegio de Coimbra, e segunda vez Secretario da Provincia.

Oração que disse Fr. Manoel do Cenaculo, sendo Presidente em a primeira Sessão da Academia Mariana, celebrada nesta Cidade de Lisboa no 1.° de Agosto de 1756; a qual dá á luz o P. Fr. Vicente Salgado. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1758. 4.° de 28 pag.

Elogio funebre do P. Fr. Joaquim de S. José, Doutor Theologo Conimbricense, Definidor Geral da Religião Franciscana, e Provincial da Terceira Ordem de Portugal; dado á luz por Joaquim Rodrigues Pimenta. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1757. 4.° de 24 pag.

N. B. Desta Obra faz menção a Bibliotheca Lusitana.

Vida do P. Fr. Joaquim de S. José. M. S.

N. B. Deste Escrito se lembra Fr. Vicente Salgado nos *Elogios Historicos dos Arcebispos e Bispos professos na Ordem Terceira*, Obra M. S. que se conserva na Livraria do Convento de Jesus:

o

o Ex.^mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que ficára quasi concluído, mas que o Autor abríra mão delle, preferindo antes incluir as principaes noticias da vida do seu Mestre na Historia do restabelecimento das Lettras na Ordem Terceira.

Necrologium Provinciæ Tertii Ordinis Lusitanæ, quo Fratrum et insignium Benefactorum nomina, et caracteres recensentur. 4.° M. S.

N. B. A Bibliotheca Lusitana faz menção desta Obra; e o seu Autor nas *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras* &c. a pag. 204, diz que ella hia muito adiantada na composição.

Apontamentos para a Bibliotheca da Ordem Terceira. M. S.

N. B. Delles se lembra o Autor nas referidas *Memorias Historicas*, a pag. 206: mas o Ex.^mo Sr. Bispo Eleito Provisor diz, que são apontamentos informes.

Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito, por hum Religioso da Ordem Terceira de S. Francisco. Lisboa: na Officina Regia, 1776. fol. de 316 pag.

N. B. Esta Obra (escreve Fr. Vicente Salgado, *Origem e progresso* &c. pag. 50.) *he trabalho deste meio tempo* (falla depois do anno de 1757, e antes do de 1763), *ainda que não vio a luz publica senão nestes dias.* O Autor diz na Prefação que *estas Memorias forão escritas quando já começava a cahir o presente seculo.* Mas deve-se crer que se concluírão depois do anno de 1760, pois já são omittidas na Bibliotheca Lusitana.

Oratio pro aperiendis, initiandisve totius Ordinis Fratrum Minorum Generalibus Comitiis, habita ad PP. in Regali Conventu Valentiæ die 15 Maji, 1768, a R. adm. P. Emmanuele a Cœnaculo, Lectore Jub. Lusitanæ Provinciæ Tertii Ordinis Ministro Provinciali, et totius Ordinis Generali Diffinitore. Valentiæ: ex Typographia Benedicti Monfort, anno 1768. 4.° de 14 pag.

Diario da Jornada ao Capitulo Geral de Valença em 1768. Hum vol. M. S. autografo, em 8.° grande de 180 pag. não numeradas.

N. B. Este Diario (que foi escrito á semelhança do Diario da jornada a Roma, e que me foi communicado juntamente com elle), começa em 13 de Abril, dia em que o Provincial Cenaculo sa-

sahio de Lisboa, e acaba em 2 de Julho, dia em que se recolheo ao seu Convento de Jesus; tendo feito caminho pela Estremadura Hespanhola, Castella nova, e Reino de Murcia; e voltado por grande parte do Reino de Valença, Murcia, Granada, e Andaluzia, até tornar a entrar na Estremadura. No fim do Diario ajuntou huma *Memoria das pessoas eruditas, a quem tratou nesta jornada, e de antes não conhecia.* He Obra cheia de erudição, e escrita em estilo pela maior parte desempeçado e ameno: contêm noticias curiosas, e muitas dellas reconditas, que dizem respeito á nossa mesma Litteratura.

Patente de 5 de Maio de 1770, *publicando a Patente Encyclica de Fr. Pascoal de Varisio, Geral dos Menores, datada em Madrid a* 19 *de Agosto de* 1768. Impressa em fol. de 54 pag.

N. B. Contêm o Original Latino com a versão Portugueza ao lado; e vem incluido o Decreto e Aviso Regio de 7 de Abril de 1770, que autorizão a publicação da mesma Encyclica.

Patente de 3 *de Setembro de* 1770.

N. B. Salgado na *Origem e Progresso* &c. pag. 56, dá noticia desta Patente, acrecentando que se acha impressa, e que he fundada sobre as maximas da Encyclica do Geral de Varisio.

Patente de 10 *de Setembro de* 1770, *sobre os Estudos da Provincia.* M. S.

N. B. Tambem desta dá noticia Salgado na Obra citada, pag. 59.

Disposições do Superior Provincial para a observancia regular e litteraria da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco destes Reinos, feitas em os annos de 1769, *e* 1770. *Tom.* 1. *Lisboa: na Officina Regia*, 1776. fol.

N. B. Este volume contêm o primeiro e segundo Plano de Estudos, confirmados por Alvarás de S. Magestade, em data de 3 de Junho de 1769, e de 3 de Janeiro de 1774, e então separadamente impressos: contêm tambem varias Patentes relativas á execução dos ditos Planos; e o *Appendix primeiro sobre a reforma das Lettras na Europa*; tudo em Latim e Portuguez. A versão Latina do volume attribue-se ao Sr. Antonio Pereira de Figueiredo.

Memorias Historicas e Appendix segundo á Disposição quarta da Collecção das Disposições do Superior Provincial, para a observancia e estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Fran-

Francisco. Tom. 2. *Lisboa: na Officina Regia*, 1794. fol. de 318 pag.

N. B. Contêm as *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das Lettras na Ordem Terceira, em Portugal e seus Dominios.* Nesta Obra trabalhava o Autor no anno de 1769, como elle escreve a pag. 57. Fr. Vicente Salgado, no *Compendio Historico da Congregação da Terceira Ordem*, diz que fora composta (talvez acabada) pelos annos de 1773.

Patente sobre o verdadeiro systema de Theologia, que se deve seguir na Provincia da Ordem Terceira. da Penitencia, segundo a saudavel determinação do SS. Padre Clemente XIV. Impr. em fol. de 75 pag. sem declaração de anno, nem de lugar de impressão.

De repetendis fontibus doctrinæ, Moderatoris Provincialis Tertii Ordinis Sancti Francisci per Lusitaniam, admonit.o ad Sodales, quum Præfecturam deponeret. Anno 1770. Impr. em fol. de 55 pag. sem declaração de anno, nem de lugar de impressão.

N. B. Estas duas Patentes, que são muito semelhantes entre si, posto que a segunda se não possa chamar traducção litteral da primeira, forão impressas na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, em 1793, para fazerem unidas o Tom. 3. das *Disposições do Superior Provincial*, &c. Vej. Salgado na Obra M. S. já citada com o titulo de *Elogios Historicos* &c. O Sr. Antonio Pereira de Figueiredo escreveo outra versão Latina da Patente Portugueza, provavelmente mais litteral que a versão do Autor; e tinha por titulo: *Adhortatio ad Sodales, de repetendis et continuandis studiis Fontium Theologicorum*; mas não se imprimio.

Commentario á Epistola de S. Judas. M. S.

N. B. Desta Obra dá noticia o Ex.^mo^ Sr. Bispo Eleito Provisor, acrecentando que seu Autor a projectára logo que foi consagrado Bispo, o que succedeo no dia dos Apostolos S. Simão e Judas. Não está completa; e isso mesmo que ficou, he tão confundido com emendas, entrelinhas, e chamadas, que he mui difficil de se ler.

Determinações para o Bispado de Beja, feitas pelo Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr. Bispo da mesma Diecese. Impr. em fol. de 11 pag.

N. B. Tem a data de 9 de Fevereiro de 1777.

Pastoral, pela qual ha por bem saudar os seus Diecesanos, admoes-

moestando-os sobre a natureza e officios da Religião. Impr. em fol. de 15 pag.

N. B. Tem a data de 18 de Maio de 1777.

Editaes de 22 e 30 de Maio de 1777, sobre a festa do Coração de Jesus, e sobre outras mudanças, que se devem fazer no Calendario. Impr. em fol.

Editaes (dous) *de 22 de Julho de 1777, annunciando os dous dias de absolvição plenaria e benção Papal; e a Indulgencia plenaria para a hora da morte.* Impr. na Officina Regia, em fol.

Edital de 23 de Julho de 1777, sobre as Conferencias Ecclesiasticas. Circular de 26 do mesmo mez e anno, sobre o mesmo assumpto. Impr. na Officina Regia, em fol.

Pastoral do 1.° de Maio de 1778, estabelecendo Catechistas nas Parochias. M. S.

Pastoral do 1.° de Maio de 1778, mandando ler aos Parochos, depois do Evangelho da Missa do dia, o Catecismo Evangelico, de que mandava exemplares. M. S.

N. B. Este Catecismo escrito pelo Padre Olivier, foi traduzido em vulgar por Fr. Antonio da Purificação e Silva, Religioso Terceiro, e mandado imprimir pelo Sr. Arcebispo.

Pastoral de 29 de Agosto de 1778, estabelecendo na Capital do Bispado Sermões de Missão, nos primeiros e terceiros Domingos dos mezes em todo o anno; e tambem outras praticas Religiosas. M. S.

Circular de 30 de Setembro de 1778, sobre as Conferencias Ecclesiasticas. M. S.

N. B. Com esta Circular foi remettida huma *Instrucção para o Sacramento da Confirmação.* Impressa na Officina Regia, 1777. em 4.°

Editaes (dous) *de 2 de Novembro de 1778, annunciando a Visita, e publicando as Graças Apostolicas concedidas por esta occasião.* M. S.

Pastoral de 6 de Janeiro de 1779, dando disposições para o ensi-

no e soccorro espiritual das gentes rudes, habitantes na serra que divide o Campo d' Ourique do Algarve. M. S.

Editaes (dous) *de 28 de Maio de* 1779, *mandando fazer Preces e outras deprecações publicas, por occasião do desacato de Palmella. Officios* (tres) *de* 28 *e* 30 *do mesmo mez, sobre o mesmo assumpto.* M. S.

Pastoral de 24 *de Agosto de* 1779, *dando regulamento aos Instruidores dos Ordinandos. Circular da mesma data, que acompanhou a sobredita Pastoral.* M. S.

Pastoral de 8 *de Setembro de* 1779, *mandando fazer preces publicas por occasião da esterilidade. Officio de* 18 *do mesmo mez, sobre o mesmo assumpto.* M. S.

Pastoral de 17 *de Novembro de* 1779, *mandando fazer preces para obter chuva.* M. S.

Pastoral de 2 *de Fevereiro de* 1780, *condenando a pratica que se havia introduzido, de se fazerem os Enterros processionalmente sem assistencia do Clero.* M. S.

Instrucção Pastoral do Ex.^mo^ *e R.*^mo^ *Sr. Bispo de Beja sobre a memoria da Paixão e Agonia do nosso Divino Redemptor.* (em data de 21 de Agosto de 1780.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1780. 8.° de 35 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.^mo^ *e R.*^mo^ *Sr. Bispo de Beja ao Clero e Ordenandos da sua Diecese.* (em data de 5 de Fevereiro de 1783.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1784. 8.° de 385 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.^mo^ *e R.*^mo^ *Sr. Bispo de Beja sobre a Religião revelada.* (em data de 28 de Outubro de 1783.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1785. 8.° de 154 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.^mo^ *e R.*^mo^ *Bispo de Beja sobre as Graças e Jubileus, novamente concedidos ás Instancias da Rainha N. Senhora Dona Maria I. venerando-se e celebrando-se a memoria da Instituição do Augustissimo Sacramento da Eucharistia.* (em data de 23 de Janeiro de 1784.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1784. 8.° de 44 pag.

In-

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre o rito e disciplina da Igreja na administração do Santissimo Sacramento da Eucharistia por viatico em Ambulas Viatorias. (em data de 25 de Março de 1784.) *Lisboa* : *na Officina Regia*, 1784. 8.° de 52 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre as virtudes da Ordem Natural. (em data do 1.° de Abril de 1785.) *Lisboa*: *na Officina Regia*, 1785. 8.° de 70 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre a confiança na Divina Providencia. (em data de 15 de Outubro de 1785.) *Lisboa*: *na Officina Regia*, 1786. 8.° de 40 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre os Estudos Fysicos do seu Clero. (em data de 25 de Janeiro de 1786.) *Lisboa*: *na Officina Regia*, 1786. 8.° de 53 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre o Catecismo. (em data de 28 de Maio de 1786.) *Lisboa* : *na Officina Regia*, 1786. 8.° de 101 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Sr. Bispo de Beja sobre a Justiça Christã. (em data do 1.° de Janeiro de 1788.) *Lisboa*: *na Officina de Simão Thaddeo*, 1794. 8.° de 52 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre a modestia dos vestidos do Clero. (em data de 22 de Abril de 1788.) *Lisboa*: *na Officina de Simão Thaddeo*, 1792. 8.° de 117 pag.

Saudação Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja no fim da sua Visita geral, em o anno de 1788. Lisboa : *na Officina Regia*, 1793. 8.° de 106 pag.

Cuidados Litterarios do Prelado de Beja em graça do seu Bispado. (em data de 8 de Dezembro de 1788.) *Lisboa*: *na Officina de Simão Thaddeo*, 1791. 4.° de 552 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.mo e R.mo Bispo de Beja sobre alguns pontos da Disciplina Ecclesiastica. Lisboa: *na Officina Regia*, 1790. 8.° de 34 pag.

N. B. Com esta Pastoral se distribuírão as *Orações para an-*

tes

tes. da Communhão : a que se segue : *Ritus in prima communione puerorum* : *Ritus quando pueri præsentantur in Ecclesia a parentibus.* Impressas em Lisboa : *na Officina Regia*, 1790. 21 pag. *Formulario para se observar nas Estações pelos Reverendos Parochos da Diecese de Beja. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. 4.° de 7 pag.

Saudação Pastoral do Ex.[mo] *e R.*[mo] *Bispo de Beja a seus Diecesanos. Lisboa* :*na Officina Regia*, 1790. 8.° de 27 pag.

N. B. Com esta Pastoral se distribuírão os seguintes Opusculos : *Preparação para a Confissão*, *Actos das Virtudes Theologaes*, e *Orações para se dizerem cada dia*, *e no tempo da Missa*, *pelo Povo que não tem maior instrucção. Para o Bispado de Beja. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. de 34 pag. *Salmos de David* (he a traducção de oito Salmos). *Lisboa* : *na Officina Regia*, 1790. de 12 pag. *Meditações sobre o Padre nosso*, *tiradas de diversos Autores. Lisboa* : *na Officina Regia* , 1789. de 14 pag. *Retrato de Jesu Christo Bem nosso*, *copiado das Santas Escrituras e de sabios Doutores*, *para conciliar o seu amor. Lisboa* : *na Officina Regia* , 1789. de 16 pag. *Traducção do Salmo Miserere mei Deus. Lisboa* : *na Officina Regia*, 1789. 4.° de 3 pag.

Vida Christã. Lisboa : *na Officina de Simão Thaddeo*, 1792. 8.° de 61 pag.

N. B. Foi huma industria Pastoral (assim escreve o Ex.[mo] Sr. Bispo Eleito Provisor,) *com que Sua Ex.*[a] *quiz atalhar a inquietação que principiava*, *quando appareceo o P. Pereira com a explicação da Protestação da fé.*

Instrucção Pastoral do Ex.[mo] *e R.*[mo] *Bispo de Beja*, *pela qual manda se fação em sua Diecese Preces publicas e particulares a Deos Nosso Senhor*, *pela esperada felicissima successão desta Monarchia.* (em data de 7 de Dezembro de 1792.) *Lisboa* : *na Officina de Simão Thaddeo*, 1792. 8.° de 21 pag.

Instrucção Pastoral do Ex.[mo] *e R.*[mo] *Bispo de Beja*, *em que manda se rendão acções de graças a Deos Nosso Senhor*, *pela gloriosissima Real Successão da Monarchia Portugueza.* (em data de 5 de Abril de 1793.) *Lisboa* : *na Officina de Simão Thaddeo*, 1793. 8.° de 13 pag.

Carta do Ex.[mo] *e R.*[mo] *Bispo de Beja*, *e outras Instrucções sobre os*

os trabalhos presentes da Santa Igreja. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo, 1794. 4.° de 13 pag.

N. B. Segue-se: *Piedade Christã*, de 53 pag. *Preces a Deos Nosso Senhor pelo trabalho actual da Santa Igreja, e que póde cada hum dizer em particular.* Ibid. 1794. 4.° de 8 pag.

Excellentissimo et Reverendissimo Episcopo Castrensi S. Episcopus Pacensis. M. S.

N. B. Desta Obra dá noticia o Ex.^mo Sr. Bispo Eleito Provisor, dizendo que *he huma Epistola Latina bastante extensa, dirigida ao Bispo de Castres, o qual com a sua familia e alguns Conegos emigrou para a Hespanha, onde não foi muito bem acolhido; e recorreo a Portugal, passando por Beja, até fixar-se em Alcobaça. He esta Carta verdadeiramente fraternal: hum Bispo consola outro Bispo nos seus trabalhos, e anima-o ao sofrimento pela causa da Religião. Discorre como Theologo e como Politico sobre os erros do tempo, e causas da perseguição.*

Sisenando Martyr. Beja sua patria. 4.° M. S.

N. B. Desta Obra tambem dá noticia o Ex.^mo Sr. Bispo Eleito Provisor, dizendo que contêm a Vida do Diacono Sisenando, natural de Beja, que indo a Cordova por causa dos Estudos, intrepido professou na presença dos Arabes a Religião de Jesu Christo, e foi por isso preso e degolado. Esta pequena Historia dá occasião a Notas copiosas, nas quaes o Autor incluio o que pertence á illustração das antiguidades de Beja.

Instrucção Pastoral do Sr. Arcebispo de Evora. (sem data, nem rosto.) *Lisboa: na Officina Regia*, 1808. 8.° de 125 pag.

Instrucção Pastoral do Sr. Arcebispo de Evora. (sem data, nem declaração do anno da impressão, ou de Officina.) 8.° de 88 pag.

Pastoraes do Sr. Arcebispo de Evora no tempo da invasão dos Francezes.

N. B. São duas, ambas manuscritas, a primeira em data de 30 de Julho, e a segunda de 6 de Agosto de 1808.

Memoria dos trabalhos que sofreo o Sr. Arcebispo d'Evora, desde a invasão dos Francezes naquella Cidade. 1808. M. S

Pastoral saudando os seus Diecesanos, depois de ser restituido a el-

elles, salvo dos perigos que tinha corrido na desgraça de Evora, e na sua prisão em Beja. Datada de Abril de 1811.

N. B. Desta Pastoral dá noticia o Ex.^mo^ Sr. Bispo Eleito Provisor, dizendo que he extensa, e que está pronta para a impressão.

Provisão de 21 de Setembro de 1811, pela qual ha por bem instituir huma Bibliotheca publica na Cidade de Evora, e dar-lhe regulamento. M. S.

✲

MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

MEMORIA
Sobre as Boubas

POR

BERNARDINO ANTONIO GOMES.

INTRODUCÇÃO.

A ENFERMIDADE denominada Boubas, que faz o assumpto deste Ensaio, he hum flagello da escravatura no Brazil. Não se entra em engenho algum ou fabrica de Assucar, onde se não tenha o dissabor de ver numerosos Pretos cobertos de sórdidas ulceras boubosas, languidos, e interditos muitas vezes do uso de seus membros. Alguns destes são victimas do seu mal; outros ficão estropiados para sempre, e os que chegão a curar-se, por muito tempo tem estado incapazes de trabalhar, com grande damno da Agricultura

do Brazil, onde ha tanta necessidade de braços, quanto o paiz he vasto e pouco povoado.

Não he porém sómente nos Pretos que se observa esta enfermidade. Os privilegios, que na ordem social provêm da differença de côr, não são reconhecidos igualmente pela Natureza na distribuição das enfermidades: tambem os Brancos a padecem, se se expoem a contrahilla, e não he raridade encontralla nestes, ou sejão indigenas, ou naturalizados. Eu tambem a observei nas tripulações dos navios de guerra poucos mezes depois que aportou ao Brazil a Esquadra Portugueza, que em 1797 demandou aquelle paiz.

Se, além da trivialidade das Boubas no Brazil e nas Possesões Portuguezas em Africa, se notar, que ellas ainda não forão descriptas por Medico algum, de que eu tenha noticia; que o que diz Pisão na Medicina Braziliense, e Sauvages na sua Nosologia, he tão escasso, e tão vago, que não póde guiar o Pratico no tratamento desta enfermidade; que, por este motivo ou por falta de observações, he empirico, e muito imperfeito o tratamento, que commumente se lhe costuma fazer naquelles paizes, e que eu mesmo por imitação, e por falta de experiencia propria, infaustamente executei no primeiro doente de Boubas, que tratei: attento tudo isto, não póde deixar de merecer algum apreço qualquer informação prática, por incompleta que seja, ácerca desta enfermidade. He nesta persuasão que me animei a expôr nesta sabia Companhia o resultado de algumas investigações, que fiz ha quatorze annos; he ainda mais com o intento e esperança de excitar os Praticos daquelles paizes a fazer, e a communicar ao Público novas e mais luminosas observações sobre aquella e sobre outras enfermidades endemicas do Brazil, taes como os Bocios de S. Paulo, as Erisipelas e Sarcomas do Rio de Janeiro, as ulceras que no Brazil chamão Formigueiros, a notavel enfermidade denominada Corrupção, &c.

DAS

DAS BOUBAS.

SECÇÃO I.

CAPITULO I.

Noções preliminares desta enfermidade.

HE da numerosa e mal conhecida tribu das doenças cutaneas e chronicas a que nos Dominios Portuguezes Ultramarinos denominão Boubas, e que nelles presentemente se observa endemica.

2. Os Brancos e os Pretos são sujeitos a padecella; nestes porém observa-se tão frequentemente, que parece serlhes particular. Em Africa, segundo me disserão, he tão trivial nelles, que poucos deixão de a padecer em algum periodo da vida.

3. Não pude saber em que época se manifestou pela primeira vez nos diversos paizes, em que hoje se observa: reflectindo porém que he muito mais familiar aos Pretos que aos Brancos (§. 2.), parece verosimil, que he indigena de Africa, e que dalli foi transmittida com a Escravatura para o Brazil.

4. Observa-se mais frequentemente na mocidade, e ainda mais na tenra idade; todavia as idades provectas não são inteiramente isentas della.

5. De todos os doentes de Boubas, que vi, e dos que as tinhão tido, e que inquiri sobre a reassumpção desta enfermidade, nenhum me disse que a tivera mais de huma vez; vi mesmo duas crianças irmãs, das quaes huma a tinha tido, e a outra estava doente della; comião, vivião,

e dormião juntas; a primeira porém não a contrahio de novo no espaço de varios mezes, que tinha então de duração a doença da segunda: sendo mais que verosimil, que ella teria tido alguma arranhadura, ferida, ou ulcera, por onde o virus podia inocular-se. Não me esquece que hum habil Cirurgião do Rio de Janeiro, Luiz de Santa Anna Gomes, me asseverou, que já tinha visto casos de reassumpção; todavia pelas multiplicadas indagações que fiz, e por esta molestia, sendo maltratada, curar-se algumas vezes apparentemente, e manifestar-se algum tempo depois; persuado-me que os casos de reassumpção são tão raros, e por ventura ainda mais que nas Bexigas. Submetto todavia ainda o meu juizo ao resultado de escrupulosas observações, a não ser de inoculações artificiaes, pois só estas ou aquellas podem resolver completamente estas, e outras importantes questões a respeito das Boubas.

CAPITULO II.

Descripção das Boubas.

6. DIstinguem-se no Brazil duas especies de Boubas. A primeira, que chamão Boubas seccas, consiste em pequenos tuberculos cutaneos, lenticulares, de côr encarnada escura, e ás vezes roxos, dispersos pela cara, mãos, e outras partes do corpo, sem dor, sem prurido notavel, e taes em fim que nunca supurão.

7. Eu vi varias vezes sobrevir esta molestia a pessoas, que tinhão usado do mercurio por causa de enfermidades venereas; e não he raro encontralla particularmente no Brazil, nas pessoas que tem sido inficionadas de virus venereo. Hum mancebo de constituição delicada, apresentou-se-me no Hospital Militar do Rio de Janeiro com cancros venereos, impossibilitado de andar, com dores nocturnas pelas extremidades, glandulas parotidas e maxillares intumecidas, e febre. Pelo uso de varios remedios, dos quaes hum

hum e o principal foi mercurio, consegui em pouco mais de hum mez pôlo a pé inteiramente bom. Fosse porém, ou porque logo que cessou do uso de remedios, começou a expôr-se ao ar livre sem cautela, ou por outra causa, passados poucos dias estava coberto, principalmente pelo rosto, de Boubas seccas (§. 6.). Esta especie de Boubas he essencialmente differente da seguinte, e por isso he estranha ao meu assumpto.

8. A segunda, que por ser talvez a genuina, e mais formidavel, chamão simplesmente Boubas, tem tres periodos. No primeiro manifesta-se por pequenos tuberculos cutaneos semelhantes aos mencionados (§. 6.), com a differença de terem a côr natural da pelle, e serem mais dispersos, e mais amplos: entre estes apparecem algumas vezes papulas arrebanhadas bem como nas affecções herpeticas. Tanto as papulas como os tuberculos, pouco depois de assomarem, apresentão na superficie huma crosta furfuracea, tem pouco ou nenhum prurido, e não tem o rubor e symptomas inflammatorios, que acompanhão os herpes.

9. No segundo periodo, que não tarda em succeder ao primeiro, a superficie de cada tuberculo torna-se em huma ulcera circular, que cresce até á grandeza de huma moeda de 240 réis, muito pouco dolorosa, e coberta de huma materia lardacea muito tenaz, que sobrepuja a pelle. Se por meio dos remedios detergentes se consegue remover a maior parte desta materia, observa-se por entre os restos della huns grãosinhos carnosos e rubros, que imitão de alguma sorte os acinos de huma amora ou morango.

10. No terceiro periodo, que se observa, quando o mal se tem inveterado ou prevertido por hum tratamento incompetente, apparece hum novo symptoma, o mais contumaz e o mais incommodo desta enfermidade. Brotão pelas plantas dos pés certas excrescencias, que chamão cravos, pela semelhança que tem com as excrescencias deste nome, que nascem pelas mãos em muitas pessoas. São os cravos humas carnosidades, hum pouco duras, do diametro

de

de huma ou duas linhas, que parecem nascer da pelle, mas por baixo da cutis, a través da qual se manifestão e sobrepujão muito pouco. A sua extremidade, que he da côr da pelle, he escabrosa tirante á superficie das amoras. A cutis, que cerca o cravo, não adhere a elle, e este não dóe senão comprimindo-se. Não ha no lugar delle ulcera alguma.

11. Os cravos remanecem muitas vezes depois de cicatrizadas as ulceras boubosas. Eu vi hum mancebo, que tinha tido Boubas, das quaes não conservava vestigios; tinha as plantas dos pés tão cheias de cravos, e era tão incommodado delles, que mal podia andar.

12. Não vi em Boubento algum cravos senão nas plantas dos pés, nem carnes fungosas senão as descriptas (§. 9.).

13. Dão commumente a huma das ulceras boubosas o nome de mãi das Boubas: ordinariamente esta não differe das outras senão em ser maior; observei porém duas vezes que as ulceras boubosas, quando se manifestão nas plantas dos pés, são mais irregulares, e profundão ao inverso do que se observa no resto do corpo (§. 9.); em hum destes casos podia-se chamar com alguma propriedade mãi das Boubas a ulcera do pé, porque precedeo ás Boubas mais de hum mez, resistio a todos os remedios, e só depois de curadas as Boubas he que cicatrizou perfeitamente, tendo até então feito por vezes cicatrizes falsas.

14. Todo o exterior do corpo humano he susceptivel destas ulceras; as nádegas porém, cara, escroto, e membro viril são mais sujeitos a ellas, principalmente estas duas ultimas partes, onde frequentemente são mais copiosas, e onde algumas vezes exclusivamente se manifestão. Na glande e face interna do prepucio jámais vi ulcera alguma boubosa. O interior das partes genitaes das mulheres, segundo me informou hum Preto casado, cuja mulher tinha tido Boubas, tambem parece ser exempto dellas.

15. Alguns Boubentos queixão-se de dores pelas extremidades; este symptoma porém não me pareceo ser constan-

tante ou essencial; era porém mais notavel nos que tinhão usado intempestivamente de mercurio e topicos repellentes, ou que parecião ter complicação de outra molestia. As dores boubosas assemelhão-se ás venereas pelas exacerbações nocturnas, e por infestarem tambem os ossos longos; notei porém que aquellas atacavão mais as aponevroses e pequenas articulações dos pés e mãos, e que algumas vezes imitavão perfeitamente a Gota, como se vê na observação seguinte. Hum sujeito, achando-se com ulceras boubosas, começou a curallas com topicos taes que logo se cicatrizárão; após disto sobrevierão-lhe dores cruéis pelas canelas e pelos pés com inchação e huma extrema sensibilidade nas pequenas articulações. As dores e inchação transportavão-se de hum pé para o outro, e dos pés para as mãos; de noute exacerbavão-se, e erão acompanhadas de indisposições de estomago: tornárão a manifestar-se as Boubas, ao mesmo passo se dissipárão as dores: usou novamente dos remedios topicos; á proporção que diminuia a supuração, crescião as dores. Não sei bem, que remedios depois empregou além de varios purgantes, e de banhos de differentes hervas; sei só que passados mezes melhor estava, mas andava ainda com muita difficuldade. He de notár que o pai deste doente, segundo este me disse, padeceo dores pelas extremidades inferiores, que forão rebeldes a todos os remedios; além disto o mesmo doente era costumado a hum exercicio grande, de que de repente se tinha abstido, sendo ao mesmo tempo affectado de disgostos. ¿Havia nesta enfermidade complicação de Boubas, e Arthritis; de Boubas, Gallico, e Arthritis; ou era ella a Arthritis Americana de Sauvages?

16. As Boubas ordinariamente não são acompanhadas de febre, nem de fastio; a lingua porêm costuma observar-se branca, e as urinas são pallidas.

CA-

CAPITULO III.

Analogia das Boubas com o Pian e o Yaws.

17. SE se attenta na historia e symptomas das Boubas, e se confrontão com os do Pian e do Yaws, acha-se tanta analogia entre estas tres enfermidades, que não podem deixar de reputar-se especies do mesmo genero, ou meras variedades da mesma enfermidade. Todas tres parecem oriundas de Africa (§. 3. (a)); são mais particulares aos Pretos (§. 2. (b)); grassão mais nas primeiras idades (§. 4. (c)); atacão com particularidade as mesmas partes do corpo (§. 14. (d)); não se padecem mais de huma vez na vida (§. 5. (e)); em todas ha carnes fungosas com hum particular e semelhante aspecto (§. 9. (f)); todas em fim são igualmente contagiosas, e curão-se semelhantemente (g), como adiante se verá.

18. He certo que ha differenças notaveis no aspecto de todas tres. No Yaws e Boubas não ha communmente, como no Pian, aquella ulcera phagedenica e desfungosa, que chamão *mamapian*. As Boubas e o Yaws são muito mais semelhantes; todavia os fungos das Boubas parecem differir alguma cousa dos do Yaws, e eu nunca vi que os pellos proximos das ulceras boubosas se fizessem brancos, como suc-

(a) Lorry de Morb. cut. pag. 391 e 394.

(b) Ocel., Historiador Philos., diz que todos os Negros das Ilhas da America Septentrional tem huma vez na vida o Pian. Lorry diz quasi o mesmo do Yaws pag. 389, e igualmente o Dr. Hunter *Obs. on the Diseases of the Army in Jamaica* pag. 306.

(c) Lorry pag. 389.

(d) Lorry pag. 390.

(e) *Med. prat. de Cull. par Bousq.* pag. 703. Hunt. l. c. Plenck. *De Morbis cutaneis* pag. 101, Lorry pag. 390.

(f) Lorry art. 8. de *Yaws*, e art. 9. de *Epian*. Coll. obr. cit. pag. 701 e 703.

(g) Os mesmos l. c.

cede no Yaws (a). Talvez estas differenças sejão meramente accidentaes, e devidas á diversidade dos alimentos, como presume Lorry (b). Esta conjectura he summamente verosimil, porque estas tres enfermidades, sendo oriundas de Africa, e particulares aos Pretos, e aportando estes todos os annos ao Brazil, S. Domingos, e Jamaica a milhares e indistinctamente de todos os Reinos d'Africa, jámais eu vi no Brazil o verdadeiro Yaws ou Pian, nem M. Virgilio em S. Domingos as Boubas ou Yaws (c), nem na Jamaica se tem visto o Pian ou Boubas (d). Parece por tanto que a mesma enfermidade toma a fórma de Boubas no Brazil, do Pian em S. Domintos, e do Yaws na Jamaica.

19. Cumpre pois classificar as Boubas com o Pian, e o Yaws no mesmo genero Frambæsia dos Nosologistas ou Systematicos (e), e reconhecer actualmente tres variedades, que se podem denominar Frambæsia ou Boubas de Guiné, Boubas de S. Domingos, e Boubas do Brazil.

CAPITULO IV.

Das causas occasionaes das Boubas.

20. SE nos Pretos grassa mais esta enfermidade que nos Brancos, não se póde deixar de ter por causas, ao menos predisponentes, as circunstancias morbificas, que occorrem mais naquelles que nestes.

21. A qualidade dos alimentos, de que se nutre aquella

(a) Cull. obr. cit. 2. t. pag. 701.
(b) Obr. cit. pag. 394.
(c) Lorry pag. 394.
(d) Lorry l. cit.
(e) Sauvages, Macbride, Cullen, Plenck. O nome generico *Frambæsia*, dado por Sauvages, he muito proprio, porque convem a todas as variedades: parece que foi derivado da palavra Franceza *framboise*, que significa medronho: dá por tanto idéa do symptoma caracteristico de todas ellas, pelo qual os Negros d'Africa lhe chamão Yaws, que significa medronho, e os de S. Domingos Pian, que significa morango. Sauvag. Nosol. pag. 778 e 779.

la miseravel porção da Especie humana, he a primeira, que se faz suspeita. Na Africa os Pretos nutrem-se principalmente de alimentos crassos e farinhosos, já da classe dos legumes, como mangaló *Dolicos lablabb* de Linneo, mandubi d'Angola *Glicine subterranea* L., guandos *Cytisus cajan* L., differentes sortes de feijão *Phaseolus vulgaris* L., mundubi *Arachis hypogæa* L. &c.; já da classe das raizes tuberosas, como batatas *Convolvulus batatas* L, carás *Dioscorea aculeata*, *sativa*, *bulbifera*, &c.; aipim *Jatropha manihot* L. &c.; já dos cereaes, como lucú *Holcus*? L., massa *Holcus*? L., massango *Oriza*? L., e milho mays *Zea mays* (*a*), de que preparão mil azymas e indigestas iguarias; já da classe dos fructos, como bananas *Musa sapientum*, e *paradisiaca* L., cocos de dendé *Elæis Guineensis* L. &c. A sua bebida usual e estimada he huma especie de cerveja, que chamão aluá (*b*), com que frequentemente se embriagão. Por este bosquejo dos alimentos, de que usão os Pretos no continente d'Africa, fica manifesto que nelles ha de ser languida a excitabilidade, e que as primeiras vias ou canal intestinal ha de estar forrado de saburra, ou materia viscosa. Se não he por tanto instincto, he bom costume o que elles

(*a*) Desportes nota, que os Pretos da Nação Bambara, os quaes preferem o milho miudo e o mays aos outros alimentos, são os mais envenenados do virus bouboso; e que os frangos, perús novos, e outras aves domesticas são tambem sujeitas a Boubas, principalmente no tempo secco, e quando se nutrem de milho miudo, particularmente d'aquelle, que os Francezes chamão *petit mil à chandelle* (Holcus spicatus L.). *Hist. des Mald. de S. Domingos* t. 1. pag. 62-64.

(*b*) O aluá dos Pretos d'Africa faz-se do mays, lucú, e outros cereaes. Para o preparar reduzem qualquer d'elles a farinha, cozem-a em agoa, e depois, ajuntando-lhe mel, deixão-a fermentar por hum, dous, ou tres dias. O aluá de lucú he mais espirituoso, e embriaga mais. Todos os aluás ou cervejas Africanas são menos saudaveis que as Europeas, porque não levão amargo algum, que corrija a acescencia, e sustente a acção do estomago: ora quando na Europa «*nec convenit pituita laborantibus ob indolem viscosam . . ., hinc Zytopotæ pituita laborant, quæ ventriculo, intestinis, & pulmonibus adhærens varias viscerum obstructiones, & morbos generat*» Plenck Bromatolog. pag. 384: que se não deve esperar do uso quotidiano do aluá, usando-se ao mesmo tempo dos referidos alimentos?

les tem, de condimentar os seus alimentos com algumas substancias, que esporeão o estomago, e corrigem desta sorte a qualidade crassa e inerte dos alimentos: taes são as pimentas conterraneas, *Capsicum annuum*, *baccatum*, &c. L., o giló *Solanum Æthiopicum* L., o gingibre *Amomum zingiber* L. &c. Assim elles não gostassem ao mesmo tempo, e não usassem tanto do crasso oleo ou, como lhe chamão, azeite de dendé, o qual não póde deixar de aggravar os inconvenientes da sua dieta.

22. O alimento dos Pretos no Brazil não he muito differente do Africano. Os mesmos legumes e raizes tuberosas (§. 21.), o mays, farinha de mandioca *Jatropha manihot* L., bananas, carne de vacca secca, e bagre secco *Silurus* . . . . L. fazem a principal parte do seu alimento. Bebem tambem aluá de arroz, mas muito mais a agoa-ardente, chamada cachaça, de que gostão apaixonadamente.

23. Do uso destes alimentos (§. 22.) não he de esperar huma disposição morbosa muito differente da mencionada (§. 21.). A farinha de mandioca, ainda que mais saudavel, e de mais facil digestão que os manjares de mays, pelo uso quotidiano, e pela indole glutinosa tambem hão de occasionar saburra mucosa de primeiras vias: ¿não o attestão bastantemente os vermes intestinaes, as oppilações, e outras doenças analogas, que não são raras nos Brazileiros, e que perseguem muito os Pretos?

A carne secca he hum alimento duro, e de difficil digestão; além disto tem hum cheiro ingrato, que indica certo gráo de ranço; não póde por consequencia ser hum alimento muito salutar. O grande uso, que se faz della no Brazil, he talvez huma das causas porque são tão triviaes, principalmente entre os Negros, ulceras de máo caracter, a Lepra, e outras doenças cutaneas.

O bagre, principalmente o amarello, he hum peixe muito pingue, ou como vulgarmente se diz, *reimoso*, e em geral as especies deste genero não dão hum muito bom alimento: talvez por isso fosse interdicta aos Judeos a es-

pecie *Silurus glanis* L. Se além disto notarmos que se usa do bagre secco, estado, em que he mais indigesto, e em que não raras vezes ha de estar rançoso (do que se prescinde quando he para o uso dos Escravos), devemos telo por tanto mais suspeito, quanto he certo que varias doenças cutaneas, e a mesma Lepra se tem visto provir do uso de peixe rançoso (*a*).

24. Estas reflexões dão hum ar de verosimilhança á opinião de Pisaõ, o qual se persuadia que as Boubas podem manifestar-se espontaneamente, usando-se de alimentos fétidos e salgados, e de bebidas rançosas e corruptas (*b*). Como porém esta enfermidade he das que se padecem huma só vez (§. 5. e 17.) na vida, e não repete ainda que, depois de curada, se continue no uso dos mesmos alimentos; parece que o alimento dos Pretos não póde senão predispôlos mais para ella, e que per si só não tem energia bastante para a produzir.

25. Entre as causas occasionaes parece-me, que não se deve omittir o clima. Apezar da frequente communicação dos Portuguezes da Europa com os habitantes dos climas quentes d'Africa e do Brazil, e apezar daquelles serem sujeitos ás Boubas no Brazil e Africa, nunca vi esta enfermidade em Portugal no decurso de quatorze annos, ou desde que a conheço e que regressei do Brazil. Parece que hum clima frio obsta ao seu desenvolvimento, e que por isso nos Estados Unidos he menos frequente que no Brazil e Africa, como affirma Swediaur. He talvez por isso que o Dinamarquez, que o Dr. Adams tratou do Yaws na Madeira, não sentio os effeitos do virus por espaço de dez mezes, que esteve na Europa, e começou a sentillos arribando á Madeira quando voltava para a America. Desportes diz, que em S. Domingos as aves domesticas são sujeitas a Boubas usando de certo alimento, principalmente no tempo quente.

26.

(*a*) Plenck Bromatolog. pag. 248.
(*b*) De Medic. Brazil. pag. 35.

26. A immundicie, em que vivem habitualmente os Pretos, he sem dúvida tambem huma das causas, que faz grassar as Boubas entre elles. Nada favorece mais a geração e contagio das doenças cutaneas, que a immundicie; e nada ha mais immundo, que o modo de viver, os habitos, e as sanzalas ou albergues dos Pretos.

27. A causa porém principal, e sem a qual talvez nunca se manifesta esta enfermidade, he o contagio. De quatro sortes parece que este se póde transmittir; por herança, amammentação, coito, e inoculação. Não tive occasião de ver doente algum manifestamente contagiado da primeira sorte, Pisaõ porém a reconhece (l. c.). Parece que por este modo o contagio envenena os primeiros rudimentos da máquina humana de huma maneira fatal, porque o mencionado Cirurgião (§ 5.) asseverou-me ter observado, que os filhos dos boubentos se fazião rachiticos, e morrião communmente antes da puberdade.

28. Do contagio por amammentação apenas vi hum exemplo, que me não pareceo inteiramente fóra de dúvida.

29. Em quanto ao coito, se se houvesse de dar credito ao célebre Author da Historia Philosophica das duas Indias, não deverião os Europeos ter o menor receio de se darem aos prazeres venereos com as Boubentas (*a*); parece porém que não só o Yaws ou Boubas da Jamaica se communicão desta sorte (*b*), mas tambem as do Brazil. Eu vi e tratei Boubentos, que parecião ter sido inficionados pelo coito. Deste modo a infecção não se manifesta tão prestes, como nas outras doenças contagiosas; o *minimum* de tempo, que intermedea desde a applicação do virus até á apparição de seus symptomas, he, segundo o que pude observar, de vinte dias, e o *maximum* de sessenta.

30. A inoculação he outro meio não menos certo que vul-

(*a*) *Les Européens ne prennent* jámais *ou* presque jámais *cette maladie malgré le commerce frequent, on peut dire journalier, qu'ils ont avec les Negresses.*

(*b*) Dr. Hunt. obr. cit. pag. 306.

vulgar, pelo qual se propagão as tres variedades de Boubas. He desta sorte que nas fabricas d'assucar do Brazil se multiplicão mais os doentes desta enfermidade. As moscas e os mosquitos são os indefessos inoculadores della. Como estes insectos gostão de pascer em todas as sortes de ulceras, e nos engenhos d'assucar encontrão sempre boubentos, inoculão incessantemente as Boubas vindo das ulceras boubosas pouzar sobre outra qualquer chaga ou ferida. Eisaqui porque em muitas crianças se manifestão Boubas pouco tempo depois de terem hido a algum engenho. « Crê-se mesmo que as moscas communicão a infecção (ainda sem haver chaga ou ferida), quando, depois de pascerem materia virulenta nas ulceras boubosas, picão a pelle dos sãos; basta, para que após esta inoculação se manifeste bem depressa a enfermidade, que haja no inoculado disposição favoravel para ella » (*a*). Tanto mais provavel he esta opinião, quanto he certo que as moscas, e muito mais os mosquitos no Brazil, e em todos os outros paizes entre os Tropicos, são tão copiosos como insupportaveis pelo continuo aguilhoamento, que he intoleravel ao mesmo gado vaccum e cavallar; e que na gente faz muitas vezes Erisipelas, e gottejar sangue. Ora se huma arranhadura feita com lanceta, que servio a evacuar as pustulas variolosas, he ás vezes quanto basta para inocular as Bexigas: ¿que se não deve esperar das ferretoadas dolorosas e cruentas daquelles insectos, que nas fabricas d'assucar sempre andão fartos e enlodados da materia ulcerosa dos boubentos?

Não havendo coito, ou inoculação, persuado-me que qualquer outro contacto não communica esta doença. O pai das duas crianças (§. 5.) dormia com ellas, e não tinha Boubas.

CA-

(*a*) Macbr. Medic. theor. e prat. 2. t. pag. 538.

CAPITULO V.

Da indole do virus bouboso.

31. PIsaõ (*a*) e Sauvages (*b*) tinhão esta enfermidade por venerea; tal he tambem, segundo me pareceo, a opinião geral dos Brazileiros, a qual tem por si a affinidade ou identidade das Boubas com o Pian e o Yaws (§. 19.), doenças, que alguns AA. modernos, como Swediaur, Bell, &c. reputárão venereas: ¿he ella porém bem fundada?

32. A affinidade, senão he identidade (§. 19.), das Boubas com o Yaws e o Pian, doenças, que o mesmo Sauvages (*c*) e outros Escritores (*d*) tem por diversas da venerea, não he a favor desta opinião. Além disto entre as Boubas e o Gallico parece haver huma notavel differença, porque 1.° as ulceras costumão ser corrosivas e profundas; pelo contrario as Boubas fungosas e elevadas acima do nivel da pelle (§. 9.): 2.° as venereas detergidas tem aspecto de huma simples ulcera; as boubosas sempre hum aspecto particular (§. 9.): 3.° quando o virus venereo se contrahe pelo coito, precedem frequentemente ulceras na glande e face interna do prepucio nos homens, e dentro dos grandes labios nas mulheres; mas outro tanto já mais se observa nos boubentos (§. 14.) (*e*): 4.° aos inficionados de Gallico vi no Brazil sobrevirem ulceras gallicas, e Boubas seccas (§. 6.); mas nunca as verdadeiras Boubas (§. 8. e 9.), as quaes de 50 a 60 doentes, que vi com ellas, em quasi todos provinhão de manifesta infecção boubosa: 5.° se as Boubas huma vez curadas não repetem mais, e o mal vene-

(*a*) L. c.
(*b*) Nosolog. Siphilis Indica, *Boubas* Hispanis, Mia Brasilianis pag. 783.
(*c*) Nosolog. pag. 777.
(*d*) Desport. obr. cit. pag. 62. Dr. Hunt. obr. cit. pag. 306.
(*e*) Nota-se que dos Pretos a Nação Bambara he a mais infestada do Pian, e que na maior parte não precede symptoma algum de Gallico, como Gonorrhea, Bubão, Cancros, &c. Desport. pag. 63.

nereo repete muitas vezes, a disparidade entre estas duas enfermidades he inquestionavel: 6.° o mercurio he remedio especifico do mal venereo, e, não havendo consideraveis symptomas inflammatorios, convem dar-se quanto antes; não he assim nas Boubas, como veremos, e da sua efficacia nesta doença não se póde colligir que he mais venerea do que algumas outras, em que elle he frequentemente proveitoso, e que não são commumente de qualidade venerea; v. gr. a Hepatitis, e o Tetano tão frequentes nos climas quentes, as mesmas Hydropesias (*a*), que talvez se curarião mais frequentemente se mais vezes se recorresse a este remedio.

33. Estas reflexões parecem refutar plenamente a opinião da indole venerea das Boubas, e constituilla huma enfermidade *sui generis*, como he a venerea, as Bexigas, &c.

CAPITULO VI.

Dos Prognosticos nas Boubas.

34. NÃo tive occasião sufficiente de determinar se as Boubas são susceptiveis de resolução, isto he, de se curarem antes ou no principio da supuração: como porém as observações antigas (*b*), e modernas tem mostrado que os remedios, que a seu tempo as curão, no principio são baldados, e não raras vezes nocivos (§. 38.); e como leio, que esta enfermidade se cura espontaneamente deixando-a aos meros esforços da Natureza debaixo do uso de bons alimentos, limpeza, e do regimen, que em geral se requer para lograr boa saude: parece que a resolução he para os conhecimentos actuaes impraticavel, e que a supuração he a sua

(*a*) Lind. *Essai sur les Malad. des Europ. dans les Pays chauds* 2. t. pag. 98.
(*b*) Piso l. c.
(*b*) Hunt. *Malad. vener.* pag. 409. Dr. Hunter *Obs. on the diseases*, &c. pag. 306. Cull. l. c.

sua natural e salutar terminação. Com effeito sendo muito verosimil que as enfermidades, que vem huma só vez, como esta (§. 5.), as Bexigas, o Sarampo, &c. precísão para izentar o individuo de nova infecção, que fação huma modificação na constituição physica, de sorte que lhe tirem toda a susceptibilidade, que havia, de as padecer; póde ser que esta modificação não possa effeituar-se sem supuração, ou que só esta seja o meio de destruir o virus bouboso, e a capacidade do sujeito para o receber. ¿ Não será por falta de sufficiente supuração que as Boubas, curadas pouco depois da sua apparição, repetem? ¿ Não será o mesmo nas Bexigas? talvez, se se fizessem averiguações, se achasse que o que tem esta enfermidade segunda vez, a tinha tido muito benigna na primeira.

35. Depois destas reflexões (§. 34.) julgo, que se devem considerar as Boubas como huma doença de alguma sorte crítica, e em que podem tambem distinguir-se os tres estados chamados de crueza, cocção, e crise; o estado de crueza abrange quasi todo o primeiro periodo (§. 8.); o da cocção abrange o resto deste, e o principio do segundo (§. 9.); o da crise o resto do segundo.

36. Em quanto ás evacuações naturaes notei, que hum sedimento branco nas urinas era vantajoso. Entre outras provas parececeo-me concludente a observação de hum boubento, qne, usando de huma tizana de folhas de caroba, e de raizes de salsaparrilha e da da horta, com hum electuario de caroba em pó, sulfato de magnesia, e polpa de canafistula, não se lhe soltava o ventre, mas tinha urinas mais copiosas com sedimento branco, e manifesto melhoramento das ulceras, o qual se fez estacionario por algum tempo, em que não se observou o sedimento.

37. As evacuações alvinas tambem são uteis nesta enfermidade; eu nunca as observei espontaneas, mas notei que as artificiaes erão sempre proveitosas durante a crise (§. 35.).

38. As Boubas, atacadas intempestivamente com mercurio, ou degenerão e se fazem rebeldes, ou sobrevem cra-

vos (§. 49.), ou insidiosamente se dissipão, para depois brotarem mais formidaveis. Creio que esta reapparição tem feito crer a alguns, que se podem contrahir as Boubas mais de huma vez, mas eu por ora tenho que estes novamente inficionados não são senão doentes, em que se tem obrado huma cura apparente. Sou desta opinião, porque vi huma criança de 5 a 8 annos, que havia trinta ou quarenta dias se tinha acabado de curar de Boubas por meio de mercurio, e que começava novamente a têlas, sem que se podesse suspeitar huma nova infecção, por ser esta impraticavel nas circumstancias, em que ella se achava.

39. A mal entendida reincidencia de Boubas (§. 28.) tem feito crer a muitos, que são hum mal incuravel; mas, não se tendo exasperado por hum tratamento incompetente, curão-se radicalmente em hum ou dous mezes depois da cocção da materia (§. 35.).

SECÇÃO II.

DO METHODO CURATIVO.

CAPITULO I.

Do regimen dos boubentos.

40. O Regimen ou o uso adequado das seis cousas chamadas *não naturaes*, he nesta, como em todas as outras enfermidades, huma parte essencial do methodo curativo.

41. Do que fica exposto he facil colligir a que elle se reduz. Como as Boubas não são acompanhadas de symptomas inflammatorios, mas sim dos que manifestão inercia de solidos (cap. 2.), e como os alimentos crassos predispoem para ella (§. 21. 24.), he claro que huma dieta corroborante e estimulante he a indicada. São por tanto conve-

ve-

venientes as carnes. Pisão recomenda as ferinas (*a*), ou, segundo eu interpreto, as dos animaes não domesticos, isto he, a caça. Com effeito estas parecem preferiveis porque são menos gelatinosas, e mais estimulantes; mas vacca, vitella, carneiro, e galinha são, segundo tem mostrado a experiencia, muito sufficientes. O peixe não parece ser conveniente, por ser alimento mucoso-gelatinoso (*b*). Dos alimentos vegetaes devem evitar-se os que são pezados ao estomago, os acidos, os oleosos. Pão de trigo, principalmente sendo abiscoitado, e ainda a farinha de mandioca torrada devem substituir-se na dieta do boubento ás preparações de mays, e a outros alimentos, que parecem predispôr para as Boubas (§. 20. 24.).

42. Esta sorte de dieta (§. 41.) deve ser acompanhada, até o estado de cocção (§. 35.), d'exercicio ou d'algum trabalho moderado. A limpeza do corpo, e o uso de ar puro são pontos de regimen, que nunca se devem postergar no curso desta enfermidade.

CAPITULO II.

Dos Medicamentos.

43. SEndo as Boubas huma enfermidade virulenta (§. 1. 43.), cujá crise se faz por huma erupção ulcerosa, e fungosa (§. 34.), tres indicações se apresentão para se executarem no methodo curativo; 1.ª facilitar a erupção benefica das ulceras boubosas, 2.ª e radicar o virus, 3.ª detergir as ulceras para se cicatrizarem.

44. A primeira indicação póde preencher-se pelos remedios, que excitão os vasos cutaneos. O guaiaco, o sas-

(*a*) L. c.
(*b*) *Indoles piscium est tenuis gelatina mucosa.* Plenck Bromat. pag. 246.

safraz, as raizes de salsaparrilha (*a*), bardana (*b*), japecanga *Smilax China* Lin., a caroba *Bignonia cærulea* Lin., a fumaria (*c*), o enxofre, &c. são simplices, com que se podem preparar differentes remedios adequados ao primeiro periodo desta enfermidade.

45. De todos estes simplices (§. 44.) o mais usado no tratamento das Boubas tem sido a salsaparrilha. No Brazil entra na composição das massas e farinhas de caroba, célebres remedios, com que se costuma tratar esta enfermidade. Na Ilha de S. Domingos hum Medico Inglez tinha huma infusão de salsaparrilha por superior a todos os remedios antiboubaes. Prepara-se esta tomando 12 onças de salsaparrilha, 12 de assucar mascavado, e 24 de agoa; e pondo tudo ao Sol em huma garrafa tapada por 15 dias. O boubento devia tomar quatro vezes no dia hum copo deste remedio, e abster-se de toda outra bebida. A flor de enxofre dá-se na Ilha de S. Domingos para promover a sahida do Pian: e o célebre Desportes tinha este remedio por superior a todos os outros para aquelle fim (*d*). Da caroba mais adiante fallarei.

46. Pelo que fica dito (§. 34. e 35.) podia deixar-se á Natureza o desempenho da 2.ª indicação, porque parece que a póde preencher por meio da supuração, como o pratica com o virus bexigoso, e ainda em alguns casos com o venereo; mas, segundo o que pude observar, a Natureza he tão vagarosa nesta operação, que se ella por si só a póde executar, gastaria tanto tempo, que faria perder a paciencia ao doente, quando não illudisse as suas esperanças.

(*a*) Para o Sul do Brazil não ha a verdadeira salsaparrilha *Smilax sarsaparilla*, mas ha huma planta, talvez nova especie do mesmo genero, cuja raiz he semelhante á da salsaparrilha no habito e qualidades sensiveis, e por isso lhe chamão tambem salsaparrilha; começa-se à substituir-se-lhe, e alguns dizem que a tem achado igualmente efficaz.

(*b*) Na Bahia e Rio de Janeiro não vi esta planta, mas encontrei muita na Ilha de Santa Catharina.

(*c*) Sauvages Nolog. pag. 779.

(*d*) Hist. des Mald. de S. Doming. 2. t. pag. 86.

ças. Felizmente a experiencia já nos fornece meios d'auxiliar efficazmente a Natureza nesta operação.

47. O Mercurio, judiciosamente applicado, he hum e o mais poderoso destes meios. Por todas as partes, em que se observão as tres sortes de Boubas, se usa do mercurio, e em todas se tem visto curas operadas por elle; mas muitas vezes este remedio não tem correspondido á expectação do Professor, e tem sido mesmo nocivo. Daqui vem que huns, que tem visto mais vezes os seus bons effeitos, reputão-o por especifico do *virus bouboso*; peló contrario outros, que tem observado mais vezes os seus máos effeitos, condenão-o por illusorio, e como nocivo (*a*). De huma e outra parte se tem exaggerado muito os damnos e beneficios do mercurio. Sendo certo que elle muitas vezes tem curado radicalmente as Boubas no Brazil, Ilhas de S. Domingos, e Jamaica; não he menos certo, que muitas vezes he insufficiente e mesmo prejudicial. Eu vou referir algumas observações, que mostrão estes oppostos effeitos, e que podem servir para determinar, quando elle convem.

1.ª *Observação.* O primeiro doente de Boubas, que tratei, era hum marinheiro, que tinha estado em hum engenho de assucar, onde se tinha dado aos prazeres venereos com as Negras. Quando me consultou, havia hum mez que tinhão começado a manifestar-se-lhe as Boubas. Tinha então varias ulceras boubosas principalmente pelas pernas, nádegas, partes genitaes, e cara, e vinhão apparecendo novas Boubas; tinha juntamente dores pelas pernas com exacerbações nocturnas. Este doente em tempos anteriores tinha tido varias molestias venereas externas. Por todas estas circumstancias, e por suppor que as Boubas erão de indole venerea, como me fazião crer as noções vagas, que tinha collegido no Brazil, julguei que o mercurio era o remedio, a que devia recorrer, e em que podia pôr toda a confiança. Depois de lhe dar por algum tempo huma tizana de

(*a*) Dr. Hunt. Obs. on the Diseases, &c. pag. 307.

de salsaparrilha com sénne, lancei mão da dissolução espirituosa de solimão: durante o uso della erão profusos os suores, os quaes tinhão no principio máo cheiro. As ulceras erão curadas com agoa phagedenica. Por meio destes remedios dissipárão-se as dores, as Boubas porém tantas se curavão por huma parte, como brotavão por outra. Ultimamente começárão a apparecer cravos (§. 10.) pelas plantas dos pés, e a vir hemorragias pelo nariz: púz então de parte o solimão, e substitui-lhe tanto interna como externamente a caroba. Pouco tempo depois, tendo a Esquadra de desaferrar do porto do Rio de Janeiro, remetteo-se este doente para o hospital de terra sem dores, mas ainda com Boubas, e de mais com cravos nos pés. He de notar que este tratamento durou dous mezes.

2.ª *Observação.* Outro marinheiro algumas semanas depois de ter tido trato carnal com diversas Negras, começou a ter Boubas pelas coxas, braços, e pelle do membro viril, as quaes depois de tres ou quatro semanas principiárão a supurar; as do membro viril tinhão produzido huma tão grande phimose, que não era possivel descobrir-se a glande. Dirigindo-se immediatamente ao Cirurgião da náo, foi tratado, mas infructuosamente, como se tivesse cancros venereos. Hindo depois para o hospital militar, derão-lhe humas pilulas mercuriaes catharticas, e puzerão-lhe nas ulceras calomelanos com mel rosado, mandando-lhe banhar ao mesmo tempo a phimose com posca. No uso destes remedios começou a ter dores de cabeça, e pelo ventre; e no fim de hum mez não estava sensivelmente melhor das Boubas, e tinha de mais as dores: a phimose então formava huma inchação transluzente e elastica. Neste estado tomei-o a meu cuidado, e o puz no uso da tizana seguinte:

De raiz de salsaparrilha . . . . . . } $1\frac{1}{2}$ onça.
folhas de caroba . . . . . . }
raspas de sassafrás . . . . . . $\frac{1}{2}$ onça.
Com q. b. d'agoa faça duas libras
de cozimento, por fim infunda de
folhas de sénne . . . . $\frac{1}{2}$ onça.
semente de funcho . . . . . . 1 pugilo.
Coe, e ajunte de tàrtaro soluvel . . . $\frac{1}{2}$ onça.
D. $\frac{1}{2}$ libra de manhã e de tarde.

ao mesmo tempo mandei banhar quotidianamente em cozimento de caroba, huma vez todo o corpo, e varias o membro viril; mandei-lhe tambem pôr folhas de caroba em pó nas ulceras humidas, e extracto de caroba nas seccas ou crostosas. Neste uso fazia o doente duas ou tres dejecções por dia; as dores progressivamente se hião dissipando; a phimose desvanecia-se ao mesmo passo, e as ulceras detergião-se, e hião cicatrizando-se: algumas, que estavão mais fungosas, forão por dous dias dias tratadas com oxymel de verdete: recorrendo-se depois aos primeiros topicos, e continuando-se o uso da tizana, em vinte dias ficou inteiramente bom.

A estas observações deve juntar-se a de Hunter (a), que he notavel.

3.ª *Observação.* Hum Cirurgião n'America, tendo huma arranhadura em hum dedo, fez a huma Preta, que tinha o Yaws, a abertura de hum abcesso; finda a operação, advertio que huma pouca de materia tinha ficado sobre a arranhadura, e logo assentou que ficava inoculado: com effeito a arranhadura trinta dias depois ainda não tinha sarado, e cobria-se de tempos a tempos de escamas brancas, que por si se desapegavão e cahião. Assustado com estes phenomenos, pôz-se logo no uso de fricções mercuriaes, e de cozimento de salsaparrilha, mas inutilmente, porque apezar de

(a) Traité des Malad. vener. pag. 408.

de ter insistido por mais de hum mez nestes remedios, começárão a sahir-lhe tumores ao longo do braço, e sobrevierão-lhe dores osteocopas pela cabeça e extremidades, que o atormentavão de noute, e que chegárão a hum ponto quasi insupportavel: passados seis mezes de tormentos, de aturado uso de fricções mercuriaes, e de cozimento de salsaparrilha, manifestou-se huma erupção crostosa em differentes partes do corpo, principalmente pelas coxas e pernas, e juntamente exulcerárão-se os tumores, a que se seguio diminuição nas dores nocturnas; mais hindo as novas ulceras a peor, tomou a resolução de hir a Londres, onde o uso de mercurio calcinado na dose de $\frac{2}{1}$ gr. gradualmente augmentada até 5 gr., huma tizana de salsaparrilha, e dieta lactea em tres mezes lhe cicatrizárão as ulceras, e dissipárão todos os symptomas, á excepção de algumas gomas *nodus*, que lhe ficárão sobre a canella, e de ter dores rheumaticas em se expondo ao frio. He de notar que hum anno depois desta cura começou a sentir incommodo ao engolir, seccura nas fauces, e huma evacuação mucosa e viscosa da garganta e nariz, que continuava ainda quando Hunter escrevia.

48. Não accumularei aqui novas observações, que mostrem os damnos ou insufficiencia do mercurio. São muito triviaes no Brazil, e occorrem no tratamento empirico das Boubas pelas massas e farinhas de caroba, como no caso da criança boubenta do §. 38. &c.: ajuntarei tão sómente huma propria, que mostra a efficacia do mercurio.

Obs. Antonio Nunes Ferreira, de idade de 13 annos, page da náo Conde D. Henrique, e natural de Lisboa, havendo seis mezes que tinha estado em hum engenho d'assucar, onde havia Boubas, veio para a náo com dous cravos na planta de hum pé, proximamente aos dedos; escaldou depois a extremidade deste pé, donde resultou huma ulcera cutanea, que, apezar dos remedios topicos, não acabava de cicatrizar-se; no fim de mais de dous mezes fez huma cicatriz falsa, e pouco depois começárão a sahir-lhe

Bou-

Boubas, das quaes, quando mas mostrárão, algumas estavão já no segundo periodo (§. 9.). Não havia neste doente symptoma algum, que suggerisse outras indicações mais qua as das Boubas: conseguintemente mandei-o pôr no uso de huma tizana de raiz da China e de fumaria; ao 6.° dia quasi todas as Boubas estavão muito grandes e muito lardaceas. Mui poucas se manifestavão de novo. Sentindo-se languido, e queixando-se de ter de noute algumas dores pelas canellas das pernas, mandei-o tomar de manhã e de tarde, além da tizana, $\frac{1}{2}$ oitava de electuario composto de huma onça de folhas de caroba em pó, $\frac{1}{2}$ oitava de calomelanos, e xarope simples. Ao 9.° dia, sem dores, mais Boubas, 2 ou 3 dejeções por dia, mais vigor. Ao 11.° suspendi-lhe o electuario, por trazer o ventre muito solto; mais Boubas, e sentia-se melhor. Ao 13.° ainda soltura de ventre; tizana de salsaparrilha e de caroba, em lugar da de fumaria, &c. Ao 17.° sem novas Boubas; as que havia, mui lardaceas; a mesma tizana, balsamo mercurial para lavar as ulceras maiores. Ao 20.° ventre ainda lubrico; ulceras mais limpas, algumas doridas; unguento mercurial com $\frac{1}{4}$ de mercurio precipitado branco em lugar do balsamo mercurial. Ao 24.° ulceras hum pouco sordidas, ventre natural; electuario do dia 6.°, tizana de caroba, balsamo mercurial. Ao 25.° ulceras detergidas com materia mui viscosa; tizana, electuario, externamente unguento mercurial do dia 20.°. Ao 36.° quasi todas as ulceras cicatrizadas; algumas tão lizas, que só differião do resto da pelle pela côr encarnada; outras ainda asperas ou crostosas; a ulcera do pé muito diminuta; o doente fazia duas ou tres dejeções por dia; os mesmos remedios internos; unguento mercurial do dia 20.° para a ulcera do pé; balsamo mercurial para as ulceras asperas ou crostosas. Ao 38.° o pé quasi bom; por estar sordido o doente lavou-se todo neste dia com agoa morna e sabão; os mesmos remedios. Ao 39.° inteiramente bom; todavia os mesmos remedios. Ao 46.° apparecêrão entre o pollex e o index da mão esquerda humas pequenas pustulas
 her-

herpeticas, em que fiz pôr o unguento mercurial do dia 20.°; os mesmos remedios. Ao 48.° algumas pustulas herpeticas pelo corpo; as da mão dissipadas. Lavou-se novamente o doente em agoa morna; cozimento de salsaparrilha com nitro e oxymel simples. Ao 52.°, 14 de Agosto, completamente bom, com boa côr, e vigoroso, e assim se conservou por muito tempo, que esteve a bordo da náo.

Esta observação, que refiro com miudeza, como huma prova da efficacia do mercurio, parecerá talvez a alguns insufficiente, porque juntamente com elle usava de salsaparrilha e de caroba, das quaes esta passa no Brazil por especifico antibouboso; mas se se reflectir bem no grande uso, que fiz de mercurio, no immediato beneficio, que tirava delle, e no que adiante direi sobre a caroba, creio que poucos serão de differente parecer.

49. Se se reflectir nestas (§. 47. e 48.) e n'outras semelhantes observações, notar-se-ha sempre, que o mercurio he nocivo, ou faz huma cura apparente, quando he administrado muito cedo, ou antes que o virus se tenha arrojado sobre a pelle, e se tenha modificado ou evacuado por meio da suppuração; mas que depois deste periodo, ou quando se não manifestão novas Boubas, e as que ha, estão bem lardaceas, o mercurio he hum poderoso remedio antibouboso.

50. Colligе-se daqui (§. 49.) quanto he importante distinguir a época, em que convem o mercurio. Eu não pude descobrir outros sinaes caracteristicos della senão os mencionados (§. 49.). O tempo, que tem durado a enfermidade, e que Plenck reduz a tres mezes (*a*), não he, quanto a mim, hum sinal seguro; porque, não sendo em todos os doentes uniforme a marcha desta enfermidade, póde antecipar-se e retardar-se a crise ulcerosa, ou, permitta-se-me dizer, a madureza das Boubas. Em caso de dúvida he melhor retardar que antecipar o uso do mercurio.

51.

(*a*) De morb. cutan. p. 102.

51. Este remedio administra-se nesta enfermidade como na venerea, isto he, dá-se internamente, ou por uncções. No uso interno tem-se empregado differentes preparações, cada huma das quaes tem seus apologistas. Plenck, Lorry, e outros recommendão de preferencia o oxymuriato de mercurio (solimão) (*a*), mas eu, que não vi, nem li provas da sua excellencia nesta enfermidade, não julgo preferivel huma preparação, que carece de mais cautela.

M.r Conegú, célebre Cirurgião da Ilha de S. Domingos, preparava huma especie de mercurio doce, que alguns chamão calomelanos crús, e que era muito efficaz em Boubas (*b*). Eis-aqui o methodo de os preparar segundo Desportes:

Tome-se de oxymuriato de mercurio (solimão)
Azougue - - - - - - - - - - aná q. q.
Triture-se em gral de marmore com mão de páo até á perfeita extincção; ajunte-se depois agoa bem quente, e agite-se esta mistura; deixando-a depois em repouso até se precipitar todo o pó indissoluvel, decanta-se a agoa. Repita-se esta lavagem duas ou tres vezes com agoa quente, e outras tantas com agoa fria; seque-se depois o residuo, pulverize-se, e deite-se-lhe em cima tanto espirito de vinho, que o cubra; ponha-se-lhe fogo, e, em quanto arde, mecha-se a mistura. Repita-se duas ou tres vezes esta combustão; o pó, que fica, são os calomelanos crús. A dose he, para os adultos, de 4 até 8 gr.

He claro que por este processo se obtem huma especie de mercurio doce ou calomelanos, mas não he menos manifesto que esta preparação he incerta, e daqui vem que

(*a*) Plenck. De morb. cut. p. 102. Lorry De morb. cut. 39.
(*b*) Desport. Obr. c. 2. t. p. 88.

ás vezes excita vomitos (*a*). Hum habil Boticario do Rio de Janeiro (Mathias de . . . .), que costumava fazer este preparado para o uso de hum Medico da mesma cidade, innovou o processo de M.r Conegú de sorte que era mais expedito, e dava hum producto, segundo me pareceo, mais uniforme, e, pelo uso que tinha, tanto ou mais efficaz. Eu exporia aqui a innovação, que elle fazia, e que obsequiosamente me manifestou, mas como a tinha em segredo, não devo trahir a confidencia, que me fez.

O oxydo de mercurio, que se denominava mercurio calcinado, he reputado por muitos Praticos Inglezes como a mais efficaz e mais certa das preparações mercuriaes (*b*). O Doente de Hunter (§. 47.) colheo algum beneficio della. A sua dose he gradual e progressivamente de $\frac{1}{2}$ até 5 gr.

O nitrico oxydo de mercurio (precipitado rubro ou pós de Joannes), apezar da sua causticidade, tambem se dá interiormente nas Boubas. Nas róssas e engenhos de assucar do Brazil costumão frequentemente dá-lo aos Pretos com banana ou gemma d'ovo, e não he raro darem em huma dose $\frac{1}{2}$ oitava. Parece-me que só a constituição muito pouco irritavel ou fleumatica de hum Negro (*c*), cujos intestinos, por effeito do alimento, estão mais forrados de muco, póde supportar sem damno este remedio em tão grande dose. Meio até quatro grãos são os limites ordinarios da dose desta preparação, que só convem a pessoas, cuja constituição seja ou se assemelhe á dos Negros.

De todas as preparações mercuriaes porém nenhuma he tão usada internamente nesta enfermidade como o submuriato de mercurio (mercurio doce ou calomelanos). No Brazil entra na composição das massas e farinhas de caroba, com que geralmente se costumão tratar as Boubas, e nas colonias Inglezas he tambem de uso geral (*d*). A pezar de

(*a*) Desport. l. c. p. 91 e 92.
(*b*) Lewis Connoiss. des Med. 2. t. p. 472.
(*c*) *Homo Afer, niger, phlegmaticus, laxus.* Linn. Syst. Nat. tom. 1. p. 29.
(*d*) Lorry l. c.

de ser a mais branda, tem mostrado a experiencia ser sufficientemente efficaz Esta he a de que tão felizmente usárão o Dr. Massey (*a*); e o Anonymo, que descreveo o Yaws nas Actas de Edimburgo, onde affirma que nunca falhou (*b*). Isto porém na minha opinião não prova tanto a efficacia desta preparação, como o conhecimento que elle tinha da occasião propria para usar das preparações mercuriaes.

52. Seja porém qual for a preparação, que se escolha, cumpre dá-la de sorte que obre sobre toda a constituição, e extenda a sua acção salutar até ao systema cutaneo. Cumpre por isso que se dê no principio em pequenas doses, de sorte que não augmente notavelmente a evacuação alvina; no progresso porém do tratamento póde tornar-se suavemente purgante, ou entrepor-se-lhe purgantes, como adiante se dirá.

53. As unções mercuriaes erão mais usadas pelos Francezes nas suas colonias Americanas (*c*). Este methodo de dar o mercurio não he sempre o melhor (*d*); com tudo eu o tenho visto aproveitar, tendo-lhe precedido infructuosamente o uso interno de outras preparações mercuriaes, em caso de dores provindas do uso de topicos repercussivos. Neste caso se a salsaparrilha, a caroba, e o enxofre não fazem tornar á pelle as Boubas, cumpre usar das unções até excitarem ligeira salivação. He então que este methodo de dar o mercurio he preferivel, e tambem nos casos em que pela grande mobilidade peristaltica dos intestinos, não se pode fazer passar o mercurio por estes para as segundas vias.

54. Além do mercurio tem-se reputado capaz de encher a segunda indicação (§. 46.) a caroba (*e*). As folhas deste vegetal em todo o Brazil, e nas nossas possessões Africanas empregão-se desde huma época immemorial no trata-

men-

(*a*) Id. p. 391 e 392.
(*b*) Desportes l. c. p. 15 e seguinte.
(*c*) Desportes l. c. p. 85 e seguinte.
(*d*) Macbr. l. c. p. 598.
(*e*) *Bignonia Copaia* d'Aublet Flor. Guianensis.

mento das Boubas, e ainda que se não dão sem addição d' outros remedios, não passão menos por especifico desta enfermidade. Em Caienna e na Guiana, que hoje possuem os Portuguezes, parecem não ter menos reputação, porque os habitantes lhe chamão *Unguent Pian*, isto he, unguento das Boubas (*a*). Já se vio, que eu usei felizmente della no caso da 2.ª observação (§. 47.), mas não póde bem colligir-se daqui qual seja a efficacia absoluta deste vegetal. Eu intentei determinalla por huma experiencia, mas não me foi possivel dirigilla até ao fim; como porém assim mesmo imperfeita póde dar alguma idéa das virtudes deste remedio, referilla-hei, e depois direi o conceito, que formo delle.

Observação. Hum page da náo Conde D. Henrique, estando no Hospital com huma ulcera em huma perna, e convivendo muito com outro page doente de Boubas, começou hum mez depois de finda esta convivencia, a cobrir-se de Boubas e de papulas (§. 8.), que diariamente fazião progressos. Haveria hum mez que tinhão começado a apparecer as Boubas, quando o examinei; tinha já tomado algumas pilulas mercuriaes purgantes, mas poucas; nestas circunstancias principiei a dar-lhe internamente $\frac{1}{2}$ oitava de folhas de caroba em pó, duas vezes no dia, e cozimento simples de caroba: fazia-o banhar quotidianamente em cozimento desta planta, e mandava curar-lhe as ulceras com extracto da mesma. Nos primeiros dias não houve evacuação alguma notavelmente augmentada; continuárão-se os mesmos remedios, duplicando porém a dose de caroba em pó; após isto tinha ordinariamente duas evacuações alvinas por dia, passados porém alguns dias, foi necessario dar quotidianamente huma oitava mais de caroba para obter o mesmo effeito. Ao cabo de 20 dias tinhão sarado perfeitamente muitas ulceras, mas o resto não dava indicios de se aproximar da mesma terminação; entretanto as papulas multiplicavão-se, e ao mesmo tempo manifestavão-se pustulas sarnosas pe-

(*a*) Aublet l. c. p. 653.

pelas mãos. Neste tempo cessei de assistir ao meu doente; vi-o depois algumas vezes, e me disserão que continuava no mesmo methodo, mas com muita negligencia na applicação topica da caroba, e sem attenção alguma á evacuação alvina. Passados mais de dous mezes de uso de caroba, não havendo indicios de se poder curar só com ella, e achando-se além disto mais cuberto de sarna, entrou no uso de humas pilulas mercuriaes purgantes, curando ao mesmo tempo as ulceras com verdete. Por estes meios curou-se das Boubas, mas tinha o corpo tão coberto de ulceras sarnosas, que parecia ainda mais doente que com as Boubas.

55. Por esta observação, e pelo que notei em todas as occasiões que usei da caroba, estou persuadido que as folhas deste vegetal, cujo sabor he brandamente amargo, dadas interiormente são hum pouco purgantes, excitão a acção dos vasos cutaneos, ou obrão, se se quizer dizer, como expellente; applicadas porém topicamente possuem algum poder detergente, como se vê não só na observação precedente, mas tambem na 2.ª observação (§. 47). Não he por conseguinte improvavel que a caroba dada internamente com os diaforeticos, applicada depois topicamente, e auxiliada ultimamente com purgantes, e occasionalmente com algum escarotico, poderia curar as Boubas. He necessario todavia que se fação ainda observações assás numerosas, para estabelecer decisivamente este ponto de doutrina pratica.

56. Pelas noções, que acabo de dar da virtude antiboubosa do mercurio, e da caroba, póde bem avaliar-se a imperfeição do methodo Braziliano de tratar as Boubas pelas chamadas massas e farinhas de caroba. Estas duas composições constão em geral de caroba, e de salsaparrilha em pó, de calomelanos, e de alguns purgantes; estes simplices, reduzidos em electuario por meio de qualquer xarope, chamão-se massas, e misturados com carimá, ou outra farinha, constituem as farinhas. Eis-aqui huma formula das massas, que me communicárão no Rio de Janeiro.

De

De fôlhas de caroba, e de raiz de salsaparrilha em pó . . aã . . . . 2 onças.
Folhas de senne, e de raiz de jalappa em pó aã 1 onça.
Calomelanos . . . . $\frac{1}{2}$ oitava.
Misture-se, e com xarope commum faça-se massa. Dose huma colhér, de manhã, e de tarde.

Eis outra formula, que o muito sabio e curioso Bispo d'Elvas o Ex.^mo^ e R.^mo^ Snr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho teve a bondade de me communicar como experimentada e efficaz.

De assucar mascavado em calda . . . . 9 onças.
Mercurio (calomelanos?) . . . . . . $\frac{1}{2}$ oitava.
Jalappa em pó . . . . 6 oitavas.
Senne em pó . . . . 2 oitavas.
Salsaparrilha em pó . . . . 3 onças.
Farinha de mandióca fina . . . . . . q. b.
Misture-se, e faça-se massa. Dose a mesma da precedente.

57. As mencionadas massas e farinhas de caroba dão-se sem attenção ao estado das Boubas, e, como era de esperar dos seus ingredientes, costumão soltar muito o ventre. Durante o seu uso tratão as ulceras com verdete. Por este empirico methodo curão-se algumas vezes as Boubas, mas frequentemente se repercutem ou suppitão, donde resultão dores osteocópas, ou huma reincidencia na mesma enfermidade.

58. A razão do inconstante effeito deste methodo manifesta-se bem pelo que fica dito. ¿ Quem não vê que estas composições, nimiamente purgantes, dadas permaturamente, ou antes de se ter completado a erupção, e ulceração boubosa, estorvão ou suppitão esta, e fazem huma cura apparente, ou huma degeneração da enfermidade? Pelo con-

contrario se se derem, quando convem, o mercurio (§. 49.), e se regularem dc sorte que soltem moderadamente o ventre, então podem curar.

59. Do que acabo de ponderar (§. 54. e 59.) collige-se tambem que a caroba, á qual pelo nome daquellas composições se attribue principalmente a virtude dellas, não merece assás estas honras quando cura, nem vituperio quando falha; porque manifestamente tem mais parte no bom ou máo successo os purgantes e o mercurio, que fazem parte dellas.

60. Expostos os meios, que ha de preencher a 2.ª indicação (§. 46. e 59.), segue-se tratar dos meios de satisfazer a 3.ª e ultima (§. 43.), isto he, a cicatrização das ulceras. Esta indicação he facil de encher-se, quando se tem desempenhado a 2.ª, isto he, destruido o virus bouboso. He preciso pois, antes de attender á 3.ª, examinar se está satisfeita a segunda. Póde-se crer que está, se por sufficiente tempo se tem usado dos remedios competentes, se não apparecem novas Boubas, e se as que existem, se detergem facilmente, ou dão indicios espontaneos de quererem cicatrizar-se. Nestas circunstancias os topicos detergentes ou escaroticos, limpando as ulceras, e excitando huma boa suppuração, e os purgantes, augmentando a absorpção cutanea, e conseguintemente a cicatrização, finalizão a cura.

61. Dos detergentes os melhores são os mercuriaes, porque detergindo as ulceras, obrão juntamente como correctivos do virus. Por isso julgo que destes se póde usar muito mais cedo que de todos os outros: chego mesmo a crer, que com a simples applicação topica dos remedios mercuriaes, e algum purgante de tempos a tempos se podem curar as Boubas, e este seria o methodo, de que eu usaria nas crianças, ás quaes he difficil administrar remedios internos. Eu consegui tão bons effeitos do balsamo mercurial de Plenck (a), e do unguento mercurial com os calomelanos,

(a) Doutrina das Enferm. Vener. p. 214.

que julgo devellos recommendar, aquelle nas ulceras mais sordidas e fungosas, e este nas detergidas.

O pó, e o extracto das folhas de caroba são tambem detergentes destas ulceras (§. 55.), mas brandos, e a sua efficacia depende do estado da enfermidade.

Os topicos de cobre são os mais usados pelos Brazileiros no tratamento das ulceras boubosas. Não se vê boubento algum no Brazil, que não traga as ulceras cobertas de verdete; com effeito as preparações de cobre são excellentes corrosivos, e talvez pela sua virtude adstringente (a), ou sorbente accelerão mais, que as preparações de mercurio, a cicatrização das ulceras; mas por isto mesmo o uso, que geralmente se faz dellas, por prematuro he pernicioso. Eu vi varias vezes pelo intempestivo uso dos topicos de cobre desapparecerem muito depressa as Boubas, e sobrevirem dores pelas extremidades, cravos, &c.: por isso estes topicos não me parecem opportunos senão muito por fim, ou como recurso em algumas ulceras mais rebeldes.

62. Em quanto aos purgantes, os calomelanos, o senne, a jalappa, ou os que são indigenas do Brazil, a batata de purga (*Convolvulus operculatus* Mem. de Mathematica e Physica da Acad. R. das Sciencias de Lisboa t. 3. part. 1. Memorias dos Correspondentes pag. 27.), a casca da raiz de fedegoso bravo (*Cassia bacilaris* Linn.), o senne do Brazil (outra especie de cassia), que já he usado em Portugal, e que não differe do de Levante, senão em ser mais fraco, o sulfato de soda, de que abunda a Varzea do Salitre no Maranhão, &c. são dos melhores; e podem dar-se de dias em dias na sua ordinaria dose evacuante, ou, o que he melhor, em menor dose mas quotidianamente, de sorte que o doente faça diariamente huma ou duas dejecções mais do que naturalmente costuma.

63. Resta tratar dos cravos. Pelo que fica dito (§. 10.), he manifesto que estes são entretidos pelo virus bouboso pervertido. Quando ha pois este symptoma, e se não tem abu-

(a) Cullens A Treatise of the Mat. Med. vol. 2. p. 92.

abusado do mercurio, cumpre lançar mão dos mesmos remedios internos e externos (cap. 2.); accrescendo, quando este tratamento não he sufficiente, o uso de escaroticos fortes, como agoa phagedenica, agoa caustica para os condilomas de Plenck (*a*), pedra infernal, ou nitrito de prata, &c. Tendo-se porém abusado do mercurio, a salsaparrilha, a caroba, e os outros muitos remedios aqui indicados, menos o mercurio: a não ser como escarotico, são o recurso, que conheço, declarando com ingenuidade digna de assumptos medicos e de hum homem de probidade, que a minha experiencia a respeito dos cravos he nimiamente escaça para poder tratar bem esta parte do meu assumpto.

(*a*) Doutr. das Enferm. Vener. p. 212.

MEMORIA
SOBRE A DESINFECÇÃO DAS CARTAS.

POR BERNARDINO ANTONIO GOMES.

PROBLEMA.

« ¿ Será sufficiente para preservar este Reino da intro-
» ducção do mal da Peste, ou da Febre amarella, dar al-
» guns golpes nas Cartas, que vierem de partes suspeitas,
» e fumigallas sem as abrir, e sem mesmo passarem pelo
» vinagre? E passando-as pelo vinagre ¿ poderá evitar-se
» que se abrão? »

Non fingendum, sed inveniendum.
Bac.

QUerendo o Governo deste Reino evitar que se abrissem, como manda o Regimento da Saúde do Porto de Belem, para depois passarem por vinagre, as Cartas vindas de lugares empestados, ou suspeitos, fez á Junta da Saúde os referidos quesitos, aos quaes a Junta, tendo por maxima a respeito de Peste, peccar antes por excesso de cautela, do que por ligeira negligencia, ou, não propôr ao Governo se não as mais seguras medidas, teve a honra de responder, que lhe não parecia haver perfeita segurança contra a introducção da Peste por meio das Cartas, sem estas se abrirem, porque podião encerrar amostras de cousas susceptiveis, que he necessario tambem desinficionar, e que se costumão desinficionar por processos differentes; e porque, ainda quando não tragão dentro cousas susceptiveis,

veis, mostra a observação, que ellas não são bem penetradas pelo vinagre; por cujos motivos, e por ser o vinagre o desinfectante das Cartas mais acreditado, julgava necessario abrillas, e passallas depois pelo vinagre como manda o Regimento da Saúde.

Desta opinião todavia não foi a frouxo toda a Junta; houve quem opinasse que não era necessario abrir as Cartas, e que bastava fumigallas pelo Processo desinfectante de Mr. Morveau.

A' vista destes pareceres o Governo, attendendo muito á reputação do Processo de Mr. Morveau, que mais e mais se tem acreditado contra os miasmas de diversas molestias contagiosas, e levado ao mesmo tempo do desejo de evitar, quanto he possivel, que se viole o segredo das Cartas, determinou que as Cartas, assim de lugares empestados como dos suspeitosos, se purificassem pelo Processo de Mr. Morveau, abrindo-se as dos lugares empestados, e golpeando-se somente as dos lugares suspeitosos.

A' primeira vista esta resolução pareceo-me perigosa, ou que podia ter hum dia consequencias mui funestas; porque, além de me não recordar então de observação, ou experiencia alguma, que mostrasse pratica e decisivamente que o poder deinfectante da *Chlorina* se extendia á Peste; dos lugares suspeitosos podião vir, antes de nos ser notorio que nelles se tinha manifestado a Peste, Cartas empestadas, e perfumando-se estas, golpeadas sómente e não abertas, parecia inverosimil que o gaz do perfume, que tende mais a elevar-se, que a insinuar-se lateralmente em espaços occupados por ar mais pezado, penetrasse pelos golpes, por onde mais facilmente havia de penetrar e mal penetra hum liquido mais pezado como he o vinagre.

Feitas estas reflexões, contra as quaes nada via indicado na opinião, que havia proposto o Processo de Mr. Morveau, e não querendo ainda assim em materia tão grave adoptar, ou rejeitar opinão alguma sem todo o possivel exame, propuz que se pedisse ao Governo a suspensão da

sua

sua Portaria a este respeito em quanto por experiencias, que se devião fazer, se não via se erão bem ou mal fundadas as minhas reflexões, e o meu receio. Conformandose a Junta com este parecer, fez a mencionada Supplica, á qual o Governo, mostrando a prudencia que o caracteriza, immediatamente annuio.

Em consequencia disto o Ex.mo Marquez de Tancos, o Desembargador Bartholomeu Giraldes, o Primeiro Secretario Luiz Antonio Rebello, os Doutores José Pinheiro de Freitas Soares, Henrique Xavier Baeta, Ignacio Xavier, e eu concorremos no Laboratorio Chimico da Casa da Moeda, onde se fizerão as duas seguintes experiencias.

Experiencia 1.ª

Mettêrão-se e pozerão se a prumo em hum forno de Baumé Cartas abertas; deixárão-se por 5′ expostas á *Chlorina* desenvolvida pelo Processo de Mr. Morveau. Tiradas do forno observou-se, que algumas letras, que estavão mais perto da capsula fumigatoria, se tinhão tornado amarellas, e que as Cartas cheiravão fortemente á *Chlorina.*

Experiencia 2.ª

Praticando-se o mesmo, e por 10′ com huma Carta fechada, e traspassada com tres golpes parallelos, de huma pollegada cada hum, observou-se, que não só o sobrescrito mas tambem a Carta inclusa, posta longe do sobrescrito, cheirava por toda a parte ao perfume, muito menos porém que a da Experiencia 1.ª, e a letra estava sem alteração.

Levando para casa estas Cartas observei que ellas conservavão por longo tempo o cheiro do perfume, e que este, na Carta encerrada no sobrescrito, era mais forte nos primeiros seguintes dias, que no dia da Experiencia.

Estas duas Experiencias, contra a minha expectação, pa-

parecerão-me abonar a resolução do Governo; porque o cheiro do perfume, que se observava na Carta fechada, indicava que elle a tinha penetrado; e a maior intensidade do cheiro na Carta aberta, indicando que o Processo desinfectante he mais forte abrindo-se as Cartas, justificava o mandar-se operar desta sorte quando as Cartas são mais suspeitosas.

Nestas circunstancias, pela gravidade da materia, e porque as illações e a opinião dos meus Sabios Collegas a respeito de se abrirem as Cartas, não se achavão identicas com as minhas, julguei necessario elucidar a questão por meio de novas experiencias.

Não sendo todas as Cartas de meia folha de papel como a da Experiencia 2.ª, e contendo algumas cousas susceptiveis, cumpria indagar o que succederia com Cartas mais volumosas, com as que recatassem cousas susceptiveis, e em fim como a *Chlorina* penetra as Cartas.

Para resolver estes problemas fiz no Laboratorio as seguintes experiencias, para as quaes, do mais bom grado, me franqueou tudo o que me foi necessario, o Doutor Gregorio José de Seixas, Ajudante do Director do Laboratorio.

Experiencia 3.ª

Tomei dous cadernos de papel; dobrei-os ao comprido; fechei-os com obreas em huma folha de papel; traspassei-os com quatro golpes transversaes de pollegada; metti-os no forno; e pullos obliquamente; fiz desenvolver por baixo da grelha a *Chlorina* misturando huma onça de sal commum com duas oitavas de Manganez (*morado* dos Oleiros), quatro oitavas d'agoa, e seis oitavas d'acido sulfurico; deixei-os no forno por 15'; abri-os depois; tirei-lhe o sobrescrito, e levando-os do lugar da experiencia para outra casa, eu, o Doutor Seixas, e hum Servente do Laboratorio, achámos que os cadernos de papel cheiravão por dentro á *Chlorina*.

Ex-

Experiencia 4.ª

Fiz huma semelhante experiencia, fechando em huma folha de papel tres folhas do mesmo, dobradas em oitavos, e traspassadas com tres golpes de pollegada. Observárão-se depois semelhantemente, e achou-se que cheiravão não pouco á *Chlorina*: o resultado destas experiencias, e a observação, que havia feito, de se conservar, por muitos dias, nas Cartas fumigadas o cheiro da *Chlorina*, fizerão-me crer, que a *Chlorina* não se introduz nas Cartas sómente pelos golpes. Para verificar isto

Experiencia 5.ª

Repeti a Experiencia 4.ª, sem golpear a Carta, e examinando-se da mesma sorte, achou-se que cheirava não pouco á *Chlorina*.

Podendo porém na Experiencia 5.ª insinuar-se a *Chlorina* pelas margens não pegadas do sobrescrito.

Experiencia 6.ª

Repeti a Experiencia 5.ª, lacrando toda a Carta, não só nas margens onde se pôz a obrea, mas tambem nas margens lateraes, de sorte que ficou o papel incluso hermeticamente fechado. Observado depois como nas precedentes experiencias, achou-se que cheirava bem perceptivelmente ao perfume, menos todavia que nas Cartas golpeadas.

Experiencia 7.ª

Repeti a Experiencia 6.ª encerrando a Carta em dous sobrescritos, ambos hermeticamente fechados: o resultado foi identico, e tão manifesto, que o meu Collega e amigo o Doutor Pinheiro, que duvidava da exactidão da expe-

periencia, e em cuja casa abri esta Carta dous dias depois da fumigação, reconheceo no papel, incluso nos dous sobrescritos, o cheiro da *Chlorina*, e conveio em que o papel he traspassado por ella...

Se a *Chlorina* pois extende o seu poder desinfectante até sobre o contagio da Peste, mal se póde duvidar, que pelo Processo de Morveau se possão desinficionar as Cartas sem se abrirem, e até sem se golpearem. Ainda porém restava determinar, que tempo devia durar a fumigação, ou quando, e em que circunstancias se podião dar por desinficionadas por este Processo as Cartas suspeitosas.

Experiencia 8.ª

Para determinar este ponto essencial, á imitação de Mr. Morveau, deixei apodrecer em hum pires seis onças de carne de vacca, tendo em roda della, e hum pouco mais em alto, *seda*, *algodão*, *estópa*, *lã*, *rama de pennas de hum pennacho*, e hum retalho de *pelletina*. Tudo isto estava coberto com huma manga de vidro, a qual tinha no topo huma chave, ou registro. Todo este aparelho estava dentro de huma bacia, que se encheo d'agoa até altura de meia pollegada.

Quando pelo registro percebi que a carne tinha bastante cheiro de podridão, examinei aquellas materias susceptiveis, que estavão em roda, e em todas achei o máo cheiro da carne, o qual era mais forte nas *pennas* e na *pelle*, menos na *seda* e *lã*, e ainda menos no *algodão* e *estopa*.

Distribui estas seis substancias inficionadas do cheiro cadaveroso e fechei-as em doze Cartas; fiz em cada huma dous golpes de quasi pollegada e meia; perfumei-as como na Experiencia 3.ª, e, passada meia hora, tirei-as do forno. Examinando immediatamente seis, em que se encerravão as seis diversas substancias inficionadas, eu, o Doutor Seixas, e o desprevenido Servente do Laboratorio concordámos em re-

reconhecer que a *estopa* não tinha cheiro senão da *Chlorina*; que o *algodão* nem desta, nem da carne podre; que as *pennas*, e *pelletina* cheiravão ainda muito á carne podre; que a *seda* cheirava menos mal, e a *lã* ainda menos.

Examinando no seguinte dia as outras seis Cartas, observei que o *algodão* e *estopa* cheiravão á *Chlorina* e nada á carne podre; que o cheiro desta mal se percebia na *seda* e *lã*, e que ainda bem se percebia nas *pennas* e *pelletina*.

Desta Experiencia colligi; que as substancias animaes, pelo menos *pennas*, e *pelles*, tomão mais do cheiro cadaveroso, que as vegetaes; que estas o perdem, ou se purificão mais facilmente; que o effeito da fumigação he menor logo que se acaba a operação, que guardando-se a Carta fechada até o seguinte dia; em fim que as substancias animaes carecem de huma acção mais prolongada, ou mais intensa do perfume. Para verificar esta ultima conclusão

Experiencia 9.ª

Puz em cima de hum papel picado com hum alfinete aquellas substancias animaes inficionadas do gaz cadaveroso, e nelle as perfumei fóra do forno, suspendendo o papel duas pollegadas acima da capsula fumigatoria. Passados 5′ em nenhuma se achava o máo cheiro.

Experiencia 10.ª

Inficionei, como na Experiencia 9.ª, identicas substancias susceptiveis, e *papel*. Nesta inficionação houve de differença; primeiramente, não haver a meia pollegada d'agoa (a qual na Experiencia 9.ª tinha humedecido muito as substancias susceptiveis); em segundo lugar, ser o cheiro menos forte, ou fosse por se exhalar mais pela falta da agoa, ou fosse por outra razão.

Todas estas substancias, sem exceptuar o *papel*, fumigadas como na Experiencia 9.ª, derão o mesmo resultado.

Ex-

Experiencia 11.ª

Fumiguei da mesma sorte Cartas, que recatavão *papel*, *seda*, *lã*, *algodão* e *estopa*, semelhantemente inficionados, e deixando-as no forno da desinfecção por huma noite, no seguinte dia cheiravão á *Chlorina*, e tinhão perdido o cheiro cadaveroso.

Esta Experiencia confirmando a ultima conclusão da Experiencia 8.ª, indica hum requesito, que deve haver na desinfecção das Cartas pelo Processo de Mr. Morveau.

Devo porém advertir, que, ou seja porque a exhalação da *Chlorina* não he igual, ou porque as Cartas nunca ficão igualmente expostas a ella, o resultado deste Processo não he exactamente igual, e podendo por isso succeder que em alguma operação ficassem algumas Cartas mal fumigadas, era necessario achar para este Processo hum criterio de desinfecção. Para o achar, e para conhecer as vantagens, e desavantagens do Processo de Mr. Morveau, e dos outros processos desinfectantes conhecidos, e applicados, ou applicaveis ás Cartas, fiz as seguintes reflexões.

O contagio da Peste he differente da ordinaria exhalação cadaverosa, porque aliàs seria a Peste tão frequente na Europa toda, como he a putrefacção animal, nem haveria cousas insusceptiveis, porque observei nas minhas experiencias, que o trigo, cevada, &c. que são insusceptiveis, tomão e retem muito o cheiro cadaveroso. Por conseguinte as experiencias feitas com o gaz cadaveroso não são rigorosamente concludentes a respeito do contagio da Peste, e por isso não podem bem indicar a efficacia dos Processos desinfectantes.

Nestas circunstancias examinei quaes erão os agentes da desinfecção pestilencial, que a observação assás tinha abonado, e achei que era o vinagre, o enxofre em combustão, e o ácido nitrico, isto he, tres ácidos differentes: Reflecti então que o modo de obrar destes ácidos na desin-

 fec-

fecção não estava evidentemente demonstrado, porque não se sabe com certeza se elles obrão oxygenando e queimando, ou neutralizando; mas sendo inquestionavel, que obrão por huma qualidade commum, que não póde ser senão a de serem ácidos, julguei que era sufficiente indicio da sua acção desinfectante o indicio do seu accesso e da sua actividade onde quer que pode estar o contagio pestilencial. E como seja huma propriedade commum dos ácidos mudar em vermelho a côr azul da orsila (*tournesol* dos Francezes), assèntei que o papel tinto desta côr e mettido nas Cartas podia indicar melhor que o cheiro da carne podre, a actividade, e vantagens de cada Processo desinfectante. Consequentemente

Experiencia 12.ª

Perfumei pelo Processo de Mr. Morveau diversas Cartas, em cada huma das quaes, e em identico lugar, tinha mettido hum parallelogramo de papel, tinto de orsila, de duas pollegadas de comprido, e de huma e meia de largo. Perfumei-as diversamente, e observei que o cheiro da *Chlorina* algumas vezes era perceptivel dentro das Cartas sem mudar muito de côr o papel azul; e que quando ou por aproximar mais as Cartas da capsula fumigatoria, ou pela reiteração das fumigações, ou pela prolongação destas, havia mudança na côr da letra do sobrescrito, havia tambem decisiva mudança na côr do papel azul incluso, o que indicando que o ácido tinha penetrado em estado assás activo, ou capaz de desinficionar, dá por criterio de desinfecção, no Processo de Mr. Morveau, a mudança de côr na letra do sobrescrito.

Consequentemente na desinfecção por este Processo cumpre repetillo, ou prolongallo até se observar aquella mudança no sobrescrito, ou não reputar desinficionadas por este Processo as Cartas, em que não ha a referida mudança.

Para avaliar as vantagens, e desavantagens, que este Processo-

cesso desinfectante tem a respeito dos que se costumão usar em alguns Lazaretos, fiz as seguintes experiencias.

Experiencia 13.ª

Fechei meia folha de papel branco em outra meia folha, como huma Carta; traspassei-a com dous golpes, cada hum de pollegada e meia de comprimento; mergulhei-a em vinagre até que o sobrescrito ameaçava romper-se; abri-a depois, e vi que grande parte da meia folha inclusa, e parte do mesmo sobrescrito não tinhão sido tocadas pelo vinagre.

Experiencia 14.ª

Tomei huma pouca de *lã* inficionada de gaz cadaveroso, e ensopei-a em vinagre. Duas horas depois cheirando-a, eu, o Doutor Seixas, o Servente do Laboratorio, e o Capitão Mór de Faro, que casualmente se achava no Laboratorio, percebemos de mistura com o cheiro do vinagre o cheiro cadaveroso.

Estas Experiencias, 13.ª e 14.ª, parecem justificar a Junta de dar a resposta que dêo aos Quisitos do Governo; todavia reflectindo que as Cartas se seccão antes de se entregarem a quem pertencem, que seccando-se ha evaporação, e que nesta o vapor do vinagre póde penetrar, como o gaz muriatico oxygenado, a Carta, e tocalla em todos os pontos; para reforçar, ou invalidar a opinião da Junta fiz a seguinte experiencia.

Experiencia 15.ª

Mergulhei em vinagre por ½′ huma Carta como a da Experiencia 13.ª, na qual tinha encerrado hum parallelogramo de papel tinto com orsila como o da Experiencia 12.ª Sequei-a depois suspendendo-a pouco acima de hum banho d'arêa, e, abrindo-a, vi que o vinagre só tinha man-

cha-

chado os labios dos golpes, donde collegi, que na immersão o vinagre não tinha penetrado mais para dentro; observei porém que o papel azul se tinha tornado côr de rosa, donde se collige que o vapor do vinagre a tinha penetrado na exsicação.

Experiencia 16.ª

Repeti a Experiencia 15.ª, sem golpear a Carta, a qual estava escrita por dentro e por fóra, e observei que o papel azul incluso igualmente se tinha tornado côr de rosa, e que a letra do sobrescrito se tinha hum pouco apagado.

Experiencia 17.ª

Repeti a Experiencia 15.ª, fechando a Carta hermeticamente, e sem a golpear. Observei depois que o papel azul se tinha tornado côr de rosa, mas esta côr era menos viva, que nas Experiencias 15.ª e 16.ª

Estas tres ultimas Experiencias, fazendo ver claramente que as Cartas mergulhadas no vinagre (particularmente sendo antes golpeadas, e depois seccando-se ao calor do lume) são penetradas e tocadas em todo o interior pelo vinagre em vapor, ou pelo agente da desinfecção, mostrão tambem que ellas podem ser desinficionadas por este agente sem se abrirem.

Estas mesmas Experiencias justificão a antiga pratica de Marselha, onde, segundo Mr. Papon (a), as Cartas se desinficionavão pelo vinagre, sem se abrirem, á excepção das que parecião encerrar cousas susceptiveis, as quaes hião ao Lazareto para alli se abrirem, e se purificar o que continhão. Esta excepção porém parece escusada, porque quando o vinagre penetra as Cartas, penetra não menos as cousas de seda, lã, e quaesquer outras susceptiveis, que venhão den-

(a) De la Peste t. 2. p. 158.

dentro della, e como o papel passado pelo vinagre fica desinficionado, ¿ podem as cousas susceptiveis, depois de traspassadas pelo vapor do vinagre, deixar de ficar tambem purificadas? A negativa desta interrogação só pode fazer estranheza a quem não reflectir, que não ha razão para crer que o vinagre he antídoto do contagio da Peste quando adherente ao dinheiro, ao papel &c., e não quando adherente ás outras substancias susceptiveis, porque humas e outras não são senão meros recepientes do contagio, e este he o mesmo em todas. Nem deve obstar a diversidade de processos, que se empregão na desinfecção das diversas substancias suspeitosas, porque esta diversidade he por causa das fazendas e não do contagio, he para se não avariarem como succederia mettendo-as em vinagre, e mesmo porque não haveria copia bastante deste para se passarem por elle todas as fazendas suspeitosas importadas em huma e mais navios.

Experiencia 18.ª

Misturando huma oitava de nitro, e outra de ácido sulfurico, fumiguei por 10′ no forno de Baumé duas Cartas, como as da Experiencia 13.ª, ambas inficionadas de gaz cadaveroso, e ambas com papel tinto de orsila dentro; huma porém não havia sido golpeada, e estava hermeticamente fechada. Abrindo-as depois observei, que conservavão o cheiro cadaveroso, e que o papel azul não tinha mudado sensivelmente de côr.

Esta Experiencia mostra que o Processo desinfectante do Dr. Smith serve mal para purificar as Cartas não se abrindo.

Experiencia 19.ª

Repeti a Experiencia 18.ª fumigando as Cartas pelo Processo modernamente usado em Marselha (*a*), misturando duas

(*a*) Traité des moyens de desinfecter l'air. Par Guyton-Morveau p. 384 e 419.

duas oitavas de ácido muriatico, e tres oitavas de ácido sulfurico. Observei depois que ambas cheiravão ao gaz muriatico, menos porém que nas Experiencias feitas pelo Processo de Mr. Morveau, e que a mudança de côr no papel azul era quasi nulla.

Esta Experiencia indica que o Processo desinfectante recentemente usado em Marselha he menos activo, ou inferior ao de Mr. Morveau.

Restava-me inquirir sobre a desinfecção pela combustão do enxofre, Processo o mais antigo, que se conhece. O Ill.mo e Ex.mo Snr. Principal Sousa, sabendo que eu me occupava de experiencias sobre os meios de desinficionar as Cartas, e ouvindo que em Malta se desinficionavão sem se abrirem, dêo huma prova, que eu devo não omitir aqui, do desejo, que tem, do bem publico, incumbindo ao Ajudante do Director do Laboratorio, o Doutor Seixas, que executasse o Processo de Malta, e que me mandasse as Cartas para eu examinar o resultado.

Experiencia 20.ª

Este Processo consiste em perfumar as Cartas com fumo de enxofre e de palha. O Doutor Seixas executou-o no forno de Baumé, onde deixou estar as Cartas por meia hora. Destas Cartas humas estavão hermeticamente fechadas como na Experiencia 6.ª, e as outras estavão fechadas ao modo usual. Abertas todas estas Cartas, observei que o perfume as tinha penetrado bem, porque todas, sem exceptuar as hermeticamente fechadas, cheiravão muito ao perfume, cujo cheiro conservárão mais de hum mez. O cheiro parecia mais de palha queimada, que sulfureo.

Experiencia 21.ª

Repeti a Experiencia 20.ª sobre duas Cartas inficionadas de gaz cadaveroso, huma hermeticamente fechada, e ou-

outra golpeada, havendo mettido dentro dellas papel tinto de orsila. Ambas perdêrão o cheiro cadaveroso e adquirírão o do perfume, e em ambas o papel azul se fez côr de rosa (*a*).

Não ardendo bem o enxofre neste Processo, e podendo da palha levantar-se chama, que chegue a danificar as Cartas, procurei por varios ensaios achar o modo de evitar estes dous inconvenientes, e pareceo-me sufficiente o seguinte.

Experiencia 22.ª

Tomei huma pequena porção de estopa, e estendi-a muito, dentro de huma capsula; espalhei por cima huma mistura bem feita de meia oitava de salitre e meia oitava de enxofre em pó; metti esta capsula no cinzeiro do forno de Baumé; puz em cima da grelha duas Cartas, huma fechada só com obrea e não golpeada, e outra hermeticamente fechada, encerrando ambas papel tinto de orsila. Deitei fogo aos combustiveis da capsula por meio de hum ferro em braza (o que tambem se podia fazer por meio de hum tissão); deixei as Cartas no forno por meia hora, e, abrindo-as immediatamente, em ambas observei o papel azul tornado na mais viva côr de rosa, e as letras sem alteração (*b*).

(*a*) Não he por tanto verdade o que diz Mr. Papon (De la Peste t. 2. p. 205): *Le parfum ni le vinaigre ne les pénètre jamais assez à travers les plis*; e por conseguinte não tem lugar o concelho, que fundava naquella falsa hypothese: *Quant aux lettres je serois d'avis qu'on les ouvrît.* ibid.

(*b*) Consultando alguns Sabios de Paris sobre o conteúdo desta Memoria, Mr. Pelletan, (o filho) Medico da Camara de S. Magestade Luiz XVIII., teve a bondade de me escrever nestes termos. *Le Docteur Alibert ayant reçû par mon entremise le Mémoire, que vous lui avez adressé, m'a prié de me charger de répondre à vos questions sur son mérite et son importance. Je l'ai communiqué à plusieurs de mes confreres de Paris, que, comme moi, se sont spécialement occupé de Chimie, notre avis commum est celui, que jai l'honneur de vous transmettre.*

La marche générale de votre ouvrage est convenable et dirigée par un bon esprit, vos experiences sont methodiques et concluantes, et le moyen, que vous avez mis en usage, est aussi ingénieux que concluant, puisqu'il est très

Ponderando e confrontando os resultados de todas estas Experiencias concluo; que se podem desinficionar as Cartas, sem se abrirem, pelo vinagre, pelo Processo de Mr. Morveau, e pela combustão do enxofre; que não he necessario, mas he vantajoso, golpeallas; que he necessario, quando se usar do vinagre, seccallas ao fogo; que o Processo de Mr. Morveau he menos uniforme, e por conseguinte mais incerto, que o do vinagre; que ambos podem danificar a letra das Cartas; que quando se usar do de Mr. Morveau, he necessario repetillo, prolongallo, ou fazello tão forte, de sorte que haja alteração na letra; em fim que a fumigação pelo enxofre he superior a ambos, por não danificar a letra, por ser mais expedito e uniforme, tanto ou mais barato, por manifestar maior actividade, e por nenhum ter huma reputação mais bem demonstrada contra a Peste boubonica e contra a da Febre amarella como logo farei ver. Cumpre aqui dizer, que o criterio de desinfecção deste Processo he o cheiro sulfureo que as Cartas adquirem, e que para o adquirirem basta queimar algum enxofre com salitre de sorte que se vejão os vapores sulfureos elevar-se por cima das Cartas.

O credito do vinagre como antidoto do contagio da Pes-

---

probable que les miasmes pestilenciels sont d'une nature analogue à celle des émanations putrides.

Permettez moi de vous adrèsser une legère observation sur la nature du gaz desinfectant, au quel vous donnez une juste préférence.

Le gaz, qui se developpe pandant la combustion du soufre avec partie egale de nitre, n'est pas à beaucoup prés de l'acide sulfureux pur, il contient beaucoup de gaz nitreux et un peu d'acide sulfurique; ne pourait-on pas attribuer en grande partie la desinfection à ce gaz nitreux, tandis que la conservation de l'ecriture serait determinée par la presence des autres gaz? Des nouvelles experiences comparatives pourrant resoudre cette question. Renovando aqui a Mr. Pelletan os meus devidos agradecimentos, por ter querido examinar com outros Sabios esta Memoria e por ter a bondade de me participar o favoravel juizo, que em commum fizerão della, publico, para que alguem se occupe della, a sabia questão que elle suscita, e que, segundo me parece, em nada invalida as minhas experiencias e o meu raciocinio, o qual pelo que se lê a pag. 43 e 44 e de 50 — 55, não involve hypotheses ou principios controversos.

Peste Levantina ou boubonica funda-se no uso antigo, e mui geral, que delle se tem feito, onde quer que ha, ou se quer precaver aquelle flagello. Apoiados na experiencia, todos a froxo reconhecem o poder anti-contagioso deste acido, para cujo credito bastava ser o meio de que no Lazareto de Marselha se servem, ou por muitos annos se tem servido para desinficionar as Cartas vindas de Paizes empestados, ou suspeitosos.

Em consequencia do seu credito contra a Peste Levantina, começou a empregar-se contra o contagio da Peste Americana, ou Febre amarella, e emprega-se familiarmente contra todos os contagios febrís. He verosimil que o que destroe o *fomes* ou semente da Peste Levantina, destrua o das outras molestias pestilenciaes, ignoro porém que se tenha acrisolado por experiencias concludentes esta amplificação do poder desinfectante do vinagre.

O enxofre tem a sua reputação anti-contagiosa mais bem estabelecida. Já Hippocrates o tinha por anti-loïmico, ou anti-pestilencial; não he porém senão depois que o Capuchinho Fr. Mauricio de Toulon o empregou em varias Cidades empestadas, principalmente em Genova em 1656, que d'elle se fez maior uso como anti-loïmico. Este bom Religioso, que tanto se expôz, e que parece ter tido contra a Peste o mesmo privilegio, que alguns individuos tem contra as Bexigas, Mal venereo, &c., misturava com o enxofre cousas inuteis, ás quaes attribuía essencialmente á virtude desinfectante. Este engano porém não era de consequencia, porque felizmente, a titulo de fazer a mistura mais combustivel, entrava nesta o enxofre em proporção tanto maior, quanto mais poderoso se requeria o perfume. Adoptando-se depois nos Lazaretos e em outros lugares os perfumes anti-pestilenciaes, alterárão-se, e simplificárão-se muito as receitas, conservou-se porém em todas o enxofre, ao qual devião unica, ou principalmente a sua virtude desinfectante. He porém em Moscow que esta preciosa virtude se fez ver mais claramente. Em 1771, devastando a

Peste esta populosa Cidade, dez pelliças, segundo refere o Doutor A. Wolf, inficionadas de Peste, forão expostas a huma fumigação forte do *Pó anti-pestilencial*, com que se costumavão purificar as casas, cuja base era enxofre e salitre, e que além disso se compunha de farelos e vegetaes aromaticos (*a*); e sendo dez criminosos, que estavão condenados á morte, obrigados a vestillas, nenhum contrahio a Peste. Não devo omittir, que esta experiencia, como nota o Doutor Mertens, foi feita na declinação da Peste, e quando já o tempo era muito frio; todavia a virtude anti-contagiosa deste perfume não fica duvidosa, quando o mesmo Mertens diz que delle se tinha usado *summo cum successu* na desinfecção das casas de Moscow, e quando se adverte que pelas fumigações sulfurosas se costumão desinficionar as Cartas em Malta (*b*) e em outros Lazaretos.

Ha huma prova, quasi tão decisiva, do poder desinfectante do enxofre contra o contagio da Febre amarella, e deve-se esta ao denodo, luzes, e zello do Doutor Cabanelas (*c*), o qual em Sevilha, quando esta Cidade era desolada pela Febre amarella, tomou o reguingote do Doutor Sarrais, em que este tinha suado, vomitado, e morrido de Febre amarella; e perfumou-o em hum pequeno quarto, queimando huma onça de enxofre; no dia seguinte tornou a perfumallo com ácido nitrico, e estendendo-o na cama, dormio sobre elle sete horas e meia; trouxe-o depois em contacto com a pelle hora e meia; e vestindo-se, pô-lo por cima do vestido, sahio, e tendo andado cinco horas com elle, tendo suado e descançado embrulhado nelle, dêo-o a hum pobre, o qual tambem o trouxe; todavia nem o pobre, nem o Doutor Cabanelas contrahírão a Febre amarella. He para sentir que o Doutor Cabanelas quizesse fazer equivoca esta bella e interessante experiencia fumigando

(*a*) Mertens Obs. Med. t. 1. p. 184 e 187.
(*b*) Vej. o Appendice no fim.
(*c*) Morveau Moyens de desinf. l'air p. 53.

do segunda vez o reguingote com o ácido nitrico: todavia quem tem observado a differença de expansibilidade e de penetração dos dous perfumes, e quem adverte que o Doutor Cabanelas, parecendo ter alguma predilecção pelo ácido nitrico, fumigou todavia o reguingote primeiramente com huma onça d'enxofre, mal poderá deixar de attribuir a este, quando não todo, a maior parte do feliz resultado desta experiencia.

O poder anti-contagioso do enxofre não se limita nos dous maiores contagios pestilenciaes, a que he sujeita a especie humana, extende-se tambem aos contagios das especies brutas. Contra estes achão-se recommendadas as fumigações de enxofre não só nas obras estrangeiras, mas até nas nossas. Na Alveitaria de A. P. Rego, impressa em Coimbra em 1679, lê-se a pag. 360 « quando este mal » (a febre pestilencial) procede de ar corrupto, de que » huma estrebaria está infectada, he necessario tirar della » os outros cavallos, e não entrarem nella, sem primeiro » se alimpar, e pincelar de novo, defumando-a com en» xofre, e salitre, antimonio, pêz, e solas de çapatos ve» lhos queimados, e depois fumos de alecrim, e hervas » odoriferas com vinagre, que tudo he defensivo do ar » corrupto. » No Thesouro de Lavradores de Alexandre Dias Ramos, impresso em 1737, acha-se recommendado o mesmo perfume contra a febre pestilencial das rezes (L. 3. C. 3. p. 161.), (o que me foi communicado pelo Vice-Secretario desta Academia o Snr. Sebastião Trigozo.)

A virtude anti-contagiosa ou desinfectante da *Chlorina* he hum conhecimento moderno, que se deve aos ensaios, e á luminosa obra de Mr. Morveau (*Traité des moyens de desinfecter l'air.*). Os ensaios, e experiencias deste sabio mostrárão, que a *Chlorina* destroe os miasmas cadaverosos, ou exhalações fétidas das substancias animaes em putrefacção. Desta descoberta resultou o uso deste desinfectante, e fez-se conhecer a sua efficacia contra diversos contagios. O do typho foi o primeiro, que se mostrou domavel

vel pela *Chlorina*, e por isso o uso della se acha hoje muito generalisado; e não he em 1810, como pareceo ao sabio Professor de Chimica de Coimbra, que pela primeira vez se empregou em Portugal o Processo desinfectante de Morveau, porque em 1802 o empreguei eu contra a epidemia que havia na Esquadra Portugueza, que então se achava em Gibraltar; empreguei-o depois nos Hospitaes Militar e da Marinha, no Lazareto da Trafaria quando ha tres annos se mandárão para alli os doentes, pela maior parte typhosos, que vierão da Esquadra que tinhamos no Estreito de Gibraltar, em fim nas casas particulares todas as vezes que tem havido febre typhoidea.

Contra o contagio da Febre escarlatina consta (*a*), que Mr. Duboseq de la Roberdiere o empregou felizmente, e eu recentemente observei os seus bons effeitos anti-contagiosos em çasa da Senhora Dona Maria José de Lencastre, e em casa de Mss. Edward defronte de S. Julião, em cada huma de cujas duas casas tratei huma doente de Febre escarlatina, que se não communicou a pessoa alguma.

O virus varioloso tambem se mostrou domavel pela *Chlorina* na experiencia de Mr. Cruickshank, o qual inoculou duas pessoas com materia variolosa misturada com *Chlorina*, e a nenhuma sobrevierão Bexigas (*b*).

Contra o contagio da Febre amarella vio-se o seu poder preservativo na Andaluzia (*c*), em Marselha (*d*), &c.

A respeito da Peste Levantina são ainda escassas as observações, apenas áchei que Mac-Gregor tinha feito uso dos vapores muriaticos contra a Peste. Na Hist. Med. do Exercito do Egypto, depois de dizer, que as fumigações do ácido nitrico lhe tinhão sido evidentemente mui uteis para suspender os progressos do contagio da Peste, accrescenta, que, acabando-se o nitro, se lhe substituíra o sal mari-

(*a*) Morveau p. 356.
(*b*) Morveau p. 316.
(*c*) Ibid. p. 50 - 56.
(*d*) Ibid. p. 421.

rino; em cujas fumigações não notou outro defeito, que o de serem, nas casas habitadas, menos faceis de supportar que as fumigações nitricas (*a*). O Doutor Sotira, hum dos Medicos do Exercito Francez, intitulado do Oriente, na sua bella Memoria sobre a Peste, aconselha, que se derrame o ácido sulfurico sobre o sal marino, para purificar o ar das camaras. Parece porém que o Doutor Sotira, assim como os outros Medicos do Exercito do Oriente, pouco, ou nenhum uso fizerão das fumigações de ácidos mineraes, porque ou não fazem menção dellas, ou exprimem-se em termos, que não indicão terem-nas experimentado.

Como quer que seja, mal se póde recusar á *Chlorina* o que parece ser huma propriedade dos ácidos pola ser do acetoso, do nitrico, do sulfurico, do mesmo arsenical talvez (porque o rosalgar, e arsenico entravão nas receitas dos perfumes desinfectantes mais fortes de Fr. Mauricio de Toulon (*b*)), em fim da *noucta*, que he hum orvalho ácido que cahe no Egypto pelo Estio, e que « penetrando (diz » o Doutor Sotira) por toda a parte, até nas arcas e ar- » marios, os mais bem fechados, desinficiona o fato e mó- » veis, e faz desapparecer o contagio. Eis aqui quanto a » mim (continua Mr. Sotira) porque em cada invasão da » Peste cessa esta constantemente no Cairo pelo solsticio » do Estio, e não cessa em Constantinopla, a pezar dos » habitantes destas duas Cidades terem os mesmos costu- » mes, a mesma superstição, a mesma negligencia em des- » inficionar as cousas susceptiveis, e a pezar do clima de » Constantinopla ser naturalmente mais saudavel que o do » Cairo » (*c*). Menos se lhe póde recusar quando se reflecte na diversidade, e multiplicidade de contagios, que a *Chlorina* destroe, e quando se adverte, que até destroe as qualidades soporiferas e venenosas da cicuta e do opio; como observou Crawford segundo refere Mr. Morveau; em fim

(*a*) Bibliotheque Britanique N. 236 p. 165.
(*b*) Trattado Politico da praticarsi ne tempi de Pesti p. 107 e 108.
(*c*) Mem. sur le Egypte t. 4. p. 193.

fim quando se nota, que a combustão das cousas inficionadas destroe o contagio, que lhes estava adherente; que este he por conseguinte combustivel; e que a *Chlorina* he hum comburente sem chama dos mais poderosos.

He provavelmente pelo pezo destas razões, que o Governo Francez mandou que se praticasse o processo desinfectante de Mr. Morveau em todos os seus Dominios (*a*), e que este, modificado da fórma indicada na Experiencia 19.ª, se acha presentemente adoptado no Lazareto de Marselha (*b*).

Creio porém ter demonstrado, que, para desinficionar Cartas, nenhum processo merece mais confiança, nem he preferivel ao da combustão do enxofre com salitre, e que por este podem ellas desinficionar-se seguramente sem se abrirem.

Lisboa 20 de Abril de 1814.

APPENDICE.

NO Lazareto de Malta as Cartas não se purificão simplesmente pelas fumigações sulfurosas como dei a entender a pag. 51; antes de se fumigarem são passadas pelo vinagre. Eu cahi naquella inexactidão pelo erro, que commetteo Mr. Bertin quando diz na versão Franceza da Historia dos Lazaretos de João Howard p. 19 «Une lettre apportée par un vaisseau nouvellement arrivé de Turquie, y » fut reçúe sous mes yeux avec des pincettes trampées dans » du vinaigre, puis enfermée dans une boite et deposée » pan-

(*a*) Morveau l. c. p. 253, e 418.

(*b*) Id. ibid. p. 385. Na *Organisation du service des quarantaines dans le Port de Gênes*, impressa em 1810, acha-se: *c'est avec cette vapeur (de l'acide muriatique oxygené) qu'on expurge particulierement les lettres simples et quelques petites objets susceptibles qu'elles pourroient contenir*, p. 23.

» pandant un quart d'heure sur des grilles de fer, sous les
» quelles on brula de la paille et des parfumes: aprés celá
» on ouvrit la boite et la lettre en fut retirée par un des
» Directeurs du bureau. Telle est la maniere habituelle
» d'y recevoir les lettres. » O original Inglez nesta passagem em lugar de dizer como na versão Franceza, que se pegara na Carta com tenaz molhada em vinagre, diz (*a*) que se pegara na Carta com tenaz; que esta se molhara em vinagre; e que depois . . . se perfumara &c., não diz porém que se abrira primeiramente.

No Lazareto de Liorne parece que a purificação se faz meramente pelas fumigações sulfurosas, porque Papon na sua Obra *De la Peste* tom. 2. p. 156 depois de dizer que em Marselha se recebem as Cartas de Saúde pegando-se-lhes com huma tanaz, mergulhando-as em vinagre, tirando-as quando bem ensopadas, e estendendo-as sobre huma taboa, onde o Conservador da Saúde as lê sem lhes tocar, acrescenta: *A Livourne on reçoit au bout de une canne de six a sept pieds de long, la patente et le manifeste qu'on parfume avant de les toucher. Cette pratique est peut être plus sûre.*

A respeito porém do methodo de purificar as Cartas em Malta, cumpre advertir que elle he redundante, porque se o fumo do enxofre he desinfectante, como está provado até pela pratica de Liorne, he desnecessario, além de dispendioso e incommodo, empregar primeiramente o vinagre; e se o vinagre basta, como mostra a pratica de Marselha, he superfluo empregar depois o enxofre.

(*a*) *A letter brought by a Ship just arrived from Turkey, was, I saw, received with a pair of iron tongs, dipped in vinegar, and thin put into a case, and laid for about a quarter of an hour on wire grates, under wich straw and perfumes had been burnt*: An Account of the Principal Lazarettos *p.* 8.

PROJECTO

DE HUM ESTABELECIMENTO DE ESCOLAS DE AGRICULTURA PRATICA.

POR

SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

TOdos hoje conhecem, ao menos em theoria, que a Agricultura he a mais interessante e productiva de todas as occupações sociaes, e a que faz a principal base da felicidade publica; e por isso todos propugnão pelo seu adiantamento, indicão os obstaculos que se lhe oppõem, e os meios porque deve ser promovida. Este voto universal tem feito com que os differentes Governos tenhão desde hum certo tempo promulgado grande quantidade de Leis para augmentar os seus progressos; mas a pezar de tudo, he hum facto que ninguem se atreverá a negar, que na maior parte dos Paizes ella se conserva ainda hoje em hum deploravel atrazamento.

Parece mesmo que hum Fado maligno empece que esta Sciencia se não communique, e adiante como as outras. Os descobrimentos Fysicos, Mathematicos, Medicos, e mesmo os das Artes e Manufacturas, apenas apparecem em hum Districto, logo correm quasi toda a Europa, em quanto os descobrimentos agronomicos morrem ás vezes passados seculos, sem se affastarem do lugar que os vio nascer. O amor da novidade, o desejo da imitação, tão poderosos a outros respeitos, nada podem contra este afferro ás praticas adoptadas.

Hum mal tão universal deve ter causas que tambem o

o sejão, e huma das principaes he sem duvida a ignorancia dos Agricultores: bem póde hum Governo estabelecer hum systema de tributos sabio e uniforme, bem póde tirar os obstaculos que se oppõem ao Commercio interno, e regular devidamente o externo, bem póde em fim pôr-se por obra tudo o que depende da vontade e poder do Imperante; em quanto os Agricultores não tiverem huma instrucção conveniente, todos os seus projectos, todos os seus melhoramentos serão nullos, ou precarios, e muitas vezes ruinosos.

He bem certo que houve já tempos em que os nossos Lavradores erão tão ignorantes como agora, e á pezar disso a cultura de Portugal era superior á de quasi todas as outras Nações. Mas na infancia da nossa Monarchia, seguiamos ainda as noções agriologicas, que os Arabes e Godos tinhão herdado dos Romanos, nossos primeiros conquistadores; e se não eramos os unicos povos que tinhamos estes conhecimentos, he ao menos indubitavel que nenhuns outros nos excedião; mas ¿ poderemos ainda agora dizer o mesmo? ¿ Quanto não differe a Europa actual da Europa do Seculo XIII.? Então os nossos conhecimentos praticos erão talvez os que estavão mais adiantados, agora são sem duvida os que estão mais atrazados, respectivamente ás outras Nações (a).

(a) He esta huma das objecções que se póde oppor aos Estabelecimentos que propomos, e será facil variar os exemplos; assim não faltará quem diga, que os Mouros e os Gregos vendem o seu grão em concorrencia com as outras Nações, ao mesmo tempo que estão muito mais atrazados em conhecimentos do que ellas; mas ¿ quem não vê que a falta de numerario que alli circula, he que faz com que a sua mão de obra seja muito mais barata do que a nossa? Quem porsaber que o trigo se vendia por menor preço em Marrocos, ou nas Ilhas do Archipelago, do que em Inglaterra, tirasse por conclusão que a Agricultura estava alli mais aperfeiçoada do que na Grã-Bretanha, enganar se-hia palpavelmente. A mesma falta de numerario, unida com outras causas politicas, produz na China huma grande barateza em os generos da primeira necessidade. N'huma palavra considero Portugal não isoladamente, mas em relação com os outros Paizes, e governando-se pela mesma Legisla-

He a este atrazamento que eu vou propor hum remedio que julgo efficaz, sem que com tudo pense sarar com elle todas as feridas da nossa Agricultura. Pessoas de huma reconhecida instrucção, e que gozão da confiança do Governo, estão incumbidas de examinar os obstaculos legaes que se oppõem a ella, e os meios de os desvanecer, e de melhorar o nosso systema agronomico. O meu objecto restringe-se sómente a mostrar, que em o estado actual dos nossos conhecimentos passar-se-hão muitos annos, e talvez seculos antes que as nossas terras aumentem a quantidade das suas producções, se se não promover a instrucção por meio das Escolas de Agricultura pratica.

He certo que estes conhecimentos agrarios tem já merecido a attenção dos nossos Soberanos, principalmente em o felicissimo Reinado da Rainha N. Senhora. Ampliando a jurisdicção da Junta do Commercio, deo-lhe esta Augusta Soberana huma inspecção immediata sobre a Agricultura, não só para examinar o estado actual da de todo o Reino, mas para fazer subir á Sua Real Presença todos os projectos e melhoramentos que julgasse conveniente pôr em pratica: estabeleceo-se esta Academia Real das Sciencias como hum foco de luzes e de conhecimentos, que devião ser espalhados por todo o Estado, para assim se promoverem não só as Sciencias, mas tambem a Industria nacional; em fim creou-se huma Cadeira na Universidade de Coimbra, para nella se lerem privativamente os principios da Agricultura, e foi este objecto encarregado a hum dos mais habeis e benemeritos Professores daquella Faculdade. A pezar porém de tantos desvelos e fadigas, seja-me licito perguntar, ¿se depois de todas estas providencias se conhece melhor cultura nos nossos terrenos, se houve algum adiantamento ou melhoramento geral, algumas plantas ou instrumentos novos univeralmente introduzidos?

Não

ção politica e economica que actualmente tem, e neste caso he que affirmo, que nunca poderáõ concorrer os seus generos com os dos Estrangeiros, em quanto os Agricultores não forem mais instruidos.

Não se conclua porém daqui que o pouco fructo, que até agora se tem tirado na pratica, dos sobreditos Estabelecimentos he de alguma fórma devido á sua imperfeição ou inutilidade; esta idéa seria totalmente absurda: a consequencia que se póde tirar he, que elles ainda não são bastantes, e que depois de se ter olhado a Agricultura pelo lado scientifico, he igualmente necessario promover o ensino methodico da sua pratica: se ella he huma Sciencia, he tambem huma Arte, que tem, como muitas outras, principios theoreticos em que se funda; mas por huma parte estes principios não se podem diffundir tanto em Portugal, que cheguem a todos, quaesquer que sejão os meios que se adoptem; e por outra parte o pequeno numero de pessoas capazes de os adquirir não se costumão empregar em o cultivo de suas fazendas, que deixão entregues ao cuidado de Administradores subalternos.

Isto posto, persuado-me que se a Agricultura se olhasse como huma Arte, e se lhe applicasse até hum certo ponto a Legislação das outras Artes, resultarião daqui vantagens incalculaveis. O official de qualquer officio mecanico, por mais simples que elle seja, não o póde exercer publicamente, sem o ter apprendido alguns annos; e por huma inconsequencia de que não se póde dar razão solida, hum destes mesmos officiaes, hum homem que nunca vio o campo, he muitas vezes posto á testa da administração de hum grande predio, de que nunca teve as mais ligeiras noções.

Este abuso tão antigo, que já Columella se queixava delle, póde ter remedio no estabelecimento de Escolas praticas, em que as pessoas, que se destinão a semelhantes occupações, vão apprender o curso dos trabalhos campestres, e habilitar se a ensinar hum dia com o seu exemplo aquelles methodos, que apprendêrão, e vírão usar com maior vantagem. O interesse que daqui devem tirar, lhes pagará com usura o tempo que gastarem naquelle estudo; e os melhoramentos que souberem introduzir nos differentes cultivos, re-

recompensaráõ amplamente os Proprietarios da maior despeza que com elles forem obrigados a fazer.

Não he porém este o unico ponto de vista em que se hão de considerar estes Estabelecimentos, tem outros igualmente interessantes.

A Agricultura pratica offerece huma grande diversidade de ramos a que se deve attender: em os vegetaes já cultivados no Paiz, ella póde melhorar o seu cultivo, e augmentar a súa producção, póde ensinar o methodo de fertilizar os terrenos, de preparar e empregar os estrumes (cousa ainda entre nós bem pouco conhecida); póde introduzir o uso de muitos instrumentos que diminuirião consideravelmente a mão de obra, e em fim climatizar muitas plantas e arvores exoticas, de que se tirarião grandes interesses. Ora como tudo isto por fórma alguma se consegue melhor do que pelo Estabelecimento que proponho, será preciso entrar em alguma explicação sobre cada hum destes artigos.

A cultura dos Cereaes he a mais recommendavel de todas, por formar a base do nosso alimento, e desgraçadamente he aquella que menos em Portugal se tem aperfeiçoado. Em huma viajem que Arthur Young fez á Catalunha, que lhe tinha sido pintada como o jardim da Hespanha, ficou elle pasmado de ver os seus immensos valles e colinas em grande parte de alqueive; e em hum escrito que publicou relativamente a este assunto, serve-se de ordinario, para explicar o máo estado de cultura de hum districto, da seguinte expressão: *Terra de alqueive, e em consequencia má cultura.* ¿ Que diria este sabio Agronomo se chegasse ao Alemtéjo, e examinasse a maior parte das outras terras lavradias de Portugal? ¿ Que diria se visse não já o systema dos alqueives, mas sim muitos terrenos, que só de tres em tres, ou de quatro em quatro, e mesmo de oito em oito annos, he que são semeados? ¿ Que diria se visse grande parte dos outros condemnados a produzir quasi perpetuamente o mesmo genero de plantas?

A

A grande arte das Sementeiras consiste hoje em dia nos affolhamentos; introduzidos elles e bem regulados, desapparecem os pousios e os alqueives, e o terreno a pezar de dar mais abundante colheita, melhora-se de anno em anno. Mas a natureza destes affolhamentos não se póde bem fixar sómente por principios theoreticos; os differentes climas, as differentes terras, e mil outras circunstancias exigem differentes ordens de successão de plantas. Só a experiencia he que póde decidir este ponto, ¿e onde melhor se podem fazer estas experiencias do que nas Escolas praticas?

A fertilidade dos terrenos depende (além dos affolhamentos appropriados) da qualidade dos estrumes, e do modo de os empregar. Os estrumes são de duas naturezas diversas, huns destinados a obrar mecanicamente, adelgaçando a terra quando por sua natureza he muito tenaz e forte, e vice versa; outros destinados a obrar chimicamente fornecendo os principios proximos da vegetação. Para o emprego dos primeiros, e mais ainda dos ultimos, ha bastantes cousas a que attender, superiores á commum intelligencia dos Lavradores, que não he conduzida por huma pratica illustrada: não sómente se póde aumentar a sua quantidade por meio de substancias de quasi nenhum valor, e que cada huma de per si seria de pouco uso; mas a sua força póde ser maior, á proporção dos materiaes que se empregão nas Estrumeiras, do modo de construir estas, e do tempo e methodo variado porque os estrumes se lanção á terra. Estes diversos conhecimentos difficilmente se poderáõ tirar da simples theoria, e em parte alguma se apprenderáõ melhor do que nas Escolas de Agricultura pratica.

O outro objecto (como acima tocámos) para que ellas são muito proveitosas he para a introducção das Maquinas aratorias. ¿Que se diria de hum Povo, que não tendo idéa alguma das Maquinas que se tem inventado, por exemplo, para fiar os algodões, fizesse á mão todas as fiações, e quizesse depois competir nas suas manufacturas com os ou-

outros Povos, onde estes instrumentos são conhecidos? Ora he justamente o que nos accontece na Agricultura: a nossa mão de obra deve de necessidade ser mais cara do que a estrangeira, onde hum homem com huma Maquina simples faz o que muitas vezes quatro por si só não poderião executar. O que se diz a respeito dos homens, deve-se entender, e talvez com mais razão ainda, a respeito do emprego dos animaes.

Póde talvez dizer-se, que já muitas vezes se tem intentado introduzir o uso de algumas Maquinas; e que o resultado não tem correspondido á expectação; desgraçadamente he isto huma verdade, que assim devia succeder. O emprego da mais simples Maquina exige huma certa destreza, que só se adquire pelo habito; além de que, muitos instrumentos que (em razão do terreno) são mui vantajosos em hum Paiz, não o são em outro sem algumas alterações, que por mais pequenas que sejão, só podem ser determinadas por pessoas intelligentes, precedendo sempre experiencias preliminares; e por modo algum se poderáõ melhor alcançar todos estes fins, do que por meio das Escolas de Agricultura pratica.

A introducção dos novos generos de cultura he outro ponto que (segundo o estado actual dos nossos Lavradores) nunca se poderá conseguir senão pelo methodo já apontado. Esta Academia tem publicado ha muito nos seus Escritos o catalogo de algumas plantas exoticas, que seria conveniente cultivar no Reino: agora mesmo que o Brazil está muito mais conhecido, seria facil, mantendo com os nossos Socios huma correspondencia mais activa, fazer vir muitas sementes, que se darião bem no nosso clima, e augmentarião a nossa riqueza. A mesma Academia tem proposto premios aos Lavradores que cultivassem melhor algumas plantas, que de certo se sabe que prosperão em Portugal: tem-se-lhe mandado dar gratuitamente as sementes, e accompanhado esta distribuição com escritos, que ensinão o methodo do seu cultivo; e com tudo a pezar de tantos esfor-

ços,

ços, apenas a cultura das Batatas tem feito alguns progressos, e esses ainda diminutos.

A razão disto he a meu ver bastante obvia: estas sementes, estes escritos chegão ás mãos de Proprietarios que não cultivão por si, mas fazem cultivar por seus Caseiros, a quem confião as novas plantações. Estes, as mais das vezes inimigos de toda a novidade, não sómente pela sua ignorancia, mas por não terem algum trabalho de mais, fazem a primeira tentativa; e não obtendo, como não he provavel que obtenhão, effeito favoravel della, renuncião a experiencias ulteriores, e fica assim decidido no seu conceito, que semelhante genero de cultura he inadmissivel no nosso Paiz.

Se se reflectisse, que as Plantas que em hum Clima se semeão por exemplo no Outono, em outro se devem semear no Inverno, e em outro na Primavera; se se conhecesse que as lavouras preparatorias para as Sementeiras são tambem diversas pelos mesmos motivos; que as Sementes em humas partes vegetão bem em a mesma terra em que se semeão, em outras vingão melhor sendo transplantadas, e mil outras differenças que agora não posso indicar; conhecer-se-hia quanto as experiencias preliminares são necessarias, e que sem ellas todas as despezas e desvelos serão frustrados, ao menos por longo tempo.

Ser-me-hia facil (se fosse preciso) multiplicar ainda estes argumentos, mas referirei em lugar disso, que tratando-se em Inglaterra, no Condado de Durham, de estabelecer hum terreno de experiencias agronomicas, ajuntárão-se logo alguns individuos zelosos do bem publico, que subscrevêrão para mil lb. st. de fundo, e quatrocentas annuaes de renda. Passado algum tempo, e desejando os promotores deste Estabelecimento empregar huma maior somma por hum modo vantajoso, consultárão o celebre Arthur Young sobre o methodo, que elle julgava mais proprio para fazer florecer a Agricultura; se a publicação de Memorias, se os Premios, ou se finalmente huma Escola

de Experiencias. A resposta deste Sabio filantropo he demasiado estensa para se inserir neste lugar, mas quem ler os seus *Annaes*, virá no conhecimento de quanto elle reputou preferivel este ultimo methodo.

Se pois em Inglaterra, onde a massa de conhecimentos agronomicos he tão grande; onde ha tantas pessoas instruidas que cultivão por si mesmo os seus predios; (*a*) onde mais que em parte nenhuma se tem escrito sobre este objecto, e a classe dos leitores he muito numerosa; e onde finalmente cada Herdade se póde considerar como huma Escola pratica, em que todos os dias se pôem por obra novos melhoramentos; se em Inglaterra, digo, se julgou o methodo que acabo de propor como o melhor de todos, ¿o que não será em Portugal, onde aquelles meios de instrucção estão muito mais resumidos? A conclusão he facil de tirar. (*b*)

A este testemunho de Young, que he do maior peso, ajuntaremos outro, que em nada lhe he inferior, e que faz ver quando as considerações politicas devem ceder, quando se trata do bem geral da humanidade.

Quan-

(*a*) A esta classe de Proprietarios-cultivadores deve particularmente à Inglaterra o adiantamento da sua cultura; e todos os Escritores de Economia rural antigos e modernos não cessão de indicar quanto seria conveniente para os progressos da Agricultura que semelhantes pessoas cultivassem pelas suas mãos. Já o Carthaginez Magon dizia: *Qui agrum parabit, domum vendat, ne malit urbanum quam rusticum larem colere*; e Columella que o cita, emprega parte do seu primeiro livro em persuadir isto mesmo por muitas maneiras differentes. Hum dos motivos que talvez mais concorreo para que a Provincia da Estremadura se restabelecesse depois da Invasão das tropas Francezas, foi verem-se alguns dos seus Proprietarios em circunstancias de serem obrigados a feitorizar as suas proprias fazendas: não era tanto como donos, mas como pessoas mais entendidas, e tornadas industriosas pela necessidade, que a sua assistencia no campo foi de hum tão grande proveito.

(*b*) Longe de mim a falsa persuasão de que em Portugal não ha pessoas instruidas na pratica da Agricultura; mas, no nosso estado actual, são ellas as unicas que tirão partido destes conhecimentos, ou quando muito os seus visinhos; se porém estas mesmas pessoas dirigissem alguns dos Estabelecimentos propostos ¿quanto mais se não divulgarião as suas praticas, e serião uteis á Sociedade?

Quando Mr. Otto esteve Commissario da Republica Franceza em Inglaterra, o Cavalheiro Sinclair, Membro do Parlamento, e fundador da Mesa Britanica de Agricultura, lhe entregou o Projecto de hum Plano para o estabelecimento de Escolas experimentaes, e para fixar os principios dos progressos agriculas. Dando-lhe este papel, elle lhe recommendou que o enviasse a França, para ser examinado no Instituto, e impresso nas suas collecções. Foi o projecto examinado em huma Commissão, de que Mr. Tessier era Orador, e todos concluírão que não só se devia fazer logo publico, mas que este era o meio mais pronto e energico de aperfeiçoar, e augmentar dentro de pouco tempo os conhecimentos agronomicos.

Aquelle projecto de Mr. Sinclair era algum tanto differente do que tenho a honra de propor; mas tambem o estado da Agricultura Franceza e Ingleza he bastante differente do nosso. Attendendo pois a este estado he que eu vou delinear as bases destas Escolas.

A superficie do Reino de Portugal ainda que pequena, admitte pela sua feliz situação, e pela sua variada temperatura huma grande diversidade de cultivos, offerecendo assim a vantagem de reunir em hum pequeno espaço as Plantas septentrionaes, e as meridionaes. O Algarve dá-nos hum clima apropriado para as segundas; em quanto as primeiras vegetão soberbamente na Provincia de Traz os montes, e em algumas cordilheiras mais elevadas da Beira: basta esta consideração para se conhecer quanto seria conveniente o estabelecimento de huma Escola em cada hum destes Districtos.

Independente destes dois Estabelecimentos, he claro que deve haver outro nas visinhanças da Capital. Se o fim primario delles he formar homens capazes de administrar hum dia propriedades ruraes; em parte alguma se podem achar reunidos maior quantidade de meios para isto, do que nas immediações de Lisboa, onde a população he mais numerosa e rica, onde ha mais facilidade de chegarem os

I ii no-

novos descobrimentos estrangeiros, e onde póde concorrer para sua instrucção a mocidade de toda a Provincia da Estremadura.

Estas tres Escolas, a das Provincias do Norte, a das do Sul, e a terceira (que pela sua posição chamarei central) parecem-me absolutamente indispensaveis, e tambem me persuado serem bastantes, attendendo a que o Alemtéjo póde em grande parte tirar a sua instrucção da Escola central, quanto lho permittir o calamitoso estado da sua Economia agraria, e que o Minho he a Provincia que menos necessidade tem deste soccorro immediato.

A difficuldade maior, e talvez a unica que póde haver para se realizarem estes Estabelecimentos, he a falta dos fundos necessarios para elles. Em Inglaterra, onde o egoismo cessa logo que se trata do bem geral da Nação, propunha Mr. Sinclair o meio, alli tão trivial, das subscripções, e acima vimos como huma foi ampla, e prontamente preenchida. Este methodo poderia talvez tentar-se em Portugal; não me atrevo porém a dicidir se por si só seria sufficiente: além disso Mr. Sinclair tomava este projecto em ponto maior, do que não julgo a proposito de propor, ao menos por agora; neste caso huma grande parte das colheitas annuaes servia a compensar a despeza, e vinha em fim a dar hum lucro excedente, pelo corte das madeiras, que tinha lugar de annos a annos. Eu abraçaria facilmente as mesmas idéas, se os nossos Capitalistas, assim como estão prontos a formar associações Commerciaes, estivessem na pratica de se ligarem entre si para Sociedades agrarias, as quaes se não fossem tão lucrosas, serião muito mais seguras do que as primeiras.

Na falta deste meio só tratarei do outro, na hypotese de que o Estado toma a si a manutenção destes Estabelecimentos, cousa tanto mais possivel, que o Fisco, a Coroa, e as Cameras do Reino nos seus respectivos Baldios, tem terrenos que podem ceder para estas tres Granjas de Instrucção, sem detrimento consideravel da Real Fazenda.

Da-

Dados estes terrenos, as primeiras despezas, isto he, as necessarias para pôr as Escolas em exercicio, são muito difficultosas de arbitrar agora, pois dependem do estado em que elles se acharem. Hum predio que tenha casas e officinas, que esteja já cultivado, murado &c. não fará a mesma despeza do que outro em que faltem estes requisitos. Sómente em hum terreno determinado se poderá avaliar com alguma exactidão a somma, que he necessario empregar para o proposto fim.

Não accontece o mesmo com os gastos annuaes que ao depois se seguem. Huma Economia bem dirigida, que empregue sómente os operarios precisos, e que aproveite a venda das differentes producções da terra, tanto em fructos, como em sementes, como em arvores, poderá sem duvida com 800$ réis de ajuda de custo em cada hum anno na Escola central, e com 600$ réis nas das Provincias, manter hum curso regular de experiencias agronomicas, não entrando com tudo nesta conta os dois ordenados do Director, e Subdirector das sobreditas Granjas.

Na escolha destes he que está toda a alma desta empreza. Nos primeiros tempos será talvez difficil o provimento destes lugares; mas he de esperar que de dia em dia se vão formando pertendentes mais benemeritos; seria mesmo hum meio de dar emprego a alguns Bachareis Formados na Faculdade de Filosofia, ainda tão pouco frequentada entre nós, por não se ter determinado occupação alguma para os que se empregão simplesmente no seu estudo.

Este Director, que he obrigado a fazer huma residencia assidua no seu Estabelecimento, deve ter hum ordenado que o habilite a prescindir de outros interesses, e subsidios: compete-lhe a administração tanto dos trabalhos, como dos fundos da Granja, e o dar de viva voz as lições de Agricultura pratica, expondo á vista dos differentes trabalhos, os motivos em que são fundados, e a razão da sua preferencia: por occasião disto elle poderá explicar, e fazer conhecer as differentes naturezas dos terrenos, o modo

do de empregar os estrumes, em fim tudo o que diz respeito á pratica desta arte tão nobre e necessaria. Semelhantes lições bem se vê que não devem ser sugeitas a hum Compendio fixo; a occasião he quem ensina as materias que devem ser tratadas naquelle dia, e o campo he a Aula em que devem explicar-se.

O Subinspector tem mais particularmente ao seu cuidado vigiar sobre os empregados subalternos; he huma especie de Feitor incumbido da administração de hum Predio, em que assiste o dono. Elle deverá ter os seus livros de registo sempre patentes a todos, será obrigado a lançar nelles as épocas dos differentes trabalhos, os methodos que se seguírão em cada hum, e os resultados que offerecêrão comparativamente, em fim tudo quanto poder servir para illustrar os objectos que alli se tratão.

A Academia Real das Sciencias estava mais que ninguem em circunstancias de ser Fiscal destes Estabelecimentos, e além do interesse publico tiraria disso muitas outras utilidades: como os Directores deverião ser seus Socios, os resultados mais decisivos das experiencias podião enriquecer as suas Actas: a sua Classe de Sciencias naturaes podia indicar os pontos que desejasse ver illustrados, as Plantas cuja cultura lhe parecesse mais facil e vantajosa, e os Instrumentos cujo uso reputasse mais manual: os Premios finalmente, que ella costuma propor todos os annos aos Lavradores, terião hum resultado muito mais feliz; e estas duas Instituições darião mutuamente as mãos, e concorrerião melhor, assim unidas, para a propagação dos conhecimentos uteis, e para os progressos da Agricultura.

Como as tres Escolas que tenho proposto trabalhão todas para o mesmo fim, não só devem ter as mesmas Instrucções, mas será conveniente que os seus Directores mantenhão huma correspondencia regular, e necessaria para se repetirem em differentes qualidades de chão, e differentes climas as suas experiencias, e fazerem-se conhecidos os seus resultados.

De-

Desejaria poder entrar em averiguações circunstanciadas a respeito da estensão necessaria dos terrenos para as Escolas, e das divisões que nelles se devem praticar, mas isto excederia os lemites que me prescrevi. Hum campo mais estenso exige, que as primeiras despezas sejão maiores, mas serão as experiencias mais completas, e será menos despendiosa a sua conservação annual; em fim persuado-me que em menos de cincoenta a sessenta geiras serão os trabalhos mesquinhos e insufficientes, ou serão poucos os objectos a que se attenda.

Em quanto ás divisões do terreno, póde dizer-se em geral que as Plantas proprias para os Prados artificiaes, as Plantas leguminosas que admittem cultura em grande para o sustento do Gado, as Plantas cereaes, e finalmente os viveiros de Arvores formão quatro grandes divisões, em que a Granja se póde repartir, deixando huma pequena porção para outras experiencias diversas.

Estas grandes divisões devem necessariamente ser ainda subdivididas: por exemplo, se vinte geiras são destinadas aos Prados artificiaes, metade póde ser empregada em Plantas regadas, e outra metade em Plantas de terrenos secos. As Plantas que se empregão em alimento para o Gado, como muitas são pouco usadas entre nós para este fim, virão a occupar bastante espaço, que tambem deve ser subdividido. Assim as Cinouras, as differentes especies de Nabos, as diversas raizes que o vulgo tem confundido debaixo da denominação generica de Batatas, e muitas outras deverião ter hum lugar separado. O terreno destinado ás Plantas cereaes não só deverá ter a subdivisão das diversas especies que nelle se cultivarem, mas até seria conveniente que algumas destas especies fossem cultivadas por diversas maneiras, para depois se compararem os seus resultados; e por isso o trigo poderia em parte ser semeado á mão, em parte com o semeador, e em parte transplantado, vindo-se por este modo no conhecimento da preferencia de hum destes methodos, ao menos em hum ter-

re-

reno dado: semelhantemente se deverá proceder a respeito de outros grãos.

He bem evidente que este quadro deve ser variado, ao menos em parte, todos os annos; pois não nos devemos esquecer que o primeiro movel da boa cultura são os affolhamentos; mas tanto estas variações, como outras miudezas a este respeito, não podem ter lugar nesta Memoria, que não passa de hum simples Projecto. No caso que se adoptasse o Plano que proponho, os Directores deveráõ ter bastantes conhecimentos, e a Classe das Sciencias Naturaes tem bastantes idéas a communicar-lhes, para poderem prescindir dos meus fracos soccorros.

Não fallei até aqui de outro artigo de Economia Rural para que as Escolas podião ser igualmente proficuas, e he a criação do Gado em geral, e principalmente do lanigero. Será facil querendo, annexar este aos outros ramos de instrucção, principalmente sendo as Granjas hum pouco mais estensas; poderia mesmo ser huma dellas mais particularmente destinada a este fim, visto ser certo que sem criações não póde haver boa Agricultura, e que temos alguns Districtos, taes como o Alemtéjo e huma grande parte da Beira, que parecem mais propriamente destinados para ellas; he alem disso fóra de toda a duvida, que as nossas lans, melhoradas as raças, são capazes de competir com as mais estimadas da Europa.

Em conclusão do que até aqui tenho exposto, restame sómente observar, que nunca houve huma época em que fosse necessario olhar tanto para a nossa Agricultura, e em que por conseguinte se devesse mais lançar mão de todos os meios de a augmentar, do que he a presente (*a*). A passmosa revolução, que tão felizmente ainda ha pouco tempo terminou, influio por hum modo muito sensivel nos nossos interesses Agrarios, e nos Commerciaes, que lhe estão estreitamente ligados. Se por hum lado os principios liberaes hoje estabelecidos exigem huma perfeita reciprocidade nas nos-

(*a*) No fim de Abril de 1814.

nossas transacções mercantís, pelo outro he preciso que os nossos generos possão manter a concorrencia com os estrangeiros nos mercados da Europa, ou ao menos nos de Portugal; de outro modo viremós dentro de poucos annos a ser de todo pobres, assim como já somos dependentes. Muitas cousas são necessarias, como já notámos no principio, para a nossa Agricultura prosperar; mas a maior parte dellas cabem sómente na jurisdicção do Legislador, e sempre encontrão difficuldades, por hirem atacar abusos inveterados, ou interesses de pessoas poderosas. Esta que agora se propõe he de outra natureza; e posto que não remedeie senão huma parte destes males, servirá ao menos de criar homens capazes de desempenhar as obrigações de que forem incumbidos, e de ensinar o modo de melhor aproveitar os terrenos, para que logo que os nossos Monarcas, e a Nação inteira estejão em circunstancias de dar á Lavoura hum impulso de que ella tanto necessita, não haja o estorvo da ignorancia, que tantas vezes faz malograr as mais bem calculadas providencias. Com este fim, e pelo desejo de concorrer para o bem publico he que lancei as primeiras linhas deste Projecto, que outra mão mais habil poderá pulir, e tornar digno de approvação.

NOTA.

Sendo hum Axioma fundamental de Agricultura o com que dá Columella *principio á sua Obra nestas sentenciosas palavras*:

» Qui studium agricolationi dederit, antiquissima sciat haec
» sibi advocanda : prudentiam rei; facultatem impendendi ; volun-
» tatem agendi. Nam is demum cultissimum rus habebit, ut ait
» Tremellius, qui et colere sciet, et poterit, et volet. Neque enim
» scire, aut velle cuiquam satis fuerit sine sumptibus, quos exigunt
» opera. Nec rursus faciendi, aut impendendi voluntas profuerit sine
» arte : quia caput est in omni negotio nosse quid agendum sit;
» maximeque in Agricultura, in qua voluntas, facultasque citra scien-
» tiam saepe magnam dominis afferunt jacturam, cum imprudenter
» facta opera frustrantur impensas. Itaque diligens paterfamilias,
» cui cordi est ex agri cultu certam sequi rationem rei familiaris au-
» gendae, maxime curabit, ut aetatis suae prudentissimos agricolas
» de quaque re consulat, et commentarios antiquorum sedulo scru-
» tetur »:

Como o Projecto *precedente se dirige a promover huma melhor prá-tica de Lavoura*; *e as* Reflexões, *que se seguem, tem por objecto mostrar as vantagens das forças para arrostar as difficuldades, que empecem o ter-se toda a conveniente cultura, e mostrar a necessidade de haver a constancia precisa para remover as mesmas difficuldades : se publicão juntamente humas e outras Ponderações; porque, sendo tão importantes em si, fórmão unidas hum amplo e precioso Commentario do Axioma, que fica mencionado.*

RE-

REFLEXÕES
SOBRE A AGRICULTURA DE PORTUGAL,
SOBRE O SEU ANTIGO E PRESENTE ESTADO, E SE POR MEIO DE ESCOLAS RURAES PRATICAS, OU POR OUTROS, ELLA PODE MELHORAR-SE, E TORNAR-SE FLORENTE.

POR FELIX DE AVELLAR BROTERO.

I.

O Projecto de Mestres e Discipulos em Agricultura e Economia Rural he antiquissimo; Columella o inculcou aos antigos Romanos, estranhando-lhes o terem Mestres ainda mesmo das Artes as mais frivolas, e deixar de os ter em tão interessante profissão. Com tudo os Romanos continuárão depois disso muitos annos a agricultar, guiados só por tradições, e alguns èscritos; e o mesmo fizerão os antigos Egypcios, Asiaticos, e Carthaginezes: entre estes povos a Agricultura foi então mais ou menos florente á proporção que foi mais ou menos honrada, mais ou menos encorporada nos seus systemas politicos e religiosos. Depois da ruina do Imperio do Occidente, e nos seculos barbaros desse tempo, as tradições e os escritos Romanos de Agricultura e Economia Rural forão (como pôde ser) conservados na Europa e Africa Septentrional pela imperiosa necessidade, que o homem tinha de se alimentar e aos animaes, que o auxilião: os Ecclesiasticos então, e poucas outras pessoas instruidas, que em suas Livrarias preservárão as copias dos Escritos de Catão, Varrão, Columella, Palladio, Vegecio, e outros Auctores Romanos antigos, forão os que sostiverão então a Agricultura,

ra, que não ficasse meramente em vagas tradições de viva voz. Na Hespanha e Lusitania os Godos e Arabes assim a mantiverão, não obstantes as guerras e dissensões, que entre si não deixavão de ter de quando em quando; não tinhão outras Escolas senão o exemplo dos seus visinhos, erão guiados ou por cegas tradições, ou pelas idéas que lhes davão os que lião os escritos Romanos ou suas traducções: mas assim mesmo com estas idéas, a Agricultura fazia progresso entre elles; rompião-se os maninhos, crescia o numero das povoações, e estas todas tinhão gados, pão e generos necessarios para se alimentarem independentemente dos estrangeiros. . . . .

II.

. . . . O Conde D. Henrique, e seu filho o Snr. D. Affonso I. assim achárão a Agricultura de Portugal, quando o arrancárão das mãos dos Arabes. Elles e os Reis seus Descendentes até ao Snr. D. Diniz seguírão o plano dos conquistados com a maior actividade possivel. D. Affonso I. com as suas tropas e Arabes avassallados foi quem dêo o impulso ao systema de Agricultura, que no principio da Monarchia e depois se seguio; systema, em que não havião outras noções agriologicas senão as que ficão mencionadas: com tudo foi até o Reinado de D. Diniz, em que ellas se praticárão com energia; quando por todas as provincias, principalmente do Norte, se rompêrão á enchada e arado mais charnecas e maninhos; se fundárão mais villas, lugares e casaes; quando floreceo mais a nossa Agricultura e Economia Rural; e quando houve pão, e os viveres necessarios para todos os habitantes das povoações, e mesmo trigo redundante para vender aos estrangeiros. Arrotear terras incultas, não deixar ociosas as que pela primeira vez se tinhão cultivado, dar colonos aos lugares desertos, e povoar este Reino era a moda daquelles tempos: os Soberanos a animavão, e fazião predominar; viajando as

pro-

provincias, repartindo os baldios e terras maninhas, que nellas observavão; obrigando os Corpos de mão-morta, Cabidos, Mosteiros, Morgados, Nobreza e Capitalistas a fazer grandes arroteas, e fundar novas povoações, dando-lhes elles o exemplo; fundando muitas á sua custa, ás quaes fazião os avanços necessarios, davão privilegios e isenções: elles chegárão mesmo a povoar charnecas, estabelecendo nellas asylos de réos.

III.

Depois disto as guerras, o espirito de conquistas, e o de povoar colonias fizerão enfraquecer summamente aquelle energico impulso agronomo e economico, dado pelos nossos primeiros Soberanos; e a oppressiva politica dos Reis Philippes, que nos avassallárão, o paralisou de todo. As guerras da Restauração nos dias do Sñr. Rei D. João IV., e dos seus Augustos Descendentes, varias circunstancias de administração, e do estado civil e politico, que depois tem havido (como he bem notorio) nesta Monarchia até hoje, não tem sido favoraveis para estabelecer o seu systema primitivo de agricultar e fundar povoações; he por isso principalmente que nos vemos obrigados a tirar dos estrangeiros os generos de primeira necessidade, e a ficarmos nisto escravos delles, e o que he mais, desses mesmos Arabes, que expulsámos para Africa, e que tanto desprezamos pela sua ignorancia nas Artes: elles não tem hoje mais luzes em Agricultura e Economia Rural, do que tinhão quando habitavão Portugal e Hespanha; com tudo tem assaz trigo e bois para si, e para nos vender.

IV.

Donde facilmente se deduz, que a falta de trigos, bois, e de outros generos, que se conhece ha muitos annos em Portugal, *não procede*, como alguns pensão, *pu-*

ra-

ramente de ignorarmos as praticas de Agricultura e Economia Rural aperfeiçoadas por algumas Nações modernas, mas sim de outras causas. Conserva-se ainda em Portugal hum grande numero daquellas praticas ruraes do modo, que as achamos annunciadas nos Livros de Columella ; e se nós compararmos este antigo Archivo de Agricultura e de Economia Rural dos Romanos e dos povos por elles conquistados, com o que hoje escrevem e praticão os Inglezes, Francezes, Suissos, Florentinos, e outras Nações tidas pelas mais sabias em similhante materia, acharemos que o seu progresso e melhoramentos tem sido bem poucos; e que estes consistem principalmente em fazer mais arrotear, cultivar mais, e povoar quanto mais for possivel. Os Chinas, Nação morosa em inventar, seguem hoje em Agricultura as praticas, que seguião os seus antepassados ha mais de dois mil annos; não tem outras Escolas mais do que o exemplo, tradições, e alguns livros das antigas praticas; com tudo todos os viajantes attestão ser a China o paiz do nosso Planeta, aonde florece mais a Agricultura, e aonde não faltão os generos de primeira necessidade para a subsistencia de todos os seus habitantes, posto que o seu numero seja de muitos milhões: isto não só procede do seu systema politico honrar muito os Agricultores, mas principalmente de premiar com as maiores distinções e empregos os que arroteão mais terras incultas, e as cultivão mais. Antigamente na Persia o arrotear hum baldio, e plantar huma arvore de novo era huma grande obra meritoria em Religião; isto influio de tal sorte na sua Agricultura, e por conseguinte na povoação, força e riqueza, que veio a ser hum dos mais vastos e formidaveis Imperios.

V.

Por tanto vê-se claramente « Que os grandes resultados em Agricultura dependem de agricultar muito, e que para agricultar muito não he preciso haver a mais comple-

ta

ta perfeição dos principios estabelecidos pelos antigos Agronomos, mas basta a prática dos ditos principios, posto que pouco aperfeiçoada, *com tanto que concorrão as demais circumstancias necessarias* ». Columella e outros antigos Agronomos e Economistas Romanos tinhão por principal maxima em Economia Rural, que para nella haverem resultados proveitosamente grandes era necessario SABER, PODER, e QUERER. Esta maxima he de si tão evidente, que ninguem até agora della tem tido a menor duvida, e nella são fundados todos aquelles esforços, que se tem feito em Agricultura e Economia Rural desde a restauração das Letras até hoje.

VI.

Quanto ao *saber*, ¿ que trabalhos litterarios, desde aquella época até agora, não tem havido em toda a Europa, e mesmo nas colonias dos Europeos? Os antigos escritos dos Gregos e Romanos, as tradições, e práticas locaes subministrárão materia a hum sem numero de Tratados, cujos titulos sómente formão grossos volumes. No seculo proximo passado as luzes da Critica e Filosofia Natural fizerão emendar alguns erros de theorica dos Authores antigos, e dos que os seguião; mas as suas práticas quasi todas continuárão no essencial, mais ou menos aperfeiçoadas em diversas Nações, á proporção que nellas se estabelecêrão Sociedades Agrarias, e se seguio a experiencia illuminada pela Filosofia Natural.

VII.

A Suissa, e a Grã-Bretanha, aonde hum verdadeiro patriotismo tudo anima, são os paizes Europeos, aonde a Sciencia Agriologica parece ter feito mais progresso. Na Suissa este adiantamento scientifico procede dos excellentes escritos, que as Sociedades de Berne, de Zurich, e outras tem publicado em Agricultura, como tambem das expe-

pe-

periencias a ella respectivas, que os Academicos Filosofos de Zurich annualmente fazem em hum extenso terreno destinado para esse fim; e não menos procede tambem da obrigação, que tem os Parochos de instruir a mocidade das suas Freguezias nos principios geraes da Agricultura, e Economia Rural proprias do seu paiz, contidos em huma Cartilha que he seguida ao Cathecismo da Religião. Na Inglaterra e seus Reinos Unidos, as differentes Sociedades Sabias, as Juntas de Agricultura, a Sociedade estabelecida com hum rico fundo para promover com grandes premios o progresso das Artes, os numerosos escritos fundados em experiencias de continuo publicados, varios terrenos estabelecidos para experiencias, e a Cadeira de Agricultura fundada na Universidade de Edimburgo, tem illuminado muito a Nação Britannica na Sciencia Agriologica e Economia Rural. Demais disso, os seus maiores Agronomos não cessão de lhe propor continuamente novos methodos de maior instrucção, como fizerão no fim do seculo passado os célebres Young, e Sinclair com os seus planos de Escolas Ruraes Praticas: e este ultimo desejando que nas ditas Escolas não se seguisse cegamente a experiencia, ou Agricultura empirica, mas que esta fosse guiada pela razão e Filosofia Natural, pedio ao grande Darwin, que para esse fim fizesse hum Tratado de Agricultura Filosofica, o qual elle publicou no anno de 1800, com o titulo de *Phytologia*, ou a Filosofia da Agricultura, fundado na Botanica pura e physiologica, na Chymica Pneumatica moderna, na Physica, e Mineralogia.

VIII.

Em França ha muitas Sociedades Agrarias, innumeraveis escritos em Agricultura e Economia Rural, tanto originaes como traduzidos dos melhores Agronomos estrangeiros, e não ha ignorancia das práticas ruraes Inglezas; mas se, não obstante isto, a Agricultura não florece em França tan-

tanto como na Grã-Bretanha, a causa não procede da falta de instrucção, mas sim de ser muito frouxo o patriotismo, e muito diversa a especulação e administração. No Reinado de Luiz XVI. apenas havia em França huma Cadeira de Agricultura Theoretica e Pratica, estabelecida no Collegio Real de París, de que o célebre Mr. Daubenton, meu Mestre, era o Professor, como tambem de Zoologia e Mineralogia: em algumas Freguezias os Parochos instruião os seus freguezes nos principios geraes de Agricultura e Economia Rural, como os da Suissa; e o P. Cotte chegou a fazer huma Cartilha para esse fim: mas a Nação Franceza até agora não tem approvado as Cadeiras e Escolas de Agricultura e Economia Rural; persuadida de que, para aperfeiçoar a instrucção que havia, bastavão as Academias, e as Sociedades Agrarias, os Professores de Sciencias Filosoficas, e os escritos e experiencias dos bons Agronomos; e persuadida igualmente de que para a França ter pão, e os viveres necessarios para a subsistencia dos seus habitantes, independentemente dos estrangeiros, bastava a Sciencia Agriologica que havia, com tanto que se agricultasse sufficientemente á proporção do seu numero. A experiencia tem confirmado o acerto desta persuasão; por quanto, desde o periodo da terrivel explosão revolucionaria até hoje nunca lhe faltárão os generos de primeira necessidade por todo o interior, porque se cuidou sempre na mencionada cultura proporcional, e ainda mais quando era possivel.

IX.

Em Alemanha alguns Soberanos, antes das devastações das guerras actuaes, tinhão estabelecido nos seus Estados Cadeiras de Agricultura e Economia Rural, e de Technologia para as auxiliar: a Casa d'Austria tinha feito o mesmo em Praga, Pavia, e Florença; mas nestes differentes Estados os productos não erão proporcionados puramente á Sciencia, mas sim á actividade poderosa de fazer agri-

 cul-

cultar muito. Se pois admittirmos (como julgo se deve admittir) que no paiz, onde ha mais productos de primeira necessidade, ahi he mais florente a Agricultura, por promover mais a povoação e forças do Estado; não recearemos de dizer, que ella florece mais nos Estados Polacos do que nos dos seus visinhos Alemães, posto que estes sejão mais instruidos em noções agriologicas; por quanto a Polonia não só tem trigos para si, mas para sustentar com o redundante delles muitas Nações do Norte, que de Dantzic os exportão em numerosos combois.

X.

A Sociedade Agraria dos Amigos do Paiz na Biscaya servio de estimulo, para se estabelecerem muitas outras nas diversas Provincias de Hespanha: mas sem embargo das suas Memorias, e de outros numerosos escritos Hespanhoes, antigos e modernos, que provão bem que não ha ignorancia de Agricultura e de Economia Rural, como bem demonstrou o célebre Abbade Cavanilles; e posto que só bastasse a sábia Escola dos novos Colonos da extensa Serra Morena, para lhes servir de modelo que imitassem, aonde aprendessem em similhante materia, e donde podião extrahir-se milhares de habeis alumnos para todas as Provincias de Hespanha: com tudo até o anno de 1808 havião algumas muito despovoadas, sem sufficientes grãos frumentaceos para sua subsistencia, e de muito pouca e má agricultura, por falta não só do activo impulso da Administração, mas principalmente por falta de forças pecuniarias, e por estas serem com preferencia empregadas ou no luxo, ou em tráfegos mercantís mais lucrativos.

XI.

Em Portugal quiz-se neste seculo passado occorrer á decadencia da Agricultura e Economia Rural por meio

de

de instruir a Nação cada vez mais nestes interessantes objectos. Traduzírão-se muitos escritos de habeis Agronomos Estrangeiros, e a Academia Real das Sciencias publicou nas suas Actas muito boas Memorias, nada inferiores ás de algumas Sociedades Agrarias Estrangeiras. Estabeleceo-se na Universidade de Coimbra huma Cadeira de Agricultura Filosofica reunida com a de Botanica: eu fui nomeado no anno de 1791 para o serviço desta Cadeira; e os que conservão resumos das minhas Prelecções, e os compararem com a Phytologia do Doutor Darwin, reconhecerão facilmente que eu segui essencialmente o mesmo plano, muito antes da publicação da dita Phytologia, ainda que fui menos hypothetico nas minhas theorias physiologicas. Em quanto servi, roguei sempre aos dois Prelados Reformadores Reitores, que ampliassem o Jardim Botanico, a fim de servir melhor á Botanica prática, e ás experiencias agriologicas em pequeno; o que ultimamente foi effeituado. A Inspecção da Junta da Companhia Geral do Alto Douro pertendeo estabelecer tambem huma Cadeira de Agricultura na Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, e eu fui consultado a esse respeito duas vezes: a Junta queria generosamente fazer todos os gastos necessarios com o ordenado do Professor, com os instrumentos e maquinas novas, e mesmo comprar hum terreno para experiencias; mas o não ter nesse tempo apparecido hum Professor com as circunstancias que ella exigia, fez demorar este designio até ficar suffocado com os contratempos da guerra. Ouvi dizer repetidas vezes ao inclyto Conde de Linhares, que elle tinha proposto a Sua Alteza Real o estabelecimento de hum Curso Filosofico na Capital, com duas Escolas additas a elle, huma de Agricultura e Economia Rural, e outra de Arte Veterinaria; e que Sua Alteza Real tinha annuido á sua proposta, mas que a execução ficára delongada para tempos de menos mingoa, e de menos cuidados. Os planos destas Escolas tinhão por intuito instruir a Nação nas melhores theorias e prá-

ticas actuaes de Agricultura e Economia Rural seguidas na Europa.

XII.

Que as Escolas fossem antes humas extensas granjas, aonde muitos operarios aprendessem a Agricultura Prática, e a parte de Economia Rural respectiva á creação dos gados: tinha já sido inculcado, como disse, em Inglaterra pelos célebres Young, e Sinclair; mas estes julgavão tambem ser necessarias as instrucções de Agricultura Filosofica, conhecendo que sem ellas a prática he hum empirismo ou rotina cega: com tudo não me consta, que as ditas Escolas fossem até agora postas em execução na Grã-Bretanha; a Nação Ingleza provavelmente as julgou superfluas, por quanto serião o mesmo que as extensas granjas da sua rica Nobreza, as quaes são numerosas, e aonde os proprietarios sempre assistem, ou as visitão annualmente, e nada poupão para nellas fazer executar as melhores práticas conhecidas em Agricultura e Economia Rural. Em Portugal, aonde estas circunstancias proporcionalmente são muito inferiores ás da Grã-Bretanha, as Escolas Ruraes certamente auxiliarião em muito maior grão as Cadeiras de Agricultura, e os bons escritos agrarios, e a Nação na verdade viria em fim a saber melhor agricultar: mas por ventura ¿he facil estabelecer em Portugal estas Escolas Ruraes, e Cadeiras no estado actual das possibilidades nacionaes? Mas supponhamos que isso seria facil agora, ou depois da paz geral; e mesmo admittamos que se poderáõ ensinar, e aprender bem sómente em tres Escolas Ruraes todas as práticas de Agricultura e Economia Rural adequadas ás differentes localidades deste Reino: por ventura ¿será bastante o saber bem agricultar todo o Portugal, ou bastará sómente a Sciencia de toda a sorte de cultura, sem com tudo se querer nem poder cultivallo, para elle dar pão sufficiente para os seus habitantes, e para

ra

ra nelle fazer florecer a Agricultura, e Economia Rural? ¿Ha quantos annos dizia Manoel Severim de Faria: *No Alemtéjo huma herdade tendo muitas folhas, não se semea senão huma, e he causa de faltar pão no Reino?* Estes e outros Sabios Transtaganos sabião mui bem como se devia agricultar o Alemtéjo, sabião o que Columella tinha ensinado sobre as culturas alternativas, as quaes ha muitos seculos são conhecidas mais ou menos em Portugal; mas o erro continuou até hoje: elle não procede pois de ignorancia nacional a esse respeito, mas sim de outras causas. ¿Por ventura os vastos despovoados e falta de pão, que havião até 1808 em muitas Comarcas de Hespanha, principalmente nas das duas Castellas, Nova e Velha, tinhão por causa puramente a impericia de Agricultura? ¿Não tinha sido esta afugentada com as luzes de numerosos escritos, e Sociedades Agrarias da Biscaya, Valença, e outras, e sobre tudo com o exemplo patentissimo da grande Escola da Serra Morena, aonde por mais de trinta legoas tantos colonos habeis estrangeiros se tinhão estabelecido, e havião naturalizado a actividade e sabia industria agronoma dos seus paizes? Não he pois a ignorancia puramente a causa de que a Agricultura não florece em hum paiz, nem tambem basta puramente a Sciencia de Agricultura para nelle a fazer florecer: he preciso tambem reunir ao saber o poder e querer agricultallo o mais que for possivel em toda a sua extensão, conforme a maxima dos antigos Economistas Romanos.

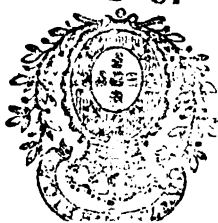
XIII.

Nos primitivos tempos desta Monarchia até o Reinado de D. Diniz certamente não havião melhores noções em Agricultura, e Economia Rural, do que nella ha hoje; com tudo então todos os seus habitantes tinhão trigo, e outros generos alimentares sufficientemente para si, e mesmo para vender aos estrangeiros. Nem então os seus habi-

tantes erão poucos, porque foi nesses tempos em que as provincias de Portugal se povoárão mais, e depois disso só se despovoárão pelas differentes causas bem conhecidas na nossa Historia; mas nesses tempos se a povoação augmentou consideravelmente, e mesmo assim augmentada teve sufficiente pão para si, foi porque a Agricultura era animada por todos os maiores esforços possiveis, era promovida pelas forças pecuniarias dos Soberanos, de todos os Corpos de mão-morta, e de todos os vassallos: todos querião á porfia imitar o exemplo dos seus Reis summamente apaixonados pela Agricultura; e a moda predominante era arrotear, cultivar, e fundar povoações com a sua Economia Rural respectiva. Não poucas causas contrarias, que depois houverão nos seguintes Reinados, como he bem notorio, fizerão afrouxar esta energia e gosto predominante cada vez mais, até que em fim a nossa Agricultura chegou ao pobre estado proporcional, em que a vemos.

XIV.

Para a levantarmos presentemente de hum tão fraco estado he util na verdade instruir a Nação nas theorias e práticas agriologicas o mais que for possivel, porque *em iguaes circunstancias quem melhor sabe agricultar, mais lucra*; ¿ porém como poderáõ os proprietarios, e cultivadores instruidos tirar grandes lucros, se elles não tem os meios necessarios para cultivar como sabem, ou se os tem não os querem empregar em culturas? ¿ Quantos obstaculos politicos, fysicos, e moraes se não tem conspirado até hoje contra o poder, e querer agricultar tanto o culto como o inculto Portugal? Para os enumerar, e circunstanciar todos seria preciso hum prolixo tratado; e desgraçadamente elles chegárão agora ao seu auge com esta guerra a mais destructiva e devastadora.

XV.

XV.

Eu não considero a extensão de Portugal em gráos geograficos de planicies continuadas, mas sim como de hum paiz muito mais montuoso do que plano, cujas numerosas encostas o constituem dois Portugaes em hum. Porém infelizmente mais de metade desta extensão resta inculta e despovoada; ordinariamente são bens communs de diversas villas e lugares, são varias possessões de Morgados, e de varios Corpos de mão-morta; naquelles não se póde agricultar, ainda que haja quem o deseje, porque os povos se oppoem a que se arrotêem terrenos, que dizem estar destinados para pastos communs dos seus gados, e para matos communs de lenhas, e de estrumes: quanto aos dos Corpos de mão-morta, os proprietarios ou não querem, ou não tem meios para os arrotear, nem para nelles fundar povoações, não os querem afforar por pouco, nem deixão cultivallos senão aos que lhes houverem de pagar quartos, sextos, oitavos, e outras onerosas pensões ou rações; o que geralmente desanima, e só algum máo especulador ou miseravel colono se sujeita a similhantes culturas, as quaes são pequenas, e não muito distantes de lugar povoado, aonde ha Missa nos dias de obrigação de ouvilla.

XVI.

Destes mencionados obstaculos resulta haver tantas, e tão vastas charnecas e baldios de muitas legoas em todas as Provincias principalmente no Alemtéjo, e ser geralmente Portugal tão inculto, despovoado, e falto de pão e outros generos, de que os seus novos arroteamentos sendo animados e devidamente promovidos o poderião abastecer. A mesma poderosa Authoridade, que em outros tempos concedeo tão extensos baldios a Camaras, Morgados, e Corpos de mão-morta, póde actualmente tirar-lhos, se-

não

não os cultivarem, e repartillos por habeis e activos cultivadores; e póde obrigallos a dallos em modico foro, exigindo-o assim as urgentes necessidades do Estado. Ha meios de sustentar os gados sem pastos communs, e de ter lenhas e estrumes sem terrenos communs; porém admittindo mesmo similhantes costumes, não ha precisão de que os terrenos communs das Camaras sejão baldios de tantas legoas, como na realidade são os de muitas em todas as Provincias. Nestes baldios, e nos dos Corpos de mão-morta deve praticar-se o mesmo que effeituou no seculo passado o grande Frederico Rei de Prussia em algumas vastas charnecas dos seus Estados, e o que fez Luiz XVI. nas de França, e os nossos visinhos na Serra Morena, que consiste em escolher nos baldios e terrenos maninhos os sitios mais convenientes para fundar povoações, e ahi estabelecellas com habeis colonos nacionaes e estrangeiros, dando-lhes os avanços necessarios, os instrumentos, e gados, e em fim as isenções de tributos e dizimos durante alguns annos, em quanto as suas culturas não estiverem sufficientemente adiantadas, e as suas possibilidades em estado de os fazerem afferrar á *gleba*. Não faltarião habeis colonos Suissos, e Irlandezes, que convidados com avanços e premios adequados viessem estabelecer-se nas povoações novamente fundadas nas Serras das nossas tres Provincias do Norte; assim como tambem não faltarião Toscanos, e Milanezes habeis, que viessem habitar em similhantes outras novas povoações do Alemtéjo e Algarve. (*)

XVII.

Estas novas colonias serião humas verdadeiras Escolas Praticas de Agricultura e Economia Rural, sem precisarem de outros Directores mais do que os mesmos colonos;

(*) *Subentende-se, que depois de contemplados os que pela Invasão se expatriárão das suas Provincias neste Reino, e a gente que sobeja em Lisbóa, e outras Cidades.* (§. *XX.*)

nos; ellas augmentarião ao mesmo tempo os productos ruraes, e a população, porque esta he sempre proporcionada á Agricultura, e *vice versa.* Com tudo ellas deverião ter por principal objecto a cultura dos grãos frumentaceos, e leguminosos, das raizes alimentares, e dos vegetaes proprios para alimento dos gados. Deveria haver grande cuidado em estabelecer muitas granjas, e casaes de grandes culturas de trigos em terras fortes, e de centeios e cevadas nas soltas; temos já de vinhas quanto basta, ellas tem usurpado muito lugar ás frumentaceas, he a estas que devemos actualmente dar a preferencia de cultura.

XVIII.

Mas objectar-se-ha ¿quando se poderá executar hum tal plano? ¿Quem poderá subministrar os meios da sua execução? ¿Como se venceráõ ainda outras difficuldades, que ella deve necessariamente encontrar? Nestes calamitosos tempos de guerra, em que não ha braços, nem gados, nem sufficientes dinheiros, faremos muito, se não deixarmos os terrenos cultivados tornar-se em incultos pousios; depois da paz geral, ¿que poderá a Nação, empobrecida com os estragos e despezas da guerra, effeituar? A sua Agricultura talvez virá a ser peior do que d'antes era, porque haverão menos meios para a manter, e os grandes proprietarios continuaráõ a dar todo o seu cuidado ao luxo domestico, sem lhes importar o melhoramento das suas terras; augmentará cada vez mais a Capital, e nella o numero das comeagens, e por conseguinte augmentará cada vez mais a falta de pão, isto he, a precisão de o comprarmos aos estrangeiros; em fim as rendas do Estado mal chegaráõ para amortizar o papel-moeda, e para outros gastos reputados de primeira preferencia; e os Capitalistas, e todos os especuladores em geral persistiráõ no seu antigo systema de quererem antes empregar os seus dinheiros no trato mercantil, do que em comprar terras, e agricultallas,

cu-

cujo interesse calculão ser muito modico, e ordinariamente não chegar a cinco por cento.

XIX.

Com effeito he certo haver muitos obstaculos, que se oppoem á devida execução de hum similhante plano; mas nenhum delles parece ser de tal natureza, que por fim se não possa vencer. Eu penso que depois da paz geral nenhum objecto deveria mais interessar a Nação, do que pôr a sua Agricultura no melhor estado possivel, de sorte que disso resultasse ter mais pão, e outros viveres necessarios, mais gados, e mais população, hoje tão diminuida; julgo por conseguinte, que as despezas necessarias para obter este fim entrão na classe das de primeira preferencia: em fim creio, que todos os bons Portuguezes continuarião a pagar com gosto mais alguns annos as duas decimas, se vissem o bom uso de alguns milhões applicados em restabelecer o Systema Georgico e Economico do grande Rei D. Diniz, e dos seus antecessores; e applicados tambem a empregar com vantagem no campo de Ceres muitos daquelles mesmos, que tanto se tem distinguido no de Bellona em serviço da sua Patria. Este Systema dependeo antigamente todo do impulso do Soberano, e hoje igualmente todo do mesmo Regio impulso necessita. Ha nos dominios Reaes muitos baldios, e he nestes que merece principiar o exemplo de fundar novas povoações, e culturas: o amavel Principe, que nos rege, não ha de deixar de annuir a isto; hum tal exemplo reunido a insinuações feitas de Ordem Regia aos Morgados, Corpos de mão-morta, Capitalistas, e homens abastados, pouco a pouco iria restaurando o antigo Systema dos Dinizes, e este viria a ser moda, principalmente se o Soberano, e os Grandes do Reino visitarem os novos Estabelecimentos Ruraes de suas terras. Seria então menos difficil fundar-se huma Companhia de Capitalistas para auxiliar este Systema Rural; Companhia,

nhia, que ha tantos annos os bons patriotas desejão, e que a esperança do maior lucro mercantil tem frustrado. Para o mesmo fim auxiliativo, a Junta de Agricultura, quer ella ficasse reunida com a do Commercio, quer separada, deveria compor-se tambem de seis Deputados Agronomos, todos Bachareis formados na Faculdade de Filosofia, e respectivos ás seis Provincias do Reino; elles serião obrigados a visitallas, e a ter nellas Correspondentes, a fim de saberem, e noticiarem qual fosse o estado da sua Agricultura e Economia Rural, quaes as suas práticas locaes, boas ou más, que Posturas ou Leis Agrarias dellas se executavão ou deixavão de executar, em fim tudo o mais que fosse util para o progresso e melhoramentos ruraes das ditas Provincias.

XX.

Esta Sociedade de Agronomos, a Academia Real das Sciencias, as Cadeiras de Agricultura, e de Botanica, e as Escolas Ruraes Práticas, serião certamente muito bons auxilios; mas estes meios ou só per si, ou todos juntos, serão sempre insufficientes: elles tendem puramente ao saber, e em quanto se lhes não reunirem os de poder e querer do modo que tenho exposto, isto he, em quanto não for restaurado aquelle Systema de Agricultura, e de Economia Rural da maneira que se praticou nos primeiros Reinados desta Monarchia, principalmente no do grande Rei D. Diniz, as nossas Provincias continuaráõ a ser muito pouco cultivadas, e a termos muita falta de pão, e de gados. Este Systema na sua restauração deverá talvez ser ainda mais animado, do que foi nos ditos primeiros Reinados; por quanto Lisboa he hoje huma cabeça muito maior, e enormemente desproporcionada ao corpo; o Porto, e algumas outras Cidades tambem tem crescido em povoação á custa do interior das Provincias; o luxo tem augmentado consideravelmente o numero das carruagens, e os animaes do seu serviço consomem muito grão, que se cultiva em lu-

lugar do trigo, com o qual se poderião manter muitos mil habitantes; a maior parte das Leis Agrarias tem cahido em desuso, e desobservancia, sem exceptuar as mais modernas feitas a bem das arroteas, casaes, e montados do Alemtéjo. Omitto ainda algumas outras circunstancias do nosso estado civil e politico actual, que differem muito das dos antigos tempos da Monarchia: ellas precísão na verdade esforços muito energicos, para se conciliarem com o systema proposto; mas não são incompativeis com elle, quando hum Ministerio illuminado, e hum Soberano, como o nosso, zeloso do bem e Pai de seus vassallos insistir fortemente em restabelecello.

Tal he e será sempre o meu parecer sobre este importantissimo negocio nacional, bem persuadido (pelo dizer finalmente) que em quanto o mencionado Systema não for reinstituido, todas as demais Instituições serão sempre humas tentativas fracas, muito limitadas, e incompletamente fructuosas.

ME-

MEMORIAS
DOS
CORRESPONDENTES.

DA DEDALEIRA,

E SUAS PROPRIEDADES MEDICAS.

POR FRANCISCO ELIAS RODRIGUES DA SILVEIRA.

Artis est, ex miscellanea, optima et usu comprobata seligere.

Fred. Hoffman. Dissert. de stud. med. recta pertract.

DESDE que a Medicina á força da imperiosa lei dos successos sahio do cáhos, em que jazia reduzida unicamente a factos destacados sem ordem, nem discernimento, não conhecendo outro systema que não fosse o do empirismo e superstição, era de necessidade que ella tomasse huma face mais racionavel, a fim de tornar-se digna de servir de remedio á Humanidade nos seus padecimentos. Mas para que chegasse a tal ponto de perfeição, seculos se passárão, pois que seculos são precisos para desarraigar prejuizos bebidos no berço, a pezar de sustentados sobre principios mal observados, e pouco reflectidos; sendo este o motivo por que theorias mais ou menos absurdas, succedidas humas ás outras, tem tido maior ou menor duração, e feito com que se caminhe com passos incertos no curativo das enfermidades: por cuja causa muitas vezes o remedio, que não tem sido o resultado d'huma severa observação, mas tão sómente o effeito da moda, e absoluto arbitrio, torna-se então fatal, se a sua natureza innocente por si mesma não evita os damnos, tocando a constituição sem a offender.

Tal tem sido desgraçadamente a sorte da *Dedaleira*, que, desde remotos tempos até nós, introduzida na prática da Medicina, tem pela maior parte sido funesta; pois

que mãos inhabeis a tem muitas vezes applicado. Estes terriveis damnos no nosso proprio Paiz não deixão já de apparecer, e tanto mais, quando ella he hoje hum medicamento muito vulgarizado. Por tanto julguei faria algum serviço á Humanidade, e preencheria as vistas desta sábia Academia, se, proporcionalmente ás minhas forças, coadjuvado pelas observações d' outros, conseguisse determinar as propriedades medicas desta planta extraordinaria, e talvez unica nos seus effeitos, estabelecendo regras fundadas na prática, e boa observação. (*)

Historia. Ha mais de tres seculos que a Dedaleira tem merecido a attenção dos Praticos, principalmente nas molestias de peito, e escrofulas; mas foi Fuchsio quem em 1542 primeiro fez particular menção della, dando-lhe o nome que ainda hoje conserva. Girard, e Parkison a celebrárão como expectorante; e este até a julgou muito util na Epilepsia. Salmon, escritor á muito mais de hum seculo, já a exaggerava extraordinariamente na tisica pulmonar, fazendo tomar aos seus doentes, como bebida ordinaria, huma ligeira decocção da sua raiz; de sorte que chegou a dar-lhe o nome de especifico. Admira com tudo que nenhum dos Authores antigos ou modernos antes do anno de 1775 tivesse mencionado a sua virtude diuretica, e que fosse então reservado particularmente a Withering o determinalla, conduzido por hum dos felizes acasos, que costuma muitas vezes acompanhar as mais uteis descobertas. Os seus trabalhos forão favorecidos pelos do Doutor Ash, e Mr. Russel; e desde esse tempo se estabelecêrão regras para a applicação d' huma planta, que não só elle como tambem Ray, Boerhaave, Haller &c. julgavão deleteria.

Com as observações de Withering que chegárão até o anno de 1785, apparecêrão as de Fowler; e o Doutor Darwin, e Baker, conhecendo nella grande força de absor-

(*) Devo ao meu particular Amigo e Collega o Doutor Romão José Nunes o suscitar-me esta lembrança, quando se me queixava dos estragos que via pela ignorante applicação desta planta.

sorpção, e particular acção sobre o coração e as arterias; a applicárão nos casos de consumpção pulmonica, e igualmente nas hydropesias. Porém he particularmente a Withering, Russel, Ferriar, e Beddoes que devemos as melhores noções a respeito desta soberana planta, cujos successos tem correspondido aos do Doutor Hope, Hamilton, e Duncan.

Especie de que se usa.

A especie de Dedaleira, de que actualmente se trata, e se faz uso em Medicina he a *Digitalis purpurea* de Linneo, a qual he muito geralmente conhecida no nosso Paiz, na Hespanha, e em alguns districtos da Inglaterra.

Tempo da colheita.

He da maior necessidade determinar-se o tempo em que deve fazer-se a colheita da planta; e as observações tem mostrado que he preciso, que ella se effectue no da florescencia, comprehendido entre Maio até Julho, ou quando as flores estão quasi a abrir. O pouco caso que se tem feito desta circunstancia, aliàs essencial, he huma das causas principaes de não se tirarem sempre da sua applicação os mais felizes resultados; erro imperdoavel, e tanto mais reprehensivel, quando se sabe ser do gráo da energia da planta que deve depender a exacta determinação das suas doses, e virtudes.

Qualidades physicas e qual a parte mais medicamẽtosa, e sua exsiccação.

Tem-se differentemente ensaiado as suas folhas, raizes, e até flores, para conhecer-se qual destas partes continha mais virtudes; pois que cada parte da planta tem hum sabor mais ou menos amargoso e ingrato, acre, e capaz de irritar fortemente a lingua e fauces, exulcerallas, e produzir a salivação: porém, depois de repetidas observações, forão preferidas as folhas; porque ahi em comparação com outras partes parecem residir mais as suas qualidades sensiveis.

Alguns tem feito uso das folhas verdes, e até do seu succo, porém a applicação dellas seccas he mais segura e regular, havendo o maior cuidado na exsiccação, a qual faz-se ao sol; ou expondo-se a hum fogo brando, em vaso de barro não vidrado, de folha de flandres, ou ferro esta-

tanhado: rejeitando primeiramente por inertes os seus talos.

As folhas dever-se-hão julgar bem seccas, quando dêm hum pó d'hum bello verde, logo que se esfreguem entre os dedos, e que o seu pezo seja menos huma quinta parte que d'antes de se seccarem; devendo sempre haver o maior cuidado para que ellas não se tostem, ou ainda se queimem levemente: por isso não deveráõ ser mais seccas do que o preciso para que se reduzão a pó.

Analyse chimica.

As analyses chimicas nada tem adiantado sobre a natureza desta planta; e tão sómente se sabe que as preparações aquosas são tão efficazes, como as espirituosas; o que mostra residir nella hum principio gommoso e resinoso. (*)

Modo de a applicar.

He para o uso interno que se dão as folhas, assim seccas, em pó, Infusão, Decocção, e Tinctura espirituosa; e externamente em fórma de cataplasma e unguento: sendo sempre preferidas as infusões ás decocções, quando estas não sejão feitas mui ligeiramente; pois que he bem sabido o quanto huma longa decocção altera os principios dos vegetaes, além de tornar incerto o gráo de saturação para o regulamento das doses.

Não tem sido possivel até ao presente determinar-se qual das preparações da Dedaleira, usada internamente, seja a mais proveitosa, e em que casos huma preparação deve ser referida á outra: por quanto huns tem prestado maior excellencia aos pós, outros á tinctura &c., mesmo ainda em molestias similhantes: sendo por tanto prudente variar-se de preparação, quando huma, que he applicada, não produza effeito sensivel ou o desejado. Withering usava

(*) Mr. Destouches diz ter-lhe fornecido esta planta pela analyse
1.° Hum pouco d'alkali carbonizado.
2.° Sulfato de potassa - - - - - - 5
3.° Dito de cal - - - - - - - - 4
4.° Phosfato de cal - - - - - - - 4
5.° Carbonato de cal - - - - - - 35
6.° Oxido de ferro - - - - - - 12
7.° Terra quartzosa - - - - - - 12

va da Dedaleira em pó, particularmente quando julgava o peito, e o bofe affectados de hydropesia. Se consultarmos com tudo Darwin, veremos que elle elogia grandemente a sua decocção nas hydropesias do peito, e a sua tinctura saturada nas hemorrhagias. Pelo que deveremos concluir, que depende de quem applica esta substancia o escolher a preparação: não deixando porém de servir de regra o ter-se observado, que a preparação espirituosa he a mais bem adoptada, quando se tenha em vista o tornar a acção da Dedaleira mais energica e diffusiva, em razão da natureza e grão de debilidade do doente.

He de necessidade, pela maior parte das vezes, ajuntar opio á Dedaleira, principalmente sendo dada em substancia, e nas molestias de peito, ou quando produza grandes evacuações de ventre. Ainda quando esta prática não tivesse outra utilidade, bastava a vantajem que della resulta em obstar á nausea, e fazer assim com que o doente possa supportar maior quantidade do medicamento. Porém estando o ventre muito constipado, e não bastando ella só para o desembaraçar, neste caso não se addicionará opio, e, se for necessario, se ajuntará algum purgante idoneo á natureza da enfermidade, e do doente; como tambem, se as indicações o pedirem, poder-se-ha combinar Scilla, Gomma ammoniaco, flores de Beijoim, aromaticos &c., e igualmente Calomelanos, fóra da indicação de purgativo: o que melhor depois se conhecerá.

A Dedaleira deverá applicar-se com intervallos sufficientes, para que se percebão os seus effeitos; e não repetilla senão com muita cautela, para que não os produza máos, devendo haver sempre toda a attenção em observar o pulso; de sorte que a Dedaleira deverá ser repetida, em quanto não se observar, que ella obra augmentando a diurese, ou sobre o estomago, systema circulatorio, e ventre: porque então dever-se-ha parar, até que se conheça bem, se ha ou não necessidade de ser ainda continuada. Nos intervallos em que os doentes não usem della, se adminis-

tra-

trarão os outros medicamentos, e a dieta appropriada á enfermidade: sendo por isso preciso em alguns casos o usar-se só della á noite, e, pelo dia, de excitantes diffusivos e permanentes, e dieta.

Doses. A dose dos pós por cada vez he de ½ de gr. — 3 gr. com duas, quatro, seis, e oito horas de intervalo, segundo a urgencia dos casos, ou sómente á noite ao recolher; havendo exemplos, bem que raros, de doentes terem tomado dezoito gr. e mais em 24^h sem maior inconveniente. Eu me persuado ser isto devido antes á má preparação da planta, do que á natureza dos doentes; pois que estes tomando quatro até seis gr. em 24^h geralmente se mostrão affectados. Com tudo se applicada a Dedaleira não se seguirem os effeitos desejados, se augmentará a quantidade, ou o numero das vezes até produzir nausea ou vomito, ou reducção sensivel no pulso; o que se deverá igualmente entender em toda e qualquer preparação. Cumpre porém sempre notar, que acontece com a Dedaleira o mesmo que succede com outros medicamentos, o haverem constituições particulares, que supportão della grande porção sem apparecimento de effeito sensivel.

A Tinctura espirituosa, (*) sendo a saturada, dá-se de 6 - 10 - 30, e mais gottas (**) por dose, em Agua simples, d'Ortelã, ou outra qualquer aromatica com as mesmas cautelas e regras, que para a administração dos pós: o que se observará igualmente para a da infusão, e decocção.

A

(*) Tinct. espirit. de Darwin.
R. Folhas de Dedaleira seccas e reduzidas a pó - - *duas onças.*
Espirito de vinho rectificado - - - } *aã. quatro onças.*
Agua commum - - - - - - - - }
M.^e e digira a fogo brando por 24^h, mechendo repetidas vezes o vaso; feito o sedimento, filtre-se o liquido por papel pardo.

(**) Para determinar-se exactamente a grandeza das gottas, he conveniente que o vaso, que sirva para as deitar, não possa conter mais de duas onças de liquido.

A Infusão (*a*) de meia até duas onças } São rarissimos os estomagos que soffrem estas ultimas doses.
A Decocção (*b*) de meia até tres onças }

O Extracto he inutil, ou pouco usado.

O Succo tem sido dado por alguns na dose de duas oitavas até huma onça; porém esta preparação he muito nauseosa, e nimiamente ingrata ao paladar; e por isso tem sido usada só externamente sobre os tumores escrofulosos, e ulceras cancrosas.

Finalmente deveremos saber que nas molestias chronicas póde fazer-se uso da Dedaleira em maior quantidade, e por mais tempo, do que nas produzidas por evacuações repentinas de sangue, onde geralmente ha maior susceptibilidade para este medicamento; o contrario do que costuma acontecer nas originadas por excesso de estimulos.

Modo de obrar.

Se consultarmos os primeiros Authores, e ainda muitos modernos, que tratão da Dedaleira, a respeito do seu modo de obrar, quasi nada dizem, á excepção de alguns que geralmente julgavão ser hum sedativo directo, isto he, que introduzida na economia animal diminuia, desde o principio, a força e frequencia das contracções do coração; e até Withering em toda a sua Obra contenta-se unicamen-

 te,

(*a*) Infusão.
R. Folhas seccas de Dedaleira - - - - - - *tres oitavas.*
Agua fervendo - - - - - - - - - - - *huma libra.*
Digira por 4^h: e coe.

N. B. Esta infusão póde fazer-se mais ou menos saturada, segundo a necessidade; porém geralmente he esta a formula, que apparece na maior parte das observações dos differentes Authores.

(*b*) Decocção de Darwin.
R. Folhas frescas de Dedaleira - - - - - *quatro onças.*
Agua commum - - - - - - - - - *duas libras.*
Ferva até reduzir a - - - - - - - - *huma libra.*
Coe.

N. B. O modo, por que esta preparação he feita, e o servir-se Darwin das folhas verdes e não seccas, tornão esta formula defeituosa; pois que podemos com menos quantidade da planta conseguir igual resultado, fazendo ao mesmo tempo huma preparação muito mais segura, huma vez que a decocção seja feita segundo o que está estabelecido.

te, debaixo do mesmo principio, com exaggerar-lhe a virtude diuretica. Não acontece o mesmo, quando apparecem Beddoes, e Darwin; pois que este dando então á Medicina huma nova face, e tornando-a mais filosofica, conheceo que a Dedaleira devia ser hum medicamento digno de toda a indagação sensata.

Antes de Darwin, não se tinha dado ainda verdadeiramente nome ás propriedades da Dedaleira, que erão aliàs já tão conhecidas pelos effeitos extraordinarios de excitar a nausea, o vomito, as evacuações alvinas; de diminuir consideravelmente a acção das arterias e do coração, de maneira que hum pulso de cento e vinte pulsações em minuto primeiro era reduzido por ella a quarenta; de augmentar a absorpção da membrana cellular, curando as hydropesias, e diminuindo a materia purulenta nas consumpções pulmonares &c.: porém elle as nomenclou, e daqui resultou poder fazer-se della hum uso mais extenso e util.

O observar-se que a Dedaleira ao mesmo tempo que diminuia a frequencia e velocidade da contracção arteriosa, augmentava a secreção dos rins, fez nascer a grande difficuldade, que sempre tem havido, em explicar-se o como ella obrava; e Ferriar mesmo julgou impossivel poder dar-se a explicação deste phenomeno; de sorte que até a sua mesma *vis a tergo* não o satisfaz muito bem; vendo que o cremor de tartaro, quando he diuretico, obrava evacuando, como hum estimulante tanto nos intestinos como nos rins.

Opinião de Beddoes.

Beddoes contentou-se porém com dizer, que a Dedaleira era hum estimulante; que a sua acção era similhante á do opio; e que elle, applicando-a em doses pequenas, observára, que ao principio o pulso subia de setenta e seis pulsações a cento e vinte em minuto primeiro, com calor de pelle e cabeça; e que em dous exemplos produzíra a febre, e até a embriaguez; e que em outros conhecêra ser ella capaz de augmentar a força muscular do estomago; como vio em muitos doentes tisicos, que usavão da Dedalei-

leira, cujo apetite e força digestiva augmentavão, ao mesmo tempo que diminuia o poder da circulação; asseverando até que nos casos de dar amargos com opio, era muito mais proveitosa esta mistura, quando se lhe addicionava a Dedaleira, e que se ella não augmentava a acção organica dos nervos, mas sim da fibra contractil, tanto ou mais que o opio, deveria produzir por isso mesmo o abatimento do pulso, visto que era hum estimulo muito activo e capaz de produzir a debilidade indirecta: porém as asserções de Beddoes, e os seus raciocinios não explicão ainda capazmente o como ella augmenta a absorpção, e diminue a circulação.

Opinião de Darwin.

Darwin pertendeo explicar os effeitos da Dedaleira pela nausea que produzia; por isso que o seu grande estimulo no estomago o tornava torpido, e este estado continuava por muitas horas, e até dias, em consequencia da grande exhaurição do seu poder sensorial de irritação, tornando-se fraca a acção do coração e das arterias pelo deficiente incitamento do poder sensorial de associação, vindo então a obrarem os absorbentes da membrana cellular mais violentamente em consequencia do cumulo do poder sensorial de associação no coração e arterias; de maneira que este medicamento estimulando inversamente os absorbentes do estomago, augmentava directamente a acção dos cellulares limfaticos.

Esta explicação, que faz Darwin, seria inteiramente satisfatoria, se a acção da Dedaleira no systema sanguineo fosse sempre precedida de nausea e vomito; porque então tinha lugar o estabelecerem-se acções directas e inversas: mas eu não posso persuadir-me que o estado torpido do estomago tenha sempre lugar, em consequencia da Dedaleira, e que dê origem á diminuição do pulso e augmento de absorpção; quando as observações mostrão ter-se reduzido em alguns casos o pulso a quarenta pulsações sem apparecer nausea, durando este estado por semanas. Talvez se pertenderá dizer, que nesses casos ha sempre movimen-

to invertido do estomago, pelo estimulo da Dedaleira, a pezar de não apparecer nausea: porém he bem difficil e mesmo impossivel conceber-se como isto possa verificar-se, quando estamos costumados a determinar causas só pelos seus effeitos.

Além disto se o augmento da absorpção cellular fosse sempre devido ao cumulo do poder sensorial de associação pela deficiencia de incitamento do coração e arterias, em consequencia da directa sympathia com o estomago, jámais principiaria a estabelecer-se o augmento da diurese pela applicação da Dedaleira, sem que esta primeiro tivesse obrado sobre o systema sanguineo ou estomago; porém Withering e outros trazem casos de ter a diurese crescido, quando o systema sanguineo parecia não participar ainda da acção da Dedaleira; e por isso de nenhuma maneira se poderá dizer, que he sempre unicamente pelo cumulo do poder sensorial de associação, que a acção dos absorbentes cellulares cresce, e que a diurese se augmenta: por tanto julgo aqui inadmissivel a theoria de Darwin.

Eu acho de certo bastante difficuldade em poder explicar-se vantajosamente o como obra a Dedaleira, pois que seus effeitos lhe são bem particulares, e a analogia dos outros medicamentos apenas nos presta hum debil soccorro: por tanto vejamos se, attendidos os effeitos, que resultão depois da sua applicação, póde conhecer-se melhor o seu modo de obrar.

Effeitos da Dedaleira na constituição.

Poucas horas depois que a Dedaleira he applicada, tendo-se repetido a dose, a acção do coração, e das arterias he diminuida, e o pulso gradualmente vai tornando-se mais fraco e tardo; (*) de sorte que aproximando-se o numero das

(*) He necessario para conhecer-se bem se o pulso do doente diminue realmente de força e frequencia, depois da applicação da Dedaleira, attender-se ás circunstancias em que está o doente antes e depois da sua applicação: circunstancias estas, que podem, não sendo attendidas, produzir erro; como tambem distinguir, se a diminuição da força e frequencia das pulsações dimana da acção immediata da Dedaleira sóbre o systema sanguineo, ou da eliminação da causa que as produzia: como acon-

das pulsações a cincoenta, geralmente intermitte, ou apparecem palpitações. Este estado do pulso muitas vezes he precedido de nausea e vomito, porém outras não; apparecem vertigens, offuscação de vista, dores de cabeça, e somnolencia; a secreção das ourinas igualmente cresce, e as evacuações alvinas em alguns casos não deixão de apparecer; e, se attendermos a algumas das observações de Beddoes, veremos ahi que antes de apparecer o pulso tardo e fraco, elle he mais frequente e forte, o que acontece nas primeiras doses; e então mesmo os signaes de incitamento geral não são equivocos.

Opinião do Author.

Determinados por tanto os effeitos da Dedaleira, eu me persuado que a sua acção, ou modo de obrar se poderá explicar mais racionavelmente, estabelecendo-se como principio certo, que cada orgão tem huma vitalidade especifica, modificada á proporção da sua organização intrinseca, a qual se torna de igual força no mesmo systema organico, e he sujeita ás mesmas leis; sendo esta a razão por que hum medicamento, que obra poderosamente sobre hum orgão, deverá igualmente obrar sobre hum dado systema; assim vê-se que como ha especificos, que obrão mais particularmente sobre hum orgão, deveráő tambem haver alguns que obrem sobre hum systema total; pelo que não só o figado, o estomago, os rins, &c. tem seus especificos, mas tambem os deveráő ter o systema da circulação, o nervoso, o dermoides, cellular &c.: por tanto, isto posto, a Dedaleira, em consequencia dos effeitos enumerados depois da sua applicação, tem huma acção particular mais estimulante e diffusiva sobre o systema sanguineo, pois que a tem sobre os movimentos irritativos das arterias, e principalmente dos do coração, e menor sobre o systema absorbente; ao mesmo tempo que não deixa tambem de a ter sobre a viscera, em que primitivamente obra, e sobre o

---

tece, v. gr. na hydropesia do peito: por isso que, tirada a congestão sorosa, o pulso se tornará menos frequente, e mais forte.

o resto da constituição; no que he conforme aos demais medicamentos da sua natureza: sendo esta a razão, por que á applicação da Dedaleira, passadas algumas horas, isto he, depois que os symptomas primitivos de incitamento mais ou menos desenvolvidos tem cessado, se segue quasi geralmente hum pulso tardo e lento, cujo effeito he á proporção do augmento das suas doses, e das vezes que se toma, da susceptibilidade e diathese individual; de maneira que no estado de maior atonia o incitamento será passageiro ou menos sensivel; acontecendo o contrario nas constituições robustas, ou quando ainda a diathese seja estenica, não deixando ao mesmo tempo de augmentar-se a absorpção: por quanto tendo a Dedaleira huma acção mais especifica e diffusiva sobre o systema sanguineo do que sobre o absorbente, o poder sensorial alli deverá primeiro principiar a exhaurir-se, e estabelecer-se huma debilidade indirecta, quando aqui ainda esteja em incitamento, o qual crescerá então pelo cumulo do poder sensorial em consequencia da inactividade do coração e arterias. Ora quando aconteça que o estomago se affecte igualmente, estabelecendo nausea ou vomito, este estado poderá influir não pouco para augmentar-se mais a força do systema absorbente; por ser então maior o cumulo do poder sensorial de associação. Porém isto não se deverá contemplar senão como huma circunstancia accidental, e não como absolutamente precisa para o augmento da absorpção; pois que só faz tornar mais energica a força incitante da Dedaleira sobre o systema absorbente.

Quando porém o primeiro effeito da Dedaleira seja nausea ou vomito, e não a diminuição do pulso, direi então que idiosyncrasias particulares, e mudanças occasionadas por causas morbosas, fizerão variar a vitalidade natural dos orgãos; não devendo com tudo servir isto para destruir a generalidade que aqui estabeleço (*): por tanto.

A

(*) Quando já tinha quasi terminado esta Memoria, chegou ao meu

A Dedaleira será nociva nas inflammações activas; por isso que sendo hum torpente indirecto do systema sanguineo, deverá necessariamente, antes de produzir este estado, augmentar a acção do systema arterioso, como hum effeito primario: pelo que se alguem, v. gr. no pleuris, em vez de sangrar o doente, lançar mão da Dedaleira, induzido pela sua virtude sedativa, augmentará a enfermidade; e tanto mais, quando se limite a pequenas doses; não deixando com tudo de ser possivel, que dando-se doses maiores nas simplices molestias inflammatorias, se torne insensivel o periodo do incitamento, e venha a conseguir-se o desejado effeito, principalmente nos casos em que o Prático tiver algum receio de applicar a sangria. O que digo do pleuris, se deverá tambem entender a respeito do croup, das inflammações das membranas do cerebro, da mania verda-

Applicação nas inflammações activas.

conhecimento o tratado da Dedaleira por Sanders, traduzido por Murat; e tive então a satisfação de ver, que as suas idéas erão em grande parte conformes com as que eu já tinha delineado; pois que elle igualmente estabelece ser a Dedaleira hum maximo incitante do systema sanguineo, principalmente do coração; no entretanto parece, que Sanders não pertende determinar regras praticas para a sua applicação, contentando-se unicamente com generalizar as suas idéas, cuja generalidade levou a hum ponto inadmissivel na verdadeira arte de curar, como acontece quasi sempre quando se dá á força das theorias toda a elasticidade, de que ella he capaz, sem attenção a casos particulares, que devem pertencer a excepções indispensaveis, ou a systemas d'outra natureza.

Com tudo não posso de maneira alguma accommodar-me, nem he da minha opinião, que a Dedaleira, como quer Sanders, seja sómente util em quanto he estimulante; e por isso só proveitosa nas molestias astenicas, por cujo motivo quer elle, que seja necessario sempre intermittir-se o seu uso, para que a sua acção se conserve constantemente em vigor, e previna a debilidade; vindo por tanto a ser a diminuição da força e da frequencia do pulso hum indicio certo para a sua suspensão; porque então, longe de poder interessar, será sempre nociva á constituição. Esta asserção de Sanders, bem se deixa ver, ser muito arbitraria e geral, como tambem a sua *febre inflammatoria* sempre induzida pelo uso da Dedaleira; sendo muito diminuto o numero dos factos que refere, para apoialla, a pezar das subtilezas de que usa para explicar a diminuição da frequencia e força do pulso como hum effeito produzido não pela debilidade indirecta, mas sim immediatamente pela força nimiamente estimulante da planta, e da sua acção particular sobre o coração.

dadeiramente estenica, das inflammações das fauces, da hepatites aguda &c., e talvez da *Angina pectoris*.

A pezar de que nas simplices ou ligeiras inflammações a Dedaleira, dada logo ao principio, algumas vezes tenha aproveitado; com tudo esta prática he inteiramente arriscada, como acontece com o opio, e só deverá ter lugar, havendo precedido as evacuações sanguinarias, ou já remittido a maior parte do eretismo; mas ainda assim mesmo será prudente dá-la com cremor de Tartaro (Tartrito acidulo de potassa) ou nitro (Nitrato de potassa) bem como fazia Sydenham, quando ajuntava nitro aos pós de Dower, depois de ter sangrado, e diluido. (*)

Alguns costumão empregar sangrias com a Dedaleira; mas este methodo não he racionavel; por quanto o beneficio desta operação poderá mascarar ou disfarçar o damno do medicamento. Aconcelho porém, que se deverá sempre ensaiar a Dedaleira, quando, passada a maior parte do typo inflammatorio nos pleurises ou peripneumonias, existir a exsudação inflammatoria; o que muitas vezes acontece: por quanto a sua propriedade de diminuir os movimentos irritativos do systema sanguineo, e de augmentar a absorpção, a fará interessante. Ferriar já tinha alguma confiança neste modo de proceder; porém diz, que precisava ainda de provas para o affirmar de positivo: o que para Ferriar era ainda duvidoso, para outros he hoje de certeza.

Nas inflammações chronicas.

Sendo a Dedaleira nas inflammações activas não só arriscada, mas até prejudicial, quando o incitamento augmentado não tem sido diminuido por algumas das causas conhecidas; nós a poderemos sempre applicar nas chroninas, principalmente naquellas, que forem motivadas por falta ou diminuição da absorpção venosa, huma vez que razões de ex-

(*) A grande analogia que parece haver entre as propriedades do Opio, e da Dedaleira, faz com que huma grande parte dos effeitos desta sejão regulados pelos daquelle; de sorte que não posso deixar até de conceder-lhe huma virtude sopiente como a do Opio: factos a contestão igualmente, e eu os tenho observado.

excessiva debilidade do sujeito, e outras igualmente attendiveis não a contraindiquem.

A idéa de que a Dedaleira ao mesmo tempo que entorpecia o systema sanguineo, excitava o absorbente, tem feito muito universal o seu uso nas hydropesias tanto geraes como parciaes; mas he particularmente a Withering que devemos as melhores observações sobre a virtude hydragoga desta planta, as quaes tornão-se tanto mais apreciaveis, quanto são feitas a maior parte dellas sem mistura de outros medicamentos, nem suggeridas por theorias estudadas: porém, a pezar dos excessivos elogios, que tanto elle como Beddoes, Stokes, Ferriar &c. lhe tem prestado, não deixão de confessar ter-lhes falhado algumas vezes; o que he muito natural nos medicamentos desta classe; não sendo isto hum motivo bastante para a desprezarmos, e tanto mais quando ella em algumas constituições produz decididamente o effeito diuretico: e por isso só a abandonaremos, quando, pela sua applicação, não tendo apparecido o fluxo augmentado das ourinas, já tenha produzido grande alteração no pulso ou estomago: pelo que a fim de tornar-se segura a sua applicação, he necessario attender-se ao seguinte.

Nas hydropesias.

Quando adoptamos contra o parecer de muitos, que para augmentar-se a diurese, pela applicação da Dedaleira, não era preciso que ella excitasse nausea ou vomito, affiançamos isto particularmente não só porque muitas vezes causando nausea e vomito, não augmentava o fluxo das ourinas, mas porque em algumas occasiões, tendo produzido augmento de diurese sem produzir antes nausea, aquelle effeito se moderava logo que esta apparecia, ou se excitava consideravelmente pelo abuso: por tanto a nausea (huma vez que ella se verifique) será unicamente hum criterio seguro para regular a sua applicação, deixando nós de a continuar, por algum tempo, logo que ella appareça: o que deverá sempre attender-se em toda a occasião em que queira applicar-se a Dedaleira. Com tudo não deixo de ter no-

noção de casos extraordinarios de hydropesias, terminadas felizmente por vomitos espontaneos ou promovidos pela Ipecacuanha, por meio dos quaes se eliminou toda a materia sorosa das cavidades; porém estes casos não são menos raros do que os das hydropesias curadas pelo suor unicamente; mas nem por isso mostrão, como regra, que os vomitos favorecem sempre o augmento da absorpção limfatica, e da diurese.

A Dedaleira será sempre hum medicamento proveitoso nas hydropesias, huma vez que as visceras não estejão organicamente enfermas, ou estando, possão ainda ser curadas pelos remedios proprios; por isso que nenhum diuretico he proveitoso quando as visceras se achão obstruidas e volumosas, e ao mesmo tempo a sua organização muito affectada, acontecendo então com a Dedaleira o mesmo que com os demais diureticos; sendo até inutil o methodo apontado por Ferriar para casos desesperados, principalmente para quando os pulmões estão opprimidos pelo cumulo de liquidos, em que manda dar com a Dedaleira a Gamboja na quantidade de dous até quatro gr. por dose, dissolvida em duas oitavas de Acido nitrico alkoolizado. (*a*) Com tudo a pezar da pouca esperança de se tirar então utilidade da Dedaleira em taes obstrucções, não deverá abandonar-se inteiramente o seu uso, á excepção dos casos de nimia debilidade do systema sanguineo, e estado cachetico do doente.

He da maior necessidade ter-se sempre em vista o gráo da enfermidade, o estado geral das forças do doente, e a sua idade, de sorte que hum pulso mui pequeno ou tardo, e muito mais sendo intermittente, contraindicará a applicação da Dedaleira nas hydropesias, por denotar grandissima debilidade. Devo porém advertir ter muitas vezes acontecido, v. gr. na anasarca pulmonar, que aventurando ainda assim mesmo o seu uso, seguirem-se felizes resultados, vendo-se que o pulso se erguia, e se tornava regular

á

(*a*) Quando queira ensaiar-se esta preparação, se diminuirá a dose.

á proporção da agua que se despejava da membrana cellular pela diurese: o que mostra que os liquidos sorosos podem igualmente entreter debilidades gravativas do systema circulatorio, e produzir até a intermittencia do pulso. Ferriar, e Beddoes tanto estavão disto persuadidos, que no principio da cura das hydropesias, principalmente na anasarca e ascites costumavão fazer muitas vezes preceder o uso do cremor de tartaro, mesmo até obrar como evacuante, ao da Dedaleira; principalmente quando com a hydropesia se complicava constipação de ventre.

A Dedaleira he nociva, pelo menos inutil, nas hydropesias que apparecem em consequencia de tisicas, apezar de que Russel affirma ter ella obrado em alguns casos prodigiosamente, como hum bom palliativo; e Withering traz hum caso extraordinario, em que a Dedaleira sendo dada em huma hydropesia originada de tisica, promoveo-se a diurese, curou-se a hydropesia, e o resto dos symptomas vierão finalmente a desapparecer. O principio da molestia da doente tinha sido huma peripneumonia, chegando a expectorar pus. A pezar do respeito que consagro á authoridade de Withering, não posso deixar de ter bastante repugnancia para acreditar similhante facto; só tendo-se expectorado huma vomica, e tornando-se adherente o saco, ou destruido.

Nas hydropesias consecutivas de escarlatinas, e na anasarca puerperal he sempre interessante a Dedaleira, principalmente ajuntando-se a ella algum diaforetico, como os pós de James, e até o Opio, quando se julgarem as evacuações desnecessarias. Nas crianças este methodo não he arriscado, e ellas supportão proporcionalmente a Dedaleira; havendo exemplos de tomarem impunemente até quinze gotas da tinctura, e mais de duas colheres das de chá da infusão: posso asseverar esta interessante observação por authoridade propria, e de alguns dos meus dignos Collegas.

No hydrothorax e outras especies de hydropesias, originadas principalmente por excesso de bebidas espirituosas,

quando falha a Dedaleira, nenhum outro remedio he proveitoso, e só ella obra palliativamente; o que não he menos ordinario nas que tem differentes causas; como bem o attesta o parecer até de Medicos do nosso Paiz, que me tem honrado com as suas observações a este respeito.

Nas hydropesias enkystadas, na dos ovarios, e formadas por hydatides he ella igualmente infructuosa, como outro qualquer medicamento diuretico; pelo que vê-se falhar tanto nas Ascites das mulheres: apezar de que em Withering vem casos de ter-se curado com a Dedaleira hydropesias d'ovarios, sendo ainda recentes, e as doentes sadias, favorecendo-se ao mesmo tempo o seu uso com as ligaduras propostas pelo Dr. Monro; não entrando porém no tratamento nem caustico, nem sedenho.

Tem-se differentemente pensado sobre a utilidade da Dedaleira no hydrocephalo, e alguns são de parecer com Ferriar, e Fowler, que ella será sempre util em toda a especie e grão da enfermidade, pela propriedade que tem de augmentar a absorpção, e diminuir a irritação e a febre, e muito mais sendo combinada com calomelanos. Porém a natureza estimulante desta planta a contraindicará logo ao principio, quando ainda existir o periodo inflammatorio; o que bem attestará a febre, o rubor d'olhos, a dor na região frontal &c. Mas tendo passado, ou muito diminuido pelas sangrias geraes e locaes, e pelos evacuantes aquelle periodo, convirá então certamente; por isso que a molestia he entretida particularmente pela exsudação inflammatoria. Withering refere hum caso, que confirma isto; porque diz, que tendo applicado a hum hydrocephalo bem caracterizado a Dedaleira, depois do uso das sangrias de braço, e arteria temporal, e feito emborcações d'agua fria á cabeça, cada quatro horas, e fricções mercuriaes ás pernas, no fim de sinco dias os symptomas da molestia diminuião á proporção que a ourina se augmentava. Neste caso Withering usou da infusão da Dedaleira.

Bem que os effeitos diureticos da Dedaleira não de-

pen-

pendão inteiramente de excitar nausea e vomito, com tudo pela maior parte das vezes costuma acompanhallos; e por isso logo que se observe que a Dedaleira (augmente-se ou não a diurese) excita grande nausea, e vomito, ou o pulso se torna muito tardo e pequeno, deverá suspender-se immediatamente o seu uso, ao menos temporariamente; no caso porém de se não ter augmentado o fluxo das ourinas, tendo sido dada só, se deveráõ ajuntar os sudorificos, e outros diureticos, principalmente a scilla, a fim de tornar-se a sua acção mais energica. Ferriar attesta isto mesmo, como tambem que a Dedaleira he incomparavelmente mais proveitosa, ajuntando-se a meio gr. hum gr. de calomelanos, e oito de pós de Dower, formando duas pilulas, para tomar-se ao principio, á noite ao recolher, e repetir-se pelo dia, segundo as circunstancias. As minhas proprias observações tem comprovado este methodo, sendo-me algumas vezes aliàs necessario addicionar alguma porção de opio, não só para que o doente possa tomar della maior quantidade sem excitar nausea e vomito, mas tambem para embaraçar que appareção evacuações alvinas, que quasi sempre costumão obstar o effeito diuretico, que então se deseja, debilitando infructuosamente mais o doente: por isso que quando a Dedaleira purga, raras vezes he proveitosa como diuretica. Com tudo he sómente por este motivo, que deverá ajuntar-se opio; pois que este geralmente costuma obstar aos effeitos diureticos dos medicamentos: eu mesmo o tenho experimentado. O que digo aqui a respeito da Dedaleira, não pertendo applicar para todos os casos; por isso que muitas vezes tem acontecido curarem-se hydropesias com grandes evacuações de ventre espontaneas, ou promovidas por meio de medicamentos: são frequentes os casos referidos por Moublet, Moreau, Morgagni &c.

Assim como he nocivo que grandes evacuações alvinas acompanhem o uso da Dedaleira, não o he menos quando o ventre se conserva constipado, e que, depois de algumas doses, não se solta; pelo que neste caso será necessa-

sario ajuntar-lhe Cristaes de tartaro, Jalapa com preferencia, Calomelanos &c. Sabe-se quanto esta prática he proveitosa; a razão, e a experiencia a abonão.

Sendo a Dedaleira inutil e até nociva quando purga fortemente, ella he muito prejudicial quando excita grandes nauseas e vomitos; por isso que a nausea occasionada por ella tem de particular, que muitas vezes desapparece por algumas horas, e depois torna a apparecer, e isto pelo decurso de dous e tres dias, e casos ha de até semanas, já quando se tem deixado o remedio; sendo então este incommodo mais devido á falta de conhecimento de quem applica huma substancia tão activa como a Dedaleira, do que da disposição do doente: o que he tanto mais digno de considerar-se, quando he preciso muitas vezes dalla nos casos de urgencia em maiores doses, e em curtos intervallos.

Se he necessario que a Dedaleira não produza grandes nauseas quando a applicarmos, nós a deveremos suspender logo que a diurese appareça augmentada, ou o estomago resentido da sua acção; como porém nem sempre aconteça que a diurese se estabeleça pelo tempo preciso para curar-se a hydropesia por effeito das primeiras doses, he de necessidade fazer-se a repetição do medicamento, dando-se nos intervallos tonicos e alimento ao doente; e casos haverá, que pelo estado da emaciação e grande debilidade seja tambem preciso dar ferro e myrrha: o que fará então augmentar mais e mais as ourinas, e curar a enfermidade.

Pelo uso da Dedaleira a diurese faz-se quasi sempre branda e regularmente; porém quando aconteça estabelecer-se mui prompta e rapidamente, e em muita quantidade, se deverá usar de ligaduras como na paracentese, e não menos de medicamentos incitantes mais ou menos diffusivos, não esquecendo o ether, os causticos volantes, principalmente entre espaduas; isto na verdade tanto mais se observará, quanto os doentes estiverem mais abatidos, e a hydropesia tenha durado mais tempo.

Quan-

Quando nas hydropesias, principalmente anasarquicas, a inchação das pernas e coxas resistir consideravelmente á pressão, e não haja transparencia, e a mudança de posição occasione pouca alteração no estado da distenção, será inutil applicar a Dedaleira: por quanto então, neste caso, ou os liquidos extravasados pela cellular tem tomado huma consistencia muito espessa e incapaz para poderem ser absorbidos pelos vasos, ou a enfermidade he meramente occasionada por hum estado morboso da organização dos solidos, que lhes augmenta o seu volume. Porém se o ventre inchado estiver flaccido e fluctuante, e os membros anasarquicos comprimidos com os dedos deixarem depressão, se poderá ainda esperar que appareça a diurese augmentada, bem que mui lentamente, mesmo quando o pulso esteja fraco, e até intermittente, o rosto pallido, e a pelle fria.

Existem hydropesias estenicas, e quando existão, ¿ será nociva a Dedaleira? Persuado-me que será proveitosa, quando o incitamento augmentado produzido pela plethora, tenha sido diminuido pela sangria, e a molestia seja unicamente entretida por huma diathese opposta.

Tenho fallado mais extensamente, do que desejava, da applicação da Dedaleira nas hydropesias, não sómente porque alguns tem chegado a desconfiar della em taes enfermidades, e até negar-lhe absolutamente a virtude diuretica de que ella he tão particularmente dotada, privando assim a humanidade enferma d'hum medicamento tão proveitoso e util, como tambem porque era preciso determinar alguns dos regulamentos praticos, que deveráõ ser igualmente attendidos em outras molestias differentes.

Tisica.

Se o uso da Dedaleira tem sido quasi por todos geralmente admittido, ou pelo menos ensaiado nas hydropesias; elle he muito mais antigo e extenso nas differentes especies de Tisica, apezar de ter sempre a experiencia mostrado que similhante generalidade he tão alhea da boa razão, como o negar-se inteiramente a sua utilidade em alguns casos de consumpção pulmonar.

He

He verdade que a Dedaleira, applicada nas tisicas, tem muitas vezes falhado; porém as suas propriedades são taes, que ainda assim mesmo nós deveremos insistir em a applicar nos casos que forem marcados pela observação, visto ser o seu effeito quasi uniforme em tornar a acção das arterias mais vagarosa do que o natural, ao mesmo tempo que excita a dos absorbentes, conseguindo-se daqui diminuir a irritação dos pulmões, e suspender a acção morbida que existe nelles, no entretanto que pela sua virtude diuretica poderá produzir igualmente alguma vantagem, segundo o preceito de Baglivio; e quando deixe de a produzir, o motivo da sua fallencia será em grande parte não só a natureza fatal de similhantes enfermidades, como tambem o modo indeterminado com que tem sido dada, sem se attender qual dos systemas da organização pulmonar he particularmente atacado, e em que periodo ella deva applicar-se.

O modo differente com que se tem adoptado theorias para explicar-se a maneira de obrar da Dedaleira, e a sua acção nas tisicas, tem feito variar as vistas com que ella tem sido applicada em taes molestias. Alguns, persuadidos que a sua virtude dependia da nausea que ella occasionava, fizerão dimanar daqui unicamente a sua utilidade, e a igualárão á dos emeticos, navegação, e baloiço. Outros porém guiados pela theoria de Hunter, em que a febre hetica procedia unicamente da materia segregada de huma ulcera aberta, que pela exposição ao ar se oxygenava, e formava hum acido particular, que depois era absorbido; derão-lhe huma virtude de absorpção maior do que ella realmente possue, ao mesmo tempo que lhe attribuião huma acção debilitante directa sobre o systema sanguineo, constituindo-se por isso o maximo remedio para destruir a febre hetica, e curar as tisicas; de sorte que as regras que então deduzírão para a sua applicação, forão tão falliveis como o principio de que as fizerão dimanar.

Beddoes reconhecendo que taes idéas erão pouco concordes com a observação, quiz seguir differente vareda; porém

rém não concluido melhor, quando estabeleceo que a Dedaleira era muito util nas tisicas pulmonares, em consequencia de produzir hum incitamento do systema tão moderado ao ponto de resistir ao parocismo da febre hetica, e que isto bastava para que as superficies pulmonares rotas, e exulceradas descarregassem menos muco e materia, os limphaticos absorbessem mais, os nervos perdessem a sua adquirida sensibilidade, e a tosse se abatesse. Os da linguagem das acrimonias e mudança dos fluidos não forão finalmente mais felizes, quando attribuírão á Dedaleira qualidades que ella não possuia, e que até he impossivel conceberem-se. Por tanto levado eu tão sómente pela observação dos melhores Praticos, persuado-me que, segundo os principios já estabelecidos, melhor se poderá dar huma explicação obvia da sua acção e utilidade nas consumpções pulmonares, e estabelecer regras proveitosas: pelo que.

A Dedaleira será util nas tisicas, quando ainda não se tenha effeituado o estado inflammatorio dos pulmões, que em alguns casos costuma verificar-se, como tambem no periodo em que a sua membrana mucosa começa a affectar-se em consequencia de hum fluxo acre, ou exsudação inflammatoria: mas existindo o estado inflammatorio, deverão preceder as sangrias, quando só não baste o regimen antiphologistico, até que a diathese geral ou local tenha diminuido; cuja circunstancia se deverá particularmente attender na tisica florida, onde os movimentos irritativos do systema sanguineo são excessivos: o pulso guiará o Pratico, não se prestando menor attenção ao estado geral das forças e constituição individual.

Nas tisicas tuberculosas, quando já o pulso he muito frequente, e apparece o calor pulmonico, mas os tuberculos não estão ainda exulcerados, e os symptomas de inflammação mui pouco desenvolvidos, a Dedaleira tem sido muito util, e em algumas occasiões principalmente, sendo combinada com Cicuta. Porém devo notar que, para se tirar huma maior vantajem desta substancia em similhantes mo-

lestias, he necessario augmentar as doses, quanto o estomago possa supportar. No estado de exulceração dos tuberculos apenas poderá servir de remedio palliativo, apezar de que ainda assim mesmo em constituições robustas não deixará algumas vezes de ser muito favoravel: mas quando não fizesse outro effeito do que a minoração dos symptomas, tinha-se encontrado nella hum medicamento soberano. Ora se ao estado de exulceração estiver ligada huma debilidade extraordinaria, como acontece no ultimo periodo da tisica, a Dedaleira então, longe de ser util, será tão impropria e nociva, como se fosse applicada em hum typho ou angina maligna: por isso que a febre nestas circunstancias he de huma natureza muito deprimente e debilitante; o que eu tenho mais de huma vez observado. Com tudo alguns Medicos ha, e até do nosso Paiz, que affirmão que ainda mesmo então a Dedaleira, huma vez que seja combinada com myrrha, opio, e sulfato de ferro, longe de apressar o termo fatal da molestia, he capaz de suspender os seus progressos rapidos.

Se consultarmos Ferriar a este respeito, se verá que elle suppõe, que a Dedaleira he só capaz de embaraçar que os tuberculos se exulcerem pela sua virtude de diminuir os movimentos irritativos do bofe, e retardar a circulação, porém jámais de curar a enfermidade radicalmente: mas Ferriar ao mesmo tempo que fallá geralmente assim, apresenta casos, que mostrão terem doentes sido perfeitamente curados de tisicas pelo uso da Dedaleira.

Quando se conheça, que, não estando os tuberculos ainda exulcerados, a Dedaleira nenhum effeito sensivel de melhora tenha produzido, se observará se o habito do doente he escrofuloso; porque então as tisicas tuberculosas, quando atacão similhantes constituições, são de sua natureza incuraveis e mortaes, e a Dedaleira terrivel: e se, com a mesma intenção de resolver tuberculos, se addicionão calomelanos, os symptomas heticos crescem, ainda quando haja mesmo affecção de figado, que pareceria ser mais hum moti-

tivo para a sua indicação. Porém não acontece o mesmo a respeito das preparações de ferro nos habitos chloroticos; pois que nestes he muito util, para favorecer a acção dos vasos sanguineos principalmente do utero, ajuntallas á Dedaleira, tornando assim a sua acção menos diffusiva.

A pezar de se ter observado que quando se dá a tisica tuberculosa em hum habito escrofuloso, a Dedaleira longe de aproveitar he então muito nociva; com tudo não acontece tanto o mesmo, quando a tisica he perfeitamente escrofulosa; (a) não obstante isto, não deixa ainda de ser arriscada, havendo só a differença que nesta, além do uso da Dedaleira, o da quina, do sulfato de ferro e myrrha tem sido mais extenso e proveitoso do que naquella, e as suas doses maiores. Porém se tanto em huma como em outra especie com taes medicamentos não chegamos a conseguir curar a molestia radicalmente, mas tão sómente a remissão dos symptomas, estes geralmente depois tornão-se mais terriveis e fataes.

Nas tisicas chamadas mucosas, que pela maior parte costumão atacar as pessoas de maior idade, a Dedaleira tem sido applicada com vantajem em alguns casos, e noutros não tem sido nociva. Nesta especie de tisica como o estado estenico de parte ou de todo o pulmão se póde julgar nullo, a força do estimulo da Dedaleira se tornará propria ao gráo de debilidade, e tanto mais, porque em consequencia de augmentar-se a absorpção dos limfaticos, diminue-se a mucosidade pulmonar. Com tudo tenho observado, ainda que nem sempre, que parando a tosse e expectoração, se torna o doente peor, principalmente estando a molestia já muito adiantada: por isso que sendo absorbida a parte mais tenue do liquido que deve ser expectorado, e restando a

(a) A tisica simplesmente escrofulosa parece essencialmente distinguir-se da tuberculosa. Com effeito a historia de huma não he inteiramente similhante á da outra, quando consultamos os Authores, que mais rivalizão em dizer sómente o que observárão, do que as suas theorias lhes fazem acreditar.

mais crassa, por não poder ser acarretada pelos vasos, a materia faz-se então incapaz, pela sua maior espessura, de poder ser expectorada, vindo a ficar neste caso acumulada, e causar anxiedade, oppressão &c.

Nas tisicas nervosas se terá em vista o mesmo que a respeito de quando se applica nella o Opio, não esquecendo unir ao tratamento as infusões, e decocções de Quina com o Elixir acido de vitriolo.

Quando as consumpções pulmonares são precedidas de hemorrhagias, ou estas as acompanhem, he muito interessante a Dedaleira, e muito mais se o pulso, não estando muito abatido, tiver frequencia; e quando aconteça ser duro, mas que não se possa presumir hum estado inflammatorio exaltado, então será necessario principiar a applicalla em quanta dose o estomago possa supportar, combinada com nitro ou cremor de tartaro; quando porém haja receio de applicalla pela moleza, e abatimento do pulso, huma vez que não seja muito grande, se ajuntaráõ flores de Beijoim, gomma ammoniaco, ou myrrha com Opio; sendo aliàs este dado em dose refracta.

Se a tisica tiver por causa hum virus, v. gr. psorico, syphilitico, ou este a complique, he absolutamente indispensavel attender-se a elle; aliàs será de todo inutil a sua applicação.

Como nos casos felizes de tisica, curados por esta substancia, nunca a cura tenha sido completa unicamente pelo uso della; será por tanto sempre preciso, que, para o fim do tratamento, se recorra aos balsamicos, preparações de ferro, e amargos &c., não esquecendo a plausivel tinctura de Griffith, (*a*) a pezar do que refere Fowler a este respeito.

Quando nas tisicas seja indicado o uso da Dedaleira, mas ao mesmo tempo se receem diarrheas, ou ellas comecem

(*a*) R. Myrrha, huma oitava; Sal de Losna, meia oitava; Sal de Marte, 12 gr.; agua esp.ª qual quer, huma onça; Agua aromatica qual quer, meia onça; Xarope commum, duas oitavas: misture S. A.

cem a apparecer, e que a tosse seja importuna, ou que o estomago não queira supportalla, se casará com Opio, principalmente na dose dada á noite ao recolher; pois que desta maneira augmenta-se a sua acção sorbente, e o seu effeito torna-se mais geral.

Nas tosses inveteradas, e catarrhos chronicos.

Tendo a Dedaleira sido applicada nas tisicas, não podia ser ignorada nas tosses inveteradas, principalmente naquellas que se suppunhão entretidas por excesso de irritabilidade topica do pulmão; huma vez que este excesso não tenha ainda produzido hum decidido estado de estenia. Na verdade a natureza nimiamente excitante da Dadaleira consumindo a vitalidade demasiada do bofe, restabelecerá o equilibrio, sendo ella a mais capaz de aproveitar em taes casos; por isso que ao mesmo tempo augmentará a absorpção dos liquidos, quando existão acumulados. Porém se a estenia já se tiver estabelecido no pulmão, e produzido ahi hum incitamento augmentado, então, longe de ser util, será nociva, e tanto mais se a diathese geral do doente for igualmente estenica: este estado, bem que raras vezes, não deixa com tudo de apparecer na pratica, por cujo motivo he necessario ter-se sempre em vista a possibilidade da sua existencia. Nas tosses sympaticas ella he tão inutil como outro qualquer medicamento, que não seja proprio para destruir a causa que dêo origem ao primeiro annel da cadêa da enfermidade, e só poderá aproveitar como palliativo.

Ferriar attribuia a utilidade da Dedaleira nas tosses ao poder sedativo directo desta planta, capaz de destruir aquelle habito de movimentos irritativos, pelo qual os pulmões se acostumavão a segregar huma superflua quantidade de muco: porém sendo estas tosses tambem devidas a hum estado torpido dos limfaticos pulmonares, que embaraça que os liquidos sejão absorbidos, apparecendo ao mesmo tempo algumas vezes inchação de faces, seguidas de edema das extremidades inferiores, attribuiremos melhor a sua utilidade neste caso a huma força de absorpção capaz de augmen-

gmentar a acção dos absorbentes pulmonares, ao mesmo tempo que empece a secreção dos liquidos; tornando-se o seu effeito muito mais energico, quando se lhe ajunte Opio, ou os pós de Dower.

Nas tosses, e catarrhos agudos.

Nas tosses, e catarrhos agudos não he menos proveitosa a Dedaleira, se tendo existido huma forte diathese inflammatoria, esta tenha sido diminuida ou pela natureza constitucional do individuo, ou pelo regimen proprio; sendo aliàs nociva no periodo estenico. Esta falta de distincção tem motivado terriveis consequencias no curativo de similhantes enfermidades.

Nas asthmas.

Assim como a Dedaleira he util nas tosses chronicas, não he menos proveitosa na asthma, principalmente naquellà especie, cujo paroxismo, segundo Darwin, he devido ao cumulo de liquido, que então se estabelece na cellular do pulmão: porém na verdadeira asthma espasmodica, para que a Dedaleira produza maior vantajem, he necessario addicionar-lhe Opio, que se dará na dose *aã* de meio gr. cada quatro ou sinco horas, segundo as observações de Ferriar, e Crawford, as quaes tem igualmente mostrado ser muito mais proveitosa, e o seu effeito tanto mais rapido e maior, quanto o estomago o soffre sem difficuldade. O Doutor Percival confessa ter tirado em similhantes casos a mais decidida vantajem, ajuntando-lhe tambem flores de Beijoim, porém que nunca a achou proveitosa naquella especie, em que a mudança de posição não affecta muito o doente, a qual parece ser causada por hum enfarte dos bofes da mesma natureza da que costuma affectar as extremidades, e visceras abdominaes; cuja asserção he conforme com o que tem sido observado por outros Medicos.

Nas hemorrhagias.

Se a Dedaleira convem em muitas enfermidades, em nenhuma tem sido tão constante e util o seu effeito, como nas hemorrhagias, onde he incontestavel e prodigiosa a sua efficacia em as suspender. Milhares de observações se tem acumulado para mostrar, que em Medicina não ha outro medicamento que obre tão utilmente, como ella, em

taes

taes molestias: pelo que ainda quando não fosse outra a sua virtude, esta só bastaria para grangear-lhe o maior apreço e elogio.

O remarcavel effeito de retardar o pulso foi o que ao principio suggerio o seu uso; de sorte que chegou a estabelecer-se que a Dedaleira era o primeiro sistente do systema sanguineo: porém foi sómente no anno de 1792 que, pelos trabalhos principalmente de Ferriar, a sua applicação se tornou regular e segura, querendo este que ella fosse dada até em todas as hemorrhagias activas.

Com effeito este medicamento, a que se attribuia a propriedade de entorpecer o systema sanguineo, não podia ser de outra maneira considerado; porém pequena reflexão bastará para se conhecer, que a Dedaleira, pela grande actividade do seu estimulo, não poderá ser applicada sem risco, e indifferentemente em todos os gráos de hemorrhagias activas, e muito menos logo no seu principio, quando ainda exista o orgasmo do systema da circulação, huma vez que este não tenha sido diminuido por sangrias geraes ou locaes, ou pelas mesmas hemorrhagias; como acontecia nos casos em que Ferriar a applicava: pois que em razão do sangue que ellas tinhão feito perder aos doentes, obravão então como debilitantes directos do systema sanguineo, e tornavão por isso mesmo apropriada a acção da Dedaleira. Ferriar neste caso principiava geralmente o tratamento por meio gr. de Opio, e hum de Dedaleira, de duas a duas horas, ou com maior intervallo, segundo a urgencia que havia; e em muitos bastou dar huma unica dose á noite ao recolher, para ver parar a hemorrhagia sem apparecimento de nausea ou vomito, tendo com tudo precedido sempre mudança no pulso.

Devo porém notar que a observação tem mostrado, que ainda sendo a hemorrhagia activa, se o orgasmo não he grande, nem a plethora consideravel, a applicação da Dedaleira tem sido muito util, mesmo dada logo ao principio, quando ella produza igualmente evacuação de ven-

tre;

tre; porque então isto concorrerá para diminuir mais efficazmente a plethora. Com tudo se neste caso o pulso remittir de força por effeito da Dedaleira, e parar a hemorrhagia, sem que appareça evacuação de ventre, se deverá então attribuir isto a hum estado indirecto; sendo aliàs mui passageiro o incitamento, e por isso imperceptivel.

A falta de consideração que tem havido a respeito do gráo das hemorrhagias, e natureza da diathese, para a exhibição de similhante medicamento, tem dado origem a terriveis consequencias, que diariamente se observão, e de que eu mesmo tenho sido infructuosa testemunha; querendo indiscretamente estabelecer-se como hum axioma geral = A Dedaleira siste todas as hemorrhagias activas. =

Se a Dedaleira não he util nas hemorrhagias activas, quando a estenia he grande, sem que precedão debilitantes directos, ella será muito proveitosa nas passivas: por quanto reunindo á sua acção torpente indirecta do systema arterioso a absorbente directa do systema venoso, produzirá o mais prompto effeito na suspensão do fluxo hemorrhagico. He tambem por esta mesma razão, que ella he particularmente indicada nas hemorrhagias que costumão repetir, e muito mais quando os methodos ordinarios de as reprimir tem sido infructuosos.

He nesta occasião, que não posso deixar de referir que a Dedaleira me tem sido muito proveitosa com particularidade nas hemorrhagias passivas, seja do pulmão, utero, nariz &c., onde algumas gotas da tinctura saturada de Darwin obrárão efficazmente, como por encantamento; de maneira que em huma hemoptyse, que tinha resistido a tudo, e que pela nimia prostração de forças da doente, e grande abatimento e intermittencia do pulso, que mal se fazia sentir ao tacto, e muito menos permittia marcar as pulsações, eu tinha o maior receio de applicar hum remedio tão activo, julgando então o caso por desesperado; logo que a aventurei, com admiração vi, que tendo tomado doze gotas da tinctura saturada de Darwin em huma colhér d' agua fria

por

por duas doses iguaes, e com o intervallo de quatro horas, a hemorrhagia parou para mais não tornar; e repetindo ainda outra dose similhante para segurança, sobreveio então nausea, e vomito, que só se venceo com grande difficuldade. Esta doente, que quasi tocava aos 60 annos de idade, viveo alguns mezes debaixo de minha direcção, sem que repetisse a hemoptise.

Como seja absolutamente preciso determinar a natureza da diathese nas hemorrhagias para a applicação da Dedaleira, convem ponderar que nem sempre o pulso duro servirá só por si de indicio certo para denotar a estenia; e por tanto a concurrencia de outros mais symptomas determinativos decidirá do diagnostico.

Acontecendo em alguns casos de hemorrhagias principalmente passivas, que não baste só a Dedaleira ainda addicionada ao Opio para as sistir; será por tanto necessario ajuntar de mais o alumen, a fim de augmentar a sua acção sorbente; e applicar causticos, segundo o methodo de Trales: o que deverá ter-se sempre em vista, quando ellas forem renitentes em ceder.

Quando a hemorrhagia, depois de se pôrem em prática os methodos geralmente conhecidos, não se suspender, e a Dedaleira sendo applicada for igualmente infructuosa, tendo-se variado de preparações; se concluirá que a hemorrhagia he entretida por huma causa geral da constituição, ou irradiada talvez por hum estado torpido de algum outro systema sobre o qual a Dedaleira não tenha acção, ou por defeito organico; vindo então nestes casos a ser a Dedaleira antes nociva do que proveitosa, e a molestia sempre fatal; como tambem quando as hemorrhagias forem da tunica vilosa do estomago, e intestinos, principalmente nas hydropesias, pois que então estas sempre são precursoras da morte.

Nas escrofulas são bem poucas as observações, feitas a respeito da Dedaleira dada internamente, dignas de confiança, á excepção de alguns casos de Crianças atacadas de

Nas escrofulas.

similhante molestia, onde ella tem sido mais usada em fórma de tinctura, chegando a conseguir-se a resolução dos tumores do collo e axilla, apparecendo pela maior parte a salivação, quando ao mesmo tempo se usa della externamente: o que he igualmente confirmado por Darwin.

He porém externamente em ligeira decocção ou infusão, cataplasma, ou unguento, e com o mesmo succo expresso, que o seu uso se tem feito mais extenso, e proveitoso, não só nos tumores propriamente escrofulosos, mas até nos endurecidos de outra natureza, onde he indicado augmentar-se a absorpção, e promover-se a resolução, segundo o que he referido extensamente por Park, Haller, Murray &c.: mas existindo dor, e inflammação activa, a sangria local deverá preceder á sua applicação; excepto se a dor, e a irritação forem entretidas unicamente por hum estado de atonia; o que acontece muitas vezes nos tumores scirrosos, cuja idéa tem servido para a applicar nas affecções herpeticas dolorosas em fórma de banho.

Abcessos lombares. Se as observações particularmente de Mr. Simons merecem o credito de que as supponho dignas, a respeito da utilidade da Dedaleira nos abcessos lombares, não deverá ser menor a sua efficacia nas supurações internas, nas collecções de materia nas bolsas mucosas, e na cavidade das articulações, como no rheumatismo, pelo que se tem visto em algumas occasiões desvanecerem-se as dores sciaticas, pela sua applicação; por isso mesmo que a natureza desta planta mostra que deverá ser conveniente o seu uso.

Diabetes. Ha ainda incerteza em applicar a Dedaleira na Diabetes; de maneira que alguns Authores a julgão até nociva pela sua propriedade de augmentar a diurese, quando aliàs outros a reputão muito util em consequencia de inverter a acção do estomago, produzindo então neste orgão hum estado torpido, capaz de diminuir o excesso de incitamento que ahi se julga existir em taes enfermidades. Porquanto todas as observações a este respeito são ainda tão incompletas, que eu não me atrevo a avançar nada de posi-

sitivo sobre tal objecto, e só desejo que se conheça, que as propriedades da Dedaleira não poderáõ ser indifferentes em similhante enfermidade, ao menos em alguma das especies; o que só com repetição de experiencias ulteriores se poderá bem saber, e tirar interessantes resultados para o curativo, tendo-se sempre em vista, que na diabetes saccarina o uso da sangria tem sido muito proveitoso com particularidade nas pessoas robustas, e no principio da molestia, tanto que neste caso o pulso do doente costuma denotar hum verdadeiro estado de incitamento augmentado, além d'outros mais symptomas, que igualmente o comprovão.

A respeito do uso desta planta nas dores nephriticas, tudo he indeterminado, apezar de que alguns a tenhão dado teimosamente debaixo do falso principio de ser ella hum torpente directo; porém nós a deveremos excluir inteiramente quando houver inflammação, ou forem procedidas de calculos.

Dores nephriticas.

A utilidade da Dedaleira nas palpitações do coração tem sido muito exaltada por Ferriar, e as suas observações são de natureza a provarem a sua efficacia; e tanto mais, quando o testemunho de outros a apoião, bem que alguns a queirão excluir inteiramente, julgando similhante prática prejudicial, pela propriedade que elles lhe attribuem, de entorpecer o systema sanguineo, sem pensarem ser isto hum effeito indirecto; porém como as palpitações do coração possão dimanar de causas differentes, e até oppostas, bem se deixa ver que em alguns casos ella deverá ser util.

Palpitações.

He por este motivo que Ferriar a perscreveo com vantajem nas que são procedidas de terror, e intemperança, ou excesso de irritabilidade, e até nos casos dependentes de lesões organicas do coração, e grossos vasos; excluindo-a inteiramente nas sympathicas que acompanhão a dyspepsia, ou hum estado de debilidade geral nervosa, como nas affecções histericas &c., principalmente quando o pulso denota que o movimento circulatorio he muito diminuido: por-

que então a natureza nimiamente diffusiva da Dedaleira produzirá indirectamente em similhantes casos hum torpor consideravel, que nada será capaz de remediar, em consequencia da aptidão que já tinha o systema a hum estado torpido.

¿Quando, existindo palpitações do coração, estas parecerem dimanar, attendidos outros symptomas, de affecções hydropicas, v. gr. do pericardio, a Dedaleira merecerá toda a attenção do Medico, principalmente se o estado do doente por outras circunstancias não a contraindicar: pois que por experiencia se tem visto diminuirem as palpitações á proporção que a Dedaleira augmenta, ou promove a diurese, quando aliàs os melhores diureticos, e diffusivos tinhão sido infructuosos. Estes effeitos são tanto mais vantajosos, quanto as palpitações tem sido precedidas de symptomas de inflammação.

He porém pela lição da Obra de Corvisart sobre as molestias, e lesões organicas do coração e grossos vasos, e da de Burns sobre a palpitação do baixo ventre, que se poderáõ fazer diagnosticos seguros, para se determinar os casos em que a Dedaleira póde ser applicavel nas palpitações do coração; porque então se verá quanto ella póde ser util nas inflammações chronicas de pericardio complicadas de hydropesia de peito, onde hum dos symptomas constantes he a palpitação, além de outros mais designados por Morgagni, Lancisi &c.; como tambem na que he originada de aneurismas activos, ou passivos, principalmente dos ventriculos do coração, devendo naquelles preceder a sangria ao uso da Dedaleira, na certeza de serem mui raros os exemplos de aneurismas daquella natureza atacarem as auriculas; o que não acontece a respeito dos dos grossos vasos &c., ficando nós sempre na certeza, que se de taes molestias he muito difficil fazer-se hum diagnostico certo, he quasi impossivel remediallas, restando-nos apenas a triste satisfação de as termos assignalado.

Além disto ¿poderá por ventura haver huma estenia no sys-

systema sanguineo, que em razão do seu incitamento augmentado venhão a apparecer palpitações do coração, sem que affecções irradiadas de visceras, ou causas organicas a perpetuem? Quando existão, ¿ terá lugar a applicação da Dedaleira, por isso que induzindo hum torpor indirecto, mas uniformemente, virá a diminuir o excesso de incitamento, e regular o movimento circulatorio, sem que preceda o uso de debilitantes directos, principalmente das sangrias, ainda no caso de plethora arteriosa? A resposta de taes quesitos, que não deixaria de ser obvia, applicada a outras molestias, he aqui bastantemente embaraçada, e só com o tempo e ulteriores observações se poderá bem dar: porquanto sendo este incitamento augmentado só exclusivamente do systema da circulação (segundo a hypothese) poderão talvez por isso mesmo soffrer alguma modificação as idéas adoptadas, quando se tratou da applicação da Dedaleira nas molestias inflammatorias.

Mania.

Resta-me finalmente fallar da applicação da Dedaleira na Mania; visto que esta substancia por alguns tem sido julgada muito interessante em tal enfermidade: por tanto sem mais extensão do que a precisa para o conhecimento das circunstancias em que ella he applicavel, se deverá saber, que toda a sua utilidade na Mania depende da sua acção especial sobre o systema sanguineo, ao mesmo tempo que a exerce sobre o absorbente: por quanto pela primeira propriedade, produzindo hum torpor indirecto, se diminuirá alli o excesso de eretismo, que quasi nunca costuma ser grande, e por tanto capaz de fazer temer-se o seu uso, como geralmente acontece no caso de *phrenitis*; e pela segunda, porque liquidos accumulados em cerebro, serão obsorbidos: sendo esta a razão por que se tem visto, que á proporção que a evacuação das ourinas se fazia, os doentes se tornavão mais racionaveis. Com tudo não pertendo dizer com isto que nas manias propriamente astenicas a Dedaleira não possa ser proveitosa; apezar de que tanto nestas como naquellas Ferriar confessa ter-lhe falha-

do;

do; porém os casos por elle apontados não são tantos, e de natureza tal, que sejão capazes de estabelecer huma regra segura para a sua exclusão.

Circunstâcias, em q não approveita a Dedaleira.

Tendo eu até aqui mostrado em que molestias a Dedaleira costuma ou póde ser proveitosa, não posso deixar de referir, além do já ponderado, que assim como ha constituições favoraveis ao uso della, existem tambem outras desfavoraveis á sua applicação; de sorte que geralmente se tem conhecido que raras vezes approveita nos homens de huma grande força natural, fibra tensa, pelle quente, compleição florida, a que Beddoes dava o nome de temperamento sanguineo athletico, ou naquelles em que o pulso he tenso como huma corda; sendo então preciso, para que ella approveite, usar-se precedentemente de sangrias, saes neutros, v. gr. Cremor de tartaro, sulfato de magnesia &c., e todo o regimen debilitante.

Abuso.

Como não baste só determinar-se o modo, e as circunstancias em que hum medicamento, para ser util, deve ser applicado; mas tambem seja necessario designar-se os effeitos causados pelo seu abuso, e os meios de os remediar; por isso convem saber-se, além do que está dito, que quando a Dedaleira he administrada em largas doses, ou muito repetidas, ella costuma occasionar languor, dôr de cabeça, vertigens, confusão, e até falta de vista; os objectos apparecem obscuros, ás vezes verdes ou amarellos, produz vomitos, e ás vezes até volvulo; grande anxiedade, cardialgia, soluço, extremidades frias, e suores da mesma natureza, convulsões, syncope, e a morte; chegando o pulso no meio destes espantosos symptomas a reduzir-se a quarenta, e até trinta e quatro pulsações em minuto primeiro; cujos effeitos não deixão tambem de ser observados, em consequencia da sua applicação abusiva em fórma de clisteres.

A natureza particular de alguns doentes tem feito com que algumas vezes, ainda que raras, as mais pequenas doses produzão estes terriveis damnos, quando aliàs em ou-

tras

tras he necessario que ellas sejão demasiadamente crescidas, para que appareção effeitos sensiveis; servindo isto de motivo para que na applicação de similhante medicamento haja sempre toda a possivel cautella em o administrar, sendo particularmente o pulso do doente, que deverá ser observado (quando seja possivel) de quatro a quatro horas, além do estado do seu estomago, e o mais já ponderado, o que poderá acertadamente decidir da sua suspensão ou continuação; e muito maior será a cautella quando for dado em curtos intervallos; de sorte que á primeira tendencia a se enfraquecer o pulso, ou ao mais ligeiro indicio de vomito, se suspenderá a sua applicação até que se conheça ser segura e necessaria nova repetição.

Verificados porém que sejão os máos effeitos da Dedaleira, he preciso remedialos quanto antes; e seria para estimar que houvesse então hum remedio capaz de os embaraçar promptamente, mas por desgraça não se tem achado até agora algum, que mereça o nome de antidoto, conhecendo-se apenas que os medicamentos volateis são geralmente rejeitados pelo vomito; o que não acontece tanto com os excitantes aromaticos, e amargos fortes, pois que se conservão por mais tempo. Mr. Jones elogia fortemente o chá de ortelã. Alguns tem ensaiado com preferencia a agua ardente, quando he branda, ou, sendo forte, diluida com agua; e dizem ter aproveitado mais, que outro qualquer remedio da sua ordem, no caso de nausea ou vomito, quando aliàs muitos prestão então maior acceitação ao Opio dado em doses refractas, ainda que não mais que aos causticos applicados como rubefacientes entre espaduas, e sobre o estomago, principalmente se tanto a nausea como os vomitos são os symptomas mais urgentes, ao mesmo tempo que não approveitão menos como hum incitante geral. As fricções feitas com espirito de vinho camforado, e o Alkali volatil caustico sobre o estomago, dando-se igualmente por bebida ordinaria a emulsão commum, tem prestado em taes circunstancias maravilhosos effeitos.

Taes

Taes são as idéas que julguei proprias para o tecido desta Memoria, que tenho a honra de sujeitar aos vossos sabios juizos, protestando-vos desde aqui, que não ha huma só, que não seja authorizada por observações daquelles Authores, que mais tem trabalhado na applicação desta planta extraordinaria; pois que são só estes os que mais devem ser desejados e lidos pelo Medico, que unicamente aspira a livrar a humanidade dos males que a opprime, e não desvairar-se no labyrintho das oppiniões, a maior parte das vezes unicamente authorizadas pela força do capricho, e da imaginação. Com tudo não posso deixar de confessar, que existem ainda em toda ella grandes lacunas, que só depois de melhores e continuadas experiencias se poderáõ dignamente encher, principalmente por aquelles Genios que tenhão tanto de grande e sublime, como o meu de pequeno e humilde.

ME-

MEMORIA

Sobre as Binomiais.

POR MANOEL PEDRO DE MELLO.

INTRODUCÇÃO.

VAndermonde tinha imaginado (*Memorias da Academia das Sciencias de París* 1772 *I. Parte*) indicar pelo symbolo $[p]^n$ o producto $p(p-1)(p-2)\ldots\ldots\big(p-(n-1)\big)$ de n factores. Multedo (*Memorias da Academia de Genova*) deu huma grande extensão a esta idéa. Kramp, na Analyse das Refracções, mudou a notação e denominação, que Vandermonde tinha dado áquella expressão e designou pelo symbolo $a^{n|r}$; o producto $a(a+r)(a+2r)\ldots\big(a+(n-1)r\big)$ a que chamou primeiramente *Faculdade numerica*, e depois *Factorial* com Arbogast, na sua *Arithmetica Universal Cologne* 1808: e deste novo Algorithmo fez extraordinario uso o célebre Wronski.

O quociente de duas destas factoriais fórma o coefficiente d'hum termo qualquer das muitas e importantes series, que são similhantes ás do binomio Newtoniano: convém pois simplificá-las para as sujeitar ás combinações analyticas. Isto foi o que fizemos, tendo notado que as duas factoriais tem a mesma differença, o mesmo expoente, e que este he tambem base d'huma dellas.

Resulta não sómente huma abbreviatura, mas hum algorithmo com theoremas proprios, e no qual a lei principal que he o desenvolvimento da binomial binomia, encer-

ra a factorial binomia demonstrada por Kramp, por meio d'huma inducção pouco satisfactoria.

A nossa theoria póde ser deduzida de duas considerações; dos coefficientes primitivos do binomio com quem estamos mais familiarizados, e das factoriais que tem a vantagem de dar ás binomiais indices quaesquer, assim como o podem ser os expoentes das factoriais.

Por isso e em attenção á novidade da materia, pedimos que nos permittão demonstrações duplicadas, quando o julgar-mos conveniente.

MEMORIA.

I.

SEjão n numero qualquer, i hum numero inteiro positivo; designaremos pela expressão $\binom{n}{i}$ o coefficiente da potencia x^i no desenvolvimento do binomio $(1+x)^n$; e por consequencia será $\binom{n}{i} = \frac{n(n-1)(n-2)\dots\left(n-(i-1)\right)}{1.\ 2.\ 3.\ \dots\ i}$. Chamaremos binomial á expressão $\binom{n}{i}$; a n base; á i indice da binominal.

He pois $\binom{n}{i} = \frac{[n]^i}{[i]^i}$, na notação de Vandermonde que he sufficiente aqui.

II.

Da construcção da binominal se deduzem immediatamente $\binom{n}{1}=n$; $\binom{i}{i}=1$; $\binom{0}{i}=0$; $\binom{i}{i+i'}=0$: isto he, se o in-

indice da binominal he 1, ella he igual á base; quando o indice he igual á base, a binomial he 1; quando a base he zero, a binomial tambem o he; quando o indice he maior que a base e ambos inteiros positivos, a binomial he zero, por entrar nella hum multiplicador zero.

III.

Por ser $\binom{n}{i} = \frac{n(n-1)(n-2)\ldots\left(n-(i-1)\right)}{i(i-1)(i-2)\ldots 1}$; será $\binom{n}{i} = \frac{n}{i}\binom{n-1}{i-1}$, e logo fazendo $i = 1$, teremos $\binom{n}{1} = n\binom{n-1}{0}$; de donde se tira $\binom{n-1}{0} = 1$: quer dizer que a binomial cujo indice he zero, he igual a 1. O mesmo se conclue de ser $\binom{n}{0} = \frac{[n]^0}{[0]^0} = \frac{1}{1} = 1$.

IV.

Seja $i > \omega$; será $\binom{\omega+i}{i} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$$\frac{(\omega+i)}{i}\frac{(\omega+i-1)}{(i-1)}\frac{(\omega+i-2)}{(i-2)}\ldots\ldots\frac{(\omega+1)}{1} = \ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{(\omega+1)(\omega+2)(\omega+3)\ldots i(i+1)(i+2)(i+3)\ldots(i+\omega)}{i\ldots(\omega+3)(\omega+2)(\omega+1)(\omega)(\omega-1)(\omega-2)(\omega-3)\ldots 1} =$$

$$\frac{(i+1)}{\omega}\frac{(i+2)}{(\omega-1)}\frac{(i+3)}{(\omega-2)}\ldots\frac{(i+\omega)}{1} = \binom{\omega+i}{\omega}$$: quer dizer que a binomial, cuja base he somma de dous inteiros positivos e indice hum delles, he igual á binomial da mesma base e indice o outro inteiro.

Mais geralmente he $[\omega+i]^{\omega+i} = [\omega+i]^{\omega}\,[i]^{i} =$

$[\omega+i]^{i}$

$[\omega+i]^{i}\,[\omega]^{\omega}$, principio conhecido das factoriais : logo $\frac{[\omega+i]^{\omega}}{[\omega]^{\omega}} = \frac{[\omega+i]^{i}}{[i]^{i}}$; isto he $\binom{\omega+i}{\omega} = \binom{\omega+i}{i}$ sendo ω e i quaesquer numeros.

Desta maneira he $\binom{n}{i} = \binom{n}{n-i}$: assim sendo inteiro positivo o expoente do binomio, os coefficientes de x^{i} e de x^{n-i} são iguais.

V.

$$\binom{-n}{i} = \frac{-n.\,-(n+1).\,-(n+2)\ldots\ldots-(n+i-1)}{1.\quad 2.\quad 3.\ \ldots\ldots\ i} = \frac{(-1)^{i}\,(n+i-1)(n+i-2)\ldots\ldots n}{1.\quad 2\ \ldots\ldots\ i} = (-1)^{i}\binom{n+i-1}{i}:$$

quer dizer, que a binomial de base negativa se pode mudar n'outra de base positiva.

VI.

$$\binom{n}{i} = \frac{n}{i}\binom{n-1}{i-1} = \frac{n}{i}\cdot\frac{n-1}{i-1}\binom{n-2}{i-2} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{n}{i}\cdot\frac{n-1}{i-1}\cdot\frac{n-2}{i-2}\ldots\binom{n-\omega}{i-\omega} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{\dfrac{n(n-1)(n-2)\ldots\big(n-(\omega-1)\big)}{1.\ 2.\ 3.\ \ldots\ldots\ \omega}}{\dfrac{i(i-1)(i-2)\ldots\big(i-(\omega-1)\big)}{1.\ 2.\ 3.\ \ldots\ldots\ldots\ldots\ \omega.}}\binom{n-\omega}{i-\omega} = \ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{\binom{n}{\omega}}{\binom{i}{\omega}}$$

$\frac{\binom{n}{\omega}}{\binom{i}{\omega}}\binom{n-\omega}{i-\omega}$; logo $\binom{n}{i}\binom{i}{\omega} = \binom{n}{\omega}\binom{n-\omega}{i-\omega}$.

VII.

Para achar o maior coefficiente da potencia do grão ω do binomio, temos $\binom{\omega}{i} = \frac{\omega+1-i}{i}\binom{\omega}{i-1}$, e augmentando nesta i de 1; teremos tambem $\binom{\omega}{i} = \frac{i+1}{\omega-i}\binom{\omega}{i+1}$: logo para que o coefficiente $\binom{\omega}{i}$ não possa ser menor, nem que o coefficiente antecedente $\binom{\omega}{i-1}$, nem que o seguinte $\binom{\omega}{i+1}$; he precizo que seja $\omega+1-i \geqq i$; $i+1 \geqq \omega-i$: isto he $\frac{\omega+1}{2} \geqq i \geqq \frac{\omega-1}{2}$. Assim sendo ω par, i deve ser $\frac{\omega}{2}$; e sendo ω impar, deve ser $i = \frac{\omega+1}{2}$.

VIII.

Para mostrarmos a relação das binomiais com as differenças progressivas, denotaremos estas por δ; e deste modo he $\delta\Gamma x = \Gamma(x+\delta x) - \Gamma x$.

Temos $\binom{\omega}{i} = \frac{\omega+1-i}{i}\binom{\omega}{i-1} = \frac{\omega+1}{i}\binom{\omega}{i-1} - \binom{\omega}{i-1} = \binom{\omega+1}{i} - \binom{\omega}{i-1}$: logo $\binom{\omega+1}{i} - \binom{\omega}{i} = \binom{\omega}{i-1}$, de maneira que sendo i constante e $\delta\omega = 1$, teremos $\delta\binom{\omega}{i} = \binom{\omega}{i-1}$, e logo a differença da ordem ω' ou $\delta^{\omega'}\binom{\omega}{i} = \binom{\omega}{i-\omega'}$.

IX.

IX.

Denote Δ differenças regressivas, isto he tais que seja $\Delta Fx = Fx - F(x - \Delta x)$; e Σ differenças inversas destas, ou integrais sommas.

Proposta a serie $\Gamma 1 + \Gamma 2 + \Gamma 3 \ldots\ldots + \Gamma x + \Gamma(x+1) +$ &c.; a somma dos primeiros x termos será $Fx = \Sigma\Delta Fx = \Sigma\big(Fx - F(x-1)\big) = \Sigma\Gamma x$: assim a somma do termo geral dá a somma da serie, a qual tambem se pode obter, pondo $1, 2, 3,,, x$ em lugar de x no termo geral Γx. Se a serie for $\Gamma 0 + \Gamma 1 + \Gamma 2 \ldots + \Gamma i$, a somma de i termos se obterá, pondo $0, 1, 2, \ldots i-1$ em lugar de i no termo geral Γi.

X.

$\Delta_i \Delta_\omega \Gamma(i, \omega)$ significa, como se sabe, a differença de $\Gamma(i, \omega)$ tomada relativamente a ω e depois a i: assim tambem $\Sigma_i \Sigma_\omega (i, \omega)$ se pode achar substituindo $0, 1, 2$, &c. em lugar de ω, e depois $0, 1, 2$, &c. em lugar de i.

XI.

A serie que resulta destas substituições terá a mesma fórma, ou se fação primeiro relativamente a ω e depois a i, ou primeiro a i e depois a ω, porque será $\Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i, \omega)$

$$= \Sigma_i\big(\Gamma(i,0) + \Gamma(i,1) + \Gamma(i,2) + \Gamma(i,3) + \&c.\big) =$$

$$\Gamma(0,0) + \Gamma(0,1) + \Gamma(0,2) + \Gamma(0,3) + \&c.$$
$$+ \Gamma(1,0) + \Gamma(1,1) + \Gamma(1,2) + \Gamma(1,3)$$
$$+ \Gamma(2,0) + \Gamma(2,1) + \Gamma(2,2) + \Gamma(2,3)$$
$$+ \Gamma(3,0) + \Gamma(3,1) + \Gamma(3,2) + \Gamma(3,3)$$
$$+ \&c.$$

Se

Se tivessemos começado por i as series horizontais, estarião dispostas em columnas verticais e reciprocamente.

XII.

A serie que resulta d'aquellas snbstituições, tem o mesmo valor

$$\Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega) = \Sigma_\omega \Delta_\omega \Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega) = \Sigma_\omega \Big(\Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i,\omega)$$

$$- \Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma(i, \omega - \Delta\omega)\Big) = \Sigma_\omega \Sigma_i \Sigma_\omega \Big(\Gamma(i,\omega) - \Gamma(i,\omega -$$

$$\Delta\omega)\Big) = \Sigma_\omega \Sigma_i \Sigma_\omega \Delta_\omega \Gamma(i,\omega) = \Sigma_\omega \Sigma_i \Gamma(i,\omega).$$

XIII.

Será $\Sigma \Gamma i . \Sigma F\omega = \Sigma_i \Delta_i \Big(\Sigma_i \Gamma i . \Sigma_\omega F\omega\Big) = \ldots\ldots\ldots$

$$\Sigma_i \Big(\Sigma_i \Delta_i \Gamma i . \Sigma_\omega F\omega\Big) = \Sigma_i \Big(\Gamma i . \Sigma_\omega F\omega\Big) = \Sigma_i \Sigma_\omega \Gamma i \, F\omega,$$

quer dizer, que o producto de duas sommas parciais he igual á somma total do producto das differenças.

XIV.

O termo geral do desenvolvimento de $(1+x)^n$, he $\binom{n}{i} x^i$; logo he $(1+x)^n = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i$.

$$(1-x)^n = \Sigma_i \binom{n}{i} (-x)^i = \Sigma_i (-1)^i \binom{n}{i} x^i.$$

$$(a-b)^n = a^n \Big(1 - \frac{b}{a}\Big)^n = a^n \, \Sigma_i (-1)^i \binom{n}{i} \frac{b^i}{a^i} = \ldots\ldots$$

$$\Sigma_i (-1)^i \binom{n}{i} a^{n-i} b^i.$$

XV.

XV.

$(a-b)^{-n} = \Sigma_i (-1)^i \binom{-n}{i} a^{-n-i} b^i = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_i (-1)^i (-1)^i \binom{n+i-1}{i} a^{-n-i} b^i$ (n.° 5.) $= \ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_i \binom{n+i-1}{i} a^{-(n+i)} b^i.$

XVI.

Por ser $(1+x)^n = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i$, e $(1+x)^m = \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$:

será $(1+x)^{n+m} = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$; isto he

$$\Sigma_{\omega'} \binom{n+m}{\omega'} x^{\omega'} = \Sigma_i \binom{n}{i} x^i . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$$

Sendo $\omega' = i + \omega$, vem $\Sigma_{\omega'} \binom{m+n}{\omega'} x^{\omega'} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_{\omega'-\omega} \binom{n}{\omega'-\omega} x^{\omega'-\omega} . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_{\omega'} \binom{n}{\omega'-\omega} x^{\omega'-\omega} . \Sigma_\omega \binom{m}{\omega} x^\omega$ (n.° 2) $= \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\Sigma_{\omega'} \Sigma_\omega \binom{n}{\omega'-\omega} \binom{m}{\omega} x^{\omega'}$ (n.° 13) : logo tomando as differenças do primeiro e ultimo membro, relativamente a ω', vem

$\binom{m+n}{\omega'} = \Sigma_\omega \binom{n}{\omega'-\omega} \binom{m}{\omega}$ isto : he $\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$

$\binom{m+n}{\omega'}$

$$\binom{m+n}{\omega'}=\binom{m}{0}\binom{n}{\omega'}+\binom{m}{1}\binom{n}{\omega'-1}+\binom{m}{2}\binom{n}{\omega'-2}+\ldots\ldots$$
$$\binom{m}{3}\binom{n}{\omega'-3}\ldots\ldots+\binom{m}{\omega'}\binom{n}{0}.$$

XVII.

Este theorema tambem se pode demonstrar assim: Sabe-se que he

$$f(n+m\,\delta n)=fn+\binom{m}{1}\delta fn+\binom{m}{2}\delta^2 fn+\binom{m}{3}\delta^3 fn+\&c.$$

Seja agora $fn=\binom{n}{\omega'}$ e $\delta n=1$, será (n.º8) $\delta^{\omega}\binom{n}{\omega'}=\binom{n}{\omega'-\omega}$:

logo

$$f(n+m)=\binom{n+m}{\omega'}=\binom{m}{0}\binom{n}{\omega'}+\binom{m}{1}\binom{n}{\omega'-1}+\binom{m}{2}\binom{n}{\omega'-2}\ldots+$$
$$\binom{m}{\omega'}\binom{n}{0}=\Sigma_{\omega}\binom{m}{\omega}\binom{n}{\omega'-\omega}\ \text{(n.º9.)}$$

XVIII.

A binomial binomia demonstra a factorial binomia; porque escrevendo-a assim

$$\frac{[n+m]^{\omega'}}{[\omega']^{\omega'}}=\frac{[n]^{\omega'}}{[\omega']^{\omega'}}+\frac{[m]^{1}}{[1]^{1}}.\frac{[n]^{\omega'-1}}{[\omega'-1]^{\omega'-1}}+\frac{[m]^{2}}{[2]^{2}}.\frac{[n]^{\omega'-2}}{[\omega'-2]^{\omega'-2}}+\&c.$$

e tirando o denominador ao primeiro membro, resulta

$$[n+m]^{\omega'}=[n]^{\omega'}+\omega'[m]^{1}[n]^{\omega'-1}+\frac{\omega'(\omega'-1)}{1.2}[m]^{2}[n]^{\omega'-2}+$$
&c.

XIX.

Será tambem $\binom{n+n'+n''}{i} = \Sigma_\omega \binom{n}{\omega}\binom{n'+n''}{i-\omega}$ (n.° 16) $= \Sigma_\omega \binom{n}{\omega} \Sigma_{\omega'} \binom{n'}{\omega'}\binom{n''}{i-\omega-\omega'} = \Sigma_\omega \Sigma_{\omega'} \binom{n}{\omega}\binom{n'}{\omega'}\binom{n''}{i-\omega-\omega'}$; e assim para huma base quadrinomia, &c.

XX.

Fazendo $n = m = \omega' = i$ em $\binom{n+m}{\omega'} = \Sigma_\omega \binom{m}{\omega}\binom{n}{\omega'-\omega}$ teremos $\binom{2i}{i} = \Sigma_\omega \binom{i}{\omega}\binom{i}{i-\omega} = \Sigma_\omega \binom{i}{\omega}^2$ (n. 4): quer dizer que a binomial maxima (n.° 7) he a somma dos quadrados das binomiais cuja base he metade da sua: de outro modo, quer dizer, que o maior coefficiente de $(1+x)^{2i}$ he igual á somma dos quadrados de todos os coefficientes de $(1+x)^{i}$.

XXI.

Entre as binomiais de base fraccionaria aquellas, cuja base he da fórma $\frac{2i-1}{2}$, são sempre reductiveis a huma serie de binomiais de base inteira.

Temos com effeito (n.° 16.)

$$\binom{i-\frac{1}{2}}{\omega} = \binom{i}{0}\binom{-\frac{1}{2}}{\omega} + \binom{i}{1}\binom{-\frac{1}{2}}{\omega-1} + \binom{i}{2}\binom{-\frac{1}{2}}{\omega-2} + \&c.$$

trata-se agora de transformar huma binomial da fórma $\binom{-\frac{1}{2}}{\omega}$. Ora

Ora he $\binom{-\frac{1}{2}}{\omega} = \left(-\frac{1}{2}\right)^{\omega} \frac{1.3.5.7\ldots(2\omega-1)}{1.2.3\ldots\omega} = \ldots\ldots\ldots$

$$\left(-\frac{1}{2}\right)^{\omega} \frac{1.3.5\ldots(2\omega-1).2.4.6\ldots2\omega}{1.2.3\ldots\omega\,.\,1.2.3\ldots\omega.2^{\omega}} = \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$\frac{2\omega(2\omega-1)(2\omega-2)\ldots(\omega+1)}{1.\,2\,.\,3\ldots\omega(-4)^{\omega}} = \left(-\frac{1}{4}\right)^{\omega}\binom{2\omega}{\omega}$. Substituindo esta ultima expressão em lugar de $\binom{-\frac{1}{2}}{\omega}$ teremos

$$\binom{i-\frac{1}{2}}{\omega} = \frac{\binom{2\omega}{\omega}}{(-4)^{\omega}} + \frac{\binom{i}{1}\binom{2\omega-2}{\omega-1}}{(-4)^{\omega-1}} + \frac{\binom{i}{2}\binom{2\omega-4}{\omega-2}}{(-4)^{\omega-2}} + \text{\&c.}$$

Este problema seria sempre possivel se nos não tivessemos limitado, neste primeiro Ensaio, ás binomiais em que a differença dos factores he -1, ou 1.

MEMORIAS,

QUE SE CONTEM NA I.ª PARTE DESTE QUARTO TOMO.

Historia.

Elogios Historicos.

Memorias dos Socios.

Memorias dos Correspondentes.

C A-

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 480

III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia, pelo mesmo, 1 vol. 4.° - - - - - - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.° - 2400

VII. Osmía, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° - - - 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° 160

IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. 4.° - - - 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. João I., Dom Duarte, D. Affonso V., e D. João II., 3 vol. *fol.* - - - - - - - - - - - 5400

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - - - - - *gr.*

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Cor-

Correspondente Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tom. 8.° *mai.* - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Num.° da mesma Academia, 2 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 1800

XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. 4.° - - - - 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1 vol. 4.° - - 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, I.° vol. *fol. mai.* - - 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia 8.° - - - - - - - - - - - - - - 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Comercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Principe do Brazil N. S., e publicado de ordem da Academia Real das Sciencias, pelo seu Socio Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. - - - - - - - 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevaõ Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chymica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez. *folh.* 4.° - - - - - - - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1 vol. 8.° - 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 3 vol. *fol.* - 6000

A Parte I. do Tom. IV. - - - - - - - - - - - - - - - 1000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° - 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ri-

Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.° - - - - - - - 480
XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum. 1 vol. 4.° - - - - - - - - 960
XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.° - 800
XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevençóes das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves, para distribuir-se ao Exercito *folh.* 12.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - gr.
XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569., *folh.* 12.° - - - - - - - - - - 120
XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Direçtor de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - 480
XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - 480
XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª - - - - - - - - - - - - - 3600
XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.° v. 8.° - - - - - - - 800
XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8.° - - - - - - - 4800
XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 2400
XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas Tomo I.° Numeros 1.°, 2.°, 3.° e 4.° 600
O Tomo II. - 800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco Mendo Trigozo, *com os textos.* - - - - - - 600
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Num. I. até XIII. - - - 300
XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte 1.ª e 2.ª - - - - - - - - - 600
XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidade do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 4.° 400
XLIX. Taboas Auxiliares para uso da Navegação Portugueza compiladas de ordem da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 4.° 600

Estão no prélo as seguintes.

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão e outros.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas.

Ta-

M.^e Z.^e 6, Vieyra 4 14.

C a t a l o g o.

Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.º
Collecção de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, T. 4.
Memorias da Academia, Tom. 4.º, Part. II.

Vendem-ſe em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina ; *e em* Coimbra *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*